

J.O.Brook

L.B.Brook

Promessa de um
Milagre



DREAMBOOKS



J.O. Brook
L.B. Brook

**Promessa de um
Milagre**

2016

Agradecimentos

Quero agradecer a todos que ajudaram este nosso romance a ser uma realidade, as mulheres que vibraram com a nossa história e se emocionaram em cada capítulo, mas dedicamos este livro a uma mulher especial que já não está aqui para ler essa história de amor e fé em Deus, mãe e sogra Maria Lopes Rosa de Carvalho Ribeiro, um exemplo de fé e esperança em Deus que sempre dedicou a sua vida com apenas um objetivo, que foi servir a Deus sobre todas as coisas, deixou a cama quente em dias frios para socorrer quem precisava num hospital, tirou de sua casa para suprir o necessitado e sempre acreditou nas promessas de Deus, morreu acreditando em Deus mesmo quando tudo parecia ser impossível, ela foi uma inspiração para esse nosso livro...

Obrigado pelo exemplo de vida e eternas saudades do filho e nora!

J.O. Brook e

L.B. Brook

João Ribeiro e

LidiaRibeiro

“Quem destrói os sonhos são pessoas
mesquinhas
e incapazes de amar...”

Trecho do livro Promessa de um milagre

QUINZE ANOS ATRÁS...

O culto estava sendo especial naquela manhã. Pastor Charles estava diante do povo e, cheio de virtude, ministrava a palavra do Senhor. A leitura que lhe tinha sido revelada falava sobre José, no Egito. Ele pregava para os fiéis da seguinte forma:

“Ele era especial. O inferno sabia disso e precisava destruí-lo. Claro que o plano de Deus era especial na vida de José; assim como é na tua vida.

Por mais que você pense que nada vai mudar, o Senhor, teu Deus, diz, nesta manhã: 'Eu vou preparar um milagre na tua vida; Vou fazer como fiz com José: do nada Eu vou fazer tudo e te colocar num lugar de destaque!' Quando precisaram dele, os irmãos de José não o reconheceram. Eles, anos depois, não reconheceram o irmão de sangue. É assim que Eu vou fazer na tua vida. Vou mudar tudo e, quando precisarem de você, também não te reconhecerão. Tudo isso é para realizar um milagre na tua vida. Tuas mãos vão apalpar e os teus olhos vão ver..."

Nesse momento, o pastor virou para Rachel e apontou para ela. Ao ver os olhos do pastor sobre si, acompanhados de toda a comunidade, que a encarava, a moça ficou vermelha, desejando um buraco para desaparecer. Era muito bom saber que a pregação era para ela, mas ser alvo dos olhares de toda a igreja era embaraçoso. Por ser membro do coro da Igreja Presbiteriana, Rachel estava sobre o púlpito. Sua voz era deslumbrante e encantava a todos.

Fixando o olhar sobre ela, o pastor continuou:

"O nome do nosso bom Deus precisa ser glorificado. Pelo teu amor e obediência, Vou fazer um milagre. Hoje, ninguém dá nada por você, mas, um dia, vão pedir a tua ajuda. Através do toque das tuas mãos, Eu estarei operando; quando falares será a Minha palavra que vai ser cumprida. Tudo por causa do amor por uma alma, que eu predestinei para um milagre. É a promessa de um milagre, não apenas na vida de uma alma, e sim de várias..."

O pastor Charles voltou a olhar para os fiéis que, sentados, batiam palmas e glorificavam a Deus. Peter encarava a moça, deixando que um sorriso se formasse em seu rosto e seus olhos ficassem iluminados. Quando Rachel olhou em sua direção, Peter piscou um olho, mesmo estando ao lado da namorada e dos pais. Rachel não acreditava que ele poderia ter aquela atitude, ainda mais estando dentro da igreja.

Peter era o rapaz mais popular e, nem sempre, por bons motivos. Filho único de uma das mais importantes famílias da cidade, donos de concessionárias de carros, mercados e lojas. Por terem muito dinheiro, todos os disparates do rapaz e de seus amigos, também endinheirados, eram comentados por todos, mas sem nenhum resultado prático.

Peter era jogador de futebol americano, uma das estrelas do time, por isso era colocado no posto de um pequeno Deus. Namorava a menina mais popular da escola e eles eram os reis do pedaço. O casal frequentava a mesma igreja que Rachel, com a diferença de que a moça não era uma garota popular. Sempre boa aluna, dedicava-se aos estudos para conseguir uma boa bolsa de estudos em uma das melhores faculdades da região. Filha única, Rachel vivia apenas com a mãe; muito cedo, tinha ficado órfã, o pai morreu em um acidente de caminhão. Rachel e a mãe trabalhavam no café da família de Peter, no centro da cidade.

A pregação terminou e, emocionada, Rachel foi chamada ao centro do púlpito a fim de cantar o solo. O som do piano emergiu no silêncio da igreja e a jovem começou a soltar a voz num louvor. Todos admiravam sua bela voz. Há alguns anos, ela fora incentivada a se tornar uma cantora profissional, mas o sonho de Rachel era a Medicina. Ela queria se tornar uma médica importante, especialista em ortopedia.

A voz de Rachel começou a emocionar todos e, em determinado momento, o coro e a comunidade juntaram-se a ela, louvando a Deus. A jovem tinha a capacidade de envolver todos com o seu canto.

Ao fim do culto, todos se despediam quando o pastor Charles se aproximou de Rachel e Leona, sua mãe. Abraçando a jovem, ele disse:

— Não se esqueça desta pregação! Eu posso não estar aqui para ver, mas esta comunidade verá, filha. Deus vai cumprir o desejo do teu coração! — Ele declarou, sorrindo para as duas.

— Pastor, ver um milagre de Deus já é tudo. Imagine cumprir o desejo do meu coração. Acho que vou morrer de tanta felicidade... — Rachel sorria, segurando a mão da mãe.

— Rachel, os planos de Deus para a tua vida estão muito além da tua compreensão. Por amor a uma alma que precisa acreditar em Deus, acontecerão coisas que você nem imagina. — O pastor disse e ergueu as mãos para o céu.

Rachel e a mãe glorificaram junto com o ministro e despediram-se dele e saíram, caminhando pela rua. O domingo estava agradável, como eram as manhãs da primavera, sempre deliciosas, sem muito calor ou frio. Fazia-lhes

bem caminhar pelo arvoredo, em direção à casa em que moravam, depois do culto. Era uma casa simples e distante do centro da cidade.

Mãe e filha conversavam sobre o culto daquela manhã e sobre o teor da pregação que ouviram.

— Se o meu desejo se realizar, em breve vamos embora daqui. — Rachel afirmou, sorrindo para a mãe.

— Por que ir embora? Eu gosto de morar aqui. É uma cidade pequena, onde todos se conhecem! — Leona estava satisfeita com sua vida simples.

— Mãe, eu quero morar em Seattle, uma cidade grande e desenvolvida, com ótimas oportunidades. Quero deixar de servir cafés e de trabalhar para os outros. Quero me tornar uma médica renomada... — Rachel era, simplesmente, uma sonhadora.

— Menos, Rachel. Sempre a sonhadora! Pense com mais humildade. Afinal, dinheiro e fama não fazem nenhuma diferença. — A mãe tentava controlar as aspirações da jovem.

— Não, mãe. Um dia, eu serei uma médica importante; e não vamos precisar ser humilhadas pelas pessoas poderosas desta cidade. Um dia, eu serei a Doutora Rachel O’Neal. Pode escrever! — A garota disse com toda a convicção. — E depois da pregação do pastor, tenho ainda mais certeza de que serei importante. Dentro de alguns meses entrarei na faculdade. Depois, o céu é o limite!

— Sim, filha. O céu é o limite, porque é lá que vamos morar um dia. E este deve ser o nosso principal objetivo. Nunca se afaste do seu caminho ao lado de Deus e de Jesus Cristo. Nunca se esqueça disso! — Leona falou, abraçando a filha.

— Mãe, um dia, meu nome vai ser lembrado nesta cidade. Mas não como a menina que canta na igreja e serve cafés. Um dia, eu serei importante! — Rachel tinha plena convicção de suas palavras.

— Você já é importante! Para mim e para Deus você é importante! — Ela, carinhosamente, beijou a filha.

— Você sabe o que eu quero dizer. Importante de verdade! Quem sabe, um dia, vai olhar para mim... — Rachel estava confiante e, ao mesmo, tempo

pensativa.

— Quem vai olhar para você? — Leona perguntou, sabendo a quem a filha se referia.

— Ninguém, mãe! — Rachel respondeu, imediatamente começando a cantarolar.

As duas continuaram seu percurso para casa. No fundo, Leona desejava que tudo se cumprisse na vida da filha. Ela desejava que não precisassem mais ser humilhadas pelos clientes, aquém serviam, bem como por outras pessoas.

Rachel era uma moça muito bonita. A pele cor de mel e os olhos verdes foram as únicas heranças do pai. Leona era uma negra muito bonita, que se apaixonou por um descendente de italianos, branco, e dono de olhos verdes, como os da filha. Foram felizes durante muitos anos, até que uma tragédia se abateu em suas vidas.

Quando um acidente de trabalho lhes roubou o homem de suas vidas, ambas tiveram que fazer muitos sacrifícios para sobreviver e manter sua moradia. Leona e Rachel lutavam para, um dia, desfrutarem de uma vida melhor. Todo o dinheiro que juntavam era destinado à tão sonhada faculdade de Medicina.

Por ser pobre, e por conta da cor de sua pele, Rachel era constantemente humilhada na escola. Leona sonhava com o dia em que aquele sofrimento acabaria; o dia em que sua filha não teria mais que ouvir que “uma negra não era nada”.

CAP. 1

UM CONVITE PARA A FESTA

Quando Rachel entrou no restaurante, seu sorriso brilhava. Todos os funcionários pararam para saber a resposta que ela tanto esperara. A moça não conseguia esconder a felicidade. Alguns dos clientes habituais desejavam que ela alcançasse seus sonhos, pois era uma moça muito especial.

Uma das colegas de Leona foi chama-la na cozinha e ela correu em direção à ala principal do restaurante.

— E? — Perguntou a mãe, nervosa.

Rachel mordeu o lábio, emocionada, e soltou:

— Fui aprovada na faculdade de Medicina! — Rachel gritou, balançando a carta no ar.

Todos os presentes comemoraram a conquista da jovem. Ela sonhava com uma das faculdades mais importantes da região, e precisava de boas notas para conseguir uma bolsa de estudos.

Os clientes presentes tinham muito carinho pela garota e por sua mãe, e estavam orgulhosos da conquista. Enquanto Leona abraçava a filha, e os demais aplaudiam e parabenizavam a moça, alguém lhe tocou o ombro:

— Parabéns! Não pude deixar de ouvir. Que bom que conseguiu! — Disse

Peter, sorrindo.

— Obrigada! — Rachel agradeceu, envergonhada pela presença do filho dos patrões.

— Por enquanto, ainda é empregada do Carlsson. Por isso, depois de colocar seu uniforme, leve as Cocas para todos os meus amigos, na mesa do fundo!

— Peter fez questão de mostrar sua superioridade. Era ele quem mandava.

— Com certeza, Peter! Apenas Cocas? — Rachel perguntou, sendo lembrada de que ainda era a empregada.

— Depois nós vemos! — O rapaz virou as costas e foi se reunir com seu grupo.

Quando Peter chegou à mesa, todos começaram a rir. Os amigos vestiam roupas de *motocross*, um dos esportes preferidos dos meninos ricos da região. Futebol americano era obrigação, *motocross* era a paixão.

Rachel, já uniformizada e carregando uma bandeja com vários copos de Coca-Cola, se aproximou da mesa. Quando a viram, os rapazes começaram com suas provocações:

— Então, entrou em qual faculdade? — Um deles perguntou.

— Medicina. Vou cursar a melhor faculdade de Medicina deste país! — Rachel estava orgulhosa de sua conquista.

— Huuummmmm. A garçonete vai virar médica? Será que existe curso superior para faxineiras? — Outro rapaz alfinetou.

— Se existir algum curso do gênero na universidade eu te aviso! — Ela ficou com raiva da brincadeira.

— Eu sou rico. Meu pai é o perfeito da cidade. Já temos muitos faxineiros e negros! — Um dos rapazes disse, batendo no ombro de Peter.

— Meu Deus, eu nunca seria atendido por uma médica negra! — Outro deles afirmou, encarando a moça.

Uma raiva desconhecida percorreu o corpo de Rachel, que segurava um copo de Coca-Cola. Sem pensar, ela despejou o refrigerante na cabeça do rapaz, que se levantou com a mão erguida para bater nela; ato impedido por Peter.

— Eu não sou negra, mas minha mãe é e eu tenho orgulho de ser quem sou! Nunca se esqueça, menino rico, de que, nos Estados Unidos, racismo é crime!

— Rachel concluiu, olhando para Peter, que ainda segurava o braço do amigo. — Mais alguma coisa patrão? Posso voltar para meu trabalho?

Sem esperar pela resposta, Rachel se retirou, deixando o grupo revoltado com sua atitude. Alguns riram do amigo molhado de bebida; outros disseram que Peter devia despedir a moça por ter sido abusada; outros, ainda, insistiam que deveriam se vingar dela. Na realidade, ele não gostou do comportamento de Rachel diante de seus amigos.

Ambos estudavam na mesma escola e, desde sempre, foram colegas de sala. Rachel sempre era alvo de suas piores brincadeiras e das armações de sua namorada. Mas aquela fora a primeira vez que a vira reagir. Ela sempre sofrera *bullying* e costumava engolir tudo, sempre calada, mas, hoje, ela perdera a paciência.

Para Peter, o amigo exagerou ao chama-la de negra. Em sua opinião, Rachel não era negra. Ela era, na verdade, muito bonita e sensual, com seus olhos verdes e cabelos ondulados. Mas ele nunca cogitaria ter nenhum envolvimento com ela, que trabalhava para sua família no restaurante e nas festas que ofereciam em casa.

Quando Peter se sentou, um dos rapazes falou:

— Por isso ainda é virgem!

— Quem é virgem? — A informação atraiu a atenção dele.

— Peter, você não sabia? Ela nunca namorou; nunca ninguém... — O amigo simulou estar fazendo sexo.

— Vocês estão brincando. Rachel é virgem? — Peter estava espantado e um sorriso malicioso surgiu em seu rosto. — Quem sabe eu não a inauguro? Claro que Melanie não pode saber!

— Duvido que você consiga esse milagre! — Um dos rapazes desdenhou.

— Querem apostar que eu vou para a cama com ela? — Peter perguntou, puxando uma nota de cem dólares.

— Eu não aposto porque ela é apaixonada por você! — Um dos amigos informou. — Vai ser moleza pra você. Não vou apostar dinheiro sabendo que

vou perder.

— Vamos apostar! Antes de ela ir pra faculdade, eu faço sexo com ela! — Peter, orgulhoso, mostrava que era melhor que todos.

Todos riram e, dentro de poucos minutos, já tinham esquecido a reação de Rachel. Os outros funcionários e amigos da moça ficaram com medo de que ela fosse despedida. Após uma hora, o grupo de amigos foi embora. Antes de sair, Peter olhou para Rachel e piscou um olho, fechando a porta em seguida. A raiva dela era tão grande que não se importou com o sorriso esboçado pelo filho do patrão.

O restante do dia transcorreu de forma normal. Durante seu intervalo, Rachel se sentou do lado de fora, observando sua carta de aceitação da faculdade. Peter se aproximou sem que ela percebesse e arrancou o papel de suas mãos:

— É... Você é inteligente, Rachel! Parabéns de verdade. Você conseguiu! — O rapaz sorria.

Os olhos azuis e o belo sorriso eram apaixonantes, como o rapaz. Sempre envolvido em problemas, ele conseguia manter um ar angelical. Era bonito o bastante para que todas as meninas brigassem por ele, e aceitassem qualquer convite, mesmo sabendo que nada seria sério o bastante para que rompesse o namoro de anos com Melanie.

Rachel puxou a carta das mãos do rapaz e guardou-a no avental, levantando-se para voltar para o trabalho. Então, ele segurou seu braço:

— Quero convidar você para a festa de final de ano que meus pais vão oferecer para todos os meus amigos. Eles querem comemorar porque fui selecionado para jogar futebol americano na faculdade e, como colegas de escola, queria que você fosse. Como minha convidada! — Peter mantinha a expressão angelical.

— Você está me convidando para ir à sua festa? — Rachel estava surpresa, pois nunca recebera um convite semelhante.

— Sim. Espero que possa ir! Afinal, não nos veremos nunca mais... Duvido que, depois que sair desta cidade, você retorne. O que me diz? Enterramos as brincadeiras do passado e comemoramos as nossas conquistas? — Peter

propôs, estendendo a mão.

— Vou pensar! — Ela respondeu, sorrindo, e entrou no restaurante.

Peter sorriu, percebendo que seu convite seria aceito. Não conseguia esquecer o fato de que a jovem era virgem. Não estava realmente surpreso, pois Rachel sempre estava sozinha e não tinha muitos amigos; nunca tinha namorado e sempre estava cantando na igreja, ou em alguma atividade na comunidade. Ele se perguntou se, alguma vez, a garota teria beijado alguém... Com uma boa dose de sorte, ele ganharia a aposta e levaria a doce Rachel para a cama. Seria o primeiro em tudo, inclusive nos beijos.

CAP. 2

A FESTA DOS CARLSSON

Rachel se olhava no espelho, satisfeita com sua decisão de ir à festa.

Uns dias antes, Peter mandou uma mensagem dizendo que se tratava de uma reunião informal, que ela poderia ir à vontade, sem se preocupar com roupas chiques demais. Com as gorjetas do último mês, ela comprara um vestido floral que a deixava muito elegante, revelando suas curvas e chamando atenção para seu busto. O cabelo negro estava preso, mostrando o pescoço esguio, adornado com um fio de ouro que sustentava um pingente de cristal em forma de coração. Era sua única joia, usada apenas em ocasiões especiais e aquela seria uma noite especial. Pela primeira vez na vida fora convidada para uma festa de pessoas da sua idade, de fora da igreja.

Entrando no quarto e vendo a filha, Leona sentiu um aperto no coração:

— Tem certeza de que deve ir nessa festa? É um mundo diferente do nosso, Rachel. — A mãe tinha receio da maneira que sua filha poderia ser tratada.

— Mãe, é a minha primeira e última festa nesta cidade. Depois, eu vou embora para nunca mais voltar! — Rachel disse, rodopiando pelo quarto e fazendo o vestido flutuar.

— Está linda, minha filha! — A mãe estava orgulhosa.

Beijando-a, Leona disse:

— Não quero que volte tarde. Vou esperar acordada.

Rachel fez um cumprimento militar, indicando que obedeceria a ordem. A buzina do táxi soou, a moça se olhou mais uma vez no espelho e desceu as escadas. Acenando para a mãe, ela fechou a porta e se foi. Sua felicidade era contagiante.

Enquanto o carro se aproximava da residência dos Carlsson, seu coração disparava. Deram a volta no jardim e pararam diante da enorme porta. Ao ver os convidados que já estavam no local, Rachel se surpreendeu. Peter lhe dissera que aquela seria uma reunião informal, mas os rapazes estavam de *smoking* e as moças usavam vestidos com brilho, joias e muita maquiagem.

A festa oferecida pelos patrões era glamorosa demais para seus padrões, mas quando se virou para ir embora, o táxi já tinha sumido de vista. Neste momento, alguém a chamou.

— A entrada dos empregados é pelos fundos! — Disse uma voz bem

conhecida.

Era o amigo de Peter em quem ela dera o banho de refrigerante. O rapaz a encarava abertamente, averiguando seu vestido simples. Sua namorada passou a exhibir um riso irônico; ela estava dentro de um elegante vestido vermelho, que chamava atenção tanto pelo brilho quanto pelo decote.

Quando o casal virou as costas, Rachel inclinou a cabeça para ver como era a festa. Subiu alguns degraus, mas, ao ver o padrão de elegância de todos, desistiu. Aquele não era o lugar dela; não estava vestida adequadamente e resolveu ir embora. Nesse momento, sentiu uma mão em seu braço, puxando-a. Era Peter que lhe sorria, envolto em um *smoking* preto, que destacava seus olhos azuis e o corpo desenvolvido por horas de esporte e academia:

— Aonde vai? A festa é aqui dentro! — O rapaz mantinha um sorriso brilhante.

— Eu vou embora. A festa é elegante e eu estou vestida assim... Você disse que seria informal, mas não vejo ninguém informal! — Rachel comentou, observando o vestido de algumas convidadas.

— Roupas é apenas roupa. Você é minha convidada e quero que fique pelo menos uns minutos. Se não se sentir bem, eu mesmo a levo para casa! — Peter declarou, seduzindo-a e mantendo o ar angelical, sua característica marcante.

— Não sei! É melhor não... — Rachel falou, tentando ir embora.

— Preciso de sua companhia. Terminei tudo com a Melanie e estou mal. Descobri que ela me traía. Também não estou no clima para festas, mas meus pais investiram tanto que não tive coragem de recusar o mimo deles! — Peter estava com a mão estendida, chamando-a. — Fica. Por mim. Por favor!

O coração de Rachel batia disparado. Em sua frente estava o rapaz mais desejado da escola. Ela passou a vida inteira desejando que Peter lhe enxergasse como uma garota normal e, agora, ele lhe oferecia a oportunidade de participar de uma festa dos Carlsson. A sinceridade nas palavras do rapaz era emocionante, e casava com sua expressão de bom moço.

Quando as mãos se tocaram, ela sentiu um choque, e se afastou

imediatamente:

— Nossa química é interessante! Quem diria que, às vésperas de mudarmos nossas vidas, descobriríamos coisas tão interessantes? — Declarou Peter, que também sentira a eletricidade em sua mão.

Envergonhada, Rachel sorriu e deu a mão ao rapaz, que a conduziu para dentro de casa. A mansão dos Carlsson ficava em um dos bairros mais chiques da cidade, também era uma das maiores construções da região. O local estava muito bem decorado, com fotos de Peter espalhadas em todos os ambientes. Luzes acompanhavam o ritmo da música, empregados serviam os convidados, e jovens animados dançavam na pista de dança, que cobria parte da enorme piscina. Empresários importantes e políticos estavam na festa, acompanhados de suas esposas.

Todos pararam para observar quando Peter, o príncipe da cidade, entrou na festa, segurando a mão da empregada. Vendo o vestido simples, algumas garotas começaram a rir e comentar entre si. A cena chocou a mãe de Peter, que se encaminhou na direção do filho:

— Não sabia que ela tinha sido chamada para trabalhar na festa! — A mulher encarava Rachel com desprezo.

— Não, mãe. Rachel é minha convidada! — Peter respondeu, sorrindo.

— Assim? — A mulher, claramente, desaprovava os trajes da jovem.

— Desculpe-me, senhora Brigitte. Mas o Peter não informou que era uma festa assim, tão elegante! — Rachel fez menção de sair e Peter segurou sua mão.

— Esta noite, ela é minha convidada, mãe! — Peter beijou o rosto da mãe e tentou desviar dela, juntamente com Rachel.

Brigitte segurou o braço do filho. Em seus olhos era possível ver a indignação que ela sentia pela atitude do rapaz.

— Você terminou com a Melanie por causa disso? — Ela perguntou, furiosa.

Peter livrou o braço do aperto da mãe e arrastou Rachel para a festa. Ela sequer queria acreditar no que tinha acabado de ouvir. A mulher frequentava a mesma igreja que ela e tinha tanto preconceito... Seria por conta de sua pobreza? Ou por ela ser funcionária de uma das empresas da

família? Ou por ela ser morena, e não loira, branca e rica, como Melanie?

Rachel quis partir imediatamente, mas, ao mesmo tempo, naquela noite Peter lhe dera mais atenção do que a vida inteira. Seria aquele um dos milagres de Deus em sua vida? Apenas algumas semanas antes o pastor lhe afirmou que o Todo Poderoso cumpriria os seus desejos... Apenas Deus sabia sobre seu amor impossível por aquele rapaz e, agora, lá estava ela, ao lado de um de seus maiores sonhos.

Sem que ela percebesse, Peter a conduziu para a pista de dança. Rachel nunca tinha dançando; o pastor sempre os exortava a se afastar das coisas mundanas e se aproximar de Deus. Ela nunca tinha estado em uma festa antes, então não fazia ideia de como dançar direito. Mas Peter não parecia se importar com isso, nem com os olhares dirigidos ao casal.

Apenas os seis amigos tinham conhecimento da aposta e do objetivo de Peter, de seduzir a moça e conseguir algo mais dela, naquela mesma noite. Ele se mostrava encantado com a inocente jovem e, cada vez mais, a envolvia em seus jogos. Peter sorria como se estivesse genuinamente feliz por ter Rachel em sua festa. Para ela, toda a noite era um acontecimento milagroso:

— Vamos tomar alguma coisa? Estou com sede! — Peter falou, tirando-a da pista e seguindo para o bar. — O que vai querer?

— Qualquer coisa sem álcool! — Ela disse, sorrindo.

— Nem uma taça de champanhe? — A moça recusou. — Então, que seja algo sem álcool.

Ao ver a expressão desanimada do rapaz, Rachel riu. Peter se afastou para buscar as bebidas e uma colega da escola se aproximou e comentou:

— Então, foi por você que ele largou a Melanie! A coitada está desolada! Você deve ter feito alguma coisa que o deixou louco na cama... — A colocação foi maliciosa.

— O quê? Eu nunca... — Antes que pudesse responder, Rachel foi interrompida.

— Quase todas as meninas desta festa foram para a cama com o Peter, na esperança de conseguir fígar o melhor partido da cidade. E todas nós queremos saber o que você fez. Sua mãe é negra. Fizeram *voodoo* ou aquelas

magias negras? — A colega perguntou, provocando-a.

— Você é doida? Eu amo a Deus! Nunca faria uma coisa dessas! — Rachel estava chocada.

— Acho que vou para a sua igreja. Quem sabe tenho sorte com o Peter? — A garota se afastou, rindo para as amigas.

Voltando com as bebidas, Peter viu uma das amigas de Melanie se distanciando e conversando com as outras garotas. Ele achou estranho.

— O que ela queria com você? — indagou, observando a moça que os olhava e ria.

— Nada não, Peter. Obrigada pelo convite, mas eu vou embora! — Rachel declarou, começando a se retirar.

— O que é isso, Rachel? Não está se divertindo? Ela disse alguma coisa? Eu vou conversar com ela... — Rachel lhe segurou o braço.

— Não é nada. Eu não estou me sentindo muito bem! — Mais uma vez, ela caminhou em direção à rua.

— Pelo menos me deixe leva-la em casa. Vai ser difícil arrumar um táxi a essa hora! — O rapaz disse sorrindo.

— E a sua festa? — Ela perguntou, vendo a grande quantidade de convidados, ainda muito animados.

— Quando eu voltar, todos estarão aqui. Vamos, eu te levo! — Peter tranquilizou-a, em um tom de voz calmo.

Rachel aceitou a oferta. Não entendia o motivo de tanta simpatia de alguém que nunca tinha lhe dirigido um “oi” e, agora, abandonava a própria festa para levá-la em casa. Só podia ser desígnio de Deus que o rapaz mais deslumbrante que ela conhecia, finalmente, lhe notasse. Deus queria cumprir os desejos do seu coração.

Minutos depois, a enorme caminhonete de Peter saía da garagem. Ele saiu para abrir a porta e ajudou-a se acomodar, sempre com um sorriso encantador e sedutor:

— Vai ter que indicar o caminho para sua casa! — Ele disse.

Rachel sorriu delicadamente, comovida pela atenção que o rapaz lhe

dispensava. Como as ruas estavam vazias, rapidamente deixaram o centro da cidade para trás. Quando ela indicou o caminho, Peter tomou o sentido contrário, entrando por um caminho escuro. A jovem tentou alertá-lo de que ele errara a direção e que o lugar era perigoso.

O sorriso angelical foi se transformando em algo gelado; os olhos ganharam um novo brilho, e a mão tocou a perna da garota no banco do carona, sendo repelida, imediatamente.

— O caminho não é por aqui! — Rachel estava ficando com medo.

— Eu sei. Aqui é onde eu quero brincar com você... — Peter agora se mostrava outra pessoa.

— Pelo amor de Deus, me leva pra casa, Peter! — a jovem, agora sentia uma aflição diferente no peito.

— Eu vou te levar pra casa, mas depois. Primeiro, quero ficar sozinho com você. — Ele disse e estacionou.

O rapaz desafivelou o cinto de segurança e se voltou em direção à moça. O enorme corpo aproximava-se, cada vez mais, dela. Rachel tentou abrir a porta e, quando ia destravá-la, Peter segurou sua mão. Imobilizando o seu rosto, o rapaz a beijou. O gosto de álcool invadiu a boca da jovem, assim como a língua dele, desesperada para possuir algo que não era seu.

Ao desviar o rosto, Rachel apenas conseguiu dizer:

— Pelo amor de Deus, para!

CAP. 3

DIAS ATUAIS

O quarto estava escuro e o cheiro era nauseabundo. “Como alguém poderia viver naquelas condições?”, o enfermeiro pensou enquanto abria a porta. Quem observasse o exterior da casa, jamais imaginaria as condições daquele cômodo. Com certeza, desde que desaparecera da fisioterapia também não saía do quarto. Havia roupas espalhadas pelo chão, pratos e talheres descartáveis misturados com caixas de pizza, além da escuridão, que dificultava caminhar no ambiente. Mas o cheiro era o que tornava tudo

insuportável.

As empregadas limitavam-se a entregar a comida. Haviam começado a utilizar os descartáveis porque, quando estava de mau humor, ele jogava tudo contra a parede e observava a comida escorrer, juntamente com os cacos de porcelana.

John engoliu em seco e segurou a respiração para entrar no quarto. Quando abriu as persianas e cortinas, ficou chocado. A cena era deplorável; tudo estava destruído por conta do último ataque de fúria:

— Vamos acordar! Temos muita coisa para fazer hoje. Acho que quinze dias de férias é o suficiente! — John disse, tentando manter o ânimo diante do cenário desolador.

Na cama, um volume coberto com edredom reclamou, soltando um grunhido desanimador. O corpo se mexeu sem mostrar o mínimo de interesse na visita e, muito menos, em fazer o que lhe ordenavam:

— Espero que, hoje, esteja vestido. Não me apetece ver, novamente, sua bunda flácida! — O profissional brincou, puxando a roupa de cama.

John sabia que era difícil lidar com aquele paciente; um homem que, dois anos atrás, levava uma vida ativa, praticando *motocross* e jogando futebol americano em um dos melhores times dos Estados Unidos. Por conta de um acidente, perdeu o movimento das pernas, encerrou um casamento aparentemente perfeito e, por ter ficado preso a uma cadeira de rodas, entrou em uma depressão que o deixava perdido.

Em dois anos de tratamento, não tinha conseguido nenhuma melhoria e, tampouco, começado a adaptar-se à nova realidade. Estava em um caminho de autodestruição. Os amigos tinham se afastado e a família tentava não enxergar o que estava acontecendo. John era o único com o mínimo de paciência para cuidar do jovem:

— Peter, a decoração deste quarto melhora a cada dia! Estou pensando em inscrever você em um daqueles programas de televisão que transformam casas dentro de poucas horas, porque ainda não consegui descobrir que estilo de arte você gosta... — Brincou mais uma vez, tentando aliviar a tristeza daquele cenário apavorante.

— Quero ficar sozinho! — Grunhiu Peter, deitado na cama.

— Quinze dias de férias não bastaram? — John perguntou, olhando as garrafas de bebida espalhadas no chão. — Estou vendo que fizemos progressos!

O comentário fez com que Peter levantasse a cabeça para encarar o rapaz. Os cabelos perfeitos dos tempos de glória eram, agora, um emaranhado de fios espetados e sujos, emoldurando olhos inchados de dormir:

— Sim. E não olhe para mim com essa cara! Considerando-se que você não pode andar e vendo a quantidade de garrafas espalhadas neste quarto, creio que alguém assaltou a adega e o bar da casa. Então, adaptou-se bem à nova cadeira? — Peter voltou a enfiar o rosto nos travesseiros, falando algo incompreensível. — Pode repetir? Outra coisa, eu sinceramente pensei em fazer algo diferente hoje. Mas, pelo visto, vou ter que te dar banho como antigamente.

— Estou aleijado, mas não mudei as minhas preferências! — Peter retrucou, olhando para a janela.

— Você não é aleijado, é mal-humorado mesmo. Como vai ser, Peter? Vai preferir o banho no banheiro ou na cama mesmo? — John perguntou, encarando o paciente.

— Deixe-me sozinho! — Peter gritou.

John entendia que, para um homem como Peter, não era fácil. Ele era idolatrado por milhares de pessoas; quando jogava, era o queridinho das mulheres. Sua aparência angelical lhe garantia aparições em comerciais de televisão; dava entrevistas e qualquer pessoa desejava estar ao seu lado. Casara com a namorada dos tempos de escola e tivera o relacionamento, aparentemente, perfeito; e sua família continuava sendo uma das mais influentes da região.

Com o acidente, a vida perfeita mudou e, agora, ali estava ele. O menino bonito do futebol americano não passava de um farrapo humano. Dois anos após o ocorrido, ele ainda não tinha conseguido recuperar o gosto pela vida. Também não conseguira se adaptar às condições e limitações de um cadeirante, como tantos outros faziam.

O enfermeiro entrou no banheiro e ligou o chuveiro de água quente. O dinheiro garantia que tudo no quarto fosse adaptado para as necessidades de Peter, o que facilitava muito o trabalho de John. Na verdade, o que realmente causava incômodos era o estado emocional do jogador:

— Vai sozinho ou vou ter que carregar você? Eu acho que você está querendo algo mais sério comigo... Mas já aviso que sou homem para casar, Sr. Peter Carlsson! — John falou, usando um tom provocativo.

Peter virou o corpo, sentando-se na cama. Ele era grande e musculoso, e estava paraplégico. No início, os médicos tinham esperança de que, com o tempo, o rapaz recuperasse os movimentos, mas, ao final de dois anos, o quadro clínico permanecia sem nenhuma alteração. Com certa facilidade e agilidade, Peter sentou na cadeira de rodas colocada ao lado da cama, esbarrando na roupa e lixo amontoados em seu caminho para o banheiro:

— Viu? É nisso que dá ser porquinho. Depois do banho vamos sair desse quarto para que as empregadas possam limpar essa sujeira. E, por favor, faça essa barba! Se continuar assim até o natal, vai conseguir ser o Papai Noel da *Sears*! — John brincou, ajudando-o a desviar dos obstáculos do caminho.

— Como foram as férias? — Peter tentou ser educado.

— Boas. Até cinco minutos atrás! — O enfermeiro declarou, batendo no ombro do cadeirante.

— Podia ter continuado de férias. Não fez falta nenhuma! — Peter devolveu, em tom agressivo.

— Se em quinze dias este quarto está assim, mais alguns dias exigiriam uma escavadeira para abrir caminho. Peter, precisamos ter uma conversa séria! — John afirmou, sendo encarado por Peter.

— Não estou interessado em conversas sérias! — O rapaz resmungou ao entrar no banheiro. — Depois, você é feio demais para eu aceitar um pedido de casamento.

— Esse discurso é meu. E você não faz o meu gênero! Prefiro homens ousados, e não “bunda mole” como você! — John piscou o olho enquanto acomodava Peter na cadeira de banho. — Espero que se esfregue bem e arranque esse fedor. Não é porque você não faz o meu gênero que tenho que

aguentar esse cheiro de ogro.

John saiu do banheiro. Sabia que Peter ainda ficava constrangido quando precisava de ajuda para fazer coisas simples, como tomar banho, vestir-se, ou alcançar algum objeto. O jovem ainda não tinha entendido que as coisas tinham mudado e que ele precisava mudar também.

O trabalho de John consistia mais em animar Peter do que, propriamente, atuar como enfermeiro e fisioterapeuta. Quando o jogador voltou do hospital, ele tinha sido contratado para um período de adaptação, que se estendera para além do esperado. Na realidade, John era mais um amigo, que tinha liberdade para fazer com o jogador aquilo que nem mesmo os familiares podiam. Ele se tornara um anjo da guarda na vida do poderoso Peter Carlsson.

CAP. 4

VAMOS CONHECER

John colocara Peter na piscina, preparada especialmente para ele. Nela, era possível nadar e fazer terapia, auxiliado com máquinas. Com certa dificuldade, conseguira obrigar o jogador a praticar um pouco. Enquanto isso, as empregadas tentavam arrumar o quarto dele, de forma a parecer mais apresentável. O enfermeiro era o único que não respeitava os caprichos de Peter; ele sempre fazia o que queria, não o que o paciente desejava. John conseguia controlar tanto o mau humor quanto a depressão do rapaz.

Enquanto Peter se exercitava, Brigitte, a mãe do rapaz, surgiu. Altiva e elegante, como sempre, ela começou a bater palmas ao ver o filho na água:

— Finalmente alguém que consegue tirar o meu filho do quarto! Bom te ver, John. Como foram as férias? — Ela perguntou sem dar tempo para o rapaz responder. — Ainda bem que voltou, porque ninguém conseguia aturá-lo e eu tenho uma festa para preparar.

Peter parou, segurou-se na beira da piscina e olhou para a mãe:

— Como está, dona Brigitte? Eu também estou bem. Obrigado por perguntar!

— O jovem falou, encarando a mulher.

— Menos, Peter. Você já está bem grandinho para fazer o papel de coitadinho. Não tenho paciência para os seus caprichos! — A mulher devolveu, dando as costas aos dois.

— Você nunca teve paciência para nada que dissesse respeito a mim, ou a qualquer pessoa. Só as suas festas, eventos sociais, e a pose de família perfeita importam pra você. Não entendo por que continua indo na igreja. — Peter provocou.

— Esperando que Deus tenha misericórdia da sua alma! — Brigitte falou, caminhando em direção à casa.

— Se Deus existe, desejo que Ele tenha misericórdia da sua alma... Afinal, nem meu pai a suporta!

O comentário de Peter fez com que a mulher parasse e se voltasse para encarar o filho:

— Seu pai é um fraco. Assim como você! — Ela retrucou e retomou seu caminho.

Peter mergulhou e, quando retornou à superfície, seu olhar demonstrava raiva. Enquanto ele era famoso e estava na mídia por conta do seu trabalho, Brigitte tratava o filho muito bem; a partir do momento em que ele sofreu o acidente, a mulher deixou-o de lado, sofrendo. Sua mãe o tratava como um inválido indesejado; sentia vergonha do próprio filho, só por estar em uma cadeira de rodas.

Em uma das muitas discussões que tiveram, ela chegou a dizer que desejava que o filho tivesse morrido em vez de ser um aleijado. Era uma mulher fria e calculista, só demonstrava algum afeto se lhe rendesse uma fotografia no jornal, ou uma nota com seu nome nas colunas sociais da cidade. Claro que, nos dias de culto da igreja, essa não era a imagem que ela deixava transparecer:

— Cada vez mais eu acho sua família perfeita! — John comentou, observando a mulher se afastar.

— Os Carlsson são um exemplo de perfeição: ricos, poderosos e não se suportam dentro da mesma casa. Bem-vindo à vida dos ricos, como ela verdadeiramente é! — Peter falou, ajustando os óculos para retomar seus exercícios.

— Alguns pobres também são assim. Mas sua família é peculiar, começando por você! — Peter parou para entender o que John queria dizer. — Sim! Você é jovem, rico, interessante e, ao invés de procurar soluções para o seu problema, ou viver a sua vida, fica preso aqui dentro, querendo morrer.

— Minha vida acabou no momento em que sofri aquele acidente! — Os olhos de Peter estavam carregados de ódio.

— Sua vida se resumia a um par de pernas? Por favor! Muitas pessoas ficam em condições piores que você e continuam lutando, com esperança de conseguir a recuperação; continuam a levar uma vida relativamente normal!

— John tentava animar o jogador.

— Como eu posso ter uma vida normal? Meu trabalho dependia das minhas pernas. Quando perdi os movimentos, perdi os amigos, esposa, carreira e até a minha família! — Peter não gostava do rumo que a conversa estava tomando.

— Tem pessoas que, nas tragédias, se aproximam de Deus e colocam a sua fé n'Ele... — John foi interrompido.

— Deus? Essa é a melhor invenção da humanidade: colocar Deus nos bons e nos maus momentos. Eu não acredito n'Ele! E, se Ele existe, deve estar apenas me castigando. — A amargura transparecia na voz do jogador.

— Se estiver te castigando, é sinal de que te ama. Mas não acredito que tenha feito tanto mal para merecer castigo! — John brincou, jogando água no jovem.

— Talvez eu tenha feito! — Peter mergulhou, indicando que queria encerrar o assunto.

Os exercícios que se seguiram foram descompassados e sem atenção. John percebeu que a conversa deixara Peter alterado e pensativo. Debaixo d'água, a cabeça do jovem devia estar envolta em um turbilhão. Após o tempo de acompanhamento estendido, conhecia o paciente relativamente bem.

Após os exercícios, o enfermeiro começou uma sessão de fisioterapia, acompanhada de massagens em pontos estratégicos. Aquilo causava desconforto em Peter, que não estava habituado aos choques que pareciam percorrer seu corpo conforme as mãos de John deslizavam.

— Os movimentos estão me incomodando! — Peter resmungou.

— Essa é a intenção. Precisamos manter as sensações de suas pernas. É prejudicial para você passar quinze dias sem qualquer trabalho. Os espasmos que você está sentindo significam que seus músculos estão funcionando, mesmo dentro de suas limitações! — O enfermeiro informou, dando

continuidade ao trabalho.

— Onde aprendeu tudo isso? — O paciente quis saber.

— Nessas férias, eu fiz um curso de três dias com uma grande ortopedista em Seattle. A mulher é fera e tem conseguido resultados impressionantes com cirurgias e outros métodos. Por sorte um amigo desistiu, e eu consegui ficar com o lugar dele! — John contou ao jogador.

— Tudo isso por mim? — Peter brincou, sorrindo. Fazia algum tempo que o sorriso desaparecera de seu rosto.

— Você está me seduzindo, Sr. Peter Carlsson? Posso processar o senhor por assédio... — John provocou, rindo.

— Assédio? Um aleijado? — Peter indagou, mostrando-se ofendido.

— Cadeirantes são os piores! Se fizesse o meu tipo, até que eu diria sim. Mas não sou fã de jogadores de futebol americano, dizem que são péssimos na cama! — O enfermeiro brincou, continuando os exercícios.

— Isso você nunca vai saber. Pelo menos não comigo! — O jogador comentou.

— Peter, agora falando sério... Apenas as suas pernas deixaram de funcionar. Você pode levar uma vida quase normal! Não precisa ficar trancafiado nessa casa, amargurado. Lá fora existem muitas mulheres que gostariam de conhecê-lo! — John incentivava o rapaz.

— Não para mim. Não sou mais o homem que costumava ser. Agora sou apenas metade de um homem que mal funciona! — Argumentou Peter.

— Esses medos estão apenas na sua cabeça! Mas, voltando ao curso e a médica que conheci, você devia marcar uma avaliação com a equipe dela. Ela mostrou o exemplo de uma pessoa que estava em cadeira de rodas e conseguiu recuperar os movimentos com uma cirurgia revolucionária! — Declarou o enfermeiro, empolgado. — Eles têm uma clínica de recuperação em Seattle; podíamos visitar e conhecer.

— Eu não tenho mais esperanças de andar! — Peter ficou emocionado com suas próprias palavras.

— Para Deus não existem impossíveis. Sabe disso? — John sorriu.

— Você acredita mesmo nisso? — Questionou o jogador.

— Que você pode andar ou em Deus fazer o impossível? — O enfermeiro o encarava seriamente.

— Os dois! — Disse o jogador.

John olhou para o céu e, em seguida, para o amigo e disse:

— A parte de Deus fazer o impossível, sim. Afinal, há dois anos que Ele me dá paciência para aturar você. Quanto a andar, apenas um especialista pode dizer! — John mostrava que aquele era um assunto sério e, quando Peter ia responder, ele continuou — Eu sei que vai dizer que já foi a muitos especialistas. Se já foi a tantos, por que não consultar mais um? O *não* você já tem.

— Para que inventar esperanças? — Peter pensou em voz alta.

— É a esperança ou a fé que faz milagres acontecerem, sabia? Devia conhecer a médica de que falei! — John deu seguimento ao seu trabalho.

Perdido em pensamentos, as palavras de John entraram na cabeça de Peter, bem como a frase: “É a esperança ou a fé que faz milagres acontecerem”. Na realidade, ele sabia que não era merecedor de um milagre e, muito menos, da preocupação de Deus, se Ele realmente existisse.

Nos últimos tempos, fantasmas do passado vinham assombrar suas noites. Só conseguia se desligar coisas que desejava esquecer quando bebia. Ódio e raiva tomavam conta dele, por conta de coisas feitas no passado, e que jamais poderia voltar atrás.

CAP. 5

TENTE MAIS UMA VEZ

A casa dos Carlsson estava silenciosa e a noite lhe emprestava uma

aparente tranquilidade. Quem a observasse por fora, diria que ali morava uma família feliz, mas, na realidade, ali havia uma família desfeita por vários motivos. Brigitte e Ronald mantinham o casamento apenas pela convicção religiosa; não existia amor entre eles. Nas reuniões da igreja, os dois conversavam, preservando a fachada de casal perfeito; em casa, dormiam em quartos separados. Por conta de sua situação atual, Peter mergulhou na depressão, abusando do consumo de bebidas, o que o colocava em um abismo sem saída.

As luzes estavam apagadas e ninguém circulava na casa. A porta do quarto de Peter abriu-se e ele deslizou pelo corredor, até o salão principal. No bar, pegou uma garrafa de Vodka e bebeu direto do gargalo. Fechou os olhos diante da ardência provocada pelo líquido. Só assim conseguia sentir algo. Naquele momento, a mãe apareceu por trás dele e, debochando, começou a bater palmas:

— Fraco! Pelo menos seja um fraco com educação e beba no copo! — Disse Brigitte, assustando o filho.

— Deixe-me em paz! — Ele gritou e continuou a beber.

— Já que quer se matar, faça de forma decente, e não como um bêbado! Mate-se e termine com a nossa vergonha... — A mulher desprezava o estado do rapaz.

— Vergonha? Por causa da cadeira ou porque não pode aparecer mais como a mãe da grande estrela de futebol? Para a vida da senhora sempre se limitou ao glamour! — O jovem respondeu, sem se voltar para a mãe.

— Por isso a Melanie não aguentou você. Quem aguentaria um cadeirante bêbado? Acho que nem vergonha eu tenho mais. Pessoas como você merecem apenas o meu desprezo. — Ela disse, arrancando a garrafa de suas mãos. — Chega de se comportar como o coitado dessa casa.

Brigitte segurou o rosto do filho e apertou, encarando-o:

— Sempre pensou que era especial porque brilhava nos campos de futebol? E agora se limitou a ser um inválido. Você devia ter morrido antes de nascer!

— Ela gritou, erguendo a mão para bater no rapaz.

— Pare, Brigitte! — Ronald gritou, parado na entrada da sala. — Pare de

atormentar o meu filho.

Brigite lançou um olhar de ódio ao marido e, se aproximando, bateu-lhe no ombro e falou:

— Ele é fraco, igual a você! — O ódio transbordava de sua voz.

Ronald observou a mulher sair e caminhou na direção do filho. Beijando-o na cabeça, percebeu as lágrimas correndo pelo rosto do rapaz. Pegando a garrafa, ele tomou um gole com certa dificuldade e comentou:

— Só assim para suportar essa mulher! — E retornou a garrafa ao filho.

— E por que continua com ela? — O jovem perguntou.

— Alguns erros, temos de levar para o resto da vida; são um fardo que temos que carregar sem reclamar. A sua mãe é o preço que tive pagar por algumas coisas erradas que fiz! — Ronald declarou, colocando a mão no rosto do filho. — E você é a melhor parte da minha vida, Peter! O meu maior orgulho!

— Assim? — Peter perguntou, indicando a cadeira de rodas. — Então eu também estou pagando pelos erros do passado!

— Em uma cadeira ou andando, eu tenho orgulho de você! Você é o melhor de mim. Talvez muitos não entendam o que ainda está escondido no seu interior... Talvez nem mesmo você saiba. Mas Deus conhece! — Ronald abraçou o filho.

— Se Deus existisse, não teria me prendido numa cadeira! — Peter afirmou. Guardava muita mágoa por conta de seu estado.

— Em toda a sua vida, o que você fez para Deus? Recebemos o bem com um sorriso, mas não aceitamos o mal. Como você acha que conseguimos mostrar o valor da nossa alma para o diabo? — O pai pegou dois copos e serviu uísque para eles. — Prefiro isto que essa sua bebida.

Entregando um dos copos ao rapaz, o pai brindou e disse:

— Você devia ir à igreja! Há quantos anos não vai? — Ronald tentou lembrar.

— Numa cadeira de rodas? Para todos ficarem olhando a estrela do futebol que ficou aleijada? Não quero! O que menos quero desses crentes é pena; pena de ser um aleijado e pena de que eu vá para o inferno. — Peter

esbravejou, deslizando a cadeira para o lado.

— John me falou sobre a clínica em Seattle. Por que não vai conhecer? — Ronald perguntou, tomando mais um gole.

— Para ouvir mais um “não vai voltar a andar!”? Ela tem razão. Eu devia de ter morrido naquele acidente... — Ronald interrompeu o filho, segurando seu rosto com as duas mãos.

— Nunca mais diga isso! Se eu pudesse, daria minhas pernas para ver você voltar a correr e ser feliz. Mas se Deus não te levou, é sinal de que tem algo especial para a sua vida! — Emocionado, Ronald se ajoelhou e abraçou o filho. — Nesta vida, só você importa!

— Obrigado, pai! — O jovem também se emocionou diante das palavras do pai.

— Por favor, vá com o John visitar a clínica. Seattle é próxima. O que pode acontecer de pior é voltar a ouvir aquilo que você já sabe. Mas, mesmo assim, não vale a pena tentar? Algumas pessoas não podem lutar porque não têm condições financeiras, vivem apenas pela fé. Nós temos a oportunidade de procurar alternativas! — Ronald insistia, na esperança de que o filho aceitasse.

— Não sei, pai! — Peter ponderava.

— Bem, vou dormir. Mas antes deixe eu te entregar o que eu estava olhando antes. — Ronald pegou alguns papéis de uma gaveta e entregou ao jovem. — Esta é a clínica. Veja, sem compromisso, e pense.

Ronald beijou o filho e deixou o rapaz sozinho, olhando para a pasta verde em seu colo. “Clínica de Reabilitação George O’Connor — Porque para andar não precisamos de pernas e sim de força de vontade para viver”. A frase chamou a atenção de Peter, que abriu a pasta e se deparou com um espaço verdejante, muito bem cuidado, e adaptado para pessoas com necessidades especiais. Havia academia e salas de fisioterapia, bloco operatório e com cuidados de recuperação para os pacientes da clínica.

Quando começou a ler, Peter encontrou informações sobre a pessoa responsável: “Rachel O’Connor é uma das mais prestigiadas e premiadas médicas cirurgiãs, com sucesso em suas intervenções. A responsável pela

clínica é uma das profissionais mais renomadas do mundo”.

Aquele nome provocou-lhe um aperto no coração. Para ser tão laureada, a mulher devia ser idosa, mas seu nome lhe trouxe memórias da Rachel de sua juventude. Lembrou-se dos olhos cheios de lágrimas e da voz dizendo “Pelo amor de Deus, pare!” Este era o tormento que ele carregava por anos. A raiva invadiu sua alma e Peter jogou a pasta no chão. Voltando para o bar, ele pegou a garrafa e bebeu como se fosse água.

O que teria acontecido com Rachel? Seria aquilo alguma maldição, resultado de seu ato de loucura?

CAP. 6

A CLÍNICA

John colocou as malas no carro enquanto Peter observava. Ronald estava feliz pela decisão do filho de, pelo menos, ir conhecer o espaço, ver casos de sucesso e ter outra visão do mundo sobre uma cadeira de rodas. Quem sabe assim ele veria que a vida continua. Bateu no ombro do filho, orgulhoso por ele voltar a enfrentar o problema.

John empurrou Peter até o carro e, quando ia ajudá-lo a entrar, o rapaz recusou.

— Pense na viagem como uma lua-de-mel! — John brincou, sorrindo. — É tradição carregar a noiva no colo!

— Quer parar com isso! — Peter devolveu e entrou no veículo.

— Difícil acreditar que você vivia rodeado de tanto homem, quando você é tão menina. Vamos para Seattle? — O enfermeiro perguntou, ainda sorrindo.

O comentário fez Peter ficar com a expressão emburrada.

— Tome conta do meu filho e o ajude a suportar a resposta dos médicos, por favor! — Pediu o pai preocupado e, ao mesmo tempo, com esperança.

— Pode ficar descansado. Peter vai ficar bem! — John caminhou em direção ao carro e, como estava com a capota aberta, gritou: — Vamos para a nossa lua-de-mel, menina. Você está *sexy* nesse carro esportivo, mesmo com esse mau humor.

Sentou-se, ligou o rádio e perguntou a Peter:

— O que quer ouvir? Espero que tenha bom gosto para música como tem para carros! — Ouvindo a música que começou a tocar, John, rapidamente, conectou um *pen drive* ao aparelho, ouvindo uma melodia clássica preencher o ambiente. — Isso é que é música!

Peter ficou ainda mais emburrado e John brincou:

— Se preferir, posso amarrar sua cadeira atrás do carro!

Peter colocou os óculos de sol e John acelerou, se despedindo de Ronald. O pai desejava que tudo corresse bem para seu filho, afinal aquela era a sua última esperança. Levaram uma semana para convencer Peter a visitar a equipe da doutora Rachel O'Connor, para uma avaliação. A viagem para Seattle consumiria algumas horas; esperava que sair de casa fizesse bem ao filho.

“Deus, guia os passos do meu filho e termina a obra na vida dele!”, pensou Ronald. Aquelas palavras eram uma prece. Ele esperava que alguma coisa mudasse na vida de Peter. Durante anos tinha visto o filho se afastando de Deus, escolhendo caminhos errados. Quando o acidente aconteceu, ele sabia que havia uma razão especial por trás de tudo.

O edifício da clínica era exatamente como no folheto: arquitetura moderna e com bastante vidro, rampas, jardins bem cuidados e deslumbrantes, que transmitiam paz. Foi assim que Peter se sentiu quando entraram na propriedade.

John posicionou a cadeira de forma que o jogador pudesse sentar com facilidade. Em uma pasta, trazia os exames e documentação médica do paciente. Ambos dirigiram-se à entrada do edifício, onde as portas automáticas se abriram para uma elegante área de recepção.

Uma das paredes abrigava uma pintura a óleo de um jovem, acompanhada por uma placa que dizia: “Em memória do filho amado, marido dedicado e pai exemplar, Dr. George O'Connor”. O jovem parecia ter a mesma idade de Peter. Seu ar imponente causava respeito. O olhar do quadro parecia observar todos que entravam no edifício com muita atenção, exibindo

um sorriso que transmitia paz, tal como tudo naquele lugar.

Eles foram recebidos com um sorriso. John informou que tinham uma consulta marcada com a Dra. Rachel O'Connor e as funcionárias fizeram o cadastro requerido, entregando seus cartões magnéticos, que garantiam a passagem através das cancelas, guardadas por seguranças.

Peter sentiu os olhares de todos sobre ele. Peter Carlsson era uma estrela e, agora, estava ali, como qualquer simples mortal. Sentia que todos estavam com pena dele e pensou em desistir, mas John empurrou a cadeira forçando-o a prosseguir. Os dois passaram por salas em que terapeutas ajudavam pacientes a fazer exercícios em máquinas de última geração.

Prestando atenção ao seu redor, Peter viu que ali havia pessoas de todas as idades, desde crianças até idosos, e seu coração ficou apertado. O que lhe chamou a atenção é que nenhum dos pacientes estava triste com a sua condição, mas nenhum deles era Peter Carlsson, a promissora estrela do futebol americano. Ele tinha uma vida de celebridade, com multidões gritando o seu nome, era um ídolo, e aquelas pessoas eram apenas normais.

Uma enfermeira sorridente lhes esperava. A moça os cumprimentou e informou que o médico iria recebê-los:

— Seja bem-vindo, Peter Carlsson. O famoso jogador! — Disse o médico sorridente, saindo de trás da mesa para cumprimentar o recém-chegado.

— Ex-jogador. Não posso mais jogar! — Peter enfatizou, olhando para a cadeira.

— Peter, não existe “ex” em nada na vida. Você é, e sempre será, um grande jogador! — O médico bateu no braço dele e, em seguida, cumprimentou John. — Ainda bem que podemos ajudá-lo.

— Ajudar? Vai me por para andar novamente? Acho que não pode me ajudar. Só estou aqui para não ter que aturar meu pai e meu cuidador. — Peter respondeu, batendo nas pernas para reforçar que não sentia nada.

O médico olhou para John e sua expressão se fechou. Tirando os óculos, ele se dirigiu ao rapaz.

— Foi um prazer conhecê-lo! — Ele disse e estendeu a mão. Peter não entendeu a atitude, mas o médico continuou de mão estendida e disse: — Se

sabe de tudo, não temos mais nada a fazer aqui. Creio que você deveria ser o médico e eu o paciente.

— Doutor... — John ia dizer alguma coisa, mas o médico sinalizou que ele ficasse calado.

— Se não quer descobrir o que podemos fazer por você, está no seu direito. Vivemos em um país livre. Mas, lamento informar, não aceitamos esse tipo de atitude em nossa clínica. Podemos ajudar? Claro que podemos! Se você quiser ser ajudado. Nós fazemos o possível, os milagres ficam por conta de Deus, você pode fazer o impossível com a ajuda de Deus. Se quiser a nossa ajuda, Sr. Peter Carlsson, teremos prazer em recebê-lo. Ou podemos nos despedir e eu lhe desejo “Boa sorte”! — O médico encarou o jogador sério — Como vai ser?

Peter olhou para o homem, e para sua mão estendida, e soube que precisava tomar uma decisão. Aquele homem não estava ali para tratá-lo como um coitado, mas para ajudar a encontrar o caminho que ele tinha perdido há muito tempo, mesmo antes de perder os movimentos das pernas.

John observava, querendo saber qual seria a escolha do jogador. Esperava que ele desse uma oportunidade à clínica de reabilitação. O enfermeiro sabia que não havia muito mais que pudesse fazer por Peter. Agora, ele precisava de uma ajuda focada em sua cabeça, seus sentimentos e alma para, depois, cuidar do corpo.

CAP. 7

UMA CHANCE?

Peter e John foram instalados em um apartamento bastante confortável, dentro do centro de reabilitação. Contava com uma pequena cozinha para alimentações rápidas, e uma suíte adaptada às necessidades do jogador. Tudo

era agradável e acolhedor, com uma decoração simples e elegante; os pacientes tinham a sensação de estar em casa, com todas as facilidades necessárias.

Nem todos contavam com a presença de um cuidador, como Peter, e as acomodações permitiam que os pacientes, além de manter a privacidade, reaprendessem a levar uma vida, relativamente, normal. Na clínica, os pacientes podiam encontrar um caminho para conviver com suas deficiências, fosse por meio de cirurgias, ou pela adaptação às novas condições do dia-a-dia. O ambiente calmo ajudava a crer que existe vida após uma tragédia; que perder um membro, ou ficar numa cadeira de rodas, não significa deixar de viver.

Para Peter, o dia começou muito cedo. John ajudou-o a se preparar. Mesmo com o mau humor habitual, havia uma réstia de esperança nos olhos do jogador. Naquele lugar, sentia-se a realidade e, de algum modo, isso provocava o sentimento.

Os pacientes faziam as refeições juntos, e mesmo os que estavam acamados eram encaminhados para o enorme salão de convivência, onde pacientes, familiares e funcionários podiam interagir.

Quando Peter entrou no local, ficou abismado pelo número de pessoas que compartilhavam de seu sofrimento. Crianças, jovens, pessoas de todas as idades encontravam-se ali, buscando uma alternativa para suas vidas, ou tentando aprender a lidar com a nova realidade.

Peter observava a todos, sem querer acreditar que era como eles. Há dois anos, quando corria pelos gramados, marcando pontos e levando as multidões à loucura, não podia imaginar, nem em seus piores pesadelos, estar em um lugar como aquele.

Um menino cadeirante passou por ele rapidamente, retornando na mesma velocidade. O garoto encarou Peter e um enorme sorriso surgiu em seu rosto. O jogador sentiu-se constrangido ao ser observado pela criança.

— É mesmo você? — O menino não acreditava nos próprios olhos.

A expressão de Peter ficou carregada. Ele não gostou de ser

reconhecido. John bateu-lhe no ombro e fez cara de reprovação. Afinal, era apenas uma criança.

— Peter Carlsson! Eu nem acredito! Sou seu fã e.... — O menino tocou na perna do jogador e Peter se sentiu mal com a atitude da criança. — Você é o melhor jogador de todos os tempos.

— Eu não sou mais jogador! — Peter respondeu, arrastando a cadeira.

— É sim. Há um ano, quando, por um acidente, fiquei nesta cadeira, eu pensava: “agora sou parecido com meu ídolo”! — O sorriso da criança era legítimo e honesto. — Depois posso tirar uma foto com você? Meus amigos não vão acreditar que eu estou na mesma clínica que Peter Carlsson.

— Não... — Peter estava pronto para dar uma resposta agressiva quando foi interrompido por John.

— Ele vai tirar uma foto com você, sim! Mas agora é melhor deixá-lo comer. Ele fica de mau humor quando está com fome! — O enfermeiro brincou, sorrindo para a criança.

— Eu sei como é. Também sou assim! Bom te conhecer, campeão. — O garoto falou, vendo o jogador se afastar sem responder.

Peter e John pegaram uma bandeja, escolhendo o que desejavam comer, e foram para uma mesa mais reservada; o jogador não desejava outro encontro com alguém que o reconhecesse. Quando se acomodaram, John estava sério e, zangado, olhava para Peter.

— Que foi? — O jogador perguntou?

— O que foi? — John devolveu a pergunta. — Como não havia fotografos por perto, você mostrou sua verdadeira face. Na próxima vez eu contrato um *paparazzo* para você ser mais simpático. Era uma criança! Viu a expressão de felicidade dele quando te reconheceu? E você parecia um idiota.

— Você me chamou de que? — Peter questionou?

— Idiota, para não ofender ninguém da sua família! — John bebeu um gole de suco e continuou — Uma criança! Aprenda a ser mais generoso com as pessoas.

Peter ficou carrancudo. John voltou a comer, deixando o rapaz

observando as pessoas na sala, convivendo uns com os outros. Aquele não era o mundo dele e não era obrigado a ficar ali. Sentia que todos olhavam para ele, mas ninguém se importava com a sua identidade; para os presentes, ele apenas mais um paciente, como tantos outros que já haviam passado pela instituição. O café da manhã foi silencioso, com os dois rapazes absortos em seus próprios pensamentos.

A primeira consulta de Peter seria com a Dra. Rachel O'Connor que, além de dar as boas-vindas, explicaria os procedimentos adotados nos primeiros dias na clínica. Os dois, ainda calados, seguiram em direção à sala da médica. Na recepção, uma moça sorridente veio recebê-los.

— Bom dia! A primeira consulta quase sempre é realizada pela Dra. Rachel, mas houve um pequeno contratempo no Hospital de Seattle e ela ficou retida. Quem vai atender o senhor é o Dr. William, outro membro da equipe! — Ela comunicou, indicando a porta diante deles.

Peter não gostou de ser atendido por outra pessoa. Ele estava pagando uma pequena fortuna e deveria ser recebido pela responsável do local, não por um auxiliar. Seu nome deveria garantir tratamento *VIP*.

Entrou na sala mostrando que não gostou da troca de médicos. O homem que os esperava era pouco mais velho que o jogador, vestia um jaleco branco e gravata, e tinha o cabelo raspado. Seu porte físico indicava que passava um bom tempo na academia. Peter estava acostumado a reconhecer pessoas que treinavam tão pesado quanto ele próprio costumava:

— Bom dia, Peter Carlsson! — O médico estendeu a mão, cumprimentando primeiro o paciente e, depois, John. — Primeiramente, peço desculpas pela ausência da Dra. Rachel, ela teve uma cirurgia no Hospital de Seattle, seguida de uma reunião da direção; como ela é uma das donas, não pôde se ausentar. Meu nome é William Peterson e vou explicar o que vamos fazer aqui na clínica.

— O Doutor analisou os exames que enviei? — Questionou John, sorrindo para o médico.

— Sim. E vamos repetir todos eles aqui mesmo! — Respondeu o médico, olhando para Peter. — Acreditamos que existe uma chance para todos.

— Uma chance? — Peter sentiu-se animado pela resposta do médico.

— Sim. Acreditamos que todas as pessoas têm uma chance de levar uma vida normal; seja conseguindo voltar a andar, ou aprendendo a viver com suas limitações. Todos nós temos limitações, sejam elas físicas, psicológicas ou emocionais, que nos impedem de fazer o que desejamos! — O médico encarava Peter.

— Esse tipo de chance? De continuar a ser um aleijado? — Peter devolveu, se desviando do olhar do médico.

— Peter, você que saber se vai voltar a jogar? A andar? Se vai ficar, para sempre, numa cadeira de rodas? Sinceramente, eu não sei. Vamos pesquisar juntos, a equipe médica e você. Há métodos que estão ajudando a reverter alguns quadros. E, também, há Deus. Você acredita em Deus? — O homem esperou uma resposta.

— Não! Se Ele existisse, não teria deixado isso acontecer comigo. Afinal, eu sou... Ou era, Peter Carlsson! — Peter ficou com raiva da pergunta do médico.

— Peter, nós recebemos desde crianças de colo até idosos. Para nós, todos são especiais. Se conosco é assim, pode acreditar que, para Deus, você é ainda mais especial! — O médico sorriu para o paciente, que se mostrava difícil.

Naquela manhã, o médico explicou detalhadamente os exames que realizariam. Também analisaram, em conjunto, os resultados que já tinham em mãos. Fizeram alguns testes de sensibilidade e conversaram, para solucionar todas as dúvidas que o jogador pudesse ter. Depois da conversa franca, Peter entendeu que todos iriam trabalhar junto com ele para encontrar uma resolução para seu problema. Tudo era uma questão de tempo.

O médico apresentou as cirurgias que estão sendo realizadas em todo o mundo, com resultados positivos; apresentou casos de cadeirantes que voltaram a andar e, também, pessoas que viveram verdadeiros “milagres”, inexplicáveis para a medicina. Ele deixou claro que, para Deus, não havia impossíveis.

Todos na clínica de reabilitação eram protestantes e serviam a Deus. Em alguns dias da semana, eram oferecidos cultos para que os pacientes participassem e um dos pastores fazia um trabalho de evangelização com

todos os internos.

CAP. 8

QUEM É RACHEL O'CONNOR?

Quando a limusine preta cruzou os portões, a noite começava a cair em Seattle. A mansão dos O'Connor era uma das mais valiosas propriedades em toda a região, localizada em um terreno de onze mil metros, com um bosque deslumbrante e uma enorme casa, que mais parecia um pequeno palácio em uma cidade moderna. A casa estava na família há mais de cinco gerações.

Os O'Connor constituíam uma das famílias mais influentes dos Estados Unidos. Eram famosos filantropos, com controle de hospitais e empresas em diversas áreas, inclusive na exploração de petróleo. Também contavam com membros na política: Teddy O'Connor era um dos senadores mais influentes de Washington; viúvo e dedicado à família que lhe restara após a morte prematura do filho. Ele, agora, devotava a vida a ajudar os necessitados e era adorado pela população de Seattle.

George O'Connor, falecido há três anos, era um jovem e respeitado médico, que perdera a vida em um acidente, deixando dois filhos, Kristin e Joseph, com idades de sete e cinco anos. Casado com uma colega da faculdade, Rachel O'Neil, uma das melhores alunas do curso de Medicina.

Ambos ficarem encantados um pelo outro. Durante meses, o rapaz correu atrás dela, sempre ouvindo um sonoro “Não” como resposta.

O coração de Rachel estava fechado. No passado, quando ela permitira que alguém se aproximasse, saíra muito machucada. “Meninos ricos são todos iguais”, ela pensava. Mesmo George sendo um aluno aplicado, não conseguia conquistar a confiança da moça, o que contribuía para aumentar sua paixão. Em um dia de chuva, os dois se aproximaram e não se largaram até o dia em que o jovem perdera a vida, deixando Rachel sozinha com seus filhos, mãe e sogro.

Todos moravam na maravilhosa mansão, em Seattle. O lugar era maravilhoso, elegante e requintado. Alguns espaços pareciam ser a réplica de um museu. Obras de arte clássica e móveis seculares, passados de geração em geração, tapetes persas e esculturas de mármore, agora faziam parte do mundo da menina simples que servia cafés. A garçonete do interior mudara muito, se tornara médica, vivia cercada de cristais e porcelanas, um batalhão de empregados e um mordomo inglês, e esquecera aquela noite distante.

A garota que comprava roupas em *outlets* e outras lojas baratas, agora se vestia com roupas de grife e joias caras. Formada em Medicina, com especialização em Neurologia, era muito ocupada. Ela foi uma das médicas mais novas a ganhar prêmios internacionais em neurocirurgia e, além disso, nos últimos anos se especializara em ortopedia, para continuar o trabalho do marido com a clínica de reabilitação. Rachel geria, com mão de ferro, um dos hospitais mais importantes da cidade, assim como alguns outros negócios da família.

Quando a limusine parou, o mordomo estava a postos para abrir a porta e receber a valise da médica.

— Boa noite, Rupert! — Ela cumprimentou.

— Boa noite, senhora! — Ele devolveu com toda a pompa e educação, comuns aos britânicos.

— Onde estão os meninos, minha mãe e o pai? — Rachel questionou, sorrindo.

— O Senador ficou retido em Washington. Acredito que sua mãe esteja na sala de TV, e os meninos estão no quarto dos brinquedos! — Ele, como

sempre, estava no controle de tudo.

Amavelmente, Rachel olhou para o empregado e pediu:

— Rupert, leve-me um chá “*Da Hong Pao*” na sala de TV, estou com uma dor de cabeça enorme! — Ela disse, já se encaminhando para o local.

Sentada no sofá, com uma revista aberta sobre as pernas, a mãe de Rachel dormia tranquilamente. A casa estava silenciosa, apenas o som baixo do aparelho de TV dava alguma vida ao espaço. Rachel sorriu ao ver a mãe assim. Leona era uma mulher muito diferente; tal como a filha, em nada lembrava a empregada que trabalhava na cozinha de um restaurante. Agora, Leona O’Neal era a mãe de uma grande médica, herdeira de uma das maiores fortunas de todo o estado.

Sentou-se do lado da mãe e, carinhosamente, beijou-a no rosto, despertando-a de seu sono.

— O programa e a revista estão bons? — Rachel brincou.

— Sim. Adoro a mulher que está falando! — Respondeu Leona, olhando para a tela em que um homem apresentava o jornal.

— Hummmm. Eu acho que já se passaram algumas desde o programa que estava assistindo! Como estão os meninos? — A moça brincou, sua voz era suave como o habitual.

— Brincaram e agora estão tranquilos, vendo um filme no quarto dos brinquedos! E como foi seu dia? Esteve na clínica? — Rachel e Leona tinham o mesmo sorriso.

— Não. Eu precisava ir até a clínica acompanhar um novo caso, de um famoso jogador de futebol, mas tive uma cirurgia pela manhã e uma reunião à tarde, com a equipe administrativa. Estou com uma dor de cabeça horrível! Também precisava falar com o pai, mas soube que ele vai ficar na capital. — Ela disse, encostando o rosto no ombro da mãe.

— O pastor ligou! Ele disse que precisa falar com você. Acho que ele queria pedir uma ajuda para o centro das crianças. Disse que você retornaria mais tarde. — Informou Leona.

Os O’Connor eram presbiterianos; mesmo sendo uma família de políticos muito ricos, eram pessoas tementes a Deus, sempre ajudando e

procurando fazer o que era correto aos olhos do Senhor. Por esse motivo, quando conheceram Rachel e a viram cantar na igreja, receberam-na como uma filha. Tinham orgulho da história de vida daquelas duas mulheres. O casamento apenas oficializou seu *status* de membro da família.

As portas da sala se abriram, dando passagem aos filhos de Rachel que, correndo em sua direção, gritaram: “Mãe”! A moça abriu os braços e beijou os filhos, sendo empurrada no sofá por eles. Mais atrás vinha Rupert, com ar de desaprovação pela atitude das crianças.

O mordomo trazia o precioso chá “*Da Hong Pao*”, um dos mais caros do mundo, com uma história tão peculiar quanto seu preço. Ele era extraído da árvore de mesmo nome, existente apenas em uma montanha da China, e colhido somente na primavera, após uma prece feita ao “Deus do chá”. Em seguida, as folhas são lavadas com leite de cabra e cozidas, passando oitenta anos em repouso para ganhar sabor. O ritual custava cada centavo investido no produto final. Alguns dizem que a erva seca vale mais que ouro, e que têm poderes especiais. Alguns afirmam que tem propriedades medicinais. Diz a lenda que, quando a mãe do imperador ficou doente, foi curada pelo chá dentro de um mês.

Com a delicadeza e conhecimento de alguém que servia a família há muitos anos, o mordomo serviu o chá e se retirou, sem fazer nenhum comentário.

— Crianças, deixem a mãe tomar esse chá. Estou com uma dor de cabeça muito forte! Como foi o dia de vocês? Sem gritar, por favor! — Rachel pediu, beijando as duas crianças.

Joseph ia começar a contar, em um tom de voz alto, mas se controlou e sussurrou:

— Nós brincamos, mãezinha! — O menino sorria.

— Muito? — A mãe sussurrou de volta, tomando o chá.

— Sim, mas a Kristin não me deixou vê-la desenhando! — Ele declarou, indicando que ficara triste.

— Mãe, é uma surpresa! — A menina respondeu e piscou um olho.

— Uma surpresa? Para quem? — A médica estava curiosa.

— Mãe, é surpresa! — Kristin gritou, imediatamente lembrando que a mãe estava doente, e arregalando os olhos.

— Seu avô vai ficar na capital. Acredito que vocês só irão para a casa do lago no fim de semana. — Rachel informou, fazendo carinho nos filhos.

As crianças ficaram com expressões tristes e foram abraçadas com todo o carinho pela mãe. Eram crianças muito meigas e tinham herdado isso dos pais. Os cabelos cacheados e os olhos verdes vieram da mãe, mas ambos também tinham traços do pai.

Quando terminou o chá, Rachel subiu para seu quarto para tomar um banho. Ela repetiu o ritual que fazia desde a partida do marido: sentou em uma poltrona, diante da foto de George, e contou sobre seu dia; beijou-o e, em seguida, entrou no banho quente e demorado.

O dia seguinte traria muito trabalho na clínica de reabilitação. Precisava conhecer o paciente novo e visitar todos os outros internos. Sempre que estava na clínica, ela gostava de fazer isso.

CAP. 9

O NOVO PACIENTE

Diante da porta da clínica, o motorista abriu a porta para Rachel, que vestia um elegante vestido vermelho, óculos de sol, e segurava sua bolsa e valise; o cabelo solto mostrava a beleza sensual, que lhe era natural, mas muito mais sofisticada. Ela não lembrava, em nada, a garçonete que um dia servira cafés. Agora, ela tinha motorista, dinheiro, avião particular e um sobrenome de peso.

No saguão da clínica, olhou para o quadro do falecido marido e sorriu, como sempre fazia. Sentia-se observada por ele, protegida, tranquila. As recepcionistas levantaram para cumprimentar a médica e ela sorriu para agradecer o carinho. O eco dos saltos no silêncio da clínica transformava o ambiente.

Rachel percorreu os corredores, observando as atividades dos pacientes e os monitores. Sentia-se orgulhosa de sua obra em conjunto com o marido. Parou diante da sala em que alguns pacientes faziam fisioterapia. Um dos pacientes que estava de costas lhe chamou a atenção. A secretária se aproximou e a cumprimentou.

— Bom dia, Doutora! — Alice falou, sorrindo.

— Bom dia. Quem é aquele paciente de costas? — A médica perguntou ainda observando o rapaz.

— É o novo paciente. O jogador de futebol que ficou em cadeira de rodas por conta de um acidente! — Informou a secretária.

— Quem o atendeu? — Rachel analisava a forma como ele se movimentava e percebia algo estranho no rapaz; ele ainda não tinha aceitado sua condição.

— O Dr. William. Pelo que parece, é um daqueles pacientes difíceis! — Alice comunicou, indicando que talvez tivessem problemas com ele.

— Quem é aquele que está com ele? — A médica se referia a John.

— O cuidador particular, exigência da celebridade... — A moça respondeu,

sorrindo.

— Mande entregar a ficha dele, quero saber mais sobre o famoso! Nosso trabalho é ajudar, mas primeiro quero saber a quem. Ele passou pela psicóloga? — Algo naquele homem fez o coração de Rachel apertar.

— Ele se recusou, doutora! — Alice disse, torcendo o nariz.

Rachel ficou ali, observando-o. Era um rapaz jovem, devia ter a sua idade, pensou ela. Tinha uma boa constituição física, mas seus movimentos indicavam alguém que estava ali apenas por obrigação, e não com vontade de vencer seus problemas e limitações. Apenas olhando, a médica conseguia identificar as atitudes dos pacientes.

No meio da observação, alguém lhe puxou o vestido. Rachel voltou-se para ver quem estava chamando. Um menino cadeirante sorria para ela. A médica abaixou-se e beijou o garoto e os dois começaram a conversar.

Na sala, John se deu conta da presença da médica e disse:

— Aquela é a Doutora Rachel O'Connor!

Rapidamente, o jogador moveu a cadeira para ver quem era a velha senhora e ficou surpreso. A mulher que estava de costas para ele era jovem demais para ser a responsável pela clínica, e uma das mais importantes neurocirurgiãs do país. Era uma mulher elegante, com o cabelo, muito bem cuidado, solto; roupa de marca e um corpo deslumbrante. Peter ficou fascinado com ela. Em outros tempos, teria gostado de conhecê-la, mas, agora era apenas um aleijado.

Com esse pensamento, e mesmo contrariado, voltou a se concentrar nos exercícios. Rachel voltou a olhar para a sala e foi cumprimentada por John. Sorrindo, ela acenou de volta e foi para sua sala. Ela sabia que aquele homem precisaria de muita ajuda, a qual ele receberia ali na clínica.

Rachel sentou-se em seu escritório. Diante de si estava a pasta com os dados do novo paciente. A médica sorriu ao imaginar o trabalho que teria com ele. Decidiu checar seus *e-mails* para, em seguida, dar atenção ao recém-chegado. Respondeu algumas mensagens, mas, volta e meia, olhava para a pasta. Algo ali a atraía. Rachel gostava de desafios e de casos complicados, e aquele homem era uma dessas situações.

O telefone tocou e a moça prontamente atendeu, por se tratar de sua linha particular. Do outro lado, uma voz alegre falou:

— A Paz do nosso bom Deus! — Rachel sorriu ao reconhecer a voz do pastor.

— Amém, Pastor! Como está o senhor? Sei que precisa conversar comigo! — Ela respondeu feliz, já imaginando o assunto.

— É verdade. Preciso de uma ajuda para as crianças do Instituto e... — O pastor estava envergonhado por, mais uma vez, pedir ajuda financeira.

— Pode deixar. Vou mandar Alice fazer uma transferência. Para essas crianças não pode faltar nada! Estou pensando em dar uma festinha para eles na nossa casa, com muitas brincadeiras, para aproveitarem o final do verão. O que acha? — A moça sorriu ao ouvir um “Glória a Deus!” do pastor.

— Filha, eu posso falar uma coisa que Deus mandou dizer para você? Falo assim porque sei que você acredita. Não sei o motivo e sinto passar essa mensagem... Posso? — Questionou o pastor, com algum receio.

— Pode falar, pastor! — Rachel sabia que, daquele homem, sempre vinhas mensagens de Deus.

— O Senhor Jesus, quando foi pregado e maltratado na cruz, apenas disse “Pai, perdoa porque não sabem o que fazem”, e assim Ele demonstrou como devemos amar; principalmente quem nos faz ou fez mal! — O homem afirmou.

— Por que isso pastor? Acho que Deus sabe que, no meu coração só existe amor! — Rachel ficou pensativa.

— Eu sei, filha. Mas se Deus mandou dar esse recado, Ele sabe a razão. Quem sabe, em breve, você tenha que demonstrar esse amor verdadeiro? — O pastor estava emocionado.

— Não vou esquecer, pastor. Pode deixar! Bem, preciso atender meus pacientes. Aviso o senhor assim que a transferência for realizada. Deus o abençoe! — Concluiu Rachel, pegando a pasta do jogador.

— Amém, filha! — Respondeu o homem, desligando em seguida.

Rachel ficou pensando nas palavras do pastor e seus olhos foram,

novamente, atraídos para a pasta em suas mãos. Abrindo-a, seus olhos se arregalaram ao se deparar com a foto do paciente em questão. Não podia acreditar em quem estava vendo diante de si. Percorreu a ficha para confirmar o nome e leu: Peter Carlsson.

Um arrepio percorreu o corpo da médica ao ler aquele nome. Durante todos aqueles anos tentara esquecer aquele homem e, agora, ele estava ali, em sua clínica. Ele era o famoso jogador que fora até lá para pedir sua ajuda. Emoção se misturou a nojo ao contemplar a foto.

A voz do pastor invadiu seus pensamentos: “O Senhor Jesus, quando foi pregado e maltratado na cruz, apenas disse “Pai, perdoa porque não sabem o que fazem”, e assim Ele demonstrou como devemos amar; principalmente quem nos faz ou fez mal!”

Rachel sentiu ânsias de vômito ao recordar de tudo que escondera dentro de si. Visualizou-o ali, perto dela, preso a uma cadeira de rodas. Uma lágrima rolou em seu rosto ao imaginar como seria encarar Peter depois de tantos anos. Tanta coisa mudara em suas vidas... Ela não era mais uma simples menina; e ele não era o rapaz mais desejado da escola, por quem vivera uma paixão secreta.

Sua ilusão foi destruída em uma única noite e o responsável estava a poucos passos de distância. Invadida pela angústia, Rachel começou a chorar, lembrando-se de tudo enquanto olhava para a foto. “Peter Carlsson precisa da minha ajuda? ” Aquela pergunta aumentava sua raiva. A imagem daquela foto em nada lembrava a imagem guardada em sua memória, de quinze anos atrás.

CAP. 10

UM DESABAFO

O corpo de Rachel ainda tremia quando ela entrou no carro. Felizmente, a moça sempre andava com motorista, pois não teria condições de dirigir até o centro de Seattle, para encontrar sua amiga. Quando viu a ficha de Peter, sentiu a necessidade de desabafar com alguém. E essa pessoa era Tracy Ullman, uma das poucas amigas em quem confiava o suficiente para contar quem tinha voltado para sua vida. Tracy e Rachel eram amigas desde a época da faculdade. Ambas dividiram o mesmo quarto e ficaram muito próximas. Ela também era médica, uma das pediatras do hospital gerido por Rachel.

Naquele horário o trânsito era complicado no centro da cidade. Quando pararam na frente do restaurante, a médica ainda estava chocada. Seus pensamentos ainda estavam focados na foto e nos registros que ficaram sobre sua mesa.

Um dos funcionários abriu-lhe a porta e ela olhou para o relógio, verificando se estava muito atrasada. No fundo do salão, uma mulher loira

acenava para Rachel. Tracy era uma mulher deslumbrante. Alta, com o corpo cheio de curvas, graças a alguns quilos extras, que deixavam sua beleza ainda mais sensual, uma farta cabeleira loira e olhos azuis brilhantes que chamavam a atenção de todos, bem como sua roupa e maquiagem.

Enquanto Rachel era uma mulher elegante e discreta, sua amiga era exatamente o oposto. Em comum, além da amizade, tinham o fato de serem excelentes profissionais. As duas se cumprimentaram e Tracy percebeu que a amiga não estava bem.

— Agora entendi porque marcou este almoço assim, de uma hora para outra!
— Ela disse sorrindo.

— Eu precisava falar com alguém, e... — O semblante de Rachel estava alterado.

— Precisa da psicóloga Tracy, ou apenas da amiga? — Ela brincou, tentando animar Rachel.

— Das duas! Ele apareceu de novo na minha vida! — Rachel disse, bebendo água. Na realidade, ela precisava de algo mais forte.

— Ele? Quem? — Tracy não entendia a quem a amiga se referia.

— Peter Carlsson! — Rachel engoliu mais água. Sua garganta estava seca.

— Peter? O jogador? — Tracy estava surpresa e ainda não havia associado o nome à pessoa.

— Sim, o ex-jogador. O maldito que me... — Rachel respondeu, sem conseguir terminar a frase.

Automaticamente, Tracy se lembrou do segredo que a amiga tinha lhe confessado no passado. Respirou fundo, pois sabia quanto sofrimento tudo aquilo tinha causado na vida da moça. Segurou a mão da amiga, transmitindo força naquele momento complicado. O segredo do qual apenas Tracy e George haviam compartilhado voltara para assombrar a vida de Rachel.

— Mas o que ele quer agora? — Tracy estava curiosa com a história.

— Ele está na clínica. Como paciente! — Declarou Rachel, frustrada.

— É verdade. Eu li alguma coisa sobre isso... Meu ex-namorado era fã dele. Soube que houve um acidente e tinha abandonado o futebol americano. Mas

aparecer na clínica? É grave? — Ela estava surpresa com tudo aquilo.

— Ele está paraplégico. Foi para a clínica procurando uma solução. — Contou Rachel, constrangida ao recordar o passado.

— Peter Carlsson está na clínica porque está paraplégico? Agora quem precisa de uma bebida sou eu, mas algo com álcool! — A revelação deixou Tracy chocada. — Ele viu você?

— Não, ele não me viu, ainda! É praxe que todos os pacientes passem por uma consulta comigo. Eu não vou conseguir encará-lo! — Ela disse, sentindo-se mal.

— Você não vai? Vai sim! Para ele ver quem é Rachel O'Connor. No mínimo, pessoas como ele nem se lembram do que fizeram, e você não deve ter vergonha e nem medo dele. Ele é quem devia estar envergonhado do que fez! — Tracy devolveu, revoltada.

— Antes de eu descobrir, o pastor da clínica ligou e transmitiu um recado de Deus, para me preparar! — Rachel respirou fundo enquanto Tracy a encarava, querendo saber o restante da história. — Ele falou que eu devia perdoar.

— Perdoar? Um desgraçado que fez o que ele fez não merece qualquer tipo de perdão. Eu o encararia, humilharia e expulsaria da clínica!

— Ele não parece o Peter que eu conheci. Naquela cadeira de rodas... — No meio da explicação de Rachel, Tracy se exaltou.

— Numa cadeira de rodas? Ainda é pouco! Você devia ter denunciado o que ele fez, e ter acabado com aquela gente! — Nervosa, Tracy tomou um gole do vinho que tinham lhe servido.

— Eu não sei como vou reagir quando estiver na frente dele! Durante anos eu odiei. Mas vendo a situação em que ele está agora, me pergunto se ele não teve o castigo de Deus. O menino bonito da escola agora depende dos outros e precisa da minha ajuda! — Rachel ainda não queria acreditar que tudo aquilo fosse verdade.

— Entendi, Rachel. Encontre com ele, enfrente o seu maior pesadelo e... — Tracy sorriu e continuou — E faça o que o seu coração mandar. Eu não conheço melhor pessoa que você! Sei que é capaz de ajudar um inimigo e dar

a mão a quem precisa. Eu juro que ia bater nele, mas você chegou aonde chegou por conta desse coração maior que o mundo. Foi por você ser assim que o George se apaixonou perdidamente.

— George iria querer ajudá-lo. Eu preciso buscar forças de Deus para isso! Foi um choque quando vi a ficha dele e não sei como vou encará-lo. Mas preciso ser forte e pensar que Jesus Cristo pediu ao Pai para perdoar quem lhe fazia mal! — Rachel respondeu, com um sorriso forçado.

— Acho esse amor lindo. Mas eu sou mais do tipo “olho por olho e dente por dente” e, de preferência, com muita dor para quem fez mal! — Tracy afirmou, fazendo a amiga rir.

— Quem diria que, um dia, os Carlsson precisariam da ajuda da empregada?
— Rachel ainda estava incrédula diante dos acontecimentos.

As duas mulheres continuaram conversando sobre o sucedido, e como imaginavam o que aconteceria quando os dois estivessem juntos, no mesmo espaço. Alguma coisa dizia a Rachel que aquele reencontro tinha algum propósito maior. Ela nunca desejou saber sobre Peter e, de repente, ele retornava ao seu presente, precisando de seu auxílio... No fundo, apesar do medo que sentia, queria entender os planos de Deus ao recolocar em sua vida o homem que lhe fizera tanto mal.

CAP. 11

UM ENCONTRO INDESEJADO

O almoço com Tracy ajudou Rachel a tomar coragem para enfrentar seu passado, carregado de sentimentos negativos e sofrimento. Quando entrou na clínica, tinha a certeza de teria de estar de frente para o rosto que, durante anos, foi sua paixão secreta, convertida em decepção dolorosa logo em seguida.

Pediou que sua secretária chamasse o paciente Peter Carlsson; também pediu todos os exames feitos desde que ele chegara à clínica. Vestiu o jaleco e respirou fundo, procurando coragem dentro de si para encarar aqueles olhos. Não tinha ideia de como reagiria quando ele falasse ou tivesse que lhe dirigir a palavra. Era uma situação inevitável, e que precisava ser resolvida o mais rapidamente possível.

Ela estava longe de ser a Rachel O'Neal que ele conheceu. Mas Peter Carlsson também não era o rapaz de quem ela tinha tanto medo. A vida de ambos mudara radicalmente. Ainda imersa em seus pensamentos, Rachel foi despertada por uma batida na porta. A assistente anunciou a presença de Peter Carlsson e de John.

O cadeirante entrou na sala olhando para baixo e não notou que Rachel estava parada à sua frente. A cadeira deslizou em direção à mulher e ele travou a cadeira junto dela. Os olhos dele se elevaram, percorrendo pernas elegantes. Quando os olhos dos dois se cruzaram, Peter se assustou: havia algo de familiar nela; aquela mulher lhe lembrava alguém.

Os olhos verdes eram hipnotizantes e, por alguns segundos, Peter ficou admirando-a, até que estendeu a mão para cumprimentá-la. Vendo-o daquele jeito, Rachel sentiu a raiva tomando conta de seu corpo, e desejou não estar de frente com o rapaz, mas era muito tarde para isso.

Peter não era mais o jovem fascinante de quem ela lembrava. A cadeira lhe roubara o brilho; os olhos estavam carregados de amargura, assim como o restante do semblante. A musculatura e o porte desenvolvidos no trabalho como jogador se mantinham com ele, mas, além disso, em nada ele lembrava a paixão de sua juventude.

Sem cumprimentá-lo, Rachel foi até sua mesa e pegou os resultados dos exames do paciente.

— Meu nome é Dra. Rachel O'Connor. Eu analisei seus exames com cuidado! Sua lesão ocorreu em um ponto crucial. Por pouco o senhor não ficou tetraplégico; é um homem de sorte! — Disse a médica, concentrada nos papéis para evitar o olhar de Peter.

— Sorte? Ficar numa cadeira de rodas é ter sorte? Sorte seria eu ter morrido!

— Ele retrucou, batendo na cadeira de rodas, sem olhar para a médica. Sua voz estava carregada de amargura, refletindo os olhos.

— Acredito que não me expressei direito! — Rachel pousou os exames sobre a mesa, se esforçando para enxergar um cadeirante necessitado de ajuda, e não Peter Carlsson. — O que espera de nós, Sr. Carlsson?

— Eu? Nada! Estou aqui por obrigação, apenas para não ter que aturar meu pai e meu cuidador! São eles que acreditam que vocês podem me ajudar! — Peter respondeu enquanto encarava John, muito sério diante dos modos de seu paciente.

— Não tem esperanças de que o possamos ajudar? — O jogador acenou negativamente e olhou para o chão. Alguma coisa naquela mulher o impedia de olhar diretamente para ela. — Então, não sei o que está fazendo aqui! Se não acredita que podemos ajudá-lo, as portas estão abertas. Para ir embora quando desejar.

John ia argumentar, mas Rachel sinalizou para que ele ficasse quieto. Peter olhou para a mulher que, por algum motivo desconhecido, o atormentava. Aquelas palavras eram duras demais e tinham o mesmo tom que sua mãe usava com ele desde o acidente.

— Se você não acreditar, nós não poderemos ajudá-lo. Nós não fazemos milagres; estes pertencem a Deus. Mas podemos ajudar a conseguir algum resultado, nem que seja em sua aceitação da nova condição de vida. — Rachel declarou, procurando ser profissional embora seu corpo estivesse tremendo.

— Condição? Quer dizer aleijado? — Aquela forma de falar irritou Rachel profundamente.

— Realmente, deve ser muito difícil para o jogador famoso se sentir um “aleijado”. Aposto que, em toda a sua vida, nunca se preocupou com as pessoas que tinham alguma limitação. Imagino que, durante a vida escolar,

devia pensar que era o indestrutível, capaz de conseguir tudo e conquistar todas as pessoas. Por ser um atleta, deve ter sido o queridinho de todos, namorando a menina mais famosa da escola. Deve ter tido, sempre, tudo o que desejou. Quando se tornou um jogador profissional, acreditou que não podia sofrer. Agora, está assim porque nunca deu valor a ninguém além de você mesmo!

A voz de Rachel foi se alterando e elevando durante o discurso. Peter olhou para John, que também estava surpreso com a médica; quando a conheceu ela pareceu ser uma mulher doce e simpática. Ela estava bem diferente agora.

— Aleijado? Sim você é. Mas de sentimentos e consideração pelos outros. Sim, as pessoas podem ter limitações impostas pela vida, mas nunca use isso de forma pejorativa e, muito menos, na minha clínica.

Peter estava chocado pela forma com que aquela mulher falava com ele. Em sua voz havia um quê de acusação e isso o fez sentir-se mal.

Dando-se conta do olhar abismado dos dois homens diante de si, a médica entendeu que estava dando vazão ao seu lado pessoal e se afastando do profissional, e engoliu em seco. O problema é que, estar diante de Peter a tirava do sério. A situação era impensável para ela. Enquanto falava, teve ganas de saltar sobre ele, como uma leoa ferida, desferindo golpes que o fizessem sofrer tanto quanto ela.

— Eu fico alterada quando alguém usa a palavra aleijado! Peço desculpas por minha forma de falar. O episódio serve para que nunca mais use tal palavra, pelo menos na minha frente! — Rachel levantou e dirigiu-se à porta e os dois homens permaneciam em silêncio.

Ela voltou o olhar e viu Peter, de costas; sentiu um aperto na garganta pelas palavras que queria dizer e não podia.

— Venha comigo!

O tom de voz da médica indicava uma ordem. Ela saiu e os dois a seguiram. John empurrou Peter pelo corredor. Nenhum dos dois entendia a atitude da mulher. Peter admirou a força de suas palavras, sua forma de andar e, acima de tudo, se concentrou no poder que ela tinha de deixá-lo envergonhado consigo mesmo.

Rachel caminhava pelos corredores, e seus passos ecoavam no edifício. John empurrava a cadeira, tentando acompanhá-la. Peter, em silêncio, apenas observava. A médica parou diante da parede de vidro que permitia ver crianças, acompanhadas de fisioterapeutas, tentando fazer exercícios; algumas sorriam, outras deixavam transparecer o nível de esforço que faziam para andar, ou conseguir outras melhorias para suas vidas.

— O que está vendo? — Rachel indagou de forma seca, com raiva no olhar.

— Crianças! — Peter falou baixinho, com medo da mulher autoritária, que mais parecia um técnico de futebol americano.

— Onde estão os aleijados nesta sala? Em nenhum lugar, a não ser dentro da sua cabeça. São crianças, como quaisquer outras; com sonhos, desejos e esperança de vencer suas limitações. Muitas delas não viveram sequer metade do que você viveu. Não sabem o que é andar de moto; algumas nunca saberão qual a sensação de dançar no baile de formatura. Outras não chegarão a sentir o que é um amor correspondido. Mas nenhuma delas é aleijada. Sonhos não precisam de pernas, braços ou de um corpo perfeito! — Rachel abaixou-se, encarou Peter nos olhos e continuou: — Quem destrói os sonhos são pessoas mesquinhas e incapazes de amar.

Rachel sentiu os olhos encherem de lágrimas. Depois de tanto tempo, ela voltava a sentir o cheiro dele; era o mesmo que a perseguia desde aquela noite. Por dias, meses, anos, ela sonhara com o aroma de Peter sobre seu corpo. Encarando-o naquela cadeira de rodas, ela vivenciou um turbilhão de sentimentos. Desejava esconder seu ódio e, ao mesmo tempo, demonstrar tudo o que estava guardado dentro dela.

CAP. 12

UMA ORAÇÃO

Rachel pediu para ficar sozinha com Peter, em sua sala. John se retirou olhando para seu paciente, esperando que a conversa fosse agradável e que as palavras da médica pudessem ajudar o jogador a aceitar sua nova condição e, dentro de suas possibilidades, procurar melhorar.

Peter estava constrangido por ficar sozinho com a médica. Algo nela o deixava receoso. Sua presença era capaz de trazer um fantasma de volta à sua mente. Ela lhe lembrava de alguém a quem ele tinha feito muito mal, e que não conseguia esquecer, nem por um único dia.

Quando ficaram sozinhos, Rachel, silenciosamente, trancou a porta e guardou a chave no bolso. Encostou-se contra a porta de madeira e observou-o ali, fragilizado e impotente para esboçar qualquer reação. Ela podia fazer com Peter tudo o que tivesse vontade. Abriu uma garrafa de água e

perguntou:

— Quer água, Peter? — Enquanto girava a tampa, sentia o ódio invadindo seu coração.

— Agradeço! — Respondeu o rapaz, girando a cadeira na direção da voz.

Quando ele se virou, um sorriso malicioso se formou no rosto da médica. Ela se aproximou, com a água na mão, e fez menção de lhe entregar a garrafa. Em um golpe rápido, Rachel jogou o líquido no rosto do rapaz, surpreendendo-o. Peter tentou limpar a face, sem entender o que estava acontecendo. A atitude da médica não fazia sentido.

Ele fechou os olhos para limpar o rosto na camiseta. Rachel chegou mais perto e empurrou a cadeira, fazendo-o cair no chão, onde o rosto do rapaz bateu com toda a força, fazendo barulho. A médica sorriu, com a certeza de que Peter sangrava por conta da pancada. Com um pouco de sorte, o rosto perfeito ficaria arruinado, assim como seu coração ficara.

O impacto fez Peter perder os sentidos. Rachel sentou-se em uma cadeira diante dele, cruzou as pernas e esperou que o jogador voltasse a si. Queria fazê-lo sofrer um pouco. Em alguns momentos, o corpo do rapaz começou a se mover lentamente, enquanto ele tentava se erguer, ainda um pouco tonto.

— O que aconteceu? Eu cáí? — Ele perguntou, deitado no chão, sem entender porque a médica estava sentada e não fazia nada para ajudá-lo.

— Não, Peter! Eu o empurrei. Seja homem e venha se defender. — Rachel ria do jogador. — Você não é capaz. Por que mesmo? Como você diz: é um “aleijado”. Você não vale nada. E nunca valeu.

— Por que fez isso? Eu preciso da sua ajuda. Por favor, me ajude! — O rapaz implorou, tentando sentar para voltar a subir na cadeira.

— Por favor? Quando eu pedi, você parou? Não, você não parou! — Furiosa, a médica gritou. Seus olhos estavam carregados de ódio e suas palavras tinham o efeito de um soco no estômago de Peter.

— Quem é você? Que mal eu lhe fiz? — Ele estava assustado com a atitude da médica. Não entendia o que estava acontecendo ali, mas percebeu que ela falava como se o conhecesse.

Rachel ajoelhou-se diante do rapaz e, com força, segurou seu rosto para que ele olhasse bem para ela. Suas unhas se cravaram na carne de Peter. Chegando bem perto, ela cuspiu no rosto do rapaz e disse:

— Quem eu sou? A partir de hoje, sou o seu maior pesadelo, assim como você foi o meu durante tantos anos. O nome Rachel O’Neal te diz alguma coisa? — Ao som do nome, os olhos de Peter se arregalaram assustados com a mulher à sua frente. — Caso o nome não signifique nada, ele pertence à empregada que você violentou enquanto levava para casa. Eu pedi por favor; pedi para parar; pedi, pelo amor de Deus, para não fazer aquilo. E o que você fez? Riu e continuou. Agora você vem pedir a minha ajuda?

— Me perdoe! Eu vivo atormentado desde aquela noite. Quando fiquei sóbrio, tudo parecia um pesadelo que eu tentei esquecer! — Peter disse, fechando os olhos, não conseguindo encarar a Rachel. De seus olhos caíram lágrimas grossas e sinceras.

— Olhe para mim! — Ela gritou e o jogador obedeceu à ordem, continuando a chorar. — Você pensou que era um pesadelo? Eu vivi um pesadelo; sentia-me suja, vulgar, um lixo. Por anos eu dizia que a culpa era minha, por ter ido à sua maldita festa, e por ter sonhado que você era um príncipe. Todos os dias eu olhava no espelho e me via imunda e, por mais que me lavasse, a água não conseguia me limpar da sujeira. Por muitas noites eu ouvi sua respiração enquanto me possuía. Eu te oooooodeeeeeiiiiiiiiioo! Eu te odeio Peter Carlsson!

Rachel acordou com o seu próprio grito. O quarto estava iluminado apenas pela luz da lua. O vento no jardim fazia as árvores balançarem, emitindo um som assustador à noite. Seu corpo tremia e seu coração batia como um cavalo de corrida desesperado, querendo alcançar a linha de chegada. Ela acendeu a luz da mesa de cabeceira e tentou beber um pouco de água, mas suas mãos tremiam demais.

Estava muito abalada pelo pesadelo. Tudo parecia tão real... O cheiro do perfume de Peter ainda estava em suas narinas. Com alguma dificuldade, Rachel levantou e olhou a rua. No céu, a lua brilhava, acompanhada pela melodia do vento. A moça foi invadida por uma onda de emoção que parecia dominar sua alma. Diante da lua, ela se ajoelhou e, olhando para o céu, chorou, extravasando toda a mágoa que guardava em seu coração. E orou:

“Deus, me ajuda a perdoar. Durante anos eu sofri com aquilo que ele me fez e, agora, ele ressurgiu pedindo ajuda. Mas eu não consigo! Não consigo esquecer o que ele me fez! Como eu posso ajudar alguém a quem não posso perdoar? Por que trazer ele de volta para minha vida quando eu já tinha escondido ele dentro do meu coração? Eu percebi que ele está sofrendo. Mas e quanto a mim? Por quinze anos eu sofri sem ninguém saber; apenas eu e Você, meu Deus! Como eu vou conseguir conviver com ele e ajudar o homem que quase destruiu a minha vida? O pastor, usado por Você, disse para eu perdoá-lo. Mas eu não consigo! Ensina-me a perdoar o meu inimigo e dá-me forças para ajudá-lo, Pai. Ajuda-me, por favor!”

Por longos minutos a mulher ficou ali, ajoelhada, clamando a Deus por ajuda para conseguir seguir em frente; buscando forças para ajudar Peter Carlsson. Nada acalmava o seu coração. A única certeza que tinha era de que ele não havia retornado em vão. Se ele estava ali, era porque Deus havia permitido; afinal, nada acontece sem a autorização de Deus.

Rachel não conseguia entender porque, depois de tanto tempo, Peter entrava assim em sua vida, precisando de ajuda justamente naquilo que ela fazia com tanto prazer, que era descobrir soluções para as pessoas serem felizes voltando a andar ou, simplesmente, ajudando-as a levar uma vida melhor. Ela ajudara tantas pessoas a obter seus sonhos, mas não tinha certeza se poderia ajudar um inimigo a voltar a sorrir, quando ele tinha sido a razão de seu choro escondido.

CAP. 13

VAI AJUDAR?

No café da manhã, a mesa dos O'Connor parecia um banquete; era um hábito praticado por gerações. Aquela refeição realmente era um acontecimento. Tudo muito bem arrumado e organizado, com todas as opções que se possa imaginar: bolos, compotas, doces, geleias, frios, vários tipos de pães, sucos, café, chá, entre outras iguarias.

Quando casou com George, Rachel estranhou aquela ostentação. Na sua casa, uma tigela de cereais, e pouco mais, era tudo que se colocava na mesa. Mas aquela casa era diferente e ela se acostumou ao hábito. Agora, nem reparava no excesso de comida ao seu redor.

Os filhos, sentados à mesa, usavam o uniforme de um dos melhores colégios particulares da cidade. Teddy, na cabeceira da mesa, bebia seu café enquanto folheava o jornal, conferindo os últimos acontecimentos. Leona tomava um chá quando a filha entrou na sala. Os filhos sorriram para ela e soltaram um sonoro:

— Bom dia, mamãe!

— Bom dia, meus amores! Ninguém teve dificuldade em levantar? — Ela sorriu, beijando as crianças e piscando para a mãe.

— Não, mãe! — Joseph respondeu, sorrindo carinhosamente.

— Bom dia, mãe! Bom dia, pai! — A médica cumprimentou e tomou seu lugar à mesa.

— Está tudo bem com você? — Teddy perguntou, desviando os olhos do jornal e encarando a moça.

— Sim. Qual o motivo da pergunta? — Rachel forçou um sorriso e tentou esconder as marcas da noite mal dormida.

— Você devia ir para a casa do lago por uns dias! — Teddy voltou ao seu jornal. — Aqueles sanguessugas do conselho administrativo estão a sugando sua vida; e a clínica ocupa muito do seu tempo. Precisa descansar! Por que não vai conosco para o lago? Uns dias de descanso lhe cairiam muito bem.

— Filha, o Teddy tem razão. Você está com um ar cansado. Alguns dias de folga no lago, ou em qualquer outro lugar, lhe fariam bem! — Disse Leona, tocando a mão da filha.

— Neste momento eu não posso! — A moça sorria, mas seu semblante deixava perceber o cansaço da noite recheada de pesadelos com Peter.

— Quem é Peter? — Teddy indagou, para o espanto da médica.

— Quem, Teddy? — Rachel não acreditava que seu sogro estava perguntado por aquele homem.

— Ontem, quando eu estava subindo, ouvi você gritar “Eu te odeio Peter”. A luz do seu quarto estava apagada e pensei que estava tendo algum pesadelo. Por isso não incomodei! — O sogro revelou, deixando o jornal de lado. Ele tirou os óculos e encarou a moça. — Quem é ele?

— Um paciente novo na clínica, uma pessoa difícil de cuidar! — Rachel respondeu, tomando seu chá e tentando fugir do assunto.

— Desde quando você odeia seus pacientes? — Leona estava surpresa.

— Ia fazer a mesma pergunta! — Teddy concordou, sorrindo para Rachel.

— Peter é uma celebridade; arrogante, egocêntrico e horrível de conviver! — Os dois a olhavam curiosos, querendo saber mais sobre o novo paciente. — Peter Carlsson, o famoso jogador de futebol americano!

Leona estava surpresa por ouvir aquele nome. Desde que saíram da cidade onde moravam, não conversaram mais sobre aquela família. À menção do jogador, Teddy sorriu.

— Peter Carlsson está na clínica? Que bom! — O senador sorria, satisfeito.

— Era um ótimo jogador, mas passou pela fatalidade de um acidente estúpido e ficou preso a uma cadeira de rodas. Eu sou amigo dos pais dele. Inclusive, há algumas semanas, Ronald Carlsson ligou para pedir informações sobre clínica. Eu não sabia que o filho tinha aceitado fazer o tratamento. Pelo que ele me disse, Peter só bebia e buscava, de alguma forma, matar-se.

A revelação deixou Leona chocada. Peter sempre foi um rapaz cheio de vida e muito alegre, não conseguia associar a imagem da estrela da cidade a uma cadeira de rodas.

— O pai estava desesperado. Ele tentou se matar algumas vezes por conta do sofrimento de não poder jogar e nem andar. Como não conseguiu, bebia de manhã até a noite. Eles contrataram um cuidador para acompanhar o rapaz diariamente. Foi uma pena o que aconteceu com ele, era um excelente jogador! — Teddy comentou e voltou a olhar para o jornal. — Por que você o odeia, Rachel?

Leona olhou de Teddy para a filha. Lembrou-se de como a moça era apaixonada por ele. Talvez a lembrança a deixasse chateada.

— Odiar é um exagero! Mas aquele homem tira qualquer um do sério. Coitado do John. — Ela disse, sendo observada pela mãe e pelo sogro, que não sabiam quem era John. E ela explicou: — John é o cuidador que virou babá dele.

— Vou a clínica visitá-lo! — Teddy informou.

— Visitar quem? — Perguntou Rachel, surpresa.

— Peter, claro! Os pais dele são muito importantes na região. Eles pertencem à mesma igreja e ajudam a minha eleição. Por isso, vai parecer bem eu fazer uma visita ao filho deles! — Teddy assegurou.

As intenções do sogro deixaram Rachel sem reação. Ela queria Peter longe de sua vida e, agora, descobria que o sogro iria visitá-lo. Ela passara a noite pensando em dizer que o caso do jogador não tinha solução, apenas para mandá-lo para casa. Mas a descoberta de que ele tentara se matar e que os Carlsson eram amigos da família a deixou horrorizada, pois teria que continuar a conviver com o maldito.

Olhando para a nora, Teddy falou:

— Ajude aquele rapaz! — Parecia que ele tinha acabado de ouvir seus pensamentos. — Ele se afastou de Deus e, por algum motivo, nosso Pai o mandou para nossa clínica. É sinal de que Deus tem amor pela alma dele.

— Deus tem amor por Peter Carlsson? — Rachel pensou alto, e ficou envergonhada por isso.

— Sim, filha. Esse comentário nem parece ter saído de você! — Surpresa, Leona encarava a filha.

— Sua mãe tem razão! Se Deus o mandou para o ajudarmos, é porque o

Altíssimo tem algum plano. Sabe, Leona, o pai me contou que ele deixou de acreditar em Deus. Dá para imaginar uma pessoa sem Deus na vida e no coração? — Teddy falou, maneando a cabeça, incrédulo por alguém deixar de acreditar em Deus.

— Filha, como mulher temente a Deus, é sua obrigação ajudar esse rapaz. Sua obrigação! — Leona frisou, sorrindo para a filha.

Rachel não queria acreditar que todos naquela casa queriam forçá-la a conviver com aquele monstro, que tanto lhe prejudicara. Somente George e Tracy sabiam a verdade sobre os acontecimentos do passado. E agora, no presente, todos queriam ajudar Peter; e ainda diziam que Deus tinha motivos para permitir tal situação.

Como Deus podia perdoar alguém como Peter Carlsson? Como ela poderia perdoar ou conviver com ele? Em sua mente, soavam as palavras do pastor: “O Senhor Jesus, quando foi pregado e maltratado na cruz, apenas disse: “Pai, perdoa, porque não sabem o que fazem” e assim ele demonstrou como devemos amar, principalmente quem nos faz, ou fez mal!” Como ela poderia perdoar e amar quem tanto lhe feriu? Ela podia tentar perdoar, mas ajudar era muito difícil!

CAP. 14

PARA VOCÊ

Naquela manhã, Peter acordara com o mau humor habitual. John tivera certa dificuldade em colocar o paciente para fazer qualquer exercício sem reclamar. Sob protestos, arrastara a cadeira para o refeitório e o jogador tomou apenas um café preto e fumegante, com os olhos sempre voltados para os jardins da clínica. Ele não abria a boca para nada. No fundo, John sabia que seus pensamentos estavam confusos; desde a conversa do dia anterior, com a Dra. Rachel, Peter estava ausente.

A responsável pela clínica não tinha sido amável, nem tentara entender o sofrimento do rapaz. Alguns pacientes olhavam, admirados porque um dos jogadores mais famosos de Seattle estava no mesmo ambiente que eles, mas ninguém ousava conversar com ele. Todos comentavam a respeito de seu comportamento agressivo, que mantinha as pessoas afastadas, com medo de se aproximar daquele homem enorme, mesmo em uma cadeira de rodas.

O menino que, alguns dias antes, falara com Peter entrou no refeitório. Quando viu o ídolo sentando junto da janela, sorriu e deslizou na direção do rapaz. Chegando bem próximo, o garoto tocou o braço de Peter e abriu um sorriso alegre.

— Bom dia! Tudo bem com você? — Thomas perguntou. O sorriso largo permitia ver a falta de alguns dentes.

Peter virou o rosto sem responder à pergunta do garoto. John encarou-o de maneira recriminatória. A contragosto, o jogador se dirigiu à criança.

— Você acha? — Peter rosnou entredentes e voltou a olhar para a rua.

Thomas colocou a mão atrás das costas e tirou uma folha de papel dobrada. Entendeu que Peter não queria conversar com ele e, com delicadeza e medo da reação do jogador, colocou o papel sobre as pernas dele, girou a cadeira e disse:

— É para você! — Thomas se afastou, triste com a reação do homem mal-humorado.

Peter olhou para suas pernas e viu o papel, pegando-o com violência. Pensou em amassar sem ver o conteúdo, mas John tossiu, indicando que todos ao redor estavam observando as ações do jogador. Sentindo-se vigiado, Peter desdobrou o papel, encontrando um desenho colorido de um menino, brincando com uma pessoa enorme, usando o uniforme do time em que ele costumava jogar; ambos estavam em cadeiras de rodas e tinham sorrisos no rosto.

O rapaz se sentiu mal diante da imagem. Há muito tempo havia perdido o sorriso e os motivos que o faziam sorrir. No topo do desenho, em letras infantis, estava escrito: “Meu campeão”. Peter fechou os olhos, emocionado com o ato de carinho. John deu a entender que ele devia agradecer a atenção do menino. Sentindo-se observado, o jogador se voltou em direção à mesa em que Thomas estava sentado, com outros meninos da mesma idade. Encostando perto das crianças, ele disse:

— Você desenha muito bem! Conseguiu-me deixar bonito no meu uniforme.

— Peter sorriu quando Thomas olhou para ele.

Sem pedir autorização, Thomas, carinhosamente, abraçou seu ídolo. Os braços pequenos não conseguiam abarcar a totalidade do grande corpo de Peter, mas a demonstração de admiração e amor o tocou profundamente.

— Bom, eu vou guardar o desenho. E você, trate de comer tudo para ficar bem! Afinal de contas, aqui eles são tão mandões quanto o meu antigo

treinador. — Peter piscou o olho e passou a mão pelos cabelos de Thomas, despenteando-o.

Emocionado e cabisbaixo, Peter se afastou e se dirigiu para a porta, lutando para disfarçar as lágrimas que rolavam de seus olhos. Dessa forma, ele passou por Rachel que, encostada no umbral da porta, observava atentamente toda a cena. Ela tentou dizer alguma coisa, mas sua voz não saiu. Ela começava a perceber que o sofrimento do jogador era grande, nada comparado ao que ela experimentara durante anos, mas, ainda assim, doloroso.

Quando passou ao seu lado, a médica percebeu que ele enxugava as lágrimas em seu rosto. Aquele homem enorme que, antes, lutava para defender uma bola e marcar pontos, estava sentindo uma dor desconhecida por ele até ao momento. Ele sofria uma dor que percorria sua alma; a amargura percorria suas veias e era transportada por todo o corpo.

Chegando ao seu consultório, Rachel pediu que a secretária fosse até ela. A médica percorreu as prateleiras, procurando algo específico, até que identificou o que queria e tirou um livro da estante. Folheando a edição, pensou que Peter deveria ler o que estava escrito ali.

— Entregue este livro para Peter Carlsson! — Ela ordenou. Estava firme em sua decisão de ajudar o homem.

A edição escolhida trazia os relatos de algumas pessoas sobre suas adaptações à nova vida sobre rodas; havia desabafos de políticos, cantores, celebridades, atletas e pessoas comuns. Quando George, seu marido, começou o projeto da clínica, idealizou aquele livro com o objetivo de ajudar novos pacientes. Era quase um manual de sobrevivência para uma nova fase, que nem sempre era fácil.

Rachel não entendia os motivos de Deus para permitir que aquele homem retornasse à sua vida. Dentro dela, havia uma mistura de sentimentos. Como profissional e cristã, sabia que precisava ajudar; como mulher ferida e magoada, se recusava a oferecer qualquer auxílio e ter que conviver com ele.

O sogro e a mãe disseram que ela devia fazer o que pudesse para melhorar a vida do jovem. O pastor lhe dera o recado de Deus, mostrando que ela deveria perdoar. Mas, para isso, precisaria extrair forças de onde não

tinha, ou não conseguiria encarar o jogador.

Alguns minutos mais tarde, a assistente retornava com o mesmo livro em mãos.

— Ele recusou o livro! — Constrangida, a moça informou.

— Onde ele está? — A médica estava irritada com a atitude do paciente.

— No jardim, perto da piscina! — A secretária ficou triste com a rejeição dele.

Rachel pegou o livro e foi procurar Peter. No jardim, ele observava a piscina vazia. Ao se aproximar, ela engoliu em seco, procurando coragem para encará-lo sem ninguém ao seu lado. Naquele momento, recordou o sonho da noite anterior; ali, poderia fazer tudo aquilo, sem ninguém para interromper... Abanou a cabeça afastando aqueles pensamentos. Chegando mais perto, a médica jogou o livro no colo do paciente.

— Leia! — Ela ordenou de forma seca, encarando-o.

— Eu disse a sua secretária que não queria! — Peter respondeu, estendendo o livro para a médica.

Rachel abaixou-se e encarou o rapaz, com o rosto bem próximo do dele.

— Na minha clínica, quem manda sou eu! Está habituando a ver todos se curvarem aos seus caprichos e ao mau humor do poderoso Peter Carlsson. Aqui não! — Os olhos verdes de Rachel tocaram os dele. Peter perdera o brilho que costumava ter no olhar, mas o tom de azul era o mesmo que ela vira enquanto era violentada. — Eu mandei ler e você vai ler, entendeu?

Rachel levantou e ia embora, quando Peter falou:

— Por que esse ódio nos seus olhos e na sua voz quando fala comigo? — O jogador olhando para as costas da mulher.

— Eu não o odeio! — Ela mentiu, sem olhar para Peter. — Para mim, você é apenas um paciente. Mesmo sendo caprichoso, mimado e pensado que pode fazer tudo que quer na vida. Mas aqui não, Peter Carlsson. Aqui sou eu quem manda.

Peter riu e respondeu:

— Eu não posso fazer nada da minha vida estando preso nesta cadeira! — Ele voltou a se concentrar na piscina.

Rachel voltou a se aproximar.

— Talvez Deus tenha decidido castigá-lo pelos erros do passado! — A raiva estava, novamente, na voz da mulher.

— Eu não acredito em Deus! E se Ele existe, não é bom como dizem, pelo contrário. — Peter afirmou, transmitindo verdade em suas palavras.

— Mau? Deus? Será que Ele é mau? Ou será que você cometeu tantos erros que não consegue ver a chance de mudança em sua vida? Se Ele fosse mau, você estaria em um caixão, sem chance de corrigir seus erros! — Peter ficou surpreso porque a médica falava de erros, como se os conhecesse.

— O que você sabe da minha vida e dos meus erros? — Peter perguntou, olhando para Rachel.

— Seus olhos mostram que é uma pessoa amargurada. Talvez seja apenas por conta da cadeira, talvez por conta de tudo de errado que já fez. Ainda não consegui definir! — Se afastando, mais uma vez, ela disse: — Leia e amanhã conversamos sobre o livro!

Peter ficou observando aquela mulher poderosa indo embora, sem olhar para trás. Havia alguma coisa de especial nela, algo que o prendia. Em outros tempos, uma mulher como ela seria um passatempo interessante. Seria divertido conquistá-la e levá-la para a cama. Viúva, e arrogante, devia precisar de um homem para cuidar dela... Os pensamentos foram logo banidos de sua mente. Afinal, ele não era o mesmo homem, e sim uma sombra do passado.

CAP. 15

ADMIRANDO

No fim do dia de trabalho, Rachel gostava de passear pela clínica; era algo que ela fazia na companhia de George. Os dois costumavam andar pelos corredores, conversando sobre seus projetos e objetivos. Ela conservou o hábito após a morte do marido. Gostava de caminhar pelos locais silenciosos; de alguma forma, sentia-se mais perto dele. Admirava algumas salas vazias; em outras, algumas pessoas ainda trabalhavam. Estava satisfeita por ter conquistado tudo aquilo, criando um lugar para ajudar as pessoas.

Agora entendia porque, desde muito cedo, tinha o desejo de se tornar médica, especializada em ortopedia e neurologia. Anos depois, era uma das mais respeitadas na sua área, em todo o país; tinha uma instituição de referência mundial, e um trabalho admirável.

Quando passou pela academia, percebeu a luz acesa, o que era estranho naquele horário. Lá dentro, sem camisa, em um aparelho para braço e peito, Peter se exercitava sozinho. Estava focado em fazer o que se tornara um hábito, cuidar do enorme corpo da forma como podia.

Rachel ficou admirando o rapaz. Os músculos se moviam, aumentando de volume de acordo com o exercício. O enorme peito, esculpido por muitas horas de academia, subia e descia, com a respiração pesada pelo levantamento de pesos, acompanhando os ombros largos. Seus olhos percorreram aquele corpo; estava muito maior do que no passado. O peito tinha pelos dourados, idênticos aos cabelos, que iluminavam a pele, tornando-a agradável aos olhos.

Odiava sentir-se atraída por ele. Outro misto de sentimentos surgia dentro dela: a lembrança de uma juventude apaixonada; o rapaz que lhe era especial e que, em uma noite, lhe fizera mal; o homem mal-humorado e que ela odiava com todas as forças.

Distraída, Rachel não percebeu a aproximação de John.

— Obrigado por sua paciência com ele! — O enfermeiro sorria para ela.

— Como você consegue aturar aquele homem? — Ela perguntou sem tirar os olhos de Peter.

— Sabe, no início foi muito difícil cuidar dele. Peter não aceita sua nova condição. Mas o que realmente o prejudica é outra coisa! — John informou enquanto encarava a médica.

— Como assim? — Ela estava curiosa.

— Para ele é horrível estar preso a uma cadeira de rodas. Ele era uma estrela, habituado a ser livre. A cadeira é uma prisão, literalmente! Mas a prisão maior ele guarda dentro dele. No fundo, ele sente que a cadeira é um castigo.

— O cuidador cruzou os braços. — Um dia, quando o encontrei perdido de bêbado, porque, em casa, ele bebia até perder os sentidos...

— Era tanto assim? — Rachel se surpreendeu.

— Vodca para ele é como água. Bebidas mais fracas só servem para amenizar a dor, não do corpo, mas da alma. Como eu estava dizendo... Um dia, eu o encontrei bêbado além da conta. E a única coisa que ele dizia era “Me perdoe!” Era um pedido sincero, carregado com muita dor! — John continuou contando o que tinha acontecido. — No início, eu pensei que ele estava me pedindo perdão por suas atitudes, mas não. Ele pedia perdão a alguém do seu passado. Fora de si, ele fez carinho no meu rosto, dizia que se arrependia do que tinha feito; que ela era muito bonita e voltava a pedir perdão.

— A quem ele se referia? — Questionou a médica.

— Não sei. Quando ele ficou sóbrio, eu perguntei quem era a pessoa que ele queria que o perdoasse, e contei o que ele havia dito em seu delírio. Nessa noite, depois que saí, Peter tentou se matar pela primeira vez. — John estava envergonhado por revelar aquele segredo. — Por isso eu sempre o acompanho. Para que ele não...

— Quantas vezes ele tentou se matar? — Rachel não conseguia acreditar no que estava ouvindo.

— Dra. Rachel, tirando a bebida, que é uma forma dele se matar aos poucos, pelo menos mais quatro vezes. E a última foi muito grave, ficou internado por algum tempo, em estado crítico. Tentou tomar uma overdose de medicamentos. A sorte é que, com o tamanho dele, precisaria de uma dose de elefante. Por pouco ele não acertou! — A voz do cuidador estava carregada de carinho pelo jogador.

— Então estamos falando de um paciente com instintos suicidas e com graves problemas psicológicos! E a família dele? — Rachel tentou obter mais informações sobre o homem problemático.

— Como coisas ruins nunca vêm sozinhas... A esposa dele, namorada da época de escola, o abandonou quando ele sofreu o acidente e se juntou com outro jogador, colega dele. — Rachel não ficou surpresa com a informação sobre Melanie. — A mãe dele é uma mulher insuportável. Ela diz o tempo todo que ele é uma vergonha e que devia ter morrido no acidente. É uma mulher fria e não qualquer sentimento bom pelo filho. O pai é o único que tenta, de alguma forma, ajudar o filho, dando amor e carinho.

— Brigitte Carlsson continua sendo a mesma! — O pensamento foi verbalizado sem seu consentimento.

John, surpreso, encarou a médica e perguntou:

— A Doutora conhece a mãe dele?

— Em casos como o dele, muitas “mães” agem da mesma forma. É apenas uma constatação habitual em alguns processos. — A médica tentou disfarçar.

— Ele é sozinho, sem ninguém para dar força! E algo no passado o marcou profundamente. Peter é corroído pelo remorso... Eu não sei o que é, mas ele se arrepende de alguma coisa que fez; e aquela cadeira é a prisão em que ele tem que cumprir a sentença pelo seu crime! — John declarou e entrou na sala, para ajudar seu paciente.

As palavras do cuidador ficaram na cabeça de Rachel, que passou mais alguns minutos observando os dois. Saindo do aparelho, seu corpo suado de Peter tinha um brilho que chamava atenção. Por anos ela tinha sonhado em tocá-lo, até que, em uma única noite, passou a odiá-lo com todas as forças.

Seus olhos percorriam o corpo que, mesmo ao longe, era perfeito. A cadeira era apenas um detalhe. Sua lembrança trouxe o cheiro de Peter para suas narinas. Viu os olhos vidrados de adrenalina enquanto estava sobre ela, para possuí-la. Em seu comportamento animalesco, não ouviu quando ela pediu que ele parasse. Lembrou-se de como ele abriu as calças apressadamente; de como ele rasgou sua roupa íntima; de como tapou sua boca para não ouvir seus gritos, enquanto entrava nela com violência.

Os olhos de Rachel estavam cheios de lágrimas, em uma mistura de dor, sofrimento, humilhação e, acima de tudo, pela destruição de seus sonhos do príncipe encantado. Lembrou-se de que não houve carinho naquele ato. Ele era apenas um monstro devorando um pedaço de carne para se satisfazer.

Ela sentiu, novamente, a dor de ser possuída por Peter. Quando ela tinha, finalmente, enterrado o passado, seu pior pesadelo retornara à sua vida.

CAP. 16

VISITANDO A CASA DO PAI

Aos domingos, a família O'Connor participava dos cultos realizados na Igreja da clínica, hábito adquirido desde que o espaço fora construído. O pastor Philip era o responsável pela ministração dos cultos dominicais. Todos participavam, pois este era o dia em que os familiares vinham passar o dia com os pacientes, o que ajudava a dar-lhes força para prosseguir o tratamento. Nesse dia, sempre havia um almoço especial.

O Senador Teddy e Rachel estavam sentados no primeiro banco, com os filhos dela ocupando seus lugares de costume, enquanto esperavam o início do culto. Alguns parentes dos pacientes vinham cumprimentá-los. O coro foi colocado sobre o púlpito e uma moça, ao piano, dedilhava uma melodia agradável. As crianças eram colocadas nos seus lugares e todas as famílias estavam reunidas.

No final do salão, Thomas estava acompanhado de um monitor, folheando o livro de cânticos. A porta abriu-se e John trouxe Peter para assistir ao culto. Fazia muitos anos que Peter não entrava em uma igreja; ele não queria falar com Deus, mas como a instituição obrigava, ele foi forçado a participar. Assim que viu o jogador, Thomas acenou-lhe, indicando o espaço ao seu lado. John conduziu Peter, que tentou travar a cadeira para não ficar perto do menino.

O garoto abriu um sorriso encantador e perguntou:

— A sua família veio? — Ele perguntou, procurando por outras pessoas.

— Não! — Peter foi seco e não olhou para a criança.

— Tudo bem. Eu também não tenho família! — Thomas sorria e aquilo chamou a atenção do jogador.

— Como assim? Você não tem família? — Peter estava curioso. Afinal, todos têm família.

— Meus pais morreram no acidente que me deixou na cadeira de rodas. Como não tenho mais nenhum parente, estou na Instituição da Dra. Rachel!

— O menino contava aquilo sem demonstrar nenhum sofrimento, apenas com um belo sorriso no rosto. — Ela e o pastor Philip me trouxeram para cá para eu tentar voltar a andar.

— Você não tem nenhuma família? — A história da criança surpreendeu Peter.

Thomas acenou, confirmando. Naquele momento o pastor Philip deu início ao culto, e o menino voltou sua atenção para as palavras dele. O coro cantava um hino, que o garoto acompanhava com alegria, cantando e se balançando. Volta e meia, Thomas gritava “Glória a Deus” e “Amém”. O jogador não conseguia entender como um menino que tinha perdido tudo, família e liberdade de movimentos, podia estar tão feliz, em um domingo de manhã, em uma igreja.

O pastor começou a falar e Thomas gritou “Eu creio!” A sinceridade das palavras da criança despertou a atenção de Peter para o que o pastor estava falando. Ele era um homem, e não acreditava minimamente em Deus, enquanto uma criança que só tivera sofrimento na vida, acreditava nas palavras de um homem. Peter olhou para o pastor e ficou escutando suas palavras.

Em um determinado momento, o pastor parou e encarou o fundo da igreja, onde Peter estava sentado.

— O teu Deus fala com a tua alma e diz: você é um peixe que andou por onde desejou, mas agora Eu cheguei para fazer uma obra na tua vida. Quando você podia amar a Deus, não desejou e serviu o pecado, praticando todas as

suas vontades e caprichos. Agora, eu vou transformar você! — Todos gritaram “Aleluia” e o coro de vocês arrepiou o corpo de Peter, que tomou nota das palavras do pastor. — Quando Eu te chamei com amor, você praticou tudo o que é iniquidade. Mas o meu plano na tua vida vai se cumprir. Não foi com o sorriso. Agora eu vou te moldar na dor. O passado vai voltar na sua vida, para que aconteça um milagre. Muitos anos atrás, Eu disse que faria um milagre e você não entendeu que era contigo. Hoje Eu te digo que entrei na tua vida para trazer luz e te fazer mudar; mudar o seu ser, mudar o seu sentimento e mudar até as suas atitudes. A partir de hoje, você começa a enxergar o mundo com outros olhos, com os olhos do amor e de Jesus Cristo.

Peter sentiu algo estranho, como nunca tinha sentido, ao ouvir o Pastor. Era como se algo fosse iluminado em sua vida e em seu caminho. Thomas tocou a mão do jogador e sorriu; carinhosamente, ele encostou-se ao forte braço dele, segurou sua mão e ergueu seu pesado braço gritando, com a mão dada a Peter, “Glória a Deus!”

Foi como se um choque atravessasse seu corpo. Peter sentiu um calor diferente percorrendo seu corpo. Naquele instante, olhando aquele menino, algo chamou sua atenção para as atitudes da criança. Perdido em pensamentos, ele não percebeu quando o pastor surpreendeu Rachel, chamando-a para cantar.

Inicialmente, ela recusou porque percebera a presença de Peter. Mas, diante da insistência de todos, a médica subiu ao púlpito. O piano tocou as primeiras notas e, quando a voz de Rachel invadiu o espaço, o jogador pensou: “Eu conheço essa voz!” e se inclinou para ver quem era a cantora.

Aquela era a voz que o atormentava há quinze anos. Quando a voz de Rachel surgia em seus pensamentos, a bebida era a única coisa que conseguia fazê-la calar. Então, ele bebia até não ter mais consciência da voz da moça a quem ele tinha feito tanto mal. E, agora, a médica que parecia odiá-lo, cantava exatamente a mesma melodia que ele ouvia há anos. As vozes eram iguais, mas uma nada tinha a ver com a outra. Queria fugir dali e, quando pensou em fazer isso, Thomas segurou sua mão com carinho e levantou-a, como se quisesse receber alguma coisa de Deus. Peter não tinha como escapar e teve que ouvir a voz que o angustiava.

Quando tudo terminou e todos se cumprimentavam, Peter tentou sair.

Quando tentava se distanciar do local, uma voz lhe chamou.

— Aí está você! — O Senador Teddy segurou o ombro do rapaz e, quando ele virou a cadeira, um simpático senhor de cabelos brancos sorria para ele.

— Falei com seu pai ontem. Disse que veria você, e ele mandou dar um abraço, já que você se recusa a atender os telefonemas dele!

Abraçando o jogador, Teddy completou:

— É bom ver você aqui na nossa clínica! — Voltando-se, o senador gritou o nome de Rachel e convidou-a a se aproximar.

Ao ver o sogro junto de Peter, seu coração disparou. Tentou não ir até eles, mas o Senador continuou a chamá-la. Nervosa com a situação, sua respiração começou a faltar. Quando ela se aproximou, Teddy disse em voz alta:

— Rachel, eu quero que cuide bem desse moço. É filho de um amigo meu! Todo o cuidado com ele. Eu sei que vai dar o melhor de si e de toda a equipe para ajudá-lo! — O homem sorria para os dois.

Peter percebeu que Rachel não estava à vontade perto dele. Ela o afligia. Sua voz era idêntica à da Rachel do seu passado, a moça a quem ele prejudicara e machucara. Na verdade, está Rachel o tratava com indiferença, como se soubesse o que ele tinha feito. Diante daquela mulher, era como se o seu segredo vergonhoso estivesse escrito em sua testa, e ela conseguisse ler. Peter ainda não conseguia perceber que a moça a quem ele ferira era a médica a quem ele pedira ajuda.

CAP. 17

O LIVRO

Para Peter, o restante do domingo foi de calma. Como não tinha recebido visitas, o jogador foi para o apartamento. John aproveitou o dia para passear por Seattle. Deitado na cama, o jogador pulava os canais da TV, procurando alguma coisa interessante para entretê-lo ao longo do dia, mas nada captava sua atenção.

Olhando para o lado, sobre a mesa de cabeceira, estava o livro de Rachel lhe entregara alguns dias antes. Olhou desconfiado para o título, “Vida Sobre Rodas”. Parecia ser um livro de autoajuda para cadeirantes ou pessoas com problemas físicos. A capa trazia a roda de uma cadeira e uma mão.

Desligou a TV e ficou encarando o livro. Sua cabeça dizia para não ler, mas algo o impulsionava a descobrir o que havia ali dentro. Lembrou-se do que a médica lhe disse junto da piscina e, em um rompante, abriu o livro. Folheou-o rapidamente e, no final, deparou-se com uma foto de Rachel junto do marido. Os dois pareciam ser um casal muito feliz; existia cumplicidade em seu olhar.

Peter ficou admirando a beleza de Rachel. Ela era uma mulher interessante. Em seus pensamentos, surgiu a memória da médica cantando naquela manhã. Como aquela voz o lembrava da Rachel de seu passado! Duas mulheres com o mesmo nome, a mesma voz, mas tão diferentes!

Alguém bateu na porta do apartamento e Peter gritou:

— Pode entrar!

Algun tempo depois, aparecia um sorridente Thomas, trazendo um jogo de Xadrez sobre as pernas.

— Quer jogar? — Perguntou o menino, olhando para o jogo.

— Xadrez? Eu não sei como se joga. Não tem um *Xbox*, *Playstation*? — Peter perguntou, na esperança de ouvir um sim.

— Eu não tenho esse tipo de jogo. Tem um na sala de jogos, mas está sempre ocupado. Eu gosto de Xadrez. Posso ensinar você! — Peter sorriu diante da oferta.

A expressão do jogador foi entendida como uma autorização para começarem a jogar. Thomas colocou o tabuleiro sobre a cama, subindo, em

seguida, com agilidade, e sentando-se aos pés de Peter. O menino começou a explicar a importância de cada peça e como elas poderiam ser descoladas no tabuleiro. Era como um jogo de futebol, em que ambos defendiam a peça mais importante.

Colocando as peças nos seus devidos lugares, Thomas disse para Peter fazer o primeiro movimento. E, assim, a tarde transcorreu de uma maneira diferente. Pela primeira vez, o jogador sorria com naturalidade, esquecendo-se dos problemas com ajuda do menino e de seu sorriso encantador.

Quando John retornou, ficou surpreso ao encontrar Peter e jogando Xadrez com o menino de oito anos.

— O jogo parece animado! — John brincou, olhando para a dupla improvável.

— Pela primeira vez na vida, estou levando um caldo de uma criança! Eu, Peter Carlsson, estou perdendo! — O jogador afirmou, sentindo-se envergonhado.

— Ele é péssimo, mas um dia chega lá! — Thomas brincou, fazendo uma careta para John.

— Thomas, eu acho que está na hora de você ir comer! — O enfermeiro falou, olhando para o relógio. — E o jogador também tem coisas para fazer.

O menino colocou a mão na testa, como se tivesse esquecido algo. Rapidamente, arrumou as peças e o tabuleiro do jogo. Com a ajuda de John, ele se acomodou na cadeira e se despediu de Peter. Antes de sair, o menino olhou para o jogador, deitado na cama, e disse:

— Você lê esse livro e me conta o que está escrito? Eu não sou muito bom de leitura... — A criança indicava o livro sobre a mesa e recebeu a confirmação de Peter.

Quando o menino saiu do quarto, John olhou para seu paciente. O rapaz estava com outro semblante. Alguma coisa estava diferente no jogador.

— Xadrez? — O enfermeiro perguntou, rindo.

— Ele não tem nenhum jogo eletrônico e veio com aquilo. Não tive coragem de dizer que não! — Em anos de convivência, aquela era a primeira vez que Peter sorria para John.

— Peter Carlsson sem coragem de dizer não? Onde está o meu paciente? — Brincou John. O jogador estava diferente naquele dia. — Ainda bem que se divertiu com a criança. Obrigado!

Peter não conseguiu entender o motivo do agradecimento, e sua expressão deixava a confusão explícita.

— Agradeço porque é a primeira vez que vejo você sorrindo e sendo simpático com alguém. Em apenas alguns dias, Thomas conseguiu o que eu não consegui em anos! E você fez uma criança feliz! Não foi tão difícil, não é? — John se retirou, deixando o jogador com seus pensamentos.

Após o banho, Peter jantou no quarto; não queria ir para o refeitório, junto com os outros. John ajudou-o a deitar e foi jantar, deixando o jogador sozinho. Ele inclinou o corpo para pegar o controle da TV e viu o livro. Lembrou-se de que tinha prometido que ia lê-lo para contar a Thomas o que estava escrito. Sorriu ao pensar na promessa feita.

Abriu o livro e começou a ler. “Vida Sobre Rodas” era um livro evangélico sobre como pessoas conseguiram ultrapassar seus problemas e limitações, refazendo a vida com confiança e fé em Deus. Continha declarações e histórias de todos os gêneros: casos dramáticos de superação; pessoas que não podiam andar e, por milagre de Deus, conseguiram alcançar essa benção; atletas que descobriram uma vida feliz, mesmo vivendo sobre uma cadeira, e conseguiram voltar a praticar esportes, concorrendo nas Paraolimpíadas; um pouco de tudo.

O ponto em comum entre todas as histórias, é que os protagonistas tiveram dificuldades em aceitar sua nova condição e como a vida mudara depois que assumiram suas limitações, entendendo que a vida não acabou porque perderam o movimento das pernas, ou mesmo do corpo inteiro. Eles descobriram como podiam ser felizes valorizando coisas que, antes, não tinham o mesmo valor.

Tarde da noite, quando John retornou, ficou surpreso ao encontrar Peter lendo o livro recebido de Rachel. Preferiu não o incomodar, torcendo para que o novo estado de espírito durasse, ao menos, alguns dias.

CAP. 18

A CONSULTA

A segunda-feira amanheceu fria e chuvosa com a chegada do Outono. O vento empurrava a água contra as vidraças da clínica. Rachel, sentada, com uma xícara do fragrante e vaporoso chá, observava a chuva caindo na rua, enquanto esperava seu próximo paciente.

Alguém bateu na porta e ela mandou entrar. Ao se voltar, deparou-se com Peter. Os olhos azuis estavam fixos nela, como se tivessem descoberto a verdade. Ela pensara nisso durante todo o domingo, após cantar diante dele. O jogador estava desacompanhado. O que aguçou a curiosidade da médica.

— Veio sozinho? — Ela perguntou.

— Quando brigam comigo, prefiro que o façam em particular! — Disse ele, vestido com uma camiseta regata e bermuda, apesar do dia notadamente mais frio.

— Muito bem. Como está hoje? — Rachel pousou a xícara, desviou o olhar e passou a procurar a pasta do paciente. — Você não tinha consulta marcada para hoje!

— Não. Eu pedi para conversar com a doutora! — Peter estava sério e ela não conseguiu disfarçar a surpresa. — A senhora pode me ajudar? Meu caso pode ser revertido?

— Peter Carlsson pedindo ajuda? Isso significa que... — A médica sorriu diante da mudança de atitude.

— Isso significa que eu preciso da sua ajuda para... Descobrir como posso viver assim, ou voltar a andar! — Peter estava sendo honesto.

Rachel levantou e sinalizou que ele sentasse na maca; para facilitar, ela acionou o mecanismo que diminuía a altura do dispositivo. Peter fez o que a médica orientou e recolocou o aparelho no lugar, pedindo que o jogador tirasse a camiseta. De posse do estetoscópio e com mãos trêmulas, Rachel se aproximou.

Peter tirou a camiseta, revelando o corpo que ela admirara apenas alguns dias atrás. A pele era quente sob seu toque e ela percebeu que o coração do paciente batia descompassadamente. Depois de tanto tempo, podia ver melhor os músculos, as marcas de quedas e acidentes de moto, as cicatrizes da profissão. O perfume era o mesmo que invadia sua memória.

Rachel sentiu medo por estar tão perto dele. O peito grande acompanhava o movimento de cada respiração e seus olhos seguiam cada detalhe. Como ela podia admirar o corpo do homem que lhe fizera tanto mal?

— Está tudo bem! Deite-se. — Rachel foi agressiva, protegendo-se de seus próprios pensamentos.

Peter estranhou o tom de voz, mas obedeceu. Ajeitou as pernas sobre a maca e deitou-se. Rachel fechou os olhos enquanto procurava o instrumento para testar a sensibilidade do jogador. Com a peça de metal em mãos, voltou-se para o paciente; colocou as luvas descartáveis e tocou as pernas de Peter, o que fez seu coração pular uma batida.

Prosseguindo o exame, percebeu que, apesar da paralisia, ele mantinha boa quantidade de massa muscular e, aparentemente, não apresentava qualquer reação ao toque. Peter olhava para o teto, calado.

— Eu vou deslizar um pequeno aparelho que vai causar certa vibração em contato com sua pele. Preciso que diga se sente alguma coisa! — Mediante a informação Peter acenou afirmativamente, nunca desviando o olhar do teto.

A médica ajustou o aparelho para uma vibração baixa e começou a testar tendões e músculos, observando se alguma reação se fazia perceber. Peter permanecia estático. Rachel aumentou a intensidade, e o jogador permanecia em silêncio. Sem que ele percebesse, a moça pegou uma agulha e, sem a menor delicadeza, espetou-a no pé dele. Só então ele esboçou uma

reação.

— O que sentiu? — Ela inquiriu, removendo a agulha.

— Algo estranho. Um formigamento ou um pequeno choque, eu acho! — E voltou a olhar para o teto.

A médica posicionou o aparelho sobre a agulha, cravada no pé do jogador, aumentando o nível dos estímulos. Peter levantou a cabeça para olhar o que estava acontecendo e ouviu um sonoro:

— Deite-se! Quero apenas que diga o que sente, entendeu? — Afastou o aparelho e voltou a trabalhar com a agulha.

— Um choque. Sinto um choque percorrendo minha coluna. — Peter não acreditava que podia sentir algo.

Rachel tirou a agulha e voltou a aplicá-la em outro lugar, mas parou para observar o filete de sangue que escorria pelo pé do rapaz. Em seu pensamento, uma voz dizia: “Ele está sangrando e não sofre; você não sangrou e nem sofreu.” Aquilo fez suas mãos tremerem.

Rachel precisava se concentrar, como a profissional que era e não como a mulher que passara por momentos terríveis nas mãos do homem diante dela. Aplicou, novamente, a agulha, desta vez enterrando-a mais profundamente na carne, motivada pelos pensamentos sombrios. Ela sabia onde estimular para testar a sensibilidade. Com o aparelho regulado na voltagem máxima, ela encostou na agulha, fazendo Peter gritar.

— O que é isso, doutora? — Automaticamente, o rapaz se ergueu.

— O que sentiu? — Ela perguntou.

— Eu não sentia nada igual desde... O que fez? — Ele tentava ver o que estava acontecendo.

— Peter, eu preciso que se deite e não veja o que estou fazendo, para que seu cérebro não induza sensações que você estava habituado! — Rachel declarou, com o rosto próximo ao dele.

A respiração acelerada de Peter era sensual; o aroma do refrescante bucal escapava de sua boca e lhe provocou um arrepio involuntário. Ela se afastou e o jogador voltou a deitar. Com a agulha espetada no pé do rapaz, a

médica posicionou o aparelho sobre a sola do mesmo e observou o rosto dele. Os olhos se movimentavam como se ele sentisse alguma coisa.

Rachel retirou a agulha, desligou o aparelho, limpou os pés de Peter e aplicou um pequeno curativo. Então, fez sinal para ele sentar. Enquanto o jogador vestia a camiseta, ela sentou e abriu a pasta dele, anotando, em vermelho, “sensibilidade na área testada”. Acomodado em sua cadeira, Peter observava a médica.

— Vamos fazer uns exames e sessões de acupuntura! — Ela disse, ainda olhando para o relatório.

— Posso fazer uma pergunta? — Ele olhava seriamente para Rachel.

— Se quer saber se voltará a andar, eu não vou responder! — Ela devolveu, brava.

— Não. Eu queria saber sobre Thomas! — A pergunta surpreendeu a médica.

— O que quer saber sobre Thomas? — O interesse dele na criança a desarmou.

— Ele não vai voltar a andar? Não tem família?

— Não posso dar informações pessoais de outros pacientes. — Peter pareceu entender a atitude da médica. — Vamos marcar novos exames, Sr. Carlsson!

O jogador se preparou para sair e falou, sem se voltar:

— Comecei a ler o livro que me emprestou! — Abriu a porta. — Obrigado!

Rachel foi pega de surpresa pelo agradecimento. Não esperava tal gesto de humildade vindo dele. E respondeu:

— Thomas é uma criança especial. Espero que não o magoe assim como fez com outras pessoas no passado. Ele não tem ninguém; vive em um orfanato, em Seattle, desde a morte dos pais! — Um pequeno sorriso surgiu no rosto do jogador. Ele agradeceu a informação, fechou a porta e se foi.

Rachel ficou pensando no que teria feito Peter mudar. A última vez que vira o jogador com o menino, ele tratava a criança com total indiferença e, hoje, queria informações sobre o garoto? Por sua vez, Peter saiu pensando em como Rachel poderia saber que ele tinha magoado alguém no passado.

Um homem como Peter Carlsson poderia mudar? Uma mulher

magoada como Rachel poderia perdoar? Os dois estavam sendo preparados para algo que mudaria suas vidas, mesmo sem entender os desígnios de Deus.

CAP. 19

UMA VISITA

A clínica recebia uma visita muito especial nas quartas-feiras. Todas as semanas, Pastor Philip vinha falar de Deus para os pacientes, e aquele dia, apesar do clima, não foi exceção. Pastor Philip estava na casa dos sessenta, com cabelos brancos e uma voz calma; o sorriso estava sempre nos lábios, mesmo quando o assunto era sério. O homem transmitia paz. Sempre vinha pela manhã, cumprimentava os funcionários e entregava uma palavra de fé e amor. Visitava todos os cantos da clínica.

Na noite anterior, quando estava orando antes de ir dormir, teve uma visão. A Bíblia se abria no Novo Testamento, na passagem que falava sobre Saulo, no caminho para Damasco. Ele leu toda a passagem e ouviu a voz de Deus, forte, doce e suave, a lhe falar.

“Eis que tenho um Saulo para converter. Tenho uma obra e um milagre para fazer. Prometi a minha filha Rachel que, um dia, ela veria um milagre. E o tempo chegou. Muitos podem condenar os caminhos da conversão. Assim como eu fiz com Saulo, transformando-o em Paulo, farei com alguém naquela clínica. Saulo estava revoltado porque tinha perdido a visão, que o impedia de fazer aquilo que era certo aos seus olhos; foi preciso ficar cego de verdade para que pudesse compreender os Meus caminhos. Assim vou fazer com ele. Quando era poderoso e tinha pernas para caminhar nos Meus caminhos, ele não quis. Agora ele vai caminhar, nem que seja empurrado em uma cadeira. Tenho uma obra para fazer com alguém que Eu amo, e muitos ainda não entendem o Meu amor. Eu não mandei o meu Filho para ser pregado na cruz, para sofrer por quem era bom e puro, mas para todos aqueles que têm uma missão na Terra; e ele tem uma missão. Amanhã começarei a conversão dele!”

As últimas palavras que Philip ouviu eram carregadas de poder e responsabilidade. Naquela noite, o homem não conseguiu dormir, pensando em quem seria a pessoa que Deus trabalharia. Pensou em todos os pacientes, mas ninguém lhe saltava à vista. Só tinha certeza de que Deus, no tempo certo, indicaria o escolhido para aquela revelação.

O pastor foi anunciado no consultório de Rachel, que autorizou sua entrada e levantou para recebê-lo, abraçando o presbítero, com seu sorriso encantador.

— Pastor Philip, que bom ver o senhor! Como sempre aqui nas quartas-feiras. — Ela disse, arrancando mais um sorriso do homem.

— Sempre! Vendo como está o rebanho do meu Senhor e visitando minha amiga. Como está, Rachel? — A voz do homem era tranquila.

— Bem. E a família, Pastor Philip? — Rachel perguntou, recebendo uma resposta positiva. — E as crianças da Instituição?

— Essas estão sempre bem, e perguntando pelo Thomas. Todos sentem falta

daquele anjo! — O pastor sorriu ao mencionar o menino.

— Todos gostam dele aqui também. Mas eu sinto que o senhor quer falar algo comigo... — Disse ela, com uma sensação diferente.

— Sim, Rachel. Esta noite tive uma revelação, e preciso encontrar alguém aqui, mas não sei quem é. — O pastor se alterou e encarou a moça. — Deus me disse que trata de uma promessa na sua vida, de ver um milagre. Alguém que ele transformaria assim como fez com Saulo.

— Aqui como Saulo? Viu quem era o funcionário? — Ela perguntou, pensando em alguém.

— Eu acho que não é funcionário e sim paciente. Mas não sei quem é! Você poderia me acompanhar na visita? Espero que Deus me mostre quem ele é. — Pediu o Pastor sorridente.

Imediatamente, Rachel levantou e estendeu o braço ao pastor, para acompanhá-la. O homem sorriu, aceitando o convite e os dois percorreram corredores e salas, visitando funcionários e pacientes. Passaram por muitas dependências, mas ninguém fazia o seu coração despertar e Rachel ficou preocupada por não conseguir identificar ninguém com quem o pastor precisasse conversar.

— Pastor Philip, eu não tenho mais ninguém! Todos os pacientes estão nas salas de terapia ou tratamento. — Rachel estava triste.

— Filha, Deus nunca me enganou! — O homem olhou para a rua. — Podemos dar uma volta lá fora? Parou de chover!

Rachel sorriu e confirmou o pedido. Os dois caminharam ao ar livre, por baixo dos toldos. Ninguém estaria fora do edifício naquele dia frio e chuvoso. Ao longe, avistaram alguém sozinho, perto da piscina. Rachel ainda não reconhecera, mas ao se aproximar, percebeu que era Peter.

— Vamos embora, Pastor. Esse é um paciente novo! — Ela queria manter distância do jogador.

— Eu já falei com quase todos os funcionários e pacientes. Vamos falar com ele também. Ele também é um filho de Deus! — Afirmou o Pastor.

Em seus pensamentos, Rachel disse: “Impossível que ele seja filho de Deus depois do que me fez!”

O rapaz estava lendo o livro que a médica lhe entregara, o que a surpreendeu. Ele levou um susto ao perceber a presença de Rachel e do Pastor.

— A Paz, meu filho! — O Pastor estendeu a mão para Peter.

— Bom dia! — O jogador respondeu, olhando de um para o outro.

— Podemos nos sentar um pouco? — Disse ele, puxando uma cadeira sem esperar pela resposta de Peter.

— Sente-se! — O rapaz respondeu, olhando para o homem sentado diante dele.

— Que frio! Eu vi você na igreja no domingo, lá bem no fundo... Sua cara não me é estranha! — O Pastor encarava o jogador.

Peter não disse nada, e nem Rachel, que estava ao lado de Peter, contra sua vontade. Mas não podia demonstrar a nenhum dos homens.

— É você! — Disse o Pastor, sorrindo. A médica e o rapaz tinham a mesma expressão de surpresa estampada no rosto. — Foi você quem Deus me mostrou!

— Eu? O seu Deus me mostrou? — Peter riu.

— Não acredita em Deus? — Houve um momento de silêncio e Peter meneou a cabeça de forma negativa, fazendo o pastor sorrir. — O nosso Deus gosta do impossível. Mas para você saber que Deus ama sua alma e que ele me revelou isso, Ele pediu para dizer “que o seu segredo, que o atormenta há anos, foi apenas um caminho para Deus mostrar o Seu poder!”.

Diante de tais palavras, Rachel e Peter arregalaram os olhos. Ninguém sabia do segredo, não ser os dois; ninguém sabia que o rapaz vivia atormentado por conta disso.

— É verdade, Peter? Deus me revelou o seu nome! Anos de luxo, festas e fama não conseguiram esconder o remorso. Inclusive foi esse sentimento que o colocou nesta cadeira! — Peter tentou sair dali, muito surpreso. — Foi a voz dela que você ouviu quando perdeu a direção da moto “Por favor, Peter!”, essa frase te atormenta há anos, mas Deus perdoa o teu pecado e ela, um dia, vai perdoar. Porque tudo foi permissão de Deus para você chegar até aqui!

Quase saindo, Peter se voltou para olhar para o pastor, e disse:

— Esta foi a forma de Deus me punir! — Ele bateu na cadeira.

— Não, meu filho! Foi a forma de Deus mostrar seu amor pela tua alma. Muitos não imaginam o valor de uma alma. Para receber esse amor, o homem pode ter que passar por muita coisa. Mas, um dia, ele vai entender o significado da palavra Amor... — Peter o interrompeu.

— Eu não mereço o amor de Deus! O que fiz não tem perdão... — O jogador engoliu em seco e olhou para Rachel, que estava emocionada.

— Tudo tem perdão. Até Saulo, que perseguiu o povo de Deus! — O Pastor sorria para os dois.

Sem responder, Peter saiu, deixando os dois sozinhos. Rachel estava surpresa com o que tinha acabado de ouvir. Não imaginava que, durante todos aqueles anos, Peter Carlsson nunca tinha esquecido o que fizera, e como aquilo o atormentava. Mas, principalmente, estava chocada por saber que, de alguma forma, ela tinha sido a causadora do acidente dele. O Pastor Philip colocou a mão sobre a de Rachel e sorriu.

— Filha, esse é o seu milagre. Ajude-o! Há muitos anos você ouviu uma profecia que disse que você veria um milagre acontecer em sua vida. Você pensou que era uma mudança. — Apontando para Peter, o Pastor disse: — Ele é o seu milagre!

Rachel não queria acreditar no que acabava de ouvir. A promessa que Pastor Charles fizera na sua juventude passou diante de seus olhos:

“Ele era especial. O inferno sabia disso e precisava destruí-lo. Claro que o plano de Deus era especial na vida de José; assim como é na tua vida. Por mais que você pense que nada vai mudar, o Senhor, teu Deus, diz, nesta manhã: ‘Eu vou preparar um milagre na tua vida; Vou fazer como fiz com José: do nada Eu vou fazer tudo e te colocar num lugar de destaque!’ Quando precisaram dele, os irmãos de José não o reconheceram. Eles, anos depois, não reconheceram o irmão de sangue. É assim que Eu vou fazer na tua vida. Vou mudar tudo e, quando precisarem de você, também não te reconhecerão. Tudo isso é para realizar um milagre na tua vida. Tuas mãos vão apalpar e os teus olhos vão ver... O nome do nosso bom Deus precisa ser glorificado. Pelo teu amor e obediência, Vou fazer um milagre. Hoje,

ninguém dá nada por você, mas, um dia, vão pedir a tua ajuda. Através do toque das tuas mãos, Eu estarei operando; quando falares será a Minha palavra que vai ser cumprida. Tudo por causa do amor por uma alma, que eu predestinei para um milagre. É a promessa de um milagre, não apenas na vida de uma alma, e sim de várias...”

A médica ficou emocionada ao lembrar-se de tudo. Mas como o que ela passou podia ser um caminho de Deus? Como Deus podia deixá-la sofrer pela monstruosidade de Peter? Ajudá-lo era um sacrifício muito grande, por mais que ela fizesse a vontade de Deus!

CAP. 20

QUE SOFRA

A conversa entre Peter e o Pastor não lhe saía da cabeça. Estava difícil se concentrar no trabalho. Nos últimos dias, vinha pensando demais no jogador e isso deixava-a irritada, com uma vontade louca de gritar na cara dele quem ela era.

Olhou para o livro que o rapaz deixara sobre a mesa quando fugiu da conversa. Segurou-o e verificou até onde ele tinha lido. O texto estava marcado na história de um jogador de baseball que encontrara Deus quando ficou paraplégico; o homem não acreditava no Divino e, quando estava prestes a morrer, teve um encontro que mudou sua vida.

Rachel ficou arrepiada com o que Peter estava lendo no momento em que ela e o Pastor chegaram. Era o trecho em que o rapaz pensava: “Como Deus pode me amar?” Alguma coisa a fez pegar o livro e, como Peter não saía dos seus pensamentos, a moça foi procurá-lo pela clínica. Ela saiu de sala em sala e não o encontrou em nenhum dos ambientes frequentados pelos pacientes. Então se lembrou do apartamento do jogador, se encaminhando para o local. Quando ela chegou, John estava saindo.

— Dra. Rachel! Boa tarde! — John sorria.

— O Sr. Carlsson está dormindo? — Ela perguntou.

— Não. Nos últimos dias ele estava bem, mas hoje, depois que voltou do passeio, pediu para se deitar e não abriu mais a boca. Não quer ver TV e nem falar com ninguém! Ele é assim! Tem mudanças de humor repentinas. — Declarou o enfermeiro, preocupado com o jogador.

— Ele não disse nada? — John acenou que não. — Eu vou vê-lo!

John se afastou e a mulher entrou. Peter, que olhava para a janela, não tentou ver quem tinha acabado de entrar. Rachel encostou-se a parede olhando para ele. Por muitos anos desejara chamar a atenção do rapaz e, agora, só queria distância daquele homem. Mas a vida aproximava-os cada vez mais.

Como Peter não disse nada, ela falou:

— Deixou o livro na mesa esta manhã e eu vim... — Rachel depositou-o sobre a mesa de cabeceira.

— Obrigado! — Ele agradeceu sem olhar para a médica.

Rachel virou as costas para sair, mas foi alcançada pela voz de Peter.

— O que o seu amigo falou é verdade! — A frase congelou Rachel no lugar em que estava, começou sentindo o coração disparar. — Na minha juventude, eu fiz algo que me atormenta até hoje. Eu machuquei muito uma pessoa e nunca pude pedir que ela me perdoasse. Eu sei que estou assim como castigo pelo que fiz!

As palavras de Peter a emocionaram e uma lágrima lhe escapou, mas ela limpou-a imediatamente. Rachel segurou a emoção e virou de frente para o paciente. Olhando fixamente para a janela, onde gotas de chuva escorriam pelo vidro, o rapaz continuou:

— Ela estudava na minha escola. Eu nunca olhei para ela; para mim, ela não existia até uma aposta estúpida aparecer. Aí eu fiz uma loucura, de que me arrependo por quinze anos. E nunca pude pedir perdão a ela, nem sei onde ela está. Eu procurei, mas nunca consegui encontrá-la. Eu só queria pedir perdão!

— Peter limpou as lágrimas que rolavam em seu rosto como a chuva lá fora. Rachel ouvia calada. — Eu sei que ela nunca vai me perdoar, mas, pelo

menos uma vez, eu queria pedir perdão. No dia do meu acidente, meu último pensamento ao ouvir a voz dela, foi pedir uma chance de, algum dia, olhar em seus olhos e pedir perdão.

— O que você fez? — Emocionada, a médica perguntou.

— O que um homem pode fazer de pior a uma mulher! — Ele respondeu.

— O que lhe diria se a encontrasse? — Rachel queria saber mais.

— Apenas perdão! Sei que não tenho direito a mais nada. É uma dor aqui dentro... — Ele apontou na altura do coração. — Que só passa quando eu me afasto desse mundo!

— E como você faz isso? — Ela continuou.

— Bebendo. Hoje eu queria beber para esquecer. Mas acredito que Vodca esteja em falta no bar da clínica! — Peter se moveu e a médica limpou os olhos.

— Por que não sentiu vontade de beber antes de hoje? — Rachel tinha a necessidade de continuar perguntando e Peter continuava respondendo, parecia confiar nela.

— Às vezes sinto que estou perto dela e a um passo... — Ele se freou e riu diante da palavra. — Não um passo, porque não posso andar, mas muito perto do dia em que vou poder olhá-la nos olhos e pedir perdão por todo o mal que fiz. Mesmo que ela não me perdoe, preciso pedir. Não por mim mesmo, mas por ela.

A respiração de Rachel se acelerou e a emoção tomou conta de seu coração. Sem saber, Peter lhe pedia o perdão por tudo o que fizera. Dentro dele, algo dizia que abrisse o coração para a doutora.

As palavras dele fizeram com que, diante dos olhos de Rachel, surgisse o filme dos acontecimentos daquela noite. Peter sobre ela, com a respiração alterada; as mãos fortes prendendo-a no lugar, sem qualquer sinal de carinho; a violência com que invadia seu corpo. Quando ela gritava de dor, ele perguntava “Está gostando?” e se forçava ainda mais dentro dela.

Ainda recordava o sorriso de satisfação que ela tinha no rosto. Sentiu nojo ao lembrar que o homem deitado naquela cama havia apertado e mordido seus seios com violência, apenas para mostrar quem mandava.

Lembrou-se dele dizendo: “Se colaborar, vai acabar mais depressa! ”.

E agora, ali estava ele, pedindo perdão. Rachel sentiu ânsias e teve que sair do quarto, correndo pelos corredores, sem falar nada. Em um dos banheiros, só teve tempo de inclinar a cabeça e, tudo o que tinha no estômago, deixou seu corpo, como em um ato de protesto. O nojo a fez vomitar, nojo daquele homem e de tudo o que ele representava.

Quando estava mais aliviada, saiu do reservado e lavou o rosto. Olhou-se no espelho e viu a raiva gravada em seu reflexo.

— Que sofra, assim como eu sofri! Nunca eu vou te perdoar, Peter Carlsson! Nunca!

Rachel começou a chorar. Em sua mente, ouvia o jogador pedindo perdão, sem saber que a pessoa que ele procurava estava diante de si. Uma angústia fora do comum invadiu a médica, que passou um bom tempo trancada no banheiro, lembrando-se do passado e chorando. Ela pensou em como odiava o homem com quem tinha sonhado em se casar.

CAP. 21

DOENTE

Nos últimos dias, Peter resolveu fazer a última refeição no refeitório principal. Ainda se mantinha isolado dos demais pacientes, mas estava no mesmo ambiente que eles. Thomas ficava na mesa com ele e John; o menino

tinha criado um laço afetivo com o jogador que, aos poucos, começava a gostar da companhia da criança.

Esta noite, quando chegaram ao refeitório, quase todos estavam acomodados. Peter olhou para a mesa que costumava ocupar, mas Thomas não se estava lá, com seu enorme sorriso. Ele e John pensaram que o menino estava atrasado, então sentaram em seus lugares de costume. A refeição transcorreu com tranquilidade, e nada da criança aparecer.

O jogador chamou uma das funcionárias, que passava próximo, surpreendendo-a pela atitude, já que ele preferia não manter contato com ninguém.

— Em que posso ajudar, Sr. Peter? — Ela sorriu de maneira amável.

— O Thomas não veio jantar? — Peter estava preocupado.

— Não, o Thomas foi levado para a enfermaria! — A moça informou.

— Mas por quê? — Peter não gostou da informação.

— Ele começou a ficar doente pela manhã e, por precaução, decidiram transferi-lo para a enfermaria, para ficar sob observação! Ele é um bom menino e todos sentimos falta daquele sorriso contagiante. — A mulher se afastou para atender outro paciente.

Peter ficou preocupado porque Thomas sempre parecera ser o menino mais saudável da clínica. Ele terminou seu jantar rapidamente e pediu para John acompanhá-lo até a enfermaria; queria notícias da criança. A atitude surpreendeu o cuidador, já que o rapaz não costumava se preocupar com ninguém além dele próprio. Isso era um sinal que Peter estava concentrado em algo diferente de sua própria dor.

Uma funcionária lhes sorriu quando se aproximaram da enfermaria.

— Boa noite! Tudo bem? Em que posso ajudar? — Ela tinha uma voz calma.

— Eu quero ver o Thomas! — Peter disse, como se estivesse dando uma ordem.

— Sinto muito, mas Thomas está sob cuidados médicos. E ninguém pode fazer visitas nesse horário. A Dra. Rachel está com ele. — A funcionária tentou tranquilizá-lo.

— Posso falar com a Dra. Rachel? — Diante da insistência, a moça ligou para a ala em questão. Ela percebeu que o jogador não desistiria tão fácil.

Depois de falar com alguém, ela olhou para o rapaz e disse:

— Vai ter que esperar uns minutos. A Dra. Rachel já vai sair!

John e Peter ficaram esperando a médica. Se o jogador pudesse andar, estaria caminhando de um lado para o outro na sala de espera. Alguns minutos depois, Rachel abriu a porta e saiu. Seu semblante era triste e parecia preocupada. Percebendo isso e sem esperar por John, Peter deslizou em direção à médica.

— O que o Thomas tem? — O rapaz estava muito preocupado.

Rachel foi até a sala de espera e sentou em uma poltrona, sendo seguida de perto pelo jogador. John também estava apreensivo.

— Todos os anos acontece a mesma coisa! — Rachel falou. — Thomas ficou paraplégico no acidente em que seus pais morreram, bem no dia do aniversário do menino. Todos os anos, na véspera da data, ele fica doente, com febre alta e muitas dores, como se o seu psicológico tentasse forçá-lo a esquecer que dia é. Esse ano, mesmo com febre, ele queria ir para o refeitório, preocupado porque você ia comer sozinho.

Rachel começou a chorar. Ao ver aquilo, Peter se aproximou e segurou a mão da médica. Ela percebeu que, de alguma forma, o rapaz tentava ajudar.

— Ele corre algum risco? — Peter quis saber.

Rachel desvencilhou a mão e enxugou uma lágrima.

— Não, ele não corre riscos! Mas não suporto ver o sofrimento dele. Ficar numa cadeira não é o mais grave para Thomas; nós sabemos que ele sofre pela perda dos pais e pelas lembranças do acidente. Dias depois ele vai estar como se nada tivesse acontecido. É tudo emocional! O que me deixa preocupada é não poder fazer nada para ajudá-lo. — A moça respirou fundo.

— Eu posso ajudar de alguma forma? — Rachel olhou para Peter e viu que ele era sincero.

— Não. Agora ele está dormindo. Esperamos que ele esteja melhor amanhã.

— A médica levantou.

— Dra. Rachel, se precisarem de alguma coisa, e se eu puder ajudar de alguma forma, pode me chamar a qualquer horário. — Peter expressava suas reais intenções de ajudar.

A atitude causou admiração em Rachel e ela acenou a cabeça de forma positiva, rumando de volta à enfermaria. Peter ficou observando a mulher se afastar, preocupada com o menino. Ele não sabia o que fazer, mas queria ajudar.

John levou-o de volta ao apartamento e, naquela noite, ele não quis conversar, nem ver TV. No escuro do quarto, ficou vendo as horas passando; o sono fugiu dele. Ficou quieto, observando a luz que vinha da rua, e contando os minutos. Queria que o dia amanhecesse logo para ter notícias de Thomas.

Fazia muitos anos que não se preocupava com outras pessoas. Mas, agora, Peter estava pensando em alguém além dele mesmo. Estava concentrado em alguém que, aos poucos, estava conquistando o seu coração.

Aos primeiros raios do sol, o jogador chamou John para ajudá-lo a sair da cama e preparar seu banho. Quando Peter gritou, o cuidador pensou que algo grave tinha acontecido. Sentado na cama, ele encarava o rapaz com ansiedade no olhar.

— Aconteceu alguma coisa? — Preocupado, John perguntou.

— Me ajuda! Preciso ir saber alguma coisa do Thomas! — Peter falou com urgência.

John conferiu seu relógio. Eram apenas seis e meia da manhã.

— Você viu o horário? Ninguém vai deixar você ver o menino a essa hora. Volte a dormir! — John encarava o jogador.

— Eu vou ver o Thomas! Vai me ajudar ou não? — Peter se irritou ao ser contrariado.

John sabia que não havia nada a fazer. Quando Peter colocava uma coisa na cabeça, ninguém conseguia convencê-lo do contrário. Assim sendo, o enfermeiro se arrumou e foi ajudar o rapaz. Talvez conseguissem alguma notícia do garoto, mas era improvável; era horário de troca de turno e todos ainda estavam dormindo.

O pessoal da limpeza começava a arrumar os ambientes da clínica para um novo dia de atividades. Quando viram Peter percorrendo os corredores, acompanhado de John, ficaram surpresos e preocupados; por que o paciente estava acordando tão cedo?

Na recepção da enfermaria ainda se encontrava a mesma moça do dia anterior, que ficou espantada ao vê-los ali tão cedo. John lhe dirigiu um olhar de quem pede desculpas por não ter conseguido segurar Peter no quarto por mais tempo.

— Como está o Thomas? — Peter foi rápido em seu questionamento.

— Bom dia, Sr. Carlsson! Nenhuma alteração no quadro do menino. O que o senhor faz aqui? — A moça encarava o jogador.

— Diga a Dra. Rachel que eu não saio daqui sem ver o Thomas! — Ele usou o tom autoritário que lhe era tão característico.

A moça na enfermaria ligou para a enfermaria e, alguns minutos depois, Rachel saiu. Ao vê-la, Peter foi em sua direção.

— Quero ver o Thomas! — Ele disse, antes da médica ter tempo de abrir a boca.

— Já viu que horas são? Thomas está... — Peter voltou a interromper.

— Eu não saio daqui sem ver o menino! Ele está acordado. — Ele tinha convicção de suas palavras.

Vendo a inflexibilidade do rapaz, Rachel pediu que ele a seguisse. Abrindo a porta da enfermaria, ela permitiu a entrada do jogador. Tudo estava silencioso e eles pararam diante de um quarto. A médica abriu também essa porta e Peter entrou. O quarto estava escuro. Na cama, ele pôde ver o pequeno corpo de Thomas. Um aparelho media os batimentos cardíacos; no braço uma agulha administrava soro, e o oxigênio ajudava a respiração.

Peter se aproximou e sussurrou:

— Thomas! — Ao som da voz do jogador, o menino abriu os olhos. A cena deixou Rachel emocionada. — Parabéns! Quero que fique bom hoje. Além de ser o seu aniversário, eu preparei uma surpresa para você. Vai perder, campeão?

O menino sorriu. Fechando os olhos novamente, ele falou bem baixinho:

— Você é o meu campeão. Eu acho que não vou poder ir! — As palavras do garoto deixaram o jogador mais emotivo ainda.

— Vai sim! Era para ser uma surpresa, mas eu preparei uma festa enorme para você. E convidei umas pessoas especiais que querem te conhecer! — Peter mentia na tentativa de animar a criança.

— Se é assim, eu vou! Pode dizer que eu vou... — Thomas estava com muita febre. Ainda assim, sorriu, esperando a concordância da médica.

— Sim, Thomas. Se melhorar até o final do dia, poderá ir à sua festa de aniversário. Está tudo muito bonito! — Rachel embarcou na mentira para animar a criança.

— Eu vou! — O menino disse, e fechou os olhos mais uma vez.

Os dois ficaram ali, observando o menino, emocionados e preocupados com a saúde do pequenino. Mentiram para animá-lo, acreditando que ele jamais melhoraria para a festa prometida. Desde que perdera os pais, ele passava pelo mesmo processo.

A preocupação demonstrada por Peter capturou a atenção da médica. Será que uma pessoa egocêntrica poderia mudar por alguém?

CAP. 22

O ANIVERSÁRIO COM SURPRESAS

Peter e Rachel deixaram o menino descansar. Após a visita do jogador, Thomas entrou em um sono tranquilo. Ao ver a criança tão quieta, ele teve medo de que se tratasse de outra coisa; então sinalizou para a médica que saíssem do quarto.

Do lado de fora, Rachel sentou em uma cadeira, colocou os braços sobre as pernas e ficou olhando para o chão, preocupada com o garoto. Além de terem mentido sobre a festa, ela sabia que, dificilmente, Thomas teria condições de participar de alguma celebração.

Peter se aproximou e colocou uma mão sobre seu ombro. Automaticamente, ela olhou para o jogador.

— O que vamos fazer? — Peter ficou esperando a resposta.

— Não sei! Se prepararmos uma festa, não acredito que ele possa participar. E se não fizermos, ele vai descobrir que mentimos... — Rachel parecia perdida.

— Então vamos fazer! — O sorriso que Peter mostrava, após muito tempo, era o mesmo de seus tempos de juventude. Sedutor, capaz de derreter qualquer coração.

— Preparar uma festa infantil em um dia? Será impossível! — A reação do homem a deixou aturdida.

— Não para Peter Carlsson! Você sabe algum tema que o agradaria? — Peter tentava lembrar-se de suas conversas com o garoto.

— Ele adorava você e futebol americano! — Rachel ainda não sabia o que pensar.

— Será muito fácil organizar isso. Só preciso saber que espaço podemos usar e quantas pessoas teremos na festa! — Peter estava decidido a fazer a festa acontecer.

Rachel sorriu para Peter, pela primeira vez depois do acontecido, quando ele falava da festa. Precisavam cumprir a promessa feita ao garoto. Os dois decidiram sobre o lugar, as pessoas, resolveram chamar as crianças do Instituto e outros detalhes.

Quando Peter saiu disse a John iriam para a cidade, com a autorização da médica. O cuidador olhou para Rachel, que confirmou. Era a primeira vez que John via o jogador animado, falando sobre o que precisavam fazer e organizar. Sem entender nada, o enfermeiro seguia seu paciente, sem precisar encostar um dedo na cadeira. Ajudar aquela criança tinha dado um novo ânimo ao jogador, deixando o cuidador estupefato.

Ao longo da manhã, miraculosamente, Thomas começou a reagir. A febre cedeu e o menino começou a ficar mais desperto. A alteração surpreendeu a todos, inclusive a Rachel, que, a julgar pelo ano anterior, acreditava que o menino ficaria mais dois ou três dias de cama. Com uma simples conversa, Peter surtiu mais efeito que muitos medicamentos.

Em Seattle, o jogador e seu fiel cuidador percorriam lojas, procurando

artigos para a decoração da festa de Thomas. Já tinham encomendado um bolo especial, doces, salgados, bebidas e tudo o que era necessário para a festa de uma criança de oito anos, apaixonada por futebol americano. Faltavam apenas duas coisas: um presente e a surpresa para a criança. Para realizar a última parte, Peter precisaria arrumar forças dentro de si. Mas, quando se lembrava do estado do menino naquela manhã, tinha certeza de que valia a pena enfrentar seus medos e fantasmas.

No início da tarde, a empresa contratada para organizar a festa chegou à clínica. Quando foi informada, Rachel ficou atônita. Peter tinha conseguido, realmente, organizar uma festa em tempo recorde. Ele tinha muitos contatos da época em que era jogador.

A médica autorizou a entrada do pessoal, que se instalou no grande refeitório. Cerca de dez pessoas carregavam caixas, isopores contendo as encomendas de Peter, bebidas e todo o resto. Balões decorados com as cores do time de futebol americano foram colocados na sala, e tudo parecia ficar cada vez mais perfeito. Águias foram espalhadas no teto do salão e as mesas foram cobertas com toalhas.

Em um canto, uma enorme mesa foi preenchida com as iguarias preferidas das crianças, além dos carrinhos de pipoca, cachorro quente, algodão-doce e as comidas típicas do estádio de futebol.

Quando Rachel retornou, o salão estava irreconhecível. A médica estava maravilhada com a grandiosidade da festa que estava sendo preparada para Thomas. Neste momento, Peter chegou, e sorriu ao ver o andamento dos preparativos.

— Está bem assim? Eu acho que me esqueci de comprar alguma coisa! — Ele disse, encarando o salão de forma pensativa.

— Como conseguiu isso tudo em tão pouco tempo? — Rachel indagou.

— Ainda tem algumas vantagens em ser Peter Carlsson. Algumas pessoas me deviam favores. Além disso, o dinheiro compra quase tudo. — O jogador estava orgulhoso da festa. — Como o Thomas está?

— Inacreditavelmente, melhorando. Ainda estamos preocupados, mas... — Quando ia continuar, Rachel foi interrompida.

— Ele vai poder vir. Certo? — Peter estava com medo da resposta.

Rachel sorriu e meneou a cabeça afirmativamente. Parecia-lhe que o menino, de algum modo, conseguira entrar no coração do jogador, conquistando um espaço só seu. Algumas semanas atrás, o homem era ríspido com o garoto e, agora, estava empenhado em deixar tudo perfeito para a festa dele.

Thomas era um menino muito especial e merecia tudo aquilo. Mas a transformação que ele provocara em Peter estava além do explicável. A notícia da festa se espalhou pela clínica como um rastilho de pólvora, contagiando todas as crianças, bem como os pacientes mais velhos, funcionários, equipe médica e de enfermagem. Todos comentavam a atitude do mal-humorado Peter, e como ele tinha feito tudo tão rapidamente.

Quando a noite caiu, todos foram acomodados no enorme salão. Estavam encantados com a decoração e todas as delícias comestíveis. Foi instalado um telão para que, todos que quisessem, pudessem se divertir com um dos melhores jogos de futebol americano do mercado. Um DJ tocava uma música agradável, animando os presentes.

Do lado de fora, Peter esperava a chegada de Thomas, juntamente com John. As portas estavam fechadas e cobertas, para que o menino não visse nada, o que aumentava a expectativa para ver sua reação. Rachel e outros dois médicos surgiram acompanhando Thomas, deitado em uma maca. O rosto do garoto iluminou-se ao ver Peter lhe esperando. Apesar da melhora, os médicos não deixaram ele vir na cadeira.

— Preparado, campeão? — Peter perguntou.

— Você fez mesmo uma festa para mim? — Thomas não conseguia acreditar.

— Quando abrirmos aquelas portas, você vai ver o que todos nós preparamos para você. — Peter se emocionou e Rachel começou a chorar.

— Obrigado! Mas o melhor presente, eu já ganhei. — Thomas declarou, segurando a mão de seu novo amigo.

— É mesmo? E que presente você ganhou? — O jogador sorria para a criança, achando que Rachel, ou outro alguém, já tinha entregado alguma

coisa para ele.

— Você! Meu sonho era conhecer você! Isso é o que importa... — Com um pouco de dificuldade, Thomas abraçou Peter que, emocionado, chorou, olhando para a médica, também chorando.

— Vamos parar com isso e descobrir o que está do outro lado! — Rachel falou, sorrindo para o menino.

Ao sinal de Rachel, John abriu as portas, deixando o menino embasbacado. A festa estava maravilhosa. Ele nunca teve uma comemoração como aquela, nem mesmo em seus sonhos. Tudo estava decorado com as cores do time de Seattle; águias no teto e camisas da equipe nas paredes.

Todos começaram a cantar parabéns para o garoto. Pastor Philip e as crianças do Instituto, os colegas da clínica e todos os pacientes, enfermeiros e funcionários se reuniram para comemorar o aniversário de Thomas.

— Vocês fizeram mesmo uma festa para mim! — O menino disse, segurando a enorme mão de Peter.

— Tudo por você, campeão! — O rapaz afirmou, feliz por proporcionar aquele momento de alegria.

As pessoas estavam felizes, a comida estava apetitosa, os olhos vivos de Thomas percorriam tudo, tentando memorizar cada detalhe daquela noite especial. Todos abraçaram o menino; vinham lhe dar os parabéns, entregando desenhos e lembrancinhas. Participavam ativamente daquela confraternização, distraídos e envolvidos por tudo o que acontecia ao seu redor.

Peter não parava de olhar para o relógio e isso chamou a atenção de Rachel, que se aproximou do jogador e perguntou:

— Preparou mais alguma coisa?

— Espero que eles não se atrasem! — Ele comentou, preocupado.

— Eles? Quem? — A médica ficou atônita ao saber que ainda havia mais surpresas para o pequeno Thomas.

Mal Rachel terminou de perguntar, um sorriso surgiu no rosto do jogador, que olhava para a porta.

— Eis o que eu estava esperando!

Na porta, cinco dos melhores jogadores do time em que Peter jogava. Estavam usando o uniforme oficial, e fizeram o grito de guerra dos jogos, ainda na entrada, para chamar a atenção de todos. As crianças começaram a gritar e Thomas se virou sobre a cama para ver quem era.

Vendo os cinco jogadores tirando os capacetes, o menino gritou de alegria. Os cinco gigantes caminharam para perto do aniversariante, cumprimentaram Peter no caminho, e abraçaram Thomas, que chorava de alegria.

A cena emocionou todos os presentes. Os jogadores entregaram uma camiseta autografada por todos os membros do time para o menino e ele abraçou o presente e, em seguida, ganhou um beijo de Peter. Rachel mal podia acreditar no que estava acontecendo em sua clínica. O jogador conseguiu surpreendê-la de verdade!

A festa continuou animada com brincadeiras. Adultos e crianças queriam tirar fotos com os jogadores. Outros se divertiam com o telão. Peter olhou para John e fez-lhe um sinal, então Rachel notou que ainda havia mais e foi para perto da cama de Thomas, que não saía de perto de Peter.

Quando o enfermeiro chegou, trazia uma caixa que depositou sobre a cama. Os olhos da criança foram da caixa embrulhada em papel colorido para todos os outros. Peter indicou que ele abrisse o presente. Rasgando o papel, o garoto deu de cara com um jogo eletrônico de última geração.

— Espero que possamos jogar juntos! Eu posso te ensinar algumas coisas. — Peter sorria para a criança.

— É para mim? — O garoto não acreditava. Peter balançou a cabeça afirmativamente. Thomas abraçou a caixa e colocou-a na cama, ficando sério e deixando todos surpresos. — Posso pedir uma coisa?

Thomas olhou para Rachel, Peter, John e a enfermeira que cuidava dele. Ao sinal positivo de todos, ele falou:

— Depois de abrir e jogar com você, Peter, eu posso colocar na sala de jogos da clínica? É que todos os meninos vão gostar de jogar!

— Mas este é seu, Thomas! — Rachel falou, olhando para a criança.

— Eu sei. Mas esta é a minha casa agora! — Thomas encarava Peter.

— Pode fazer o que quiser com ele, mas depois que eu vencer você! — O jogador engoliu em seco diante da atitude do garoto.

A noite seguiu adiante, sempre muito animada. Rachel estava surpresa com todas as ações do homem que ela odiava. As crianças se divertiram e todos estavam felizes.

Naquele dia, depois de tanto tempo, Peter conseguira voltar ao seu antigo estádio para pedir que seus ex-companheiros fizessem uma surpresa para uma criança. Aquela foi a atitude mais difícil daquele dia, e dos últimos tempos, em sua vida. Mas, para ver Thomas feliz, todo o sacrifício valia a pena. Mais tarde, quando Peter deitou para dormir, estava feliz por ter ajudado o menino que o conquistara sem que ele percebesse.

CAP. 23

NÃO PODE TER MUDADO

Como em todas as quintas, Rachel tinha reunião com o conselho administrativo do Hospital. Os encontros eram chatos e maçantes, mas como dona, e representante da família O'Connor, ela era obrigada a participar. Naqueles momentos, eram discutidas compras, desenvolvimento de projetos, e tudo o que envolvia os mais de oitocentos funcionários, além das empresas terceirizadas que prestavam serviço no edifício.

O que deixava o dia mais leve era o tradicional almoço com Tracy. As duas se encontraram no saguão do hospital e foram juntas para o restaurante. O hábito, desenvolvido ao longo dos anos de amizade, servia para colocarem a conversa em dia. Ambas tinham agendas de trabalho muito corridas, aquela era a única oportunidade que tinham para passar cerca de duas horas juntas, papeando sobre tudo.

Tanto Tracy como Rachel conheciam os segredos uma da outra. Ela era a única pessoa em quem a médica confiava o bastante para revelar os detalhes que envolviam o “caso Peter”. No restaurante, a mesa habitual nos fundos estava reservada. As clientes costumeiras foram recebidas com um enorme sorriso, especialmente porque as duas ofereciam ótimas gratificações pelos serviços prestados.

Quando as duas estavam acomodadas e sozinhas, Tracy perguntou:

— Como ele está? — Ela estava ansiosa para saber mais.

— Quem? — Rachel não entendeu a quem a amiga se referia. Quando Tracy abriu bem os olhos, ela percebeu que a amiga queria saber sobre Peter e respirou fundo. — Está lá, na clínica. Eu o odeio tanto e sou forçada a conviver com ele diariamente.

— Ele tem alguma chance de recuperação? — Tracy estava interessada no quadro do rapaz.

— Dependendo do resultado de um exame, podemos tentar uma cirurgia que está tendo ótimos resultados. Mas, por mim ele ficaria para sempre naquela cadeira de rodas, sofrendo. Imagine você que o Pastor Philip acredita que Deus tem uma obra para fazer com ele. Dá para acreditar? — Rachel estava irritada e a amiga riu.

— Não é você que acredita que todo ser humano merece uma segunda chance e que Deus ama a todos? Por que não pode amar o Peter? — Tracy questionou de forma direta.

— Depois do que ele me fez? — Ela não queria acreditar nessa possibilidade.
— Impossível! Peter não merece uma segunda chance. E ele nunca mudaria; sempre arrogante e sedutor.

— Ele continua assim mesmo numa cadeira de rodas? — A revelação surpreendeu.

— Peter está revoltado e amargurado com o que lhe aconteceu. Mas eu sei que, por baixo de tudo aquilo, ele continua arrogante e sedutor! — Rachel tomou um gole de água e pensou nos acontecimentos do dia anterior. — Apesar de que ele teve uma atitude com um menino na clínica que me deixou pasma.

— Essa história parece ser interessante. O que o monstro do Peter Carlsson fez à pobre criança? Já imagino que maltratou e foi violento com o inocente...

— A expressão de Rachel denotava que não estava satisfeita com o comentário da amiga.

— Eu já te falei sobre Thomas. Ele é uma criança especial! Um dia, vi Peter sendo não muito atencioso com ele, mas mesmo assim Thomas não desistiu

de ser simpático. Na terça-feira ele ficou doente, muito mesmo. É algo emocional que envolve a morte dos pais e o aniversário dele! — Rachel continuava apreensiva. — Quando Peter soube, mostrou preocupação com o menino. No dia seguinte, ainda de madrugada, estava na porta da enfermaria, querendo saber do estado da criança. Quando expliquei toda a situação e que era aniversário do menino, Peter disse que ele tinha que ficar bom para participar da festa surpresa que ele tinha preparado. E ele, realmente fez uma enorme festa para o garoto!

— Ele preparou uma festa? E a criança melhorou? — A curiosidade de Tracy só aumentava.

Rachel tirou o seu celular da bolsa, desbloqueou a tela e procurou as fotos da festa, passando o aparelho para Tracy, que ficou encantada com as fotografias.

— Ele fez tudo isso em apenas um dia, pagou tudo e... — Rachel também não compreendia.

— Rachel, esses aqui são os jogadores do time mais importante da cidade! — A médica confirmou. — Ele fez tudo isso por uma criança que não é nada dele? Essa festa fantástica? Pagou tudo e ainda chamou cinco jogadores para alegrar o menino?

Rachel confirmou tudo enquanto Tracy continuava vendo as fotos. Ela parou na imagem que mostrava Thomas sentado em uma maca, ladeado por Peter e Rachel, todos sorrindo para a câmera.

— Mesmo em uma cadeira, ele... — Rachel olhava a miga com reprovação no semblante. — Deixe disso! Ele pode ter sido um canalha no passado, mas o ele que fez pelo menino é emocionante. Depois, com esse rosto lindo, esses olhos azuis e esses músculos... Ele é bem interessante. A cadeira não o fez deixar de ser homem.

— Eu acho que sim! — Rachel devolveu, deixando Tracy aturdida.

— Quer dizer que ele não funciona mais? Que desperdício. Você perguntou a ele? — Tracy estava muito interessada no assunto.

— Claro que não! Nesse momento ele precisa de um psicólogo para aceitar sua nova condição caso alguns tratamentos não deem resultado. Pelo que sei,

a mulher o deixou logo após o acidente. Pior, traiu-o com um colega! — Rachel mostrava saber muito sobre Peter.

— Ele contou isso a você? — Tracy indagou?

— Não. Nós não falamos sobre isso e nem sobre nada! Eu o odeio, mas pesquisei algumas coisas depois que o encontrei. — Rachel disfarçou.

— Investigou? Curioso! Ele poderá funcionar normalmente? — Tracy retornou ao assunto anterior.

— De acordo com os exames, nada impede que ele tenha uma vida sexual quase normal. Mas qual é o seu interesse nele? — Rachel não nada do entusiasmo da amiga.

— Científico. Meramente científico! — Tracy falou rindo e olhando a foto dos três.

— Você é pediatra! Apesar de ele ser uma criança... Afinal, o que ele fez não é coisa de homem. — Rachel afirmou, incomodada com a brincadeira.

Tracy ficou séria e devolveu o celular à amiga.

— E se ele mudou? As pessoas cometem erros e se arrependem; isso pode mudá-las. O tempo muda muita coisa. — Tracy falava de uma maneira séria, tomando cuidado com as palavras.

— Não. Peter Carlsson não mudaria nunca! — Rachel foi rápida em sua resposta.

— Suas feridas não cicatrizaram? Você não tem medo de que todo esse ódio armazenado te impeça de ver que o tempo o mudou? Rachel, as pessoas podem mudar. Ele pode ter mudado ou, como você mesma diz, Deus pode fazê-lo mudar. — As palavras de Tracy pareciam uma pedra lançado no vidro que se quebra.

— Não! Ele não pode ter mudado! — Rachel tinha certeza.

— Você quer que ele seja o mesmo do passado. Porque, se ele mudar, o seu ódio vai perder o sentido de existir! — Olhando para a amiga, Tracy continuou: — Eu sei o quanto você sofreu durante todos esses anos. Como médica, você tem o dever de ajudá-lo, ou de dizer que não tem condições de fazê-lo. Como mulher, tem o direito de querer distância do homem que te fez

tanto mal. Mas, como mulher temente a Deus, tem a obrigação de perdoá-lo e acreditar que Deus pode fazer o mesmo.

— Eu nunca vou conseguir isso! — Afirmou Rachel, um tanto perturbada.

Ao dizer aquelas palavras, a comida foi servida. Mas a conversa que tiveram continuou martelando em sua cabeça. Na verdade, ela não queria aceitar a possibilidade de Peter estava, verdadeiramente, arrependido ou de que mudara com o passar dos anos. Os sentimentos que nutrira por aquele homem eram tão intensos que lhe feriam sempre que ela se lembrava da fatídica noite, ou quando estava perto dele.

Contudo, Tracy tinha razão no que dizia, tanto em relação ao tempo, quanto à possibilidade dele ter mudado e, acima de tudo, na chance de Deus perdoá-lo. O Pastor Philip lhe contara que Deus tinha algo especial preparado para a vida de Peter. Mas Rachel só queria manter distância dele e, se possível, nem mesmo ajudá-lo como médica.

CAP. 24

VISITA NA CLÍNICA

Naquele sábado, muitos pacientes estavam recebendo visitas. Já fazia algumas semanas que Peter se encontrava na clínica. Era norma da instituição que, nos primeiros dias, família e amigos se ausentassem, para que os pacientes pudessem se focar apenas na reabilitação. Este era um processo doloroso, que apresentava resultados muito positivos para algumas pessoas.

Ronald estava ansioso para ver o filho. As informações que recebia, diariamente, por meio de John, deixavam-no bastante animado; especialmente as que davam conta da abertura do rapaz para novos tratamentos, e da existência de Thomas, o novo amigo de Peter. Quando ele soube o que o filho fizera pelo garoto, ficou muito encantado. Ele sabia que, por trás do homem vaidoso, arrogante e egocêntrico do passado, havia uma boa pessoa.

Acreditava que Deus podia mudar o filho. Essa era a sua principal esperança ao enviá-lo para aquela clínica.

Ronald admirava o edifício. Era muito mais elegante e bem cuidado do que os prospectos deixavam perceber. Estava satisfeito em ter incentivado o filho a se internar ali. Enquanto esperava seu crachá de visitante, admirava a enorme pintura a óleo de George O'Connor. Era uma peça interessante, principalmente por seu sorriso e olhar, que parecia acompanhar todos que entravam no local.

Uma das moças, uniformizada e muito sorridente, entregou-lhe a credencial e desejou-lhe uma boa visita. Ronald agradeceu e se foi pela cancela eletrônica. Faltava pouco para reencontrar o filho, e a emoção já tomava conta do seu coração. Os visitantes seguiam para um grande salão; devido ao tempo chuvoso, não poderiam desfrutar dos belos jardins.

Os olhos de Ronald percorreram o salão, com muitas pessoas, a

procura de seu filho. Ao longe, uma mão lhe acenava. Peter, ladeado por John, sorria para o pai, que lhe sorriu de volta. Há muito tempo Ronald não via um sorriso no rosto do filho, e isso deixou-o radiante. Caminhou em direção aos rapazes e abraçou o filho.

— Meu campeão! — Ronald falou.

— Bom ver o senhor. Obrigado por vir! — Disse o jogador, abraçado ao pai.

— John, como está? — John sinalizou que estava bem. — Você está com um ótimo aspecto, Peter. Sua mãe...

Ronald procurava uma desculpa para a ausência de Brigitte, mas foi interrompido pelo filho.

— Pai! Brigitte nunca viria a um lugar desses. Ser a progenitora de uma estrela do futebol, com um *status* social interessante, era uma coisa. Ser mãe de um cadeirante, é outra, e bem diferente. Aqui não há fotografos para que ela possa brilhar. Mas o que me importa é que o senhor está aqui! — Peter disse, batendo na mão do pai, sentado ao seu lado.

— Que bom que você conhece sua mãe! E você, como está? Está muito diferente do Peter que saiu de casa, há algumas semanas. — Ronald estava muito feliz por ver as mudanças em Peter.

— Não está sendo fácil, mas estou aprendendo a conviver comigo mesmo! — O rapaz declarou, demonstrando certa mudança de comportamento.

— Que bom, filho. E quem é o Thomas? John me falou de alguém especial. Contou da médica que não se importa com “quem é o grande Peter Carlsson”. Quero conhecer todos! — Ele estava a par de todos os acontecimentos da vida do rapaz, que olhou para o cuidador com ar de reprovação.

— Eu tenho um cuidador ou um informante? — Peter encarou John. — Quanto à médica, ela é a pessoa mais arrogante que eu conheço...

— Ganhou de você? — Ronald brincou.

— Quanto a Thomas, ele é uma criança muito especial! Acredita que eu lhe dei um jogo de última geração e ele quis dar para a clínica, para que todos os meninos e pacientes possam jogar? — Era possível sentir o carinho que Peter nutria pelo menino.

— Quero conhecê-los! — Reafirmou Ronald, encantando com tudo.

Peter e John levaram Ronald para conhecer as instalações da clínica. Passaram pelo apartamento, pelas academias, salas de fisioterapia e de artes, todos os lugares em que o acesso era permitido. Ronald estava surpreso com a qualidade das dependências e como elas atendiam às necessidades dos pacientes. Até mesmo a piscina era toda paramentada para que qualquer pessoa pudesse utilizá-la.

Peter passava algumas horas lá, especialmente pela manhã. Quando estavam saindo do balneário, Rachel vinha caminhando em sua direção. Ao ver o pai do jogador, a médica sentiu o coração disparar, com medo de ser reconhecida pelo empresário. Estava pensando em mudar de percurso quando o rapaz chamou-a, então foi forçada a cumprimentá-los.

Ronald olhou intensamente para a médica.

— Dra. Rachel, este é meu pai, Ronald Carlsson. Pai, esta é a dona e responsável pela clínica! — Peter apresentou-os enquanto Rachel tremia por dentro.

— Muito prazer. E obrigado pelo que tem feito por meu filho! — O empresário sorria e não tirava os olhos da médica.

— É um trabalho de toda a equipe. Agradeço pelas palavras. Esse é o nosso trabalho! — Rachel estendeu a mão trêmula para cumprimentar Ronald, e ele percebeu esse detalhe.

— Sabe, seu rosto não me é estranho. Tenho a impressão de que já nos conhecemos. Aliás, tenho quase certeza! — Ronald disse, tentando lembrar onde tinha encontrado a moça antes.

Rachel tentou disfarçar o melhor que pôde.

— Provavelmente de algum comitê político com meu sogro, o Senador Teddy O'Connor! — Ela disse.

— Mas é claro, a senhora é nora do Senador Teddy. Como pude esquecer esse detalhe? Devo tê-la encontrando em um desses eventos. Eu conheci muito bem o seu esposo. — Ronald falou. Mas alguma coisa dentro dele dizia que não era de nenhum evento que eles se conheciam.

— Seja bem-vindo à nossa clínica! — Ela declarou, cumprimentou os outros

homens e saiu.

— Rachel, eu nunca esqueço um rosto. E vou-me lembrar de onde nos conhecemos, pode ter certeza! — Ronald afirmou. Ele tinha o mesmo sorriso encantador que o filho herdara.

Por fora, Rachel sorria, mas em pensamento desejava que o homem nunca se lembrasse dela e de sua mãe. Não queria que sua real identidade fosse revelada antes da hora certa. Afastou-se do grupo querendo olhar para trás, sentia que estava sendo observada por Peter e Ronald.

— Pai! Ela tem idade de ser sua filha. — Peter brincou, sorrindo para o pai.

— Não é nada disso! Sem dúvida ela é uma mulher muito interessante, bonita e elegante, mas não estou pensando nisso. Apenas tenho uma ligeira impressão de que a conheço há muito tempo. Aqueles olhos me lembram de alguém! — Ronald disse, observando a médica se afastar.

— Sabe, pai, quando a vi pela primeira vez, e quando a ouvi cantar na igreja, ela me lembrou de uma pessoa da nossa cidade! — Peter comentou, também observando Rachel.

Ronald, admirado, olhou para Peter e comentou:

— Você foi à igreja? Onde está o meu filho? — Ele estava surpreso com mais aquela novidade.

Peter começou a se mover para evitar responder àquele último comentário. Ronald colocou o braço sobre os ombros do filho, satisfeito com a mudança que aquele lugar inspirava na vida de Peter. Ainda assim, não conseguiu tirar a médica da cabeça. Estava percorrendo suas memórias, tentando descobrir quem era a mulher fascinante e intrigante.

Em uma das salas, encontraram Thomas com outro paciente, brincando com o jogo que Peter lhe dera. Pararam na porta e Peter indicou a Ronald que aquele era o garoto de quem falaram.

— Os pais morreram? Ele não tem ninguém? — Peter confirmou. — Deve ser difícil para ele!

— Sr. Carlsson, está dizendo isso porque não o conhece! Depois de cinco minutos conversando com Thomas, o senhor vai ter pena de si mesmo e não dele. É um menino alegre e com um astral único. Nunca conheci ninguém

como ele! — John revelou, deixando Ronald abismado.

Entrando na sala, Peter gritou:

— Thomas!

O menino largou o jogo e olhou na direção da voz do jogador. Ao vê-lo, um sorriso encantador se formou no rosto infantil. Quando sorria, Thomas iluminava o mundo. Ronald sentiu um arrepio percorrendo seu corpo ao olhar para o menino. Peter chamou o pai para se aproximar deles.

Thomas passou o jogo para o colega e foi para perto dos três homens, sempre com um sorriso no rosto. Observou aquele homem grande encarando-o sem titubear nem por um segundo.

— Thomas, eu quero apresentar o meu pai, Ronald Carlsson! — Peter falou, atento à reação do garoto.

A pequena mão de Thomas foi estendida para receber o aperto do pai do jogador.

— Muito gosto! — Ronald falou ao menino. — Então, você é o famoso Thomas, amigo do meu filho?

Ao ouvir as palavras do homem, Thomas olhou para Peter e seus olhos se iluminaram. Ele acenou com a cabeça, confirmando e olhando para Peter.

— É pai, esse é o meu mais novo amigo! — Peter confirmou, sorrindo para o garoto.

Os olhos do menino se alargaram ainda mais, diante das palavras do jogador.

— Verdade? Somos amigos? — Thomas estava emocionado.

Peter acenou que sim e o menino abraçou o jogador. John teve que segurar a criança para não cair no chão. A alegria fez com que se esquecesse da cadeira, se jogando sobre o corpo de Peter. Todos riram e o menino sentou-se no colo do rapaz, olhou para Ronald e falou:

— Os parentes do meu amigo também são meus amigos! — O sorriso do menino parecia não ter mais fim.

O dia passou transcorreu com muita alegria. Thomas se juntou ao grupo dos três homens e não os largou mais. Almoçaram juntos e participou

das conversas. Ronald convidou o garoto para ir visitá-los um dia. Peter riu internamente ao imaginar a mãe recebendo aquela visita. Se o filho cadeirante a irritava, imagine uma criança, esbarrando em seus móveis caros e elegantes... Brigitte enfartaria quando a cadeira dos dois passasse sobre os tapetes persas. Imaginar a cena fez com que cumprisse a vontade do pai só para provocar a socialite Brigitte Carlsson.

CAP. 25

EU QUERO VÊ-LO

Quando o motorista cruzou os portões da mansão O'Connor as luzes da casa iluminavam o espaço. O monumento chamava a atenção durante o dia, mas à noite, completamente iluminado, ganhava um ar de austeridade, luxo e glamour. Por dentro, a iluminação ficava por conta dos inúmeros lustres de cristal, que aumentavam a sensação de poder que se respirava ao entrar ali.

O frio estava cada vez mais rigoroso, anunciando que o Inverno seria muito intenso. Como de costume, o mordomo estava esperando a médica, como fazia com todos os membros da família. Quando Rachel entrou, seus filhos estavam descendo as escadas.

— Mãeeeeeeeeeeeeee! — Eles gritaram, correndo para seus braços, abraçando e beijando-a carinhosamente.

— Que saudade! Onde estão indo assim, todos arrumados? — Rachel perguntou, vendo a mãe descendo as escadas, também arrumada. — Aonde a senhora vai?

A expressão de Leona ficou carregada por alguns segundos, mas, em seguida, ela beijou a filha e sorriu carinhosamente.

— Esqueceu que Teddy está na casa do lago e seus filhos vão passar o fim de semana lá? Eu decidi ir com eles! — A senhora respondeu, vestindo o casaco de inverno.

— Mãe, você vai conosco? — Kristin perguntou.

— Não, minha querida. Vocês voltam na terça-feira, com seus avós, é um dos médicos da clínica teve que viajar. Então, eu tenho que estar pronta para qualquer eventualidade! — A médica beijou a filha. — Mas prometo que, na próxima viagem para a casa do lago, eu vou com vocês!

Abraçou os filhos e beijou-os com muito carinho. Em seguida, ergueu-se e contou a mãe quem tinha visto naquele dia.

— A senhora nem imagina quem esteve na clínica e não me reconheceu! — Rachel estava muito orgulhosa de sua mudança. Leona olhava para a filha, curiosa. — Ronald Carlsson!

— Sr. Carlsson na clínica? Por quê? — Leona estranhou e não entendeu a presença do homem.

— Mãe, esqueceu que Peter Carlsson está na clínica? — Rachel não entendia como a mãe podia ter esquecido.

Leona quis saber mais sobre a situação do rapaz.

— Peter, em uma cadeira de rodas? Que horror! Ainda não consigo imaginar!

— Rachel pensava que era muito bem feito para ele. — Quando voltar da

casa do lago, vou visitá-lo na clínica.

— Não, a senhora não pode! — Rachel levantou a voz.

— Como assim? Eu não posso visitar o rapaz? — Leona não entendeu a atitude da filha.

— Mãe... — Antes que pudesse continuar, Leona a interrompeu.

— Eu quero vê-lo! Assim que chegar, além de ir a clínica, nós vamos ter uma conversa sobre Peter Carlsson. Não vamos conversar agora porque Teddy está nos esperando e estamos atrasados. Sabe que não gosto de viajar à noite. Mas quando eu voltar, nós vamos ter uma conversa séria, Dra. Rachel O'Connor.

Leona se despediu da filha com um beijo e um abraço apertado, e sussurrou ao seu ouvido “Juízo!”, fazendo a médica rir do comentário. Rachel abraçou e se despediu dos filhos e acompanhou os três até o carro. Ficou observando o motorista que tinha acabado de deixá-la, seguir em uma nova viagem. Da porta de casa, ela acenou até que o carro ultrapassou os portões da propriedade.

Rachel pensou “Que Deus os guarde!” e entrou em casa. Não gostava que eles viajassem à noite. Mesmo com todo o conforto, o percurso levaria uma hora e meia, e isso a deixava preocupada com a mãe e os filhos.

Foi para seu quarto e, como sempre, sentou-se na poltrona, beijou o retrato de George e começou a contar sobre o seu dia.

— Hoje eu vi o pai do Peter. Ele sempre foi simpático comigo e com minha mãe. Ele me reconheceu, mas não conseguiu associar meu nome e meu rosto à moça que foi empregada de seu restaurante. Confesso que fiquei com medo dele lembrar quem eu era. Ainda não é tempo de Peter saber quem eu sou!

O hábito adquirido desde que perdera George ajudava a contornar o peso da saudade que ela sentia. Ele, além de seu marido e companheiro, era seu melhor amigo.

— Minha mãe esqueceu que Peter estava na clínica. Eu a lembrei desse detalhe desagradável e, agora, ela quer visitá-lo. Obviamente eu não vou deixar! Graças a Deus, está tudo calmo e funcionando bem na clínica. Estou dando seguimento ao seu projeto e sei que você está orgulhoso do meu

trabalho.

Rachel beijou o retrato e, carinhosamente, recolocou-o no lugar. Entrou no banheiro e abriu a água quente, deixando-a encher a enorme banheira; com calma, acrescentou os sais e a espuma de banho. Aproveitaria a tranquilidade da casa para tomar um delicioso banho de imersão; só podia fazer isso quando estava sozinha. Afinal, ser mãe de duas crianças pequenas significa que, quando se tenta relaxar, um deles entra no quarto como um vendaval.

Tirou a roupa aos poucos, revelando um corpo perfeito. Sua cor era sensual, a pele era suave, firme e delicada, capaz de chamar a atenção de qualquer homem. Rachel prendeu o cabelo no alto da cabeça, tirou a *lingerie* e experimentou a água. Entrou na banheira e deixou seu corpo ser absorvido pela água quente e espuma, deliciosamente perfumada.

Colocou uma de suas músicas clássica preferidas para tocar e apoiou a cabeça no encosto da banheira. Como era bom desfrutar daquela sensação! Fechou os olhos e relaxou, sem pensar em mais nada, longe de tudo e todos. Aquele momento era só dela. Antes, aproveitava tais momentos com George, agora aprendera a desfrutar sozinha.

Aos poucos, sua imaginação levou-a a pensar em alguém que não desejava. De algum modo, via em sua frente os músculos de Peter. Sua mão deslizava, suavemente, pelo peito do jogador, sentindo sua pele e a alguns pelos que haviam sido aparados. Ainda era um corpo perfeito. O coração de Peter batia descompassado por conta do toque de sua mão. Seu coração pulsava, acompanhando o ritmo do de Peter.

Inclinou a sua cabeça para trás e sentiu os lábios quentes percorrendo sua pele. Era muito bom sentir aquele calor. Os lábios foram descendo pelo corpo de Rachel até que ele parou, se ergueu, olhou-a diretamente nos olhos, e falou:

— Eu esperei tanto pelo seu perdão. E nunca imaginei ser digno do seu amor!

As palavras ditas pela voz sensual pareceram desencadear uma corrente elétrica por seu corpo. E Rachel acordou assustada com seu sonho. Ela adormecera na banheira. Podia ter sonhado com o marido, e os momentos que dividiram naquele lugar.

Mas seus pensamentos rebeldes abrira espaço para aquele ser desprezível. Ela odiava Peter. Ele nunca teria seu perdão. E ela jamais entregaria seu amor ao ser que destruiu seus sonhos e lhe tratou como um pedaço de carne descartável, sem valor ou sentimentos.

CAP. 26

UMA CONVERSA SURPREENDENTE

Rachel decidiu passar o domingo na clínica. Tracy estava de plantão no hospital; os filhos estavam com o sogro e mãe, na casa do lago. Então, lhe restavam as opções: ficar sozinha em casa ou ir para a clínica. Ela escolheu a segunda alternativa. Sentia-se bem naquele lugar, que representava o sonho dela e de George, alimentado por anos.

O relógio marcava sete horas da manhã e, em pleno domingo, o sono tinha fugido. O culto da clínica começava às dez da manhã; ela teria tempo para se arrumar calmamente. Levantou e procurou a roupa que usaria. Como ia passar o dia na clínica, optou por calças pretas largas e uma camisa de seda rosa; além de confortável aquele modelo de calça deixava-a visualmente mais alta.

Vinte minutos mais tarde, estava diante do espelho, prendendo o cabelo e se admirando. Lembrou que o motorista tinha viajado então, hoje, ela teria que dirigir, coisa que só fazia quando era obrigada. Saiu pelos fundos da casa e seguiu para a garagem. As luzes revelaram uma coleção de carros top de linha. Optou pelo Maserati branco, o esportivo era o preferido de George.

Entrou no carro e abriu o portão da garagem. O ronco do motor fez com que se lembrasse da paixão que o marido tinha por velocidade; ele amava a sensação de liberdade. Rachel arrancou com o potente carro e, como não havia trânsito, chegou rapidamente à clínica. Cruzou os portões e estacionou diante da quadra de basquete, onde Peter arremessava uma bola.

Sozinho, ele estava distraído. Sentia falta de praticar esportes e, como

não estava bebendo, levantava cedo. Só jogava sozinho porque odiava ser o centro das atenções, e ficava imaginando os que os outros cadeirantes pensavam dele, um ex atleta que mal conseguia acertar uma bola na tabela.

Rachel se aproximou da quadra e ficou observando Peter. Percebeu sua dificuldade em fazer algo que, antes, seria muito simples para ele. Assim que a médica entrou na quadra, ele arremessou a bola, que bateu na tabela e tomou a direção dela, quicando algumas vezes antes que ela segurasse.

— Bom dia! — A médica falou.

Peter voltou-se e lá estava aquela mulher deslumbrante. Era a primeira vez que a via sorrir.

— Bom dia, Dra. Rachel! — O jogador deslizou em sua direção.

— Tão cedo e está aqui, sozinho? — Ela indagou.

— É. Estou acordando muito cedo nos últimos dias. Falta de combustível para dormir o dia todo! — Peter comentou, retomando a bola.

— Combustível? — Rachel pensou um pouco e se lembrou do comentário “Alto consumo alcoólico” na ficha do rapaz. — Deixe-me fazer uma pergunta como médica. O seu “combustível” era para esquecer o acidente e essa cadeira, ou simplesmente esquecer-se de viver?

Para Peter, aquela era apenas a sua médica tentando conhece-lo melhor, então ele respondeu:

— De viver! Na realidade, eu já estava morto há algum tempo. — Virando para a tabela ele tornou a arremessar a bola.

A bola bateu no aro e, por pouco, não entrou. Vendo que falhara outra vez, ele abanou a cabeça, imaginando se conseguiria jogar novamente. Rachel percebeu e o desafiou.

— Posso propor um jogo? — Peter estranhou, mas aceitou. — Eu contra você. Cada ponto que eu marcar garante uma resposta às minhas perguntas. O mesmo vale para você. Aceita?

Peter olhou para a roupa elegante e o salto alto e riu. Ele podia não conseguir marcar nenhum ponto, mas ela, daquela forma, também não conseguiria nada. Um sorriso confiante surgiu no seu rosto e ele aceitou o

desafio.

— Posso começar? — Rachel perguntou e tirou a bola das mãos do jogador.

— Estou numa cadeira de rodas, mas sou um cavalheiro! — Ele declarou observando a mulher fazer mira na tabela.

Rachel lançou a bola e errou. Peter achou o comportamento da médica engraçado. Ela notou e indicou que era a vez dele. O rapaz segurou a bola e encarou a tabela; ele pensava “eu tenho que conseguir”. Arremessou a bola, que bateu no aro e balançou a rede, mas não conseguiu fazer ponto.

Era a vez da médica. Ao segurar a bola, ela fez algo surpreendente: ficou descalça no piso molhado. Rachel fez mira e seu lance foi certo. Vendo a bola passar pelo aro, ela fechou os punhos e comemorou sua primeira vitória. Peter ficou surpreso com o lance e, ao mesmo tempo, com medo da pergunta.

— Primeira pergunta, Sr. Peter Carlsson! — Ele anuiu, autorizando o questionamento. — Por que o senhor deseja deixar de viver?

Peter olhou para a mulher e sabia que tinha que responder.

— Não tenho mais motivos para continuar vivo! — Ele falou, ficando muito sério.

— Por que não tem mais... — Rachel foi interrompida pelo aceno negativo do jogador.

— Uma por ponto. Foi o combinado! — Ele disse e segurou a bola.

Rachel confirmou e fez sinal para ele lançar. Peter chegou mais perto e lançou errado, muito ao lado da tabela. Ficou irritado por estar perdendo para uma mulher. Rachel, descalça, correu atrás da bola e lançou novamente, marcando mais um ponto. Antes de a bola tocar o chão ela já estava perguntando.

— Por que não tem mais vontade de viver? — Ficou satisfeita por conseguir fazer a pergunta.

— Eu sempre pensei apenas em mim mesmo. Cometi muitos erros que não posso voltar atrás para corrigir. Não tive filhos e, hoje, estou preso a uma cadeira e sem nenhum motivo especial para viver! — Ele disse, encarando-a.

Rachel devolveu-lhe a bola.

O rapaz colocou a bola sobre as pernas e deslizou direção à cesta. Dessa vez tinha certeza de que conseguiria e arremessou com toda a sua convicção. Mas a força excessiva mandou a bola por cima da tabela. Rachel sorriu, satisfeita, recuperou a bola fez outro arremesso. A bola rodou sobre o aro e entrou. Um sorriso de conquista surgiu em seu rosto, pois garantiu mais uma resposta.

— Quero a verdade. Do que mais se arrepende na vida? — Rachel ficou séria e manteve o olhar fixo nos olhos de Peter.

Ele engoliu em seco, baixou os olhos e virou a cadeira, fazendo menção de ir embora.

— A minha resposta! — Ela exigiu.

O jogador parou e, sem se virar, respondeu:

— Há muitos anos eu fiz uma loucura com uma pessoa que nunca me fez mal, sempre me tratou bem e eu, por estupidez, a magoei muito. Queria ter uma chance de lhe pedir perdão. É a última coisa que quero fazer em minha vida, depois eu posso morrer! — Ele respirou fundo após contar aquilo.

— E... — Peter fez sinal negativo quando ouviu a voz da médica.

Ficando de frente, ele fez sinal para receber a bola. A expressão de Rachel revelava sua surpresa diante da resposta. Esperava qualquer outra coisa. Ficou se perguntando se seria ela a pessoa a quem ele queria pedir perdão, mas logo descartou a ideia. Alguém como Peter Carlsson devia ter uma lista de pessoas a quem tinha de pedir perdão. Ele nem devia recordar o que tinha feito a ela, aquele ato de loucura quinze anos atrás.

Com a bola na mão, Rachel caminhou na direção do cadeirante e entregou-a.

— Boa sorte! — Ela disse e sorriu para Peter.

Diante de tanto sarcasmo, o jogador fez um lance automático. Rachel ainda estava de costas quando ele gritou ao ver a bola entrando pelo aro e balançando a rede. Se pudesse andar, teria pulado de alegria e, mesmo sobre a cadeira, seu corpo se movimentou em comemoração.

A médica sinalizou que ele tinha direito a uma pergunta.

— Por que a senhora não gosta de mim? — Aquela pergunta pegou a médica de surpresa.

Rachel alcançou os sapatos e calçou-os, mostrando que tinha intenção de sair da quadra sem responder aquela pergunta. Quando passou pelo jogador, ele segurou sua mão com firmeza. Rachel olhou para a mão em seu pulso e, em seguida, nos olhos do rapaz.

— Eu não gosto de homens como você! — A médica desvencilhou a mão.

Peter não entendeu o que ela queria dizer e um som não identificado quase lhe escapou pela garganta. De costas, ela anunciou:

— Fim de jogo! Outra coisa, meu marido era um excelente jogador de basquete e eu aprendi com ele. — Rachel demonstrava que tinha certeza de que ganharia o jogo.

Peter ficou observando a mulher deixar a quadra com um ar vitorioso. Quando passou pela porta de acesso, Rachel olhou para o rapaz e lhe dirigiu um sorriso sarcástico. Em outros tempos, ele teria corrido atrás dela e mostrando quem mandava. Agora ele não podia mais correr atrás de uma mulher como Rachel. E seu pensamento voltou às palavras dela: “Eu não gosto de homens como você!”

Ele precisava descobrir o que a médica queria dizer com isso.

CAP. 27

UMA TARDE DIFERENTE

O sermão do Pastor Philip falava sobre perdão e amor ao próximo. Ele

dizia:

“Como podemos amar, ou dizer que amamos, quando não sabemos perdoar? Temos de aprender a perdoar, primeiramente a nós mesmos. Para que eu entenda minha capacidade de perdoar alguém, preciso perdoar primeiro os meus erros perante Deus. Ao saber que posso me perdoar no amor de Deus e do Seu filho, abro meu coração para receber o perdão dos outros, e dar o meu perdão...”

As palavras foram de encontro às necessidades de Peter. Era como se o Pastor soubesse que o jogador não conseguia perdoar o erro que tinha cometido no passado. Na realidade, Peter precisava do perdão de Rachel para começar a se perdoar.

Ouvido as palavras que Deus revelava ao Pastor, e tendo em mente a conversa daquela manhã, na quadra, a médica entendia que uma parte também cabia a ela. No fundo, como boa cristã e seguidora dos desígnios do Criador, tinha que perdoar o que tinha acontecido.

Enquanto Rachel pensava nisso, o Pastor falou no púlpito:

“Dizemos que não podemos perdoar o mal. Mas Cristo, em sofrimento, pregado na cruz, olhou para o céu e disse ‘Pai, perdoa porque não sabem que Eu sou Teu filho’. Ele era Santo, podia dizer ‘Pai, destrói todos’ e esquecer a humanidade, mas Ele deixou o exemplo de que perdoar é o maior ato de amor. Então, o teu Deus diz: perdoa, porque é tempo desse sentimento entrar no teu coração para fazer brotar o amor.”

O corpo de Rachel se arrepiou com as palavras proferidas pelo Pastor. Quando terminou o culto, a médica se virou e viu Peter encarando-a porque eles tinham falando sobre o mesmo assunto naquela manhã. O jogador estava com raiva porque ela contara tudo para o Pastor, seus olhos entregavam o sentimento.

Peter saiu, deixando Thomas e John sozinhos. A cena fez o coração de Rachel disparar e, em sua cabeça, ouviu uma voz dizendo “vá falar com ele!” Sem pensar, ela obedeceu e caminhou apressadamente atrás de Peter.

— Você pode esperar? — Sua voz ecoou pelo corredor.

O jogador parou, mas não ficou de frente para ela.

— Precisava contar nossa conversa ao Pastor? — O tom de voz do rapaz demonstrava irritação.

— Eu não contei nada. Nem mesmo falei com ele antes do culto! — Rachel percebeu o nervosismo de Peter. — O que você ouviu foi Deus falando com a sua alma sobre a sua necessidade. Ele também falou comigo.

— Jura que não contou? — O jogador ficou de frente para ela.

— Não vou jurar. Estou falando como mulher, mãe, médica e... — Ela se interrompeu. — Acredite, eu não contei nada! Tudo o que ouviu ali foi revelação de Deus, que falou com você e comigo!

Olhando nos olhos da médica, Peter pressentiu que ela queria dizer algo mais, mas desistiu. Se aproximando, ele segurou a mão da mulher.

— Como ele podia saber daquilo? — O rapaz buscava a verdade que desconhecia.

— Deus! Ele sabe de tudo. Sabe tudo o que fazemos de bom e de errado, e o que desejamos esquecer na vida! — Peter olhou para o chão.

— Eu daria qualquer coisa para esquecer! — Foi a primeira vez que Rachel sentiu o sofrimento por trás daquelas palavras.

Enquanto conversavam, John e Thomas chegaram. O menino trazia um sorriso de orelha a orelha, seus olhos brilhavam de tanta felicidade.

— Eles conseguiram o que você pediu! — John informou, também sorrindo.

Ao ouvir a voz do cuidador, Rachel libertou a mão que Peter ainda segurava e olhou para os outros dois.

— Você contou a ele? — O jogador apontou para Thomas.

— Não. Ele ouviu o telefonema! — John respondeu. A surpresa estava estragada.

— Eu tenho problemas nas pernas e não nos ouvidos! — O menino sorria. — Eu posso ir?

Thomas pensava que Peter estava pedindo autorização a Rachel.

— Ir para onde? — Ela perguntou, acarinhando a cabeça do menino;

— Eu pedi ao meu clube; quer dizer, ao clube em que eu jogava, para tentar

conseguir um camarote para assistir um jogo com John e Thomas hoje. Eles conseguiram! — Peter concluiu, olhando os olhos da médica.

— Posso ir, Dra. Rachel? — O menino sorria e seus olhinhos brilhavam de animação.

Rachel ficou ainda mais atônita com aquilo. Peter Carlsson fazendo alguma coisa por alguém e, ainda mais, uma criança especial como Thomas. Ela não queria acreditar. Na escola, Peter sempre ria de pessoas diferentes e, agora, se mostrava preocupado com a felicidade de uma criança muito especial, não apenas por sua condição física, mas pela beleza que carregava em seu interior.

— Pode vir também, Dra. Rachel! — Peter sorria para ela.

— Como disse? — Ela perguntou.

— É um camarote. E tem vários lugares. Além do mais, a senhora é responsável pelo Thomas! — Peter afirmou, fixando seu olhar nos olhos verdes de Rachel.

— Por favor, venha, Dra. Rachel. Por favor! — Thomas sorria e segurava a mão da mulher.

Com tantos pedidos, Rachel acabou concordando. Ela nunca imaginou que voltaria a aceitar um convite de Peter, nem dividir o mesmo espaço com ele.

Juntos, o grupo foi para o estádio de futebol. Quando chegaram, a enorme arena estava lotada. Era um jogo importante para o campeonato e todos torciam pela vitória. Quando reconheceram Peter, agora cadeirante, algumas pessoas exibiram olhares surpresos; outros aplaudiram, demonstrando carinho por um grande jogador. Algumas pessoas se aproximavam para tirar fotos.

A demonstração de afeto emocionou Peter. Ele tinha saudade de sentir o amor dos fãs, mas se sentia desconfortável por estar preso em uma cadeira, longe do campo, onde podia correr e marcar pontos para o seu time.

Identificando Peter, os seguranças correram para levar o grupo até o elevador que dava acesso ao piso dos camarotes. Em segundos as portas se abriram. O espaço era muito elegante e sofisticado. Um dos seguranças os

acompanhou até uma cabine. Lá dentro, as poltronas diante de um grande vidro permitiam acompanhar o jogo com uma vista exclusiva.

Quando Thomas viu o campo à sua frente, soltou um sonoro:

— Uauuuuuuuuuuuuuuuuuuuuu!

Era como um sonho! Sobre uma das mesas havia camisetas do time e bonés para todos; em outra, comidas, bebidas e aperitivos estavam à disposição do grupo. Passaram a tarde acompanhando um jogo empolgante.

Rachel admirou a ligação incomum que existia entre Thomas e Peter. Eles discutiam por faltas e brigavam, emocionados com o jogo. John percebeu que Rachel estava observando os dois e comentou:

— Quem diria que eu chegaria a ver Peter assim! Dois anos de tratamento e nunca consegui tirá-lo de casa. Sete semanas em sua clínica e ele parece outra pessoa! — O enfermeiro sorria.

— Eu acho que não tem a ver com a clínica, mas com ele! — A médica apontava para Thomas.

— Eu também pensei nisso, mas acho que é o conjunto! Hoje de manhã Peter entrou no quarto feliz. Não entendi o motivo! Ele saiu dizendo que queria ficar sozinho, depois voltou alegre com alguma coisa. Por isso eu acho que é a clínica. — John voltou a se concentrar no jogo.

Rachel ficou pensando no que John acabara de contar. Observava o jogador atentamente e refletia: será que ele tinha mudado de verdade? Será que, lá no fundo, existia arrependimento pelos atos do passado? Revisitou a conversa que tiveram na quadra. Tudo indicava que ele sentia remorso pelo que lhe fizera.

A palavra do Pastor Philip falava de perdão. Rachel não sabia se, algum dia, poderia perdoá-lo. Desejava confrontá-lo com a verdade, em breve. Falar sobre o que ele tinha feito; sobre a sua própria transformação e, acima de tudo, dizer que a mulher que ele ferira e prejudicara, era a única que poderia ajudá-lo a voltar a andar.

De acordo com os exames e pela localização da lesão, ele poderia ser tratado com uma terapia inovadora de regeneração celular. Há alguns dias ela recebera a confirmação. Ela queria que ele sofresse quando descobrisse que

seu maior sonho estava nas mãos dela. Seria uma forma de se vingar. Mas vendo-o com Thomas, muitas dúvidas surgiram dentro dela.

CAP. 28

INICIANDO O TRATAMENTO

A segunda começou animada. Peter estava de ótimo humor, fato percebido com facilidade. Logo pela manhã, John percebeu que alguma coisa tinha mudado dentro do jogador. A clínica e todo aquele ambiente, a convivência com outros cadeirantes, as consultas com terapeutas e psicólogos, de algum modo estavam transformando aquele homem amargurado. Thomas tinha ajudado bastante, criando um elo entre os dois.

O dia anterior foi muito animado com a vibração de Thomas e Peter durante todo o jogo. Mas John sentia que havia algo mais que um simples jogo. Enquanto tomava banho, o jogador assobiava uma das melodias tocadas no culto do dia anterior, e isso deixou o enfermeiro pasmo. O que estava acontecendo com Peter? Independentemente de qual fosse o motivo da transformação, era muito bom ver um Peter diferente. Isso ajudaria no tratamento e na recuperação.

Quando chegaram ao refeitório, Thomas já os esperava. Assim que os viu, acenou veementemente, chamando a atenção. Peter acenou de volta, confirmado que o vira. John estranhava a atenção que um demonstrava pelo outro, mas o que importava era que ambos estavam se ajudando.

A refeição foi rápida. Thomas ia ter aulas na clínica e Peter começaria a fazer alguns exames. Como sentia algumas dores, o jogador começou sessões de acupuntura para reduzir, principalmente, a ansiedade e combater a depressão. Tudo era monitorado por Rachel que, apesar de tudo, queria acompanhar o progresso de Peter e sua reação aos tratamentos.

Estranhamente, fizeram uma coleta das fossas nasais do jogador. Baseando-se no resultado de alguns exames, Rachel acreditava que poderiam usar um procedimento inovador que tinha aprendido na Polônia com o neurocirurgião Pawel Tabakow, um dos melhores do mundo. Em Seattle, estavam alcançando ótimos resultados a partir da técnica. Por sua capacidade física, Peter seria um bom candidato.

Ao saber que ele estava fazendo acupuntura, Rachel foi observá-lo. Entrou na sala e fez sinal para que o técnico não comentasse sua presença. Pegou algumas agulhas e aplicou-as em alguns pontos dos pés do jogador, que se mexeu, como se algo o incomodasse.

— O que você sentiu? — Peter se assustou ao ouvir a voz da médica.

— Um formigar percorrendo o meu corpo! — Ele respondeu.

— Ok! — Ela falou e não comentou mais nada.

— O que isso significa? — Peter perguntou, com certo nível de esperança na voz.

— Apenas que podemos maltratá-lo e você não vai sentir! — Rachel falou e sorriu para o técnico. — Apesar da sua lesão, existe um longo caminho a percorrer. E poderemos fazer um trabalho de recuperação. Antes que você pergunte, não sabemos qual será o resultado final. O que vamos fazer é te dar uma melhor qualidade de vida e experimentar procedimentos que, se forem bem sucedidos, poderão resultar em melhoras significativas. Precisamos manter a fé e a esperança.

Peter sorriu para a médica. Quando ela viu, seu corpo tremeu. Aquele

era o mesmo sorriso pelo qual ela se apaixonara na adolescência. Os olhos brilhantes que a encaravam fizeram suas mãos tremerem e ela derrubou o frasco com as agulhas. Não queria sentir nada por aquele homem; queria fazer seu trabalho como faria com qualquer um que pedisse ajuda.

Ao perceber o nervosismo da médica, Peter perguntou:

— Está tudo bem? — O verde dos olhos dela sempre o lembrava de alguém...

— Por que não estaria? Você é um paciente como qualquer outro! — A resposta causou espanto em Peter e no técnico.

Rachel saiu da sala. Seu coração disparava. Em sua cabeça ela respondia à pergunta do jogador de outra forma: “Tudo bem? Como pode estar tudo bem? Eu fico nervosa quando te vejo, Peter Carlsson. Você traz lembranças que eu queria esquecer. Não quero sentir o que, às vezes, sinto quando estou perto de você. Nesses quinze anos eu não consegui esquecer o que me fez, entendeu? Como eu o odeio, com todas as minhas forças eu quero odiá-lo...”

Enquanto caminhava, seus pensamentos ainda estavam na sala em que Peter fazia o tratamento. Quando entrou em seu consultório, Rachel encontrou os resultados de alguns exames sobre sua mesa; entre eles, estavam os de Peter. Para sua surpresa, estava tudo em ordem, informando que ele estava apto para fazer a cirurgia e o tratamento. Guardou o resultado na pasta dele e passou a analisar se teria condições de fazer aquela cirurgia e ajudar o rapaz.

Peter saiu da sessão e foi para o consultório de Rachel. Como não havia ninguém na antessala, ele bateu na porta. Automaticamente, a médica mandou entrar. Quando a porta abriu e ela viu o jogador, deixou cair a pasta que tinha em suas mãos. Peter encarava a médica e se aproximava da mesa.

— Por que você me trata dessa forma? — Ele queria entender as atitudes dela.

Rachel não esperava que ele fosse tão direto. Ela se sentiu constrangida e seu rosto ficou vermelho.

— Eu não entendo porque não gosta de mim. Em alguns momentos, fica

constrangida comigo, em outros me trata mal. Eu não entendo o que fiz para deixar a doutora assim! — O olhar do jogador refletia as perguntas que lhe iam à mente. Ele desejava uma resposta.

— Quem é você para questionar minhas atitudes? — Rachel tentou fugir da pergunta.

— Eu? Sou uma pessoa que confia na senhora para me ajudar. Minha vida está em suas mãos, mas eu sinto que você não está à vontade comigo. Quando eu olho nos seus olhos existe algo que eu não entendo, assim como as suas atitudes. O que eu fiz à Doutora? — Ele inquiriu.

Diante da atitude de Peter, a mulher levantou e caminhou em sua direção.

— Está colocado meu profissionalismo em dúvida? Se não confia no trabalho da minha clínica e no meu, pode ir embora. Você não está preso. Como médica, vou atender e ajudar no que for possível. Mas não sou obrigada a gostar de você, Peter Carlsson! — A voz de Rachel estava alterada. Ela se afastou e abriu a porta.

— Alguma coisa me diz para confiar em você, mas também sei que não gosta de mim e eu queria entender o motivo? — Peter se retirou, sem esperar pela resposta.

Furiosa, a médica fechou a porta. Seu corpo tremia de raiva e pela ousadia daquele homem. Quem era ele para querer alguma justificativa para suas atitudes? Peter ainda mexia com ela, mesmo depois de tanto tempo. Por mais que ela o odiasse, sabia que não era indiferente àquele homem.

CAP. 29

DESCOBRINDO A VERDADE

No início da tarde de quarta, o carro dos O'Connor parou diante da porta principal da clínica. O motorista abriu a porta para Leona sair, a mulher estava elegantemente vestida e em nada lembrava a empregada de cozinha, agradeceu ao motorista e entrou no edifício. As funcionárias sorriram para a mãe de Rachel. A mulher pediu para não ser anunciada, pois queria fazer uma surpresa para a filha.

Percorreu os corredores seguindo em direção ao consultório da filha. Leona tinha orgulho das conquistas de Rachel. Mesmo tendo casado com um dos milionários de Seattle e ter uma vida bem diferente da que vivenciava na juventude, a moça continuava com o intuito de ajudar a quem precisava. Essa era uma luta dela e do falecido marido. Mesmo tendo crescido sem um pai, Rachel era um exemplo de pessoa boa e generosa para com os outros.

Na recepção do consultório de Rachel e secretária levantou para cumprimentar a mulher.

— Boa tarde, minha querida! Rachel está atendendo algum paciente? — Leona perguntou, mostrando o mesmo sorriso da filha.

— Não. Ela está sozinha! — A moça informou, sinalizando que ela podia entrar.

Leona bateu na porta e ouviu a filha dizer “Pode entrar!” A expressão de surpresa estampada no rosto de Rachel chegava a ser hilária. Ela não esperava receber a visita da mãe; também não esperava que a mulher cumprisse o que havia prometido. O coração da médica disparou. Sua mãe e Peter não podiam se encontrar.

— Aconteceu alguma coisa, mãe? — Ela levantou para cumprimentar Leona.

— Precisa acontecer alguma coisa para eu visitar a minha filha? — Ela abraçou e beijou a filha.

— É apenas uma visita? Que bom! — Rachel se perguntava se alguém a

tinha visto. — Encontrou alguém quando veio até aqui?

— Quem eu poderia encontrar? — Leona sabia que a filha se referia a Peter Carlsson.

— Dona Leona, deixe de ser assim! O que a senhora está fazendo aqui? — Rachel encarava a mãe.

— Estava por perto e decidi visitar a minha filha e, quem sabe, o filho de meus antigos patrões! — Leona sorriu com tranquilidade.

— Por perto a senhora não estava. Seus passeios e as suas amigas se concentram do outro lado da cidade. Como teimosa que é, veio visitar o Peter! — Rachel conhecia muito bem a mãe que tinha e sabia que, mais cedo ou mais tarde, aquilo podia acontecer. Mas ainda não era o momento.

— Não me oferece nada, Dra. Rachel? Nem um chá ou café? — A senhora mudou de assunto.

— Adoro suas visitas sociais, D. Leona O ‘Neil! — Rachel pediu que a secretária lhes levasse dois chás.

Rachel providenciou as bebidas de forma a evitar que a mãe saísse de seu consultório. Evitando que ela circulasse pela clínica, havia menos chances de ela e Peter se encontrarem. Ainda não estava na hora do jogador saber a verdade; ela queria descobrir mais sobre aquele homem antes de confrontá-lo sobre aquela maldita noite.

Ela conversou sobre tudo e um pouco mais. Uma das funcionárias trouxe o chá e saiu.

— Podíamos ter tomado o chá no jardim de inverno; é um dos lugares mais bonitos da clínica! — Leona se mostrava contrariada.

— Mãe! — Rachel reclamou sabendo o que Leona queria.

— Rachel, eu vou ser direta porque conheço a minha filha! — A mulher assumiu uma expressão séria. — Ele não sabe quem é você?

Rachel se limitou a desviar o olhar e tomar o chá fumegante. Sabia que seu silêncio respondia à pergunta da mãe. Não queria entrara em detalhes.

— Eu nunca entendi o que aconteceu! Você era apaixonada pelo Peter e, de um dia para o outro, era como se ele não existisse. Não descansou até que eu

saísse daquela cidade; nunca mais voltou àquele lugar e... Que aconteceu entre você e ele? — Perguntou, percebendo que havia mais coisas naquela história do que ela poderia supor.

— Nada, mãe! Apenas não quero que, no começo do tratamento, ele veja pessoas que lhe lembrem do seu passado, da juventude. Isso pode atrapalhar o processo dele. — A médica tentava imprimir um pouco de verdade em suas palavras.

— Desde quando começou a mentir para a sua mãe, Dra. Rachel? O que aconteceu com vocês? Eu lembro muito bem de você sair alegre para a festa na casa dos Carlsson e depois... — Leona forçou a memória.

— Mãe, não aconteceu nada! — Rachel interrompeu a mãe. Havia irritação nas suas palavras. A médica tinha medo que a mãe descobrisse alguma coisa.

No momento em que Leona ia falar, o telefone tocou e Rachel atendeu. A assistente avisou que o paciente já estava na sala de espera. A médica respirou aliviada e pediu cinco minutos para ir fazer o atendimento.

— Tenho de ir para uma consulta! — Rachel mostrava pena por ter de sair.

— Vai, filha! Deixe-me terminar e você me leva até a porta e segue para a consulta. — Leona falou, tomando o seu chá.

Assim que colocou a xícara sobre a mesa, Rachel auxiliou a mãe a levantar. De braços dados, caminharam juntas pelo corredor. Rachel abraçou a mãe e beijou-a com todo o carinho; Leona acariciou o rosto da filha e ambas se despediram.

No fim do corredor, Peter observava a cena. Ficara chocado com sua descoberta. A mulher abraçando sua médica era a mãe da mulher que ele desejava encontrar para pedir perdão. Rachel conhecia Leona O'Neil e as duas estavam se despedindo. Como elas se conhecem? Ele pensou até perceber quem era Rachel.

Passou a lembrar da moça de quem ele tinha abusado. Elas tinham a mesma idade, os mesmos olhos verdes, quando cantavam, a voz era idêntica. E, acima de tudo, a médica nunca escondeu que não gostava dele. Tudo ficava mais claro para Peter. Rachel O'Neil e Rachel O'Connor eram a

mesma pessoa.

CAP. 30

O CONFRONTO

O corpo de Peter tremia. Rachel, a mulher que ele procurava, estava o tempo todo ao seu lado, e sabia quem ele era. Como ela podia ser tão fria, a ponto de conviver com ele, ouvir as suas lamentações e, mesmo assim, não demonstrar quem ela era? Sua cabeça estava girando. Diante si, via os olhos verdes de Rachel, há quinze anos, pedindo para ele parar. Devia ter tido a capacidade de fazê-lo, mas, em vez disso, terminou o que se tinha proposto a fazer.

Ele foi até o final. Queria o seu prêmio e o obteve. Mas o sabor da vitória se transformou em um veneno que corria por suas veias até o dia de hoje. E agora descobrira que a mulher a quem pedira ajuda era a mesma pessoa que ele maltratara. Ele devia ter tido a certeza disso quando a ouviu cantar no culto. Precisava enfrentar aquele fantasma. Agora sabia quem ela era e porque tinha dito que não gostava dele.

Quando Peter conseguiu firmar as suas mãos nas rodas da cadeira, deslizou-as em direção ao consultório da médica. A assistente avisou que ela estava em consulta. O jogador esperou alguns minutos até que a porta se

abriu, dando passagem ao paciente acompanhado por uma senhora.

Peter encarou a médica e o coração da mulher disparou por estar na presença dele. Ela se despediu do paciente e mandou o jogador entrar. Sem dizer nada, ele seguiu a médica e ela fechou a porta. Algo lhe dizia que ele já sabia de tudo.

— Em que posso ajudar, Sr. Carlsson? — Ela perguntou mantendo a distância e frieza.

Peter passou a mão no rosto pensando como iria olhar para ela sabendo toda a verdade. Respirou fundo, deslizou as mãos no rosto e perguntou:

— Você nunca iria me ajudar? — A voz estava trêmula de emoção.

— Não entendi! — A médica respirou fundo.

— Eu esperei quinze anos por este dia e, agora, não sei como começar! — Peter se emocionou por estar diante dela. — Quer saber? Eu imaginei como pediria perdão à pessoa que eu mais tinha feito mal. Agora que estou aqui, sabendo de toda a verdade, não sei o que dizer!

Rachel ficou imóvel, encostada à porta. Seu corpo tremia diante da verdade que ela queria continuar a esconder.

— Como descobriu quem eu sou? — Ela achava que a mãe tinha encontrado com ele.

— Eu vi sua mãe saindo daqui! — Ele ficou de frente, tomando coragem para olhar Rachel. — Por que não contou quem era? Eu sei que deve me odiar. Imagino que pense que tudo o que estou sofrendo é muito pouco em comparação ao que eu fiz naquela noite. Eu...

Rachel limpou uma lágrima e interrompeu Peter.

— Eu fui só garota que te deu cem dólares em uma aposta, Peter Carlsson! — Limpou, novamente, o rosto com a mão. Seus olhos estavam vidrados. — Eu fui apenas uma aposta para o menino rico se divertir. Por anos eu me senti culpada. Pensava no que eu tinha feito para você tomar aquela atitude. Eu me senti suja, vulgar, um lixo. Muito tempo depois, descobri que eu era a vítima e você o monstro. Você é um monstro!

Peter repetia as mesmas palavras para si mesmo sempre que tinha

pesadelos com ela, e quando se lembrava do que havia feito. No fundo, ele sabia que a médica tinha razão.

— Eu sei que sou um monstro. Eu me culpo desde sempre. Vivo com esse pesadelo todos os dias! — Ele tentava encarar os olhos da moça.

— Pesadelo? Você não sabe o que é pesadelo! Por anos eu sonhei com você em cima de mim, seu bafo de álcool; você invadindo meu corpo sem qualquer sentimento, seus olhos felizes por conseguir o que tanto desejava!

— Rachel colocou a mão na boca para segurar a ânsia de vômito e continuou:

— Eu pedi para parar; pedi pelo amor de Deus, mas a cada palavra você ficava mais violento. Eu te amava e você quase destruiu a minha vida! Você abusou de mim como se eu fosse um pedaço de carne, sem valor... Por isso, não venha falar sobre pesadelos. Você não sabe o que isso significa!

Quando ouviu o ódio nas palavras de Rachel, Peter colocou as mãos nos ouvidos, desejando que aquelas palavras não entrassem nele. As lágrimas rolaram pelo seu rosto, quentes como ácido que corroía a sua pele, assim como fazia dentro do seu coração. Seus olhos azuis se ergueram para olhar os de Rachel.

— Quando eu sofri o acidente de moto, foi o seu rosto que apareceu para mim. Foram as suas palavras que me fizeram perder a direção. Ou foi o remorso pelo que fiz que me deu coragem para tentar me matar e colocar um fim em tudo! — Peter sentia vergonha de si mesmo.

— Mas não morreu! Porque Deus é bom e você merecia sofrer pelo menos um pouco do que eu sofri! Essa cadeira não é nada. Se eu pudesse, pediria um castigo maior para você. — O tom de Rachel era amargo. — Quando eu vi você aqui, pensei em expulsar o poderoso Peter Carlsson. Depois pensei: vou dar esperanças de que ele pode andar e, em seguida, destruir os seus sonhos de ser feliz. Passou tanta coisa na minha mente... Te colocar em uma mesa de cirurgia e deixá-lo pior do que está, só para ver você sofrer um pouco do que eu sofri. Mas olhando na sua cara e convivendo com você, percebi que não passa de um coitado que merece o sentimento mais baixo que podemos oferecer a um ser humano. Pena. Eu tenho P-E-N-A de você!

Sentindo o peso daquelas palavras, o jogador desabou e chorou como uma criança. Mas não para comovê-la. Sabia que tinha sido um monstro de

verdade com ela, e que tudo o que ela dissesse ainda seria muito pouco. Mas a palavra pena teve o poder de atirá-lo ao chão.

O corpo enorme voou em direção aos pés dela, caindo violentamente e fazendo barulho suficiente para assustar Rachel, que deu um passo atrás. O impacto provocou um sangramento nasal, mas ele não deu importância. Peter tocou o pé de Rachel e olhou para cima enquanto lágrimas e sangue se misturavam.

— Perdoe-me! Eu vivi só para isso, para lhe pedir perdão e ouvir que, um dia, você poderia pensar em me perdoar. — Ele declarou na esperança de ouvir que ela o perdoava.

Rachel se afastou do toque do jogador.

— Eu nunca vou perdoar você! Nem mesmo que esteja morrendo! Pode se matar, pode se afundar na bebida, pode fazer o que quiser. Eu nunca vou te perdoar. Nunca! — Rachel também chorava.

— Quando tentei me matar pela segunda vez, fiquei muito mal e um homem foi-me visitar uma noite. Ele disse que minha vida não podia acabar sem eu fazer o que era certo. Eu perguntei o que era e ele me disse que eu devia corrigir o meu maior erro. E que apenas o amor pode salvar da condenação! — O coração de Rachel apertou. O jogador voltou a colocar o rosto no chão e ficou deitado. — Eu disse a ele que você nunca me perdoaria. Ele falou que você era especial e que, um dia, me perdoaria. Que a nossa história não tinha terminado. Pedi para ele me ajudar e aquele homem, de quem eu não vi o rosto, disse que sempre esteve do meu lado. Se ele esteve sempre do meu lado, por que me deixou fazer mal para você?

Um arrepio percorreu o corpo de Rachel ao ouvir as palavras carregadas de autocondenação. Ali havia um desejo de morrer misturado com um desejo de perdão, como antídoto para o sofrimento. Nesse momento, os pensamentos da médica ganharam voz.

— Quem era esse homem? — Ela sentia verdade nas palavras do rapaz.

— Antes de sair do quarto, perguntei o seu nome e Ele me respondeu: “Eu sou aquele que carrega os pecados da humanidade” e desapareceu na minha frente! — Peter revelou, sentindo o frio do piso em seu rosto quente.

— Você está dizendo que o Salvador foi visitar um pecador? — Rachel começou a rir alto.

O riso dela fez com que Peter virasse o rosto, deixando um rastro de sangue no chão.

— Não acredito n'Ele e também imagino que o Filho de Deus, ou quem quer que fosse, não visitaria um monstro! — Ele disse encarando a médica.

As palavras de Peter soaram como uma condenação à atitude dela. Afinal, Jesus Cristo padeceu por amor aos pecadores, por mais que os pecados fossem sórdidos, como o de Peter. Rachel sabia que não tinha poder de condenar ninguém; poderia até não o perdoar, e isso era um direito dela, mas falar do perdão Divino ela não podia.

Vendo o sangue escorrendo no rosto do rapaz, ela abriu a porta e pediu que a secretária chamasse os enfermeiros para socorrer Peter. Não retornou ao consultório. Os enfermeiros vieram rapidamente e acomodaram o jogador na cadeira, levando-o para a enfermaria.

Encostada na parede, Rachel observava os funcionários ajudando o jogador. A última vez que o viu foi enquanto desaparecia pelos corredores da clínica, ladeado pelos enfermeiros.

CAP. 31

UMA DECISÃO

Peter foi levado para a enfermaria. Sempre que fechava os olhos, via a imagem de Rachel, encarando-o com ódio no olhar. Por um lado, estava em paz por ter pedido perdão. Por outro, nunca se perdoaria por seu ato, e sabia que ela também não conseguiria perdoá-lo.

Seu desejo fora realizado, agora poderia de morrer em paz. Encarou aqueles olhos verdes, que o atormentaram por quinze anos. Deitado na cama da enfermaria, com os olhos fixos no teto, seus pensamentos voavam.

John entrou e observou o rosto machucado. Curativos protegiam o nariz e a região que sofrera o impacto, e o rosto começara a inchar. Sem entender o que tinha acontecido, o enfermeiro tocou no braço do jogador, despertando-o dos seus pensamentos.

— Como isso aconteceu? Nem quando você bebia algo parecido aconteceu!

— John queria entender aquilo.

— Foi um acidente. Eu me desequilibrei e a Rachel... Digo, a Dra. Rachel não chegou a tempo de me ajudar! — Peter voltou a encarar o teto.

— Vai inchar! Mas não é nada que você não tenha passado nos seus tempos de jogador. — O enfermeiro sorriu e continuou: — Em alguns dias isso desaparece.

O jogador segurou o braço de John com força e o encarou.

— Prepare as minhas coisas. Amanhã eu vou embora! — A ordem foi firme e o enfermeiro conhecia bem aquele tom.

— Mas o seu tratamento e... — John foi interrompido.

— Sem perguntas sobre a minha decisão. Fale com a responsável da clínica para preparar os documentos para eu assinar a minha saída. Amanhã, bem cedo, eu quero sair. Sem despedidas. De ninguém! — Peter concluiu sem tirar os olhos do teto.

— Nem mesmo... — John ia falar sobre Thomas, mas o jogador não permitiu.
— Ninguém! Agora me deixe sozinho, por favor!

Peter fechou os olhos, encerrando a conversa com seu cuidador. Sem ter como argumentar e sabendo que a decisão estava tomada, só lhe restava cumprir a ordem recebida e tratar da papelada de saída.

John saiu sem dizer mais nada e foi para o escritório de Rachel. Não havia ninguém na antessala, então ele bateu na porta e recebeu autorização para entrar. A médica estava em sua mesa. Meio constrangido, John sorriu.

— Doutora, eu preciso tratar da saída de Peter Carlsson da clínica! — Ele disse.

— Ele vai embora? — Rachel tentou se mostrar surpresa, embora soubesse que isso iria acontecer.

— Sim, Doutora. O tratamento dele estava funcionando muito bem: a depressão estava mais controlada; ele estava reagindo e, acima de tudo, ficava alegre perto do Thomas. Nem do menino ele quer se despedir! — John verbalizou sua preocupação. — O que aconteceu? Ele saiu do quarto para vir conversar com a senhora e ficou assim... Não entendo!

— Peter Carlsson é um paciente complicado de cuidar. Nós na clínica tentamos o melhor, mas quando a pessoa não quer ajuda, de nada vale o nosso trabalho! — Ela estava aliviada com a notícia. — Amanhã, quando forem sair, os documentos estarão na saída para ele assinar, assim como os exames aqui realizados.

— Dra. Rachel, acha que se eu falar com o Thomas, o Peter... — John queria uma maneira para ajudar o jogador.

— Se ele quer ir embora, não podemos proibir! — Rachel desviou o olhar para não deixar o alívio transparecer.

Sem mais comentários, John se retirou para arrumar as coisas de Peter.

Nesse momento, Peter fechou os olhos e lembrou-se de tudo o que tinha vivido naquele dia, e como descobrira quem era a médica. No fundo, ele sabia que alguma coisa o prendia a ela, que alguma razão ela tinha para agir com ele daquela forma. Agora tudo ficava claro: as reações, a forma fria e distante de tratamento e, principalmente, o fato de ela ter dito que não

gostava dele.

Mas o que não saía da sua cabeça era a forma como ela demonstrou seu ódio por ele. Fragmentos de imagens daquela noite, há quinze anos, povoavam seus pensamentos. Durante esse tempo todo ele se sentiu sujo, um monstro. Por conta de uma aposta idiota, destruíra duas vidas, a sua e a daquela moça. A obsessão de ser o primeiro homem a demonstrar aos amigos que era irresistível, o transformara em um monstro.

— Sr. Peter, eu vou dar alguma coisa para ajudar a diminuir as dores!

Peter não respondeu. Medicamento nenhum aliviaría as dores que ele sentia. Desejava, desesperadamente, o perdão de Rachel, mas sabia que as chances disso acontecer eram quase nulas.

Em seu desespero, lembrou-se das palavras do Pastor Philip. “*Deus ama todos os homens. E Ele tem um plano na sua vida*”. No fundo de sua alma, e com todas as forças que ainda lhe restavam, ele queria acreditar que isso era verdade, mas duvidava que Deus amasse um monstro como ele.

A enfermeira lhe aplicou uma injeção e, dentro de minutos, a tranquilidade invadiu seu corpo e sua mente viajou, dando-lhe descanso. O sono tomou-lhe os sentidos, trazendo um sonho em que ele se via caminhando novamente. Peter surgia com roupas sujas e rasgadas, diante de um campo verde e muito florido. O som de água chamava sua atenção e inspirava calma. Ao chegar perto da água, uma voz que ele conhecia muito bem lhe dizia:

— Apenas ele pode te curar! Principalmente a sua alma!

Ao seu lado, vestida de branco, estava Rachel, sorrindo para ele. Sua mão apontava para a água, indicando o que ele tinha que fazer. Quando se deu conta, não estava mais na cadeira de rodas, mas caminhava com os seus próprios pés.

Os pés descalços deslizavam sobre a relva verdejante e macia. Peter sorriu por ter de volta as suas sensações. Ele caminhou em direção à água e parou. Olhando para as roupas que vestia, ele pensou “Vou sujar a água!”. Nesse momento, Rachel falou:

— Não perca tempo! Essa é a sua oportunidade. — Quando ele ia mencionar

a roupa, Rachel continuou: — Deus não se importa com como você está. Ele mandou seu filho sofrer na cruz por amor a todos os pecadores. Apenas obedeça e tudo vai mudar na sua vida!

O tom suave e amoroso de Rachel o incentivou a entrar na água, tão cristalina que permitia ver o fundo. O frio percorreu seu corpo e a alegria invadiu sua alma. Assim que as roupas sujas entraram em contato com água, um caldo marrom passou a ser levado pela correnteza. Aquela mancha saía dele e de sua roupa, deixando uma sensação de alívio. A água levava a sujeira para longe e suas roupas se tornavam limpas, brancas e brilhantes.

À sua frente, surgiu uma luz muito forte e brilhante, que fez Peter baixar os olhos. Quando sentiu a água tocar em seus ombros, notou que uma mão o mergulhava na água gelada e o puxava para cima. No momento em que pôde voltar a respirar, palavras doces saíram da luz.

— Obedece e todos os teus pecados serão perdoados. Vai e não peques mais!

A luz desapareceu e Peter caminhou para a terra, onde Rachel o esperava sorrindo. Conforme caminhava, percebeu que havia uma mancha na roupa da médica e tentou avisar sobre a sujeira. Também notou que, agora, suas roupas estavam limpas e eram de um branco imaculado.

Rachel abraçou-o carinhosamente. Há muito tempo ele desejava receber aquele abraço e, finalmente, podia senti-lo. Sentiu vontade de chorar de emoção, mas, em vez disso, um sorriso se formou em seu rosto, externando uma alegria que ele nunca tinha sentido. Quando Rachel se afastou dele, Peter olhou para o lugar onde estava a mancha e ela tinha desaparecido. A moça segurou em sua mão e disse:

— Vamos caminhar juntos?

Peter sorriu com o convite. A suavidade da pele de Rachel contra a sua gerava uma sensação maravilhosa.

Um barulho fez Peter acordar daquele sonho tão bonito. Ainda um pouco atordoado pelo medicamento, abriu os olhos e viu Rachel se afastando dele, caminhando em direção à porta. Imaginou se a sensação do sonho não teria sido a médica lhe tocando de verdade.

CAP. 32

“VOLTEI”

Bem cedo, antes de a clínica começar a funcionar, antes mesmo de todos acordarem para o café da manhã, Peter já estava pronto e com as malas arrumadas; assim como as de John. Um dos funcionários ajudou o enfermeiro a levar as malas para o carro, enquanto Peter ficou observando a rua pela enorme janela do quarto. Lá fora o dia estava cinzento e chuvoso, anunciando mais uma semana de tempo fechado, como os sentimentos do jogador.

Em sua cabeça surgiam lembranças do sonho que tivera e do que aquilo poderia significar em sua vida. Recordou a sensação do toque de Rachel em sua mão. Olhou para a porta na esperança de vê-la entrar e dizer as palavras que ele sonhara. Mas ela não apareceu. Em seu lugar surgiu John, olhando-o como se perguntasse “Está pronto para abandonar a sua chance?”

Contudo, o enfermeiro não disse nada. Apenas se aproximou e empurrou a cadeira na direção da saída. Naquele horário, o silêncio dos corredores soava melancólico. Ou, talvez, fossem os dois homens que se sentiam assim. Ao passarem pela porta da ala infantil, John parou.

— Porque parou? — Peter não entendeu a atitude do enfermeiro.

— Não vai se despedir dele? — John olhava para a entrada dos quartos das crianças.

Peter engoliu em seco e respondeu:

— Não. Ele é especial demais para sofrer por alguém como eu! — O jogador baixou os olhos e não disse mais nada.

— O Thomas vai sofrer de qualquer forma. Ele é um menino sozinho e se apegou a você. Devia, pelo menos, despedir-se dele!

John tinha esperança de que o rapaz concordasse e, de alguma forma, o menino conseguisse convencê-lo a ficar e continuar o tratamento. Mas o silêncio do jogador mostrou que qualquer tentativa para fazê-lo mudar de ideia seria vã e continuou o percurso até a saída.

Por trás da recepção, uma moça de uniforme ofereceu um sorriso forçado ao perceber que o jogador ia embora. Tirou alguns documentos de um envelope e entregou-os, juntamente com uma caneta, para Peter assinar. Era uma declaração, afirmando que a saída se dava por livre e espontânea vontade do paciente de encerrar o tratamento antes do término do mesmo. A assinatura de Rachel já estava no papel. Era como colocar um ponto final na história dos dois. Uma história que começou como um pesadelo para a médica e, agora, continuava da mesma forma para ele, sabendo que nunca mais teria a chance de conseguir o perdão dela.

Pensou que, ao assinar aquele documento, poderia aliviar o sofrimento de Rachel, pois ela não seria forçada a aturar sua presença. Entregou o documento assinado e a moça informou que, posteriormente, enviariam as despesas para a casa do paciente. Peter anuiu e John desviou a cadeira em direção à rua. Quando passaram pelo enorme quadro do marido de Rachel, sentiu como se o olhar do homem o acusasse de seus atos do passado.

John ajudou Peter a se acomodar no carro. A viagem de Seattle até a

cidade do jogador foi feita no mais absoluto silêncio. Os pensamentos de Peter gritavam dentro dele, desejando que o sofrimento e os fantasmas do passado o deixassem apenas com a dor de não poder correr para longe dos problemas com suas pernas.

Quando o carro do jogador passou pelos portões da enorme casa dos Carlsson, a porta se abriu e Ronald saiu para receber o filho. Ele estava triste com pela decisão do filho de abandonar o tratamento.

— Por que, Peter? — Ele perguntou, abrindo os braços e abraçando o filho.

— Meu lugar é aqui! — O jogador retribuiu o abraço.

Ronald olhou para John e ele deu a entender que também não entendia a decisão do rapaz de retornar para casa.

— Mas vai continuar o tratamento aqui! — O pai falou tocando o rosto do filho e beijando sua testa. — Isto não é um pedido, é uma ordem de pai!

— Eu trouxe meu fiel escudeiro, não trouxe? É sinal de que vou continuar a cuidar de mim! — Peter devolveu, mantendo o rosto sério.

— Você só me trouxe porque alguém tinha de dirigir o carro. Senão tinha me deixado em Seattle! — John brincou tentando aliviar a tensão.

Ronald empurrou a cadeira do filho para dentro de casa, enquanto uma das empregadas ajudava o enfermeiro com a bagagem. No coração do rapaz havia a sensação de estar entrando em um lugar errado. Nos últimos tempos ele se sentia em casa na clínica, muito mais do que jamais conseguira se sentir naquele ambiente luxuoso.

Na sala, andando de um lado para o outro, Brigitte mostrava irritação em ter o rapaz novamente em casa. Quando o ouviu chegando, parou e seus olhos encontraram os dele.

— Não podia ter ficado lá? Agora vou ter que tirar as coisas do lugar por conta dessa maldita cadeira! — A mulher não tinha nenhuma consideração pelo rapaz.

— Bom dia para você também, Brigitte! Que bom que está com ótimo humor! Já sentia saudades dessa hospitalidade tão familiar. Na clínica não tínhamos essa educação toda! — Peter respondeu, sendo totalmente sarcástico.

Furiosa, a mulher passou por eles, fazendo seus saltos ecoarem no piso. Quando passou por Ronald, o marido segurou-a pelo braço, encarando-a com raiva no olhar.

— O nosso filho voltou para casa. Não vai dar as boas-vindas? — A pergunta tinha um tom de ordem.

— O seu filho voltou, e você já o recebeu! — Ela libertou o braço. — Lamento que ele tenha vindo mais cedo. Afinal, atrasamo-nos com a festa de boas-vindas. Desculpe, filhinho!

Ela mostrou o mesmo sarcasmo que o rapaz, que sorriu e pensou nas semelhanças entre eles. Ambos não tinham sentimentos por ninguém, a não ser por eles mesmos. Peter e Brigitte eram idênticos. Só amavam a si próprios, os outros eram apenas personagens coadjuvantes em suas vidas.

Ronald levou o filho para o quarto. Tudo estava arrumado e perfumado de uma forma que ele não lembrava de ser possível. Peter percebeu que as coisas estavam daquela forma graças ao tempo que ele passara na clínica.

— Voltei! — Declarou o rapaz respirando fundo.

O pai percebeu que alguma coisa não estava certa em relação ao retorno do filho. Algo aconteceu para que Peter abandonasse o tratamento. Sabia que o filho nunca revelaria seus motivos, mas tinha certeza de que fora algo sério. Ronald tinha medo de que agora tudo voltasse a ser como era antes, naquele espiral autodestrutivo.

CAP. 33

A BEBIDA

A noite caiu e o jogador não saiu do quarto. Tentou comer alguma coisa, mas a comida não descia; tinha um sabor amargo. Sentia falta de Thomas ao seu lado, sempre sorrindo e contando alguma coisa, ou metralhando-o com perguntas. Pensou no menino e em como sentia falta dele, da clínica, daquele ambiente calmo que ele nunca desfrutara em casa.

Seus dedos deslizavam pelos botões do controle da TV. A cada pouco segundo um novo rosto surgia na tela. Perdido em pensamentos, nada chamava sua atenção. Se uma catástrofe aparecesse na tela, ele não perceberia. Sentou-se na cama e a angústia que sentia desde que descobrira a verdade só aumentava. Olhou para o relógio; todos já estavam dormindo.

Puxou a cadeira e deslizou silenciosamente para a sala, parando em frente ao bar. A casa escura era iluminada pelas luzes do jardim. Peter encarava as bebidas. Dentro dele, a voz de Thomas gritava “Não”. Sua angústia ganhava a voz de Rachel e dizia “Beba e mate-se logo”. Quando estendeu a mão para pegar uma das garrafas a luz atrás dele se acendeu.

— Eu sabia! Sabia que sua volta era apenas vontade de tomar uma dose! — A voz de deboche de Brigitte soava. — A vodca está aqui, sobre a mesa. Inclusive, já preparei um copo. É horrível ter de jogar fora uma boa bebida depois que você colocar o gargalo na boca.

A mulher estava sentada na poltrona, de pernas cruzadas, observando-o. Como ela tinha dito, sobre a mesa havia uma garrafa de vodca das mais caras e um copo, acompanhados do sorriso de escárnio de Brigitte. Peter se aproximou da mesa e, de propósito, bateu em uma poltrona, só para ver a expressão furiosa da mulher.

— Como você é boa, mãe! Melhorou muito porque, quando eu era pequeno, nem leite você me levava na cama. E, agora, deixa preparada a garrafa e o copo. Mas vejo só um. Escondeu o seu? — Peter sorria. — Acho que estava bebendo sozinha para aquecer. Deve ser horrível dormir naquela cama sozinha... Porque meu pai não quer nada com você.

— Eu te odeio! — A mulher declarou e seu olhar se alterou.

— Brigitte! Diga algo que eu não saiba! Eu só não entendo porque me odeia tanto! Sempre soube que não gostava de mim, a não ser quando era para aparecer nas revistas como a mãe da estrela de futebol. Por que você nunca foi uma mãe? — As palavras de Peter tinham tom de acusação.

Brigitte riu e ergueu o corpo em direção ao rapaz.

— Quer que eu o sirva? Ou gosta de ser vulgar e beber na garrafa? — Ela destampou a garrafa.

— Como uma mãe pode querer que o filho fique bêbado? — Ele perguntou.

— Você é um fraco! Outro em seu lugar teria dado um tiro na cabeça e acabado com a vergonha. — As palavras deixaram Peter chocado. — Ser mãe ou parente de uma estrela do futebol que não aguentou deixar o brilho e se matou é uma coisa; ter um aleijado por perto, é outra!

— Você é inacreditável! Como uma mãe pode odiar um filho como você me odeia? — O olhar de Peter era como o de um inquisidor.

Brigitte levantou e o seu olhar era gélido. Se pudesse, mataria o rapaz naquele instante.

— Eu conheci pessoas que amam a Deus. Mesmo com o sofrimento que a vida causou, não se tornaram más como você! Agora entendo que só vai para a igreja para aparentar ser uma mulher boa. Suas obras sociais são apenas fachada para posar como mulher decente. Mas ambos sabemos que você não presta, não é mesmo? Meu pai nem imagina o tipo de mulher que você é! — Peter sentia seu corpo ficando elétrico.

Brigitte soltou uma gargalhada, uma mistura de sarcasmo, provocação e desafio. Quando parou, seu rosto ficou sério e encarou o rapaz.

— Nós todos não prestamos. Todos somos maçãs podres por dentro, embora bonitas e perfeitas por fora. Eu, você e o seu pai! — Ela disse. — Eu suportei você por anos sem ter qualquer responsabilidade!

— Você é minha mãe! — Peter não entendia os sentimentos da mulher à sua frente.

— Eu... — Brigitte parou por causa do grito de Ronald.

— Pare, Brigitte! Antes que se arrependa e tudo termine de uma vez por

todas! — Ronald passava a mão pelos cabelos brancos, arrumando-os; seu rosto estava alterado. — Pode ir deitar. Eu fico com o meu filho!

A ordem de Ronald deixou-a com medo e, automaticamente, obedeceu. Passou pelo marido e respondeu:

— Tem razão. Você que tome conta dele. Ele é seu filho!

A mulher saiu da sala sem maiores comentários. Ronald viu a garrafa sobre a mesa e devolveu-a ao bar.

— Você não vai voltar a beber. O tempo que passou na clínica não precisou disso! Peter, por que você saiu de lá antes de tentar tudo para voltar...? — Peter encarou o pai e o interrompeu.

— A andar? Pai, eu não vou mais sair desta maldita cadeira. — O jogador olhou para o chão como se estivesse envergonhado.

Ronald sentou-se diante do filho, colocou as mãos sobre as pernas do rapaz e falou:

— Com uma cadeira ou andando, só desejo que seja feliz! Eu vi um filho feliz naquela clínica; sorrindo com um menino de oito anos. É esse filho que eu quero. Não precisa ser um jogador famoso, andar com as próprias pernas e não ter a capacidade de sair do mesmo lugar! — Ronald abraçou o filho. — Eu só quero que seja feliz, filho!

Peter abraçou o pai; sabia que sempre podia contar com ele. Quando houve o acidente, Ronald ficou ao lado do rapaz todo o tempo, sem sair do hospital. Ele tentou tudo para ver a recuperação do filho e tinha certeza de que, na clínica, com a ajuda de profissionais, o rapaz ia se recuperar. E lá estava ele, mais uma vez se sentindo frustrado, caminhando para o mesmo abismo de onde tinha conseguido começar a sair.

Durante algum tempo, pai e filho ficaram abraçados consolando-se mutuamente. O jogador pensou em contar a verdade ao pai, a razão que o tinha feito sair da clínica. Mas tinha certeza de que a integridade do pai não permitiria que ele perdoasse o que ele tinha feito com Rachel. O ódio dela, e o seu próprio, já eram suficientes. Não aguentaria ver a vergonha nos olhos do pai por ter um filho criminoso, e capaz de tal crueldade com uma mulher.

CAP. 34

VENHA OUVI-LO

O domingo começou da pior maneira possível para Peter. Antes mesmo de o despertador tocar, ele já estava acordado. Lembrou-se de que, nos últimos domingos, ia à igreja da clínica e sentava-se ao lado de Thomas, no fim do salão, para ouvir as palavras do Pastor Philip. Riu ao lembrar-se do menino glorificando a Deus. Das primeiras vezes, tomou um susto quando a criança gritou, mas, nos últimos tempos, a voz dele era um bálsamo cicatrizante para as feridas de sua alma.

Olhando para o relógio, perguntou-se se a criança estava com tantas saudades quanto ele. A cama transformou-se num martírio, povoada com seus pensamentos, e o rapaz levantou e abriu a porta para ir à cozinha, comer alguma coisa. Seu pai já tomava café e sorriu ao ver o filho tão cedo, em pleno domingo.

— Bom dia. Caiu da cama? — O pai baixou o jornal.

— Quase isso, pai! Na clínica estávamos habituados a levantar cedo para comparecer ao culto do Pastor Philip e... — O pai interrompeu a fala do rapaz.

— Você ia ao culto na clínica? — Ronald estava surpreso.

— Sim. Éramos obrigados. E era interessante! — O jogador segurava a xícara de café que o pai lhe entregara.

— Ainda bem. Assim vamos todos juntos hoje! — Ronald estava satisfeito com a notícia.

— Vamos todos juntos aonde? — Brigitte perguntou, toda arrumada.

— À igreja! — O olhar da mulher era de reprovação.

— Quando você diz todos, se refere a mim e você, certo? — Ela desejava estar certa.

— Não. Eu quis dizer que eu, você e o nosso filho vamos à igreja, juntos! — Ronald encarou a mulher, pronto a fuzilá-la com o olhar.

— Pai, eu ia na clínica porque... — Peter tentou argumentar.

— Sabe, filho, o Deus que estava na clínica e falava pelo Pastor Philip é exatamente o mesmo. Ele é onipresente. Vamos todos! — Havia uma ameaça escondida na voz de Ronald, e era direcionada à Brigitte.

— Eu não vou! Passar humilhação em ter que empurrar uma cadeira! — As palavras deixaram o marido abismado.

— Brigitte, onde está a tua consideração e o amor que aprende na igreja? Estamos falando do nosso filho! — Peter meneou a cabeça negativamente e se virou para deixar a cozinha.

Ronald segurou a cadeira do filho e encarou-o.

— Precisa de ajuda para escolher sua roupa ou alguma outra coisa? — Ronald sorria carinhosamente.

— Eu não vou, pai! — Peter retribuía o carinho do pai.

— Vai sim. É uma ordem! Não importa a sua idade, não se atreva a discutir com seu pai! — Ronald deu tapinhas carinhosos no rosto do filho e piscou-lhe um olho.

Peter sorriu e saiu da cozinha deixando o pai e a mãe sozinhos. Enfurecido com a atitude da mulher, caminhou em sua direção e segurou-lhe o braço com força. Encarou-a como se desejasse bater nela por conta de suas atitudes.

— Suportei muita coisa sua, Brigitte. Mas meu limite chegou ao fim. Mais uma atitude dessas em relação ao meu filho e a porta está aberta para você!
— Ele deixou a mulher sozinha.

Algun tempo depois, Peter esperando os pais na sala. Ronald ficou satisfeito por ver filho pronto para ir com ele louvar a Deus. Passara a vida esperando o dia em que veria o filho louvando a Deus com sinceridade. Sabia que isso aconteceria. Lembrou de uma pregação do Pastor Charles, que dizia: *“Hoje parece impossível, mas, um dia, o teu filho entrará por estas portas com vontade de estar na presença de Deus, para louvá-Lo. Se não vier com as próprias pernas, alguém vai empurrá-lo, mas o nome de Deus vai ser glorificado na vida dele. Teu filho vai servir a Deus com um puro e sincero coração”*. E o dia chegara!

— Pronto? — Ronald sorria.

Peter virou a cadeira e viu o pai sozinho.

— Ela não vai? — Mas o jogador já sabia a resposta.

— Não, ela não vai! Vamos nós dois e, depois, vamos almoçar juntos, como não fazemos há muito tempo. — Aquele pai estava muito feliz.

Ronald empurrou a cadeira até o carro e ajudou o filho a se acomodar no banco da frente, guardou a cadeira na mala do carro e, ao retornar, viu Brigitte observando-os do andar de cima. Seus olhos estavam carregados de ódio. O coração do homem ficou apertado, pois sabia que, a qualquer momento, a mulher revelaria toda a verdade. Ainda não queria que o filho soubesse de tudo, ele não estava preparado emocionalmente.

No estacionamento da igreja, alguns conhecidos pararam para ver pai e filho juntos no culto. Peter se sentiu mal com os olhares; fazia muito tempo que o rapaz não entrava na igreja, e aquelas pessoas só o viam como o grande jogador, o filho mais importante da cidade. Peter Carlsson era a celebridade local e, agora, dependia dos outros para ir a qualquer lugar.

Quando eles passaram pelo grupo, todos cumprimentaram o rapaz, satisfeitos com sua presença. O jogador se lembrou da última vez que estivera naquele lugar. Suas lembranças incluíam Rachel no púlpito, cantando com o coro. Aqueles doces olhos verdes já não existiam. Agora, quando olhava para ele, refletiam puro ódio por tudo o que tinha feito a ela.

Antigamente, o culto era ministrado por Pastor Charles, falecido há alguns anos. O novo Pastor, chamado Justin, tinha, relativamente, a sua idade. Era um rapaz alto e encorpado demais para ser um ministro de Deus; aparentava passar mais tempo na academia do que preparando os sermões. A mão esquerda mostrava que era casado; o sorriso aberto era iluminado por enormes olhos verdes.

Ao ver Ronaldo chegando com o filho, o Pastor se encaminhou para recebê-los.

— A Paz do nosso bom Deus! Bom ver vocês na nossa igreja. — O rapaz encarou Peter e cumprimentou Ronald.

— Obrigado, Pastor! Esse é meu filho, Peter Carlsson. — Ele apresentou o filho com orgulho.

— Mas que honra receber a personalidade mais importante da cidade! — O Pastor cumprimentou o jogador.

Meio envergonhado com aquelas palavras, Peter retribuiu o cumprimento sem maiores comentários. Ainda se sentia mal quando lhe lembravam de quem ele era. Mas, estando em uma cadeira de rodas, a lembrança era mais sofrimento que satisfação. Quando entraram na igreja, Peter travou a cadeira, indicando que queria ficar na parte de trás. Ronald acatou o desejo do rapaz e lhe entregou um Livro de Cânticos e uma Bíblia. Ele estava muito feliz por ter o filho ao seu lado!

O culto começou e Peter se lembrou de Thomas e como ele ficava sentando do seu lado, cantando. Ao som dos louvores, embalado pela lembrança, Peter começou a chorar. Ronald notou a emoção do filho e os seus olhos ficaram marejados. O decorrer do culto foi emocionante. Na hora da pregação, o Pastor Justin mandou todos abrirem a Bíblia na passagem que falava do parálítico.

Quando Jesus passou por ele e perguntou “que queres que Eu te faça”, o parálítico falou que desejava andar, mas que não podia entrar nas águas. Jesus mandou que o homem levantasse. Peter sentiu como se o Pastor falasse para ele. No início, pensou que ele estava falando porque tinha visto ele na cadeira de rodas e ficou revoltado com a leitura. Até que o Pastor parou, olhou para todos e falou:

— O senhor Jesus veio para salvar. Saibam que Deus fala para o seu povo por amor de uma única alma. Não falamos da salvação da carne, mas de colocar a alma no caminho da verdade, e para que tenhas certeza de que é Deus quem fala, na semana que passou você descobriu que alguém do seu convívio sempre soube do seu segredo e isso te deixou sem chão, fugindo da batalha!

Peter tinha a impressão de que alguém contara para ele o que tinha acontecido na clínica. Ficou emocionado e as palavras do Pastor Justin entraram em seu coração.

— Deus tem um plano na sua vida. Ele sempre cuidou de ti, mas você nunca entendeu. Foi preciso mudar a sua vida para poder entrar e começar a trabalhar nela. “O que aconteceu no passado foi porque você não entendia o Meu amor!” Mas, veja, o plano que Deus tem para a sua vida vai ser cumprido. “Eu sou o teu Senhor e vou operar de maneira que muitos ficarão perplexos. Até ela, que quer esconder o sentimento por conta do teu erro, vai ver a obra que Deus fará na tua vida. Tua história ainda não terminou!” O Senhor, teu Deus, está apenas começando a trabalhar.

O coração de Peter pulava dentro do peito, querendo sair pela boca. As lágrimas brotavam sem que ele conseguisse conter. Sem perceber, sua boca se abriu e o jogador soltou:

— Glóriaaaaaaaaaa a Deus! Me perdoa, por favor!

Ronald abraçou o filho com carinho. Os dois, naquele momento, esqueceram-se de onde estavam e deram vazão à emoção. Por anos Ronald esperou para ver o filho entrando nos caminhos de Deus e, naquele momento, começou a mudança na vida de Peter.

Todos que conheciam a família Carlsson ficaram surpresos com a atitude do pai e do filho. Alguns se emocionaram porque sabiam o desejo de Ronald de ver o filho servir a Deus junto dele. Agora, Deus atendia as orações de tantos anos.

CAP. 35

UM NOVO AMIGO

As malas já estavam na van. Ronald conversava com o filho enquanto John terminava de organizar a bagagem. O pai estava satisfeito por Peter passar alguns dias na casa do lago; a região era um reduto de mansões das famílias mais importantes do estado e da região. Com o feriado, a região estaria bem movimentada.

Com a tensão extrema, que se podia cortar a fio de faca, na casa dos Carlsson, Ronald temia que algo terrível acontecesse entre Brigitte e o filho. Então o homem apoiou a decisão do rapaz de se afastar por alguns dias. Na sexta, viajaria para se juntar aos dois rapazes, juntamente com o Pastor Justin, sua esposa e a pequena Nancy. Depois daquele dia de culto, Peter e o pai foram almoçar na casa do Pastor. O jogador e o pregador ficaram amigos e conversaram animadamente.

No carro, Peter sorriu para o pai.

— Fique bem. Espero o senhor na sexta! — O pai acariciava o rosto do filho.

— Vão com cuidado! Eu pedi para o caseiro limpar tudo e preparar a casa para vocês. John, cuide do meu filho como sempre faz! — Peter fez cara feia.

— Pai, eu estou aqui! Pode falar comigo. Eu não vou fazer nenhuma loucura, nem atear fogo na casa! — O jogador ajustou o cinto de segurança.

Ronald lembrou-se da última vez em que o filho passou um fim de semana com os amigos naquela casa. Quase tinha colocado fogo em tudo! Quando o carro cruzou os portões da mansão, o homem respirou fundo. Conseguiu afastar o filho das intenções de Brigitte.

A viagem foi tranquila. A casa ficava em uma cidadezinha a alguns quilômetros de onde eles moravam. Várias pessoas importantes tinham

propriedades ali e, em época de feriado, a população local triplicava.

John não conhecia aquele lugar e ficou encantado com tudo. A cidadezinha era pacata e tinha lojas típicas, uma rua principal e pouco mais que isso. Era um local muito pequeno. O carro seguiu em direção ao lago. O valor do metro quadrado naquele lago era altíssimo.

A propriedade dos Carlsson era enorme. Uma imponente casa feita de pedra e madeira de lei. Quando o carro parou, os cachorros saíram ladrando, chamando a atenção dos caseiros, que trabalhavam há anos para a família. O frio naquela altura do ano era muito bom, inclusive para pescar, uma das paixões de Ronald.

Anne, a velha senhora, sorriu ao ver Peter. Os cães pararam de rosnar e John saiu do carro. Claro que, quando cachorros enormes, com ar feroz, começam a farejar uma pessoa, é difícil manter a tranquilidade. Ainda assim, o enfermeiro ajudou Peter a se acomodar na cadeira. A mulher abraçou o rapaz fazendo-o rir com as memórias de tudo o que havia aprontado com ela durante as suas visitas no local.

Reparou que algumas rampas foram instaladas para que ele pudesse ter acesso à casa, e a todas as áreas da propriedade, em segurança.

— Seja bem-vindo! Quanto tempo que não vinha nos visitar! — Anne cumprimentou John.

— Acho que você não sente muito a minha falta... Um fim de semana aqui era um inferno, você deve se lembrar! — Peter respondeu.

— Quantos anos desde que veio aqui? Oito? Não. Muito mais! Desde que foi para o clube nunca mais voltou aqui. — Ela bateu no ombro do jogador.

— Dei umas férias, mas agora estou de volta. Anne, esse é John, meu cuidador. John, é essa santa que cuida da casa, junto com o marido, Frederick; aturando os caprichos de todos os Carlsson! — Ele pensou em Brigitte.

Frederick, um homem reservado e de poucas palavras, cumprimentou Peter e John em silêncio. Ajudou a descarregar as malas dos rapazes enquanto eles entravam na suntuosa casa. Um candeeiro de cristal logo na entrada mostrava o poder da família. Móveis seculares decoravam o

ambiente.

Quando entraram na sala, John soltou um sonoro “Uau” diante da deslumbrante vista da sala. Enormes janelas de vidro davam para um alpendre sobre o lago; nenhuma árvore impedia a visão da água azul. Do outro lado, algumas casas eram cobertas por um arvoredor marrom, indicando que, em algumas semanas, tudo estaria coberto de neve.

A sala estava aquecida e a enorme lareira, acesa. O estalar da madeira liberava um cheiro agradável. Naquela sala, Peter fizera muitas festas com amigos que, hoje, tinham sumido de sua vida. Naquela sala, muitas vezes, fizera sexo com Melanie, mas, depois de casados, ela se recusava a ir para o lugar. Aquelas paredes tinham muitas histórias para contar, principalmente sobre as loucuras de Peter.

O rapaz foi despertado de seus devaneios pela voz de John.

— Esse lugar é fantástico! Por que, em dois anos, nunca veio aqui? — O enfermeiro estava surpreso por ele não morar ali.

— Nem eu sei. Essa semana eu senti uma vontade de vir e... — Ele se aproximou da janela. — Nem eu mesmo sei porque quis vir, ou porque me afastei daqui.

— Se tiver mais casas assim, eu posso levar você, sem qualquer problema! — John estava apaixonado pela vista e pela casa. — Está com fome?

Peter disse que não.

— Vou ver o lago. Pode ir almoçar! A Anne cozinha muito bem. Vamos engordar enquanto estivermos aqui. Talvez por isso eu tenha me afastado... Ela me fazia engordar! — O jogador brincou.

As rodas da cadeira faziam um barulho curioso na estrada de pedrinhas. Tudo parecia diferente sobre aquela cadeira. Aos poucos, Peter descobria que não precisava ficar preso dentro de casa; só precisava de algumas adaptações. Ele desceu rampa que conduzia ao lago. Havia uma ponte até o abrigo onde o pai gostava de pescar. Parou lá e ficou observando a natureza do lugar.

Patos nadavam na tranquilidade do lago. As lanchas de alguns milionários balançavam ao longe, emprestando melancolia ao lugar, fazendo

seus pensamentos voarem para a clínica e pensar em Rachel e seus olhos verdes. Pensou em Thomas e imaginou como o menino ficaria feliz ali. Respirou fundo porque a saudade causou dor.

Na companhia das lembranças, passou algum tempo admirando o lugar. Até que um cão caramelo, da raça labrador, passou correndo como se estivesse fugindo. De um momento para o outro, o animal parou e encarou Peter. Era um belo espécime e o rapaz chamou-o. O cão correu em direção ao rapaz, lambeu suas mãos e ergueu as patas sobre as pernas dele. Fazendo carinho no animal, Peter não percebeu que alguém se aproximara.

— Desculpe. Ele magoou? — Era uma voz de criança.

Peter desviou-se para conseguir ver, já que o enorme cão impedia a visão. Um menino preocupado estava diante dele. Seus enormes olhos verdes temiam ouvir uma reclamação por invadir a casa de alguém atrás do cachorro.

— Ele é seu? — Peter perguntou, tentando colocar o cão no chão.

— É. Ele fugiu da nossa casa e eu vim atrás dele! — O menino puxava o cachorro pela coleira.

— Acho que não vai conseguir levá-lo daqui. Ele é muito forte! — O jogador falou, tentando fazer o animal se acalmar.

— Eu tenho que conseguir. Meu avô vai ficar furioso porque eu saí de casa atrás dele! — O menino tentava, mas não conseguia puxar o cachorro.

— Onde você mora? — Peter tinha a impressão de conhecer o menino.

— Naquela casa! — A criança apontava para uma das maiores casas do outro lado do lago.

— É muito longe para você voltar sozinho com ele. Acho que o seu amigo vai fugir de novo! Se quiser, o acompanho até a sua casa. — Peter se preocupava com a criança passando pelo lago e pela estrada com o cachorro.

— Não quero incomodar! Mas... — O menino ia aceitar.

— Eu nem sei o seu nome. O meu é... — O jogador foi interrompido.

— Peter Carlsson! — Peter não esperava que a criança o reconhecesse. — Eu sou Joseph. Muito gosto em conhecê-lo pessoalmente.

O menino esticou a mãozinha para cumprimentar o rapaz e o jogador retribuiu o cumprimento. Segurando a coleira do cão, ele disse:

— Temos de arrumar algo para ele não voltar a fugir!

Rodou a cadeira sem soltar o cão e Joseph concordou com a ideia. Os dois, acompanhados pelo cão, foram em direção à casa e entraram em um galpão para procurar algo para prender o cão. Os outros cachorros começaram a latir com a presença do animal desconhecido e Joseph ficou com medo.

— Não se preocupe. Eles adoram reclamar, mas não fazem mal! — Peter tranquilizou o menino, e deu um comando para os cachorros sentarem e se calarem.

— Como fez isso? — Joseph se surpreendeu com a reação dos cães.

O jogador riu e disse:

— Magia! — Ele brincou.

Peter indicou que o menino pegasse uma corda e entregasse a ele. Com rapidez, o rapaz prendeu a coleira do cachorro e ambos saíram. O jogador levou o menino e o cachorro em segurança até em casa. Pelo caminho, o menino conversava como se conhecesse Peter há anos. Ele disse que morava em Seattle e que tinha visto alguns jogos do time no estádio. Falou que a família tinha um camarote privado e que a mãe era médica, assim como seu pai, e que tinha uma irmã.

Quando chegaram, encontraram um dos empregados, preocupado com o sumiço do garoto. Ele, imediatamente, gritou:

— Ele está aqui!

Peter se assustou ao ver que aquela era a casa do Senador Teddy. Em poucos segundos, uma menina, Leona e Rachel saíram da casa. Quando a médica viu Peter junto do filho e segurando o cachorro, ficou pálida. O menino largou a mão de Peter e correu para o avô.

— O meu novo amigo me ajudou! — Declarou Joseph, apontando para Peter.

Rachel olhava para Peter e os olhos do jogador estavam presos nos dela. Leona se aproximou sorrindo e o jogador voltou à realidade quando o

Senador agradeceu.

— Muito obrigado por ajudar o meu neto! — Peter cumprimentou o Senador, que estendia a mão, sem tirar os olhos de Rachel.

— Peter Carlsson, bom te ver! — A voz de Leona continuava doce. Ela lhe sorria com carinho, sinal de que não sabia o que ele tinha feito à sua filha.

Com a mão tremendo, Peter cumprimentou a mulher, olhando fixamente para Rachel, que se aproximava. Os dois estavam nervosos.

— Igualmente, Sra. Leona! A senhora não mudou nada.

Rachel não disse nada, mas seus olhos demonstravam surpresa.

— Mãe, ele é o meu novo amigo. E mora aqui perto! — Joseph puxou a mãe para chamar atenção. Rachel olhou do filho para Peter.

— Obrigada! — Ela se arrepiou ao agradecer pela ajuda de Peter.

Há alguns minutos todos estavam desesperados com o sumiço da criança e, agora, ele estava ali, são e salvo, ao lado do homem que ela desejava nunca mais ver.

— Vamos entrar! — O senador convidou.

— Não, obrigado, Senador. Meu cuidador deve estar preocupado comigo; vai pensar que eu desapareci. Basta um desaparecimento por dia! — Ele brincou, mostrando um sorriso forçado ao sentir-se observado pela médica. — Eu tenho de ir. Outras oportunidades vão surgir. E meu pai vai vir na sexta.

— Vamos combinar de jantarmos todos juntos! — Teddy sorria.

Peter se despediu e seguiu pela estrada. Rachel colocou o filho no chão e correu em direção a Peter. Ao chegar perto do jogador, colocou a mão em seu ombro. Ele parou e olhou por cima do ombro.

— Obrigada de verdade por ajudar o meu filho! — Ela sorriu.

— Cuidado com ele. Existe um monstro solto por esses lados!

Peter seguiu seu caminho e Rachel ficou estática, surpresa com a resposta dele. Havia peso em suas palavras. Ela entendeu como ele se sentia. Seu maior inimigo tinha ajudado seu filho. Uma lágrima correu no rosto da moça e, antes de voltar, ela pensou: “Por que ele está aqui, Deus?”

CAP. 36

UM PEDIDO DE EXPLICAÇÃO

O encontro com Peter perturbou Rachel intensamente. Naquela noite,

na mesa de jantar, o filho só falava no jogador e em como ele era seu novo amigo. Todos estavam surpresos pelo rapaz ter saído da clínica. Teddy e Leona ficaram intrigados e Rachel fugiu do assunto, sem dar muitas explicações. Mas a mãe percebeu que existia algo mais por trás das desculpas da filha.

A noite estava agradável e, quando todos já estavam dormindo, a médica foi para a varanda do seu quarto. Do outro lado, na casa dos Carlsson, as luzes estavam acesas. “Ele está perto de mim!” Desde que o encontrou na clínica, Peter era o alvo constante de seus pensamentos. Distraída, observando a casa do jogador, não notou a aproximação da mãe.

— Ele não tirava os olhos de você! — Rachel se assustou. — Por que razão ele abandonou a clínica e o tratamento?

— Mãe, que susto! Sei lá! Ele não me interessa. — Ela disfarçou sem conseguir encarar Leona.

— Não te interessa? Rachel, eu sou sua mãe e conheço você. Sempre soube que aconteceu alguma coisa que te fez esconder o que sentia por ele. Mas quando você o viu hoje, eu entendi que ainda sente alguma coisa pelo Peter! — Ela observava a atitude da filha.

Primeiro Rachel ficou surpresa, depois, começou a rir e voltou para o quarto.

— Eu o odeio e nunca... — Rachel, imediatamente, se interrompeu.

— Imagino que ele fez algo que te magoou! — A moça ia responder, mas a mãe tocou sua boca, impedindo-a de falar. — Não me interessa saber. Faz muitos anos! Mas, por mais terrível que seja, perdoe. Porque Deus e Jesus Cristo mandaram. Ninguém é perfeito! Que boa cristã você é se não perdoar? Às vezes é difícil e parece impossível, eu sei. Quantas vezes eu perdoei quem me fez tanto mal?

— Mãe, a senhora não entende! — Leona segurou a filha e sentou-se ao seu lado na cama.

— Como eu imagino e como entendo! Rachel, sentimentos ruins alimentam a alma e corroem o melhor de nós. Peter nunca foi realmente amado. Talvez ele nunca soube o que era amar. Brigitte nunca foi mãe para ele; Ronald sempre

estava ocupado trabalhando, e ele cresceu sem um amor capaz de moldá-lo para ser um bom ser humano. Mas Deus tem um plano na vida dele. Disso eu tenho certeza! — As palavras de Leona tocaram a filha.

— Por que a senhora diz isso sobre uma pessoa que não vê há tantos anos? — Rachel não entendia o comportamento da mãe.

Leona sorriu, fez um carinho no rosto da filha e continuou:

— Eu nunca esqueci uma pregação do falecido Pastor Charles, para você e para o Peter. Lembra que ele disse que você veria um milagre em sua vida? — Leona perguntou.

— Claro que lembro, mãe. E eu vi! Deus mudou a minha vida de menina pobre, filha de uma garçõete; Ele me transformou em uma das melhores médicas deste país. Ele me colocou no topo, como nunca imaginamos! — Rachel considerava que estes eram os seus milagres.

— Sem dúvida isso é grandioso. Mas, e se o teu milagre não for esse? — A médica ficou intrigada. — E se o teu milagre estiver ligado a Peter Carlsson?

— Impossível, mãe! — Rachel não gostava do rumo que a conversa estava tomando.

— Pode não ser impossível. E se o teu milagre é ajudar a salvar a alma de Peter? Vai fugir do seu destino? Ninguém foge do destino que Deus traçou na nossa vida. Nem eu, nem você, e muito menos o Peter! — A moça sentiu o coração se apertar.

— Se o Peter precisar da minha ajuda para salvar sua alma, já foi para o inferno! — As palavras da médica estavam carregadas de raiva.

— Cuidado! Você pode ter que ir ao inferno resgatá-lo. Existem segredos na vida dos Carlsson que, um dia, serão o inferno para Peter! — Leona beijou a filha e deixou-a só com seus pensamentos.

As palavras da mãe martelavam em sua cabeça. Deitou-se, mas o sono fugiu. Viu as horas passando e, às três da manhã, uma aflição apoderou-se dela. A médica dobrou os joelhos e orou a Deus, pedindo ajuda para afastar aqueles pensamentos e sentimentos.

Naquele momento, uma visão surgiu à sua frente: Peter, no meio do fogo pedia socorro. Rachel estendia a mão para ajudá-lo e ele dizia: “Eu não

sou merecedor da sua ajuda”. Segurando a mão do rapaz e puxando-o em sua direção, ela sentiu quando ele a abraçou e disse: “Me perdoa. Sei que arrependimento não faz voltar o tempo, mas se ficar nesta cadeira é uma forma de punição pelo que fiz, eu aceito e Deus me vai ajudar. Mas descobrir que eu não sei quem sou, dói muito!”

Rachel assustou-se com a visão que teve enquanto orava. Sentiu pesar pelo sofrimento dele, e não por estar paraplégico. Havia algo muito pior à espreita, algo mais doloroso. Ela voltou a deitar sem conseguir esquecer o que tinha visto. Acabou adormecendo com aquele sentimento por Peter.

Horas depois, acordou com os primeiros raios de sol invadindo o quarto. Tentou cobrir a cabeça, reclamando por dormir tarde e acordar tão cedo. Sentiu raiva de si mesma por ter se esquecido de fechar as cortinas. Sabia que não voltaria a dormir então decidiu correr um pouco.

Existia uma pista de corrida que cercava todas as casas a volta do imenso lago. Precisava de um pouco de exercício. Com todos dormindo, podia ir e voltar a tempo de tomar o café da manhã com a família. Vestiu-se e, sem fazer barulho, saiu. O ar estava frio e quase se arrependeu de trocar a cama quente por aquele clima gelado.

Ainda havia neblina ao redor do lago. Alongou o corpo se preparando para correr e parou para escolher a direção a seguir. A casa de Peter ficava para o lado esquerdo, então correu para o direito. Colocou os fones de ouvido e começou a ouvir a música de Ed Sheeran, *Thinking Out Loud*, os primeiros acordes a fizeram sorrir. Aquela voz a deixava arrepiada. Sua *playlist* tinha canções de todos os gêneros, mas aquela, em especial, mexia com ela.

Correu com vontade e esqueceu onde estava. Quando a neblina começou a levantar, deu-se conta de que estava a alguns metros da casa dos Carlsson. Pensou em dar meia volta, mas descartou a ideia. Peter deveria estar dormindo naquele horário, por isso, seguiu em frente.

Aproximando-se da casa, tomou um susto. No alpendre do lago, o rapaz tomava café e olhando para ela, correndo em sua direção. Seus olhos se encontraram e ambos sentiram um arrepio percorrer todo o seu corpo. Rachel não queria passar por lá; Peter desejava que ela passasse, apenas para poder vê-la mais uma vez. Uma força desconhecida empurrou a médica, mantendo-

a no mesmo caminho.

Sem conseguir desviar o olhar, a visão da noite anterior voltou aos seus pensamentos. “Vá falar com ele”, disse uma voz em sua mente; mais parecia uma ordem, mas dita em tom suave. Rachel fechou os olhos e parou, dobrou o corpo e esperou a respiração normalizar. Quando se virou, Peter estava olhando para ela, e a moça caminhou em sua direção.

O jogador não esperava a aproximação. Era como se ela estivesse ouvindo seus pensamentos ao desejar que ela parasse diante dele. Chegando junto de Peter, Rachel perguntou de modo surpreendente:

— Por que você fez aquilo comigo? — A mistura de sentimentos expressa no tom de voz parecia um soco no estômago do rapaz.

Ele soltou a xícara de café e pediu que ela sentasse diante de si. Cansada, Rachel aceitou a oferta, esperando a resposta do rapaz.

— Não há palavras para descrever o que fiz. Assim como não há nenhuma forma de pedir perdão. Qualquer coisa que eu diga será em vão. — Peter baixou os olhos.

— Eu te amava! — Rachel não queria revelar tanto.

— E eu, destruí a tua vida! — Ele não conseguia encará-la.

Rachel ficou com o coração apertado, sem saber o que dizer ao jogador. Queria despejar tudo o que estava entalado em sua garganta, mas as palavras dele deixaram-na sem ação.

— Eu destruí a tua vida, e a minha. Por conta de uma aposta e por eu ser um completo idiota, passei quinze anos tendo pesadelos constantes. É um arrependimento que eu não consigo esquecer! Eu desejava te encontrar para pedir perdão. No dia do acidente eu ouvi a tua voz e vi teus olhos me encarando. — O constrangimento do rapaz era palpável.

— Você está me acusando? — Rachel alterou a voz.

— Não! Eu me acuso pelo que fiz! Essa cadeira não é o meu tormento. O que me atormenta é saber o que eu fiz, e meu desejo de pedir perdão, esperando que você me possa perdoar. Não quero que me perdoe pelo que eu fiz, mas por ter cruzado o seu caminho. — O arrependimento de Peter era verdadeiro.

— Qual é a diferença? Eu sabia que você não estava arrependido daquela monstruosidade! — Enfurecida, Rachel se levantou.

Peter segurou seu braço, mas, rapidamente, o largou.

— O que eu fiz não tem perdão, Rachel. Nem mesmo Deus deve perdoar! Se eu nunca tivesse cruzado o teu caminho, você nunca teria sofrido. — Ele disse, sentindo-se muito mal.

Sem dizer nada, a médica foi se afastando. Seu coração disparava sem ela entender o motivo. Em seus pensamentos, a conversa que tivera com a mãe se repetia, acompanhada da visão da madrugada. Quando estava um pouco distante, ouviu a voz do rapaz.

— Tente me perdoar, Rachel. Por favor!

Ela não se voltou e nem mostrou nenhuma reação, apenas continuou caminhando, voltando para casa. Na realidade, não sabia o que fazer nem o que dizer a Peter. Ela mesma estava confusa. Queria fazer a vontade de Deus, mas também queria entender os próprios sentimentos. E, após ver o estado do jogador, não sabia o que pensar. Precisava passar algum tempo sozinha.

CAP. 37

OBRIGADOS A ESTAR JUNTOS

O carro de Ronald passou pelos portões da casa do lago. Peter e John esperavam a chegada do grupo. Pastor Justin, sua esposa e a filhinha tinham vindo com o homem. Passariam o fim de semana juntos. Observando o filho, Ronald ficou mais tranquilo; aqueles dias haviam ajudado a melhorar o semblante do rapaz.

Pastor Justin cumprimentou Peter, que acabara simpatizado com o religioso. Ele nunca fora fã de pastores, mas sentia um tipo de conexão com aquele em particular; talvez fosse a proximidade entre a idade dos dois. O grupo entrou enquanto o caseiro descarregava o carro. O frio da rua nada tinha a ver com o ambiente acolhedor dentro da enorme casa dos Carlsson.

Discretamente, John se aproximou de Ronald e sussurrou:

— O Senador Teddy e a família estão na casa do lago. Quem sabe podemos fazer com que a Doutora ajude a convencer Peter a retomar o tratamento...

Ronald sorriu, satisfeito com a notícia. Teddy lhe devia alguns favores desde as últimas eleições e não recusaria um convite à sua casa. Precisava resolver logo esse assunto. O período que Peter passou na clínica o fez mudar para melhor, então, tinha que continuar a ajudar o filho.

— Pastor Justin, fique à vontade com sua família. Eu vou tratar de um assunto rápido! — Ele se desculpou e saiu sem dar maiores explicações.

Peter estranhou a atitude pouco comum. O pai não tinha o hábito de deixar convidados sozinhos. Devia ser um assunto muito importante para que Ronald saísse daquela forma.

O jogador ficou feliz com a presença do Pastor; quando almoçaram em sua casa, a conversa havia sido muito agradável. A filhinha do casal estava com sono, um pouco rabugenta, e a esposa foi colocá-la para dormir, deixando os homens sozinhos. Os três foram para o alpendre da sala, esperar o café que tinham pedido.

— Este lugar é fascinante! A paz de espírito que sentimos aqui... Muito bonito mesmo. — Ele observava a vista sobre o lago.

— Há anos que eu não vinha aqui! — Peter sorria, envergonhado por não aproveitar mais o local.

— Que crime! — John fez cara feia. — Aqui, além de sentirmos paz, ficamos mais conectados com Deus.

— É verdade. Deus está em toda parte, inclusive em nosso coração. Mas é nestes detalhes da perfeição de sua obra que o sentimos ainda mais presente em nossas vidas! — O Pastor disse com um sorriso.

— Acredita mesmo que Ele mora em todos os corações? — Peter mostrava a sua incredulidade.

— Claro que sim! Deus mora em todos os corações. Ele os formou! Com a vida, o homem acaba reduzindo o espaço que deveria ser de Deus. Acabamos colocando todo tipo de coisas em nossos corações e, como resultado, “soterramos” Deus. Mas Ele está lá! — O Pastor continuou olhando para o

jogador como se conseguisse ver sua alma. — Por exemplo, você, Peter. Quanta coisa guardou dentro de seu coração? Nem tudo era bom. Mágoa, medo, erros que desejava esconder de todos, inclusive de você... Mas Deus, por amar a sua alma, aceitou dividir o espaço porque sabia que, um dia Ele voltaria a ocupar tudo de novo!

— Acha mesmo que Deus me ama? — Ele queria sentir verdade nas palavras do religioso.

— Sim! Claro que ama! E tem um plano na sua vida. Nós, seres humanos, temos a capacidade de ver até aqui! — Ele apontou para o outro lado do lago, em direção à casa de Rachel. — Você sabe o que existe do outro lado daquela casa?

Peter indicou que não, porque não conseguia ver.

— Você pode saber quem mora ali. Mas não consegue ver o que está atrás da casa, ou o que acontece lá dentro. Os seus olhos não alcançam. Mas Deus sabe e vê tudo. Na nossa vida é assim, temos limitações e não temos a capacidade de saber tudo. Mas Ele sabe. E, na tua vida, a obra de Deus está apenas começando.

— Queria acreditar! — Peter era sincero.

— Acredite, Peter. Deus já começou a trabalhar na tua. E, de alguma forma, Ele mostrou isso! Você apenas não entendeu ainda. — O Pastor afirmou, tomando seu café.

Naquele momento, Ronald retornou, sorrindo.

— Teremos visitas para o jantar de hoje. — Ele avisou.

John sorriu entendendo que o pai do jogador conseguira alguma coisa com a médica. Peter nem imaginava quem seriam os visitantes, mas não perguntou; sabia que o pai tinha muitos amigos naquela região.

Todos tiveram uma tarde animada. O lugar trazia tranquilidade a todos. Quando a noite começou a cair, o grupo foi se preparar para o jantar. Peter foi o primeiro a ficar pronto e esperava o grupo na sala, quando o Pastor, a esposa e a filha chegaram. A menina se aproximou até tocar a roda da cadeira do rapaz e ele começou a brincar com ela, fingindo que a cadeira se mexia sozinha. A garota de dois anos ria e se divertia com ele.

Abrindo um enorme sorriso, ela ergueu os braços, querendo sentar-se no colo dele e na cadeira. Peter pôs a menina no colo e começou a percorrer a sala com ela, fingindo ser um cavalo; cada vez que travava as rodas, a menina dava uma gargalhada. Ele estava amando brincar com a garota, tanto que não percebeu a presença do pai, acompanhado de seus convidados.

Teddy conversava animadamente com Ronald e Leona. O Senador não sabia que sua nora e ela haviam trabalhado para Ronald, tantos anos atrás. Entrando na sala, Rachel se surpreendeu por encontrar Peter brincando com uma menininha. Ele não parecia o mesmo homem que dera entrada em sua clínica, bravo e sempre de mau humor. Agora ele estava feliz e com um sorriso no rosto.

Quando viu Peter, Joseph correu em sua direção e gritou:

— Meu amigo!

O jogador foi despertado pela voz do menino. Abraçou a criança e ficou abismado por ver Rachel ali, a observá-lo.

— Por que você não falou que a Dra. Rachel era a mesma menina que trabalhou no nosso restaurante, e filha da Leona? — Ronald perguntou ao filho. — Eu disse que a conhecia de algum lugar! Eu sabia!

— Quanto tempo, Sr. Carlsson! — Leona falou, não deixando de observar o comportamento da filha.

— Ronald. Sou apenas Ronald, Leona! Bebem alguma coisa? — Ele ofereceu, sendo gentil.

Enquanto a empregada preparava tudo para o jantar, o grupo ficou ali na sala, conversando. Leona gostou de conhecer o Pastor que substituiu o falecido Pastor Charles e simpatizou muito com o novo sacerdote. Rachel ficou surpresa quando descobriu que ele conhecia o Pastor Philip.

Na sala de jantar tudo estava muito bem arrumado com os cristais e porcelanas da família. O lugar era elegante e sofisticado. Todos foram tomando seus lugares e Peter acabou sendo colocado ao lado de Rachel. O coração de ambos batia descompassado por conta da proximidade. Mas estavam evitando o contato visual.

Rachel colocou o guardanapo no colo e ele deslizou. Peter e ela

tentaram pegá-lo ao mesmo tempo e suas mãos se tocaram. A moça afastou a mão como se tivesse recebido um choque. Peter entregou-lhe o guardanapo e disse:

— Desculpe! — E abaixou os olhos em seguida.

— Obrigada. Tenho te agradecido muito nos últimos dias. — Ela forçou um sorriso.

— Eu é que tenho que agradecer por poder ajudá-la. — Peter sorriu.

Joseph chamou a atenção do jogador e ele respondeu à pergunta de seu novo amigo. Rachel ficou admirando a forma como o jogador falava com o filho e como ele tinha mudado, mesmo depois de sair da clínica. Durante o jantar todos conversaram e, num dado momento, Rachel disse baixinho para Peter:

— Thomas está sofrendo muito desde que você se foi. Devia ir visitá-lo. O menino se apegou muito a você!

— Se eu for visitá-lo, a Doutora me dá autorização para entrar? — Ele perguntou com receio.

Rachel acenou que sim e Peter sorriu, satisfeito com a notícia. Ele pensou que, para a noite ficar perfeita, só faltava a presença do pequeno Thomas. O que mais lhe magoara ao deixar a clínica foi ter que deixar o amiguinho para trás. A criança ocupara um lugar especial em seu coração. Com a autorização de Rachel, ele iria visitá-lo. Sabia que não merecia o amor que o garoto tinha por ele, mas o sentimento lhe fazia muito bem!

CAP. 38

UM PEDIDO

Na sala da mansão dos O'Connor, o pai de Peter andava de um lado para o outro enquanto esperava para conversar com Rachel. Precisava pedir a ajuda dela para convencer o filho a retomar o tratamento. Ele não tinha noção do que se passava entre os dois.

Rachel ficou preocupada quando soube que Ronald estava ali para vê-la. Imaginava o que ele poderia querer agora que sabia quem ela realmente era. Buscou forças dentro de si para conversar com o homem.

Teddy entrou na sala e deparou-se com Ronald andando de um lado para o outro.

— Por aqui a essa hora? — O Senador cumprimentou o amigo.

— Sim, Senador. Eu vim para conversar com sua nora. Para pedir um favor.

— Confidenciou Ronald com certo pesar.

— Um favor? O que está acontecendo, Ronald? — Teddy ficou preocupado.

Quando o homem ia falar, Rachel chegou, elegantemente vestida. Ronald observou a médica que, em nada, lembrava a menina que ele conheceu. Custava-lhe acreditar que eram a mesma pessoa. Ela mantinha uma máscara de frieza no rosto, imaginando qual seria o motivo da visita.

— Bom dia, Sr. Carlsson! — Ela cumprimentou, de forma seca.

— Peço desculpas por incomodar tão cedo, mas eu precisava conversar com você, Rachel! — Ronald parecia pronto a implorar algo. — Eu preciso da sua ajuda!

— Minha ajuda? — Ela não sabia do que se tratava. Teddy também queria saber mais detalhes.

— Rachel, conheço você e sua mãe há muito tempo e, por isso, tive a ousadia de vir pedir que, por favor, ajude a convencer Peter a voltar para a clínica! — O homem mostrava sua preocupação.

— Ele decidiu sair. Não podemos obrigar ninguém a ficar lá. — Ela tentava disfarçar e não denunciar que conhecia os reais motivos do jogador.

Ronald sentou e começou a olhar para o chão. Teddy sentou ao lado do amigo e Rachel ocupou uma poltrona em frente, observando atentamente.

— Quando meu filho sofreu aquele acidente eu pensei que era o fim. Esperava que, um dia, meu filho mudasse suas atitudes. Eu me culpo pelo que meu filho se tornou! — Havia auto cobrança em sua voz, era real e os dois perceberam. — Não vou falar como Ronald Carlsson, mas como pai. Como mãe, você vai me entender. Peter sempre foi um bom menino; eu sempre me dediquei ao trabalho e ele nunca teve o amor que merecia, e precisava. Por motivos pessoais, Brigitte nunca o amou. Meu filho cresceu mimado e caprichoso, mas, no fundo, eu sei que ele tem um bom coração. Eu sou um homem religioso e amo a Deus de verdade; sempre esperei que meu filho se tornasse um servo de Deus. Mas suas atitudes só o afastavam do Pai.

— Sempre queremos o melhor para os nossos filhos! — Teddy estava emocionado com as palavras do amigo.

Rachel tentava manter distância para não se emocionar também. Mas, em seus pensamentos, ouvia: “Seu filho é bom porque você não sabe o que ele me fez!”.

— A promessa para a vida de Peter é que ele seria um homem temente a Deus, um servo. Mas a vida o levou para um caminho diferente. E um dia, antes de entrar na faculdade, ele mudou. Ninguém sabe o que aconteceu. Ele começou a perder o sorriso, a alegria, parecia viver atormentado. — Ronald respirou fundo. — Quando aconteceu o acidente ele vivia bebendo, do momento em que acordava até ir dormir, não fazia outra coisa. Em seus delírios alcoólicos, sempre repetia que estava pagando pelo mal que fizera a alguém muito especial. Ele nunca falou o que fez, ou a quem. Então, ele foi para a sua clínica, Rachel.

Aquele homem estava lhe pedindo socorro para o filho. A médica sentiu o corpo inteiro arrepiar.

— Ele mudou! Os olhos dele recuperaram o brilho. Sempre que falávamos, ele contava sobre a clínica e sobre o menino. Como ele se chama...?

— Thomas! — Rachel disse, muito séria.

— Isso, Thomas! Quando fui visitá-lo, meu filho estava diferente. Contou até que ia aos cultos e eu vi mudanças reais nele. Eu não me importo que ele fique numa cadeira de rodas, só desejo que Peter aprenda a amar a Deus. E quando ele estava começando, voltou para casa e lá ele não vai melhorar. Eu tenho medo que volte a viver como no passado! — Olhando para a médica, o homem implorou: — Por favor, Rachel! Como pai, eu te peço, eu te imploro que me ajude a convencer Peter a voltar!

O pedido de Ronald deixou-a sem saber como reagir. Não queria contar a verdade, mas também não queria dizer “NÃO”. Quando as coisas ficavam apertadas nos tempos em que trabalhavam para os Carlsson, Ronald sempre as ajudava. Antes de ela falar, Teddy respondeu em seu lugar.

— Claro que a Rachel vai ajudar! Afinal, além de amigos, sempre me apoiou no que eu precisava! — O Senador olhou para a nora como se estivesse mandando que ela concordasse.

— Senador, mesmo que Rachel não consiga, eu vou continuar ajudando o senhor. Não estou cobrando nada que lhes ofereci, agora ou no passado, estou pedindo como pai. Estou desesperado! — Ele encarava Rachel.

Leona ouvia a conversa sem ser notada e respondeu pela médica.

— Ronald, minha filha vai ajudar a convencer o Peter a retomar o tratamento!
— A mulher sorria.

Todos ficaram surpresos com sua presença. Rachel ficou espantada com a resposta da mãe. Em tantos anos, ela nunca tinha dado nenhum palpite no seu trabalho. Ronald olhou para Leona e sorriu carinhosamente; não contava com ajuda de alguém que o conhecia tão bem.

— Minha filha vai ajudar Ronald, tem a minha palavra! — Leona reafirmou.

Passaram mais um tempo conversando, mas Rachel não fez nenhum comentário. Quando se deu conta da hora, Ronald se despediu, pois tinha assuntos a resolver na cidade. Leona acompanhou o empresário até ao carro e Rachel estranhou a atitude da mãe. Assim, seguiu os dois e ficou observando.

A médica se deu conta de que Ronald e Leona pareciam se conhecer muito bem, muito mais do que uma simples ex-empregada e um ex-patrão. Se perguntou se haveria algo a mais naquela relação e na motivação de sua mãe para ajudar Peter. Vendo o abraço que os dois trocaram, Rachel teve a certeza de que havia algo que ela desconhecia. Aqueles dois tinham uma amizade mais profunda do que ela imaginava.

CAP. 39

INQUÉRITO

Alguém bateu na porta do quarto. A resposta demorou a chegar e, por isso, ela abriu. Quando Rachel entrou no quarto da mãe, esperava obter respostas para algumas perguntas que estavam em sua cabeça. Sentando-se na cama, ela segurou a foto do pai que sempre acompanhava a mãe, para onde quer que ela viajasse. O hábito de conversar com a foto do marido foi adquirido ao ver a mãe, por longos, fazendo o mesmo.

Seu pai era um homem encantador. Ainda tinha algumas lembranças dele. Seus pensamentos voaram para longe e não notou a aproximação de Leona.

— Seu pai era um homem único! — Leona sorriu e passou a mão pelo cabelo da filha.

Rachel sorriu e encostou a cabeça ao corpo da mulher, que se sentou ao lado da filha.

— O que está atormentando essa cabecinha? — Leona deslizava um dedo

pela testa de Rachel.

— Como sabe? — A mãe a conhecia muito bem.

— Essa ruga na sua testa sempre aparece quando algo está te preocupando! Não é verdade, Dra. Rachel O'Connor? — A moça confirmou. — Tem a ver com a visita do Ronald. Quer dizer, do Sr. Carlsson?

— Mãe, a senhora parecia muito amiga dele e preocupada demais com o Peter. Por quê? — Ela desconfiava de algo mais profundo na história.

— Eu trabalhei para o Sr. Carlsson e conheço Peter há muitos anos. Além disso, ele veio fazer um pedido como pai. Você, que é mãe, se precisasse de ajuda para um dos seus filhos, não correria atrás de alguém que pudesse auxiliar? — Leona observava a filha.

— Sim, mãe. Mas estamos falando do Peter! — Rachel não queria discutir um assunto que a deixava tão nervosa.

— Rachel, eu sei que ele te fez algum mal. Não quero nem imaginar! Como tua mãe, não quero. Como cristã, eu espero que a minha filha, que eduquei para ser boa filha e boa pessoa, ajude a quem precisa! — Leona também tinha suas desconfianças.

— Por que me pede para ajudar uma pessoa de quem não gosto?

— Você não gosta, Rachel? Suas palavras dizem uma coisa, seus olhos e suas reações dizem outra! — O sorriso da mãe deixou a médica irritada.

— A senhora não sabe de nada e diz uma coisa dessas? — Rachel falou num tom ríspido e levantou da cama, indo para a janela do quarto. — A senhora não sabe de nada...

— Eu não sei? Talvez. Mas conheço a minha filha. Você viveu um grande casamento, com uma pessoa especial. Mas seus olhos nunca brilharam por George da maneira que o faziam por Peter. — Leona conseguiu deixar Rachel atônita com aquela declaração.

— Mãe, eu era uma criança, inocente e... Espera! Eu não vi falar de mim e sim da senhora com o Sr. Carlsson! — A moça mudou a direção da conversa.

— Sobre nós? — Leona não esperava por isso.

— Sim. Eu vi como defendeu e acatou o pedido dele; como o acompanhou

até ao carro. Existe algo a mais nessa história! Quem é Ronald Carlsson? — O tom sério de Rachel indicava que ela não desistiria até descobrir tudo.

Leona bateu na cama, chamando a filha para sentar ao seu lado, sendo, imediatamente, obedecida. A mãe segurou a foto do marido, virou-a ao contrário e abriu a moldura, aguçando ainda mais a curiosidade de Rachel. Por trás da fotografia do pai havia outra. A médica não esperava que a mãe escondesse algo.

A mulher entregou uma fotografia envelhecida para Rachel. A imagem mostrava sua mãe ao lado de seu pai e de outro homem. Olhando atentamente percebeu que o segundo homem era muito semelhante a Peter e Ronald. Quando tentou perguntar de que se tratava aquilo, a mãe tomou a frente para responder.

— Nós éramos amigos. Na realidade, bem mais que amigos! — Leona estava deixando a filha ainda mais intrigada. — Vou contar porque conheço a filha que tenho. Seu pai e Ronald eram amigos. Ambos, de certa forma, disputavam para namorar comigo. Apesar disso, eles sempre se respeitaram e mantiveram a amizade. Até um dia!

— Eles brigaram por causa da senhora? — Rachel perguntou.

— Não! Que disparate! Nós éramos bons amigos. Ronald era apaixonado por mim. Na verdade, os dois eram. — Ela riu ao lembrar o passado. — Mas eu era negra e pobre. Os Carlsson sempre foram muito ricos e nunca permitiriam que o filho casasse com uma moça como eu. Já seu pai era apaixonado por mim e dono do próprio nariz. O que separou nossa amizade foi uma mulher chamada Brigitte.

— A mãe de Peter? — Rachel estava aturdida com as informações.

A mãe sorriu. Conhecia muito bem a mulher em questão.

— A esposa de Ronald, sim! Ela sabia que ele gostava de mim e não sossegou até conseguir nos afastar. Usou intrigas para manter Ronald longe de nós dois.

— A senhora amava o Sr. Carlsson? — Rachel queria saber mais.

— Não. Amar, eu amei o seu pai! Ronald era uma pessoa especial, que me respeitava e, ao mesmo tempo, tinha grande carinho por mim. Toda a mulher

gosta de ser desejada, mas eu sempre respeitei seu pai. Entendeu! — Rachel sorriu e confirmou que sim. — Sempre tive um carinho muito grande por ele, fomos grandes amigos. Mesmo depois de casar com seu pai, fui confidente do Ronald, e seu pai sabia!

— Ele não tinha ciúmes? — Rachel se espantou.

— Não. Seu pai se garantia e sabia que eu amava só ele! Ronald precisava de alguém que o ouvisse. Ser casado com aquela mulher nunca foi fácil. — Leona não gostava de Brigitte e o fato deixou Rachel mais curiosa. — Ronald concentrou sua vida no trabalho para não ter que conviver com ela. Descuidou do filho e eu sei que ele se culpa por isso. Então eu peço, ajude Peter! É um pedido meu.

Rachel estava ainda mais confusa agora.

— Mas, se ele era infeliz, por que não se separou dela? — Algumas coisas não faziam sentido.

— Deixar Brigitte? — A mulher riu com o comentário. — Sabe como são as sanguessugas? Elas colam na pele e só soltam quando estão saciadas com o sangue das vítimas. Primeiro, os pais de Ronald nunca permitiriam um divórcio. Depois, aquela mulher nunca perderia a boa vida que tinha, nem que para isso precisasse cometer as maiores atrocidades.

— Que atrocidades, mãe?

Leona levantou-se e disse:

— Eu não vou ficar aqui falando daquela mulher! Você vai ajudar o Peter e isso não é um pedido. É uma ordem da sua mãe... Agora, me deixe ficar sozinha um pouco, por favor! — A conversa trouxera à memória muitos sofrimentos.

Rachel saiu do quarto porque entendeu que a conversa deixara a mãe nervosa, e o motivo envolvia Brigitte. Aquilo era muito estranho. Começou a pensar e percebeu que, no passado, a mãe não falava com a mulher. Ainda havia algo que Leona não queria trazer à tona.

Brigitte sempre foi autoritária e fria com todos, mas havia uma parte escondida naquela história que apenas a sua mãe conhecia. Sabia que a mãe jamais contaria a verdade, mas ela queria saber o que existia além da amizade

de seus pais e Ronald.

CAP. 40

AMOR OU ÓDIO

O carro de Tracy parou no jardim da mansão O'Connor. Assim que a amiga estacionou, Rachel correu para abraçá-la e contar os detalhes dos últimos acontecimentos. Sua confidente tinha conseguido alguns dias de folga no hospital e ficaria junto da amiga e dos filhos. As duas se abraçaram e Tracy percebeu que havia algo errado com Rachel. Conhecia aquele olhar e queria saber o que estava acontecendo. Até porque a insistiu muito para que ela fosse passar o fim de semana com ela, na casa do lago.

— O que houve? — Tracy queria a verdade.

— Quando eu contar você não vai acreditar! — Rachel precisava desabafar.

Os filhos de Rachel apareceram, gritando.

— Tia Tracy!

A pediatra se abaixou e abriu os braços. Adorava aquelas crianças. Abraçou e beijou-as, arrancando gargalhadas dos dois. Até que Joseph falou:

— Tenho um novo amigo! Ele é jogador de futebol. Peter Carlsson e você tem que conhecê-lo!

Ao ouvir o nome, Tracy olhou para Rachel, que confirmou a declaração do menino.

— Que bom! Ele está na sua casa? — Ela estava curiosa.

— Não, tia Tracy. Ele mora na casa dele, ali! — O menino apontou para o outro lado do lago.

— Vizinhos? — Comentou encarando a amiga. — Quero saber de tudo!

Rachel sorriu e todos caminharam para a casa. Estava mais frio que no dia anterior e, no interior da residência, o calor tornava tudo mais agradável.

— Vizinhos? Quero saber de todos os detalhes! — Tracy sussurrou, se calando com a chegada de Leona.

— Tia Leona, como está a senhora? — As duas se abraçaram carinhosamente.

— Que bom que veio passar o fim de semana conosco. Anda sumida e... Você está linda! — A mãe de Rachel disse, admirando a moça.

— Obrigada! Pena que nenhum homem repara as minhas qualidades como a senhora! — Tracy arrancou um sorriso de Leona com o comentário.

— Um amigo da Rachel tem um acompanhante bem interessante. E acho que é solteiro! — Instantaneamente, Tracy olhou para a amiga, querendo saber de quem se tratava.

— É o enfermeiro do Peter! — Tracy sorriu.

— Enfermeiro? Interessante! — Ela estava interessada em conhecer o rapaz.

— Deixa eu te levar ao teu quarto! — A desculpa perfeita para ficarem sozinhas.

As malas da pediatra já estavam no quarto e ela sentou na cama, ansiosa pelos detalhes dos últimos eventos. Rachel se acomodou a seu lado e começou a contar tudo.

— Ele está na casa em frente. Dá para imaginar? Pior! Ele ajudou o meu filho, que fugiu atrás do cachorro. Ficaram “amigos”! Meu filho, amigo daquele homem! Consegue acreditar nisso? Parece que Deus está brincando comigo. Quanto mais eu fujo, mais próximos ficamos. — Rachel respirou fundo. — Meu sogro é amigo do pai dele e, se você acha que a coisa não podia piorar, aqui vai a melhor parte: o pai dele veio implorar para eu ajudá-lo. E minha mãe me obrigou a atender ao pedido. Ainda melhor: minha mãe e o pai do Peter são amigos desde jovens. Ela escondia uma fotografia dela, com o meu pai e o pai do Peter; disse que ele era apaixonado por ela. E tudo isso aconteceu em alguns dias. Ah! Também jantamos todos juntos...

— O enfermeiro dele é assim tão interessante? — O sorriso de Tracy era enorme.

Rachel ficou surpresa com o comentário da amiga.

— Eu aqui contando o que aconteceu e você pensando no enfermeiro? — A amiga acenou afirmativamente. — Tracy?

— Que foi? Em poucos segundos você contou tudo. Mas não falou nada do enfermeiro! — Diante da expressão de desagrado da amiga, Tracy fingiu fechar um zíper sobre a boca.

— Aconteceu uma coisa! — Rachel estava envergonhada. — No jantar, eu deixei cair o guardanapo e nos abaixamos para apanhá-lo ao mesmo tempo, e nossas mãos se tocaram. E alguma coisa estranha aconteceu. Não sei explicar!

— Rachel, eu sei que o que ele fez foi monstruoso e sei o que sofreu em silêncio. Mas, excluindo esse grave erro, você não sente nada por ele? — A pergunta de Tracy era sincera.

— Sinto ódio! — A resposta foi automática.

— Ódio? — A amiga riu e continuou. — O ódio é apenas o outro lado da moeda. Ódio e amor andam juntos!

— Você só pode estar brincando comigo! Eu fui casada com um dos melhores homens que conheci na vida. Jamais poderia trocar as lembranças do pai dos meus filhos por um canalha, cafajeste! — A ideia de que pudesse sentir algo por Peter a irritava profundamente.

— Para com isso, Rachel! Toda mulher pode casar com o “Senhor Perfeito”, mas sonha com um cafajeste. Eu sou exemplo disso! — Outro comentário inesperado. — Tudo bem! O que ele fez é horrível, mas você mesma disse que acha que ele mudou. Afinal, você acredita em Deus ou não? Será que Deus não pode tê-lo mudado com o sofrimento?

— Ele nunca vai mudar! — Rachel desejava que suas palavras fossem a verdade.

— Pode parar! Você foi casada “Sr. Perfeito”, ok. Mas esqueceu que, antes de casar, ele não era nenhum santo? — Rachel arregalou os olhos. — Para, Rachel! Você sabe muito bem disso. O amor que ele sentia por você fez com que mudasse. Quantas vezes ele namorou? Eu era amiga do George e gostava muito dele, éramos como irmãos, mas santo ele não era! Peter pode ter mudado!

Tracy segurou as mãos da amiga e continuou falando.

— Ele te magoou muito, mas, como cristã, não acha que deve ajudá-lo? Você acredita em “salvação de alma”. E se ele precisar da sua ajuda para salvar a dele? Vai conseguir viver com essa dúvida na sua cabeça? — A pediatra questionou.

Rachel levantou, sentindo-se bombardeada pelas perguntas. Foi para a

janela e ficou olhando para a casa de Peter.

— Às vezes, parece que todos estão contra mim e a favor dele! Eu que fui a vítima... — Tracy interrompeu-a naquele momento.

— Ninguém está a favor dele e, muito menos, contra você. Só estou dizendo para você analisar a história por todos os ângulos. Desde que te conheço, você acredita que Deus pode mudar uma pessoa. Por que isso não se aplica a Peter? Por que só ele é incapaz de se arrepender e mudar? Por que está usando dois pesos e duas medidas? Lembra-se de quando descobriu o que estava acontecendo no hospital? — Tracy lembrou a amiga sobre um acontecimento não tão distante. — Você descobriu que estavam desviando dinheiro do hospital e “desculpou” um ladrão. Sei que não é a mesma coisa, e que posso estar exagerando sobre seus sentimentos por Peter, mas, como cristã, se há alguma chance de recuperação, você deve ajudar!

— Não sei se vou conseguir! — Rachel era sincera.

— Rachel, não vai conseguir ou tem medo de outra coisa? — A pergunta a fez pensar.

— Vamos mudar de assunto? — A moça estava ficando emocionada.

— Claro! Como é o enfermeiro?

Assim, as duas começaram a rir. Era impressionante como a médica tinha a capacidade de falar sobre coisas sérias e, em segundos, introduzir assuntos divertidos. Então, Rachel contou como John era, aumentando o interesse de Tracy, que queria conhecer o enfermeiro. Quando Rachel disse que o rapaz era simpático, educado e musculoso, Tracy ficou tentada a arrancá-la de casa para fazer uma visita a Peter.

CAP. 41

MUITO PRAZER

No fim da tarde, as duas amigas, acompanhadas das crianças e do cachorro, foram dar uma volta pelo lago. Optaram pelo caminho mais longo para evitar encontrar Peter ao passar pela casa dele. Os filhos corriam atrás do cachorro e jogavam pedrinhas na água, disputando para ver qual chegava mais longe. As mulheres corriam atrás das crianças e colocavam a conversa em dia. Conversaram sobre os últimos dias, sobre as questões do hospital e sobre as relações amorosas complicadas de Tracy.

Caminhavam tranquilamente. Aquele lugar era idílico, perfeito para descansar, recarregar as baterias e relaxar, esquecendo um pouco da rotina agitada e complexa que enfrentavam todos os dias. Naquele horário, a pista de caminhada estava vazia e Rachel observava os filhos brincando.

— Posso fazer uma pergunta? — Tracy quis saber, olhando para a pista.

— Humhum! — Rachel confirmou.

— O John é loiro ou tem cabelo mais castanho? — Tracy sorriu diante da cara de estranhamento de Rachel, e indicou a pista com a cabeça.

Rachel olhou para trás e viu Peter acompanhado de John. O Pastor Justin e a esposa também caminhavam pela pista. A médica fechou os olhos e respirou fundo; se fosse embora agora, mostraria que estava fugindo e ainda chamaria a atenção do grupo.

— Sorri e respira fundo! — Tracy disse. — John é o de cabelo castanho? Interessante esse enfermeiro. Acho que posso ficar doente...

Rachel voltou seus olhos furiosos para a amiga, cortando seu comentário no meio.

— Mas o que é que você queria? Vocês têm casa no mesmo lago. Agora sorria e faça cara de paisagem. — Tracy concluiu, observando o enfermeiro.

Rachel respirou fundo e se virou. Quando Joseph viu Peter, largou o que estava fazendo e correu em direção ao grupo. A mãe não teve tempo de impedir. O menino cumprimentou o jogador, disse alguma coisa e apontou para as duas mulheres. Peter percebeu que Rachel estava desconfortável, forçou um sorriso e acompanhou a criança.

— Boa tarde! — O jogador iniciou os cumprimentos.

— Muito bom voltar a vê-la, Dra. Rachel! — John falou e encarou Tracy.

— Como está, Rachel? — Disse a esposa do Pastor.

— Bem, obrigada! Esta é a minha amiga Tracy. Também é médica e trabalha no Hospital da família, em Seattle. — Tracy sorriu com a apresentação e se controlou para não falar nada.

Cumprimentou o Pastor e a esposa, John e, quando chegou a vez de Peter, sorriu.

— Peter Carlsson! — Ele ficou envergonhado por ser reconhecido. Ou talvez pensasse que Rachel tinha falado sobre ele. — Uau! Quem diria que eu conheceria uma estrela do futebol? Muito prazer!

Rachel estava branca de vergonha por causa do comentário da amiga.

— Eu tive um namorado que era seu fã! — Tracy concluiu, disfarçando.

— Não sou mais estrela do futebol. Só Peter agora!

— Uma vez estrela, sempre estrela! — A pediatra mostrava que não ligava para a cadeira. — Estávamos fazendo uma caminhada. Vocês também? Que coincidência!

Rachel queria matar a amiga, mas percebeu que ela estava mais interessada no enfermeiro.

— Não os convido para nos acompanhar porque já estão chegando em casa!

— Com isso Tracy entregou que Rachel comentara sobre Peter. Os olhos da médica se encheram de fúria.

— E eu não convido vocês para um chocolate quente porque estão começando a caminhar! — Peter tentava deixar Rachel mais à vontade.

Antes mesmo de Rachel abrir a boca, Tracy respondeu.

— Não seja por isso. Caminhada cancelada! — Peter e Rachel ficaram surpresos e constrangidos. E Tracy continuou: — Minha amiga é quem gosta de esporte, coisa do falecido marido! Eu prefiro o chocolate que ofereceu. De preferência quente e doce.

— Que bom! Outra mulher para conversar! — A esposa do Pastor sorria. — Eles se juntam para conversar e eu fico num canto. Deus é bom!

— Nem imagina o quanto! Louvado seja o Senhor! — Tracy respondeu encarando John.

— Então, vamos! — Peter chamou, tentando identificar a reação de Rachel.

O grupo passou na frente e Rachel segurou o braço de Tracy.

— Obrigada! Eu quero distância dele e você se convida para a casa do cara!

— Ela sussurrou, mas, se pudesse, mataria a amiga ali mesmo.

— Relaxa, vamos tomar um chocolate e é o tempo de eu conhecer o enfermeiro. E que enfermeiro! Eu consigo o telefone dele e vamos embora...

— Rachel foi chamar os filhos. — Outra coisa, Rachel. Ele foi um canalha com você. Mas mesmo naquela cadeira de rodas, que H-O-M-E-M!

— Fala baixo, Tracy! — Rachel reclamou, com medo que o jogador ouvisse.

O grupo caminhou em direção à casa dos Carlsson. Rachel tinha esperança de que um dos filhos dissesse que queria ir para casa, mas isso não aconteceu. A esposa do Pastor ficou junto das duas mulheres, conversando.

Tracy não estava nem ouvindo as palavras da mulher, apenas observava o corpo musculoso do enfermeiro, das nádegas às pernas e subindo para as costas e ombros. Rachel sorria, também sem ouvir o que a mulher dizia, não por falta de interesse, mas pela preocupação por estar junto de Peter.

Chegando à casa, Tracy se atrasou e segurou o braço de Rachel para comentar:

— Espero que ele não seja *gay*! Que homem! Você viu aquele corpo? Já imagino tirar a roupa dele e descobrir o que ele esconde... Se for *gay* pode dar trabalho, mas eu o converto! — Rachel cobriu o rosto, chocada com as palavras da amiga.

As duas entraram e se acomodaram. Tracy admirava John, que compreendeu a intenção da moça e riu, sendo retribuído. Quando queria algo, Tracy ia atrás, sem se preocupar com o que poderiam pensar sobre ela ou seu jeito de ser. Ela queria aquele enfermeiro e o teria. Só não imaginava quem ele era.

Peter e Rachel se olhavam constantemente, mas sempre que seus olhos se encontravam, eles desviavam a atenção para outra coisa. A médica pensava em como poderia ajudá-lo, e se teria coragem e condições para fazê-lo. Inesperadamente, o Pastor Justin sentou ao seu lado e disse:

— Vai ter condições sim! E não fuja do seu destino, nem dá vontade de Deus! — O homem falou e retornou para perto de Peter.

Rachel estava abismada. Foi um choque receber o recado no momento em que se fazia aquelas perguntas. O Pastor sorriu e ela sorriu de volta, aceitando a mensagem que Deus lhe enviara. Se era essa a vontade do Senhor, mesmo com dificuldades, ela cumpriria.

TANTO ÓDIO NELA

Chegou o momento de todos voltarem para suas realidades.

Tracy conseguira o telefone de John. Desde os tempos de escola ela era assim: sempre conseguia o que queria. As crianças voltaram para casa com Teddy e o motorista; Leona esperava a filha no carro. Quando colocou a última mala no bagageiro, Rachel olhou para a casa de Peter. Tinha consciência do que tinha aceitado e precisava dizer isso ao jogador. Imaginou que eles ainda estariam na casa, afinal a cidade deles era bem mais perto e poderiam desfrutar do lugar por mais tempo.

A médica saiu com o carro em velocidade baixa. Pelo retrovisor, via a casa se afastando dela. Ao passar pelos portões ao invés de tomar a estrada para Seattle, virou rumo à casa do jogador, surpreendendo a mãe. Mesmo sendo pega de surpresa, Leona não disse nada.

Rachel entrou na propriedade dos Carlsson na esperança de encontrar Peter e os outros. Quando parou o carro viu o caseiro arrumando algumas coisas.

— Boa tarde, Dra. Rachel! — Disse o homem, que não esperava nenhuma visita agora.

— Boa tarde. O Peter está em casa? — Ela sorria aguardando uma resposta afirmativa.

— Não, eles já partiram... Foram bem cedo! — Informou.

Rachel voltou para o carro um pouco desiludida. Queria dizer a Peter que o esperava na clínica para continuar o tratamento.

— Ele não vai fugir. Você sempre pode visitá-lo! — Leona disse, sorrindo para a filha.

A médica sorriu, mas ela não queria voltar àquela casa. A última lembrança que tinha daquele lugar não era das melhores. Entrara lá apenas uma vez e o resultado foi terrível. Ligando o carro, ela seguiu para Seattle, deixando para trás todos os pensamentos que a ligavam a Peter. “Se Deus quiser que eu o ajude, vai ter que colocá-lo de novo no meu caminho, porque eu não vou atrás dele”.

Os Carlsson chegaram animados do fim de semana. Pai e filho conversavam sobre como tinha sido agradável passar tempo com o Pastor e sua família. Peter entrou primeiro e se deparou com Brigitte, que esperava por eles com um olhar carregado de raiva. Quando a viu, Ronald ignorou sua presença e continuou a conversar com o filho.

— Você viu como a amiga de Rachel ficou encantada com o John? — Ronald perguntou ao filho, rindo.

Brigite levantou e começou a bater palmas para os dois. Cambaleando, ela tentou se aproximar dos dois homens que, só então, perceberam que a mulher estava bêbada.

— Está olhando o que, aleijado? — Brigitte tentava ofender o jogador. — Se você pode beber, eu também posso!

Peter meneou a cabeça negativamente e se desviou dela, querendo ir para o quarto.

— Não te mandei sair, bastardo! — Ela gritou e jogou o copo que tinha na mão em direção a Peter.

— Brigitte! Pare com isso imediatamente! — Ronald gritou, encarando a mulher. Estava furioso com ela.

— Você me deixou sozinha o fim de semana inteiro e ainda vem gritar comigo? — Ela devolveu, no mesmo tom de voz.

— Você não quis ir! — O marido falou, tirando os cacos de vidro do caminho do filho.

Peter encarava a mulher, sem entender o motivo de tamanha raiva direcionada a ele. Sempre percebera que ela não o amava, mas, desde o acidente, a situação estava piorando. Agora ela não se dava ao trabalho de esconder seus verdadeiros sentimentos. Tanta raiva, desprezo e ódio não eram normais para uma mãe.

— Eu já suporto esse aleijado todos os dias. Você tinha que dividir ele com os nossos amigos do lago? Acha que eu quero que nossos amigos nos vejam como os pais disso? — As palavras eram muito duras.

Peter olhou para a mãe e falou:

— Por que tanta raiva? Você acha que eu gosto desta cadeira? Eu não gosto! Não entendo como uma mãe pode tratar o filho como você me trata. Nunca seguimos o modelo tradicional, mas meu limite acabou. Não posso mais suportar a senhora! — O rapaz também alterou a voz.

— Mãe e filho? Você... — Brigitte foi impedida de continuar.

— Pare, Brigitte! — Ronald segurou seu braço com violência. — Chega! Mais uma palavra e nosso casamento acaba! Estou farto de aturar você e as suas crises. Não abra mais a boca! Se o fizer...

— Você vai fazer o que? Eu não tenho nada a perder! — Brigitte encarava Peter.

— Tem sim! Além do divórcio, eu deixo você sem nada, absolutamente nada! Entendeu, Brigitte? Vá para o seu quarto. E isso é uma ordem!

Os olhos de Brigitte refletiam o mais puro ódio. Ela puxou o braço das mãos de Ronald e saiu da sala. Quando passou por Peter, ele sentiu seu hálito carregado de álcool. A mulher devia estar bebendo há horas.

— Eu odeio você desde que soube de sua existência! Queria que tivesse morrido...

— Eu mandei parar! — A respiração de Ronald estava tão descontrolada quanto ele. Mais uma palavra e ele agiria de uma maneira contrária a seus próprios princípios.

A raiva do marido fez com que Brigitte desse uma gargalhada.

— Um dia ele vai saber toda a verdade. Eu garanto! Nem que seja a última coisa que eu faça nessa vida! — Ela disse e abandonou o aposento.

Peter, sem compreender aquele comportamento despropositado, se voltou para o pai.

— O que ela quis dizer com aquilo? Qual a razão do ódio dela? — Ao perceber o estado do pai, o jogador voltou a perguntar: — Pai, que verdade é essa que eu não sei?

— Não é nada Peter! Apenas delírios de uma mulher bêbada. Ela não sabe o que diz. — Ronald tinha medo das palavras levianas da mulher.

Peter percebeu que, mesmo alcoolizada, a mãe sabia o que estava

dizendo. O comportamento do pai mostrava que eles estavam lhe escondendo alguma coisa. Tinha que existir uma explicação para aquele ódio desmedido, e ele precisava descobrir qual era. Precisava entender, mesmo que a revelação lhe trouxesse sofrimento.

O rapaz crescera sem receber o menor carinho por parte da mãe. Ela sempre foi distante, falando com ele o extremamente necessário. Em público, quando participavam de eventos importantes, ela mantinha as aparências de mãe do ano; em particular, era como se o filho fosse invisível. Depois do acidente, até mesmo as encenações de família feliz foram descartadas.

CAP. 43

A VERDADE

Peter teve uma noite terrível. A todo momento, as palavras da mãe martelavam em sua cabeça, como um prego sendo cravado em uma parede. O ódio que ela sentia e a verdade que estava disposta a revelar, se seu pai não impedisse, estava relacionada a ele. O jogador queria saber o que ela tinha para dizer; queria entender porque sua própria mãe era incapaz de amá-lo. Em sua cabeça, ele não prestava porque tinha feito muito mal para Rachel, que também o odiava. Talvez o problema não estivesse nos outros, mas nele!

As horas passaram e Peter não conseguiu dormir. Pela manhã, ouviu as empregadas arrumando tudo. Ouviu o pai saindo de casa depois de avisar que deveriam avisá-lo sobre qualquer atrito entre ele e Brigitte.

Quando John chegou, o paciente já estava arrumado e acomodado na cadeira de rodas. O enfermeiro olhou para o relógio diversas vezes para ter certeza de que havia chegado no horário certo.

— Eu não estou atrasado. Vai a algum lugar? — John estava estranhando o comportamento de Peter.

— Não. Nós não vamos a lugar nenhum. Eu só não consegui dormir... Sabe se minha mãe já está acordada? — O jogador olhava para a rua, pela janela de seu quarto.

— Inacreditavelmente, está. Mas com cara de poucos amigos! — John achou curioso que Peter perguntasse sobre a mulher.

— Ótimo! Vou tomar café da manhã com ela! — Ele disse e se encaminhou para a porta.

— Vou mandar chamar os Bombeiros ou a Polícia? — O enfermeiro se preparou para algum acontecimento trágico durante aquela refeição.

— Nenhum dos dois! — Peter afirmou.

O rapaz foi para o jardim de inverno onde Brigitte, todas as manhãs, tomava seu café. A mulher usava óculos escuros, provavelmente por conta da ressaca e para diminuir a exposição à luz. Ao vê-lo, ela respirou profundamente e desviou o olhar.

— Não me agrada começar o dia brigando com você! — Ela disse, tomou um gole de café, e continuou olhando para a rua.

— Eu não quero brigar, mãe. Vim ter uma conversa com a senhora e... — Ela se levantou para ir embora, mas Peter segurou sua mão. — Mediante a nossa conversa eu saio desta casa. Não é isso que sempre desejou?

Brigitte olhou para ele, voltou a sentar, sorriu e tirou os óculos para encará-lo.

— Sou toda ouvidos e já têm a minha atenção! — Ela antecipava o momento em que se veria livre do rapaz.

— Quero a verdade, Brigitte. Aquela que meu pai te impediu de falar ontem.

— Peter pediu e ela assumiu uma expressão de espanto. — Ontem eu vi o ódio nos seus olhos. Sei que nunca gostou de mim, mas não sei o motivo. Eu sou adotado?

Brigitte riu diante da hipótese do rapaz.

— Antes fosse! Não. Você não é adotado. Em suas veias corre o sangue dos poderosos Carlsson. Era isso que queria saber? — A mulher o encarava.

— Então, não entendo. Somos adultos e eu quero saber por que me odeia.

Conte-me a verdade e eu prometo que deixo esta casa no mesmo instante. Eu sei que é o seu maior desejo. Então, esta casa pelo seu segredo! — Ele queria a verdade a qualquer custo.

— Não me tente, Peter Carlsson! — Ela recolocou os óculos.

— O que vocês escondem de mim? Qual é a razão do seu ódio por mim? Eu mereço saber... — No meio da frase do jogador, ela o interrompeu com toda a frieza.

— Você não é meu filho! — O rapaz teve dificuldade para entender o que ouviu. — Você não é meu filho. Não é nada meu. Absolutamente nada!

— Como assim? Eu não sou seu filho, mas o sangue dos Carlsson corre nas minhas veias? — As palavras ainda não faziam sentido para ele.

— Vagabunda, piranha, prostituta, ordinária são as palavras que posso dizer sobre sua mãe! E não sou eu! Seu pai teve um romance com uma empregada das empresas dele. Inacreditavelmente, na mesma época em que eu estava grávida. Por coincidência e para meu azar, a minha criança morreu e você nasceu. O filho legítimo morreu e o bastardo que Ronald fez com aquela puta, viveu! — O ódio escorria daquelas palavras. Brigitte tirou os óculos para encarar o rapaz, que esperava qualquer outra coisa vinda da mulher. — Eu perdi o meu filho e, com ele, a possibilidade de gerar outros. Quando descobri a traição do seu pai, aquela vagabunda já estava com sete meses. Consegui me livrar dela, mas falhei om você!

— Você está dizendo que eu sou filho de outra mulher? E que meu pai te obrigou a cuidar de mim? — Peter estava sem chão.

— Não queria a verdade? Entender porque eu te odeio? É porque, quando olho para você, eu vejo aquela vagabunda! Quando olho para você, eu vejo que falhei! — Brigitte se levantou e concluiu: — Já contei a verdade. Espero que mantenha a sua palavra e saia desta casa o mais rápido possível.

O rapaz ainda estava tentando digerir o que tinha acabado de ouvir. Então a seguiu até a sala e perguntou mais uma coisa.

— Qual o motivo de ter aceitado tudo isso? Por que aceitou cuidar de mim?
— Ele queria entender.

Brigitte olhou para e riu.

— Dinheiro! Acha que a ordinária da sua mãe foi a única de quem eu tive que me livrar para manter meu casamento? A primeira de quem me liberei foi uma maldita negra, que você conhece muito bem! — Ele não sabia a quem Brigitte se referia. — A mãe da Rachel, lembra?

Atônito, Peter sacudiu a cabeça, como se tentasse colocar os pensamentos no lugar certo.

— Seu pai era apaixonado por aquela negra. Seus avós nunca a aprovariam na família e eles foram os meus primeiros aliados. Eu não me sacrifiquei para ser a mulher mais rica da cidade e de um momento para o outro passar a ser uma divorciada, trocada por uma empregada! Liberei-me dela e fiquei com você, o lixo agarrado na minha vida. Sabe aquela porcaria do cachorro que pisamos e não conseguimos nos livrar? É você! Quando o acidente aconteceu eu pensei que tinha conseguido. Mas não! Você tinha que sobreviver e ficar numa cadeira de rodas. — A frieza com que Brigitte falava era assustadora e fez Peter pensar.

— Você matou a minha mãe? — A mulher deu uma sonora gargalhada.

— Alguém como eu não mata lixo como ela. Eu não sujo as mãos. No máximo, limpamos a sociedade de forma a tornar melhor o mundo em que vivemos! — Brigitte era doente. Aquela mulher era insana. — Espero que você saia desta casa até o fim do dia. Eu fiz minha parte, espero que faça a sua!

— Você é doente! Tudo isso por amor ao meu pai? — Brigitte ria como uma louca.

— Amor pelo seu pai? — O riso doentio ecoava por toda a casa. — Não seja ridículo! Ronald representa dinheiro, status, poder, respeito, ele é a pessoa que paga os meus luxos. Amor? Eu nunca ameie o seu pai, tudo o que fiz foi por mim, para eu ser feliz.

— Como você é capaz de dizer isso? — O jogador estava pasmo.

— Até ao final do dia!

Brigitte saiu da sala sem nenhum remorso por ter contado a verdade. Peter ficou no meio da sala, abismado com as revelações. Não queria acreditar que a ambição de uma pessoa a transformasse em uma psicopata,

capaz de tamanhas atrocidades e de atos tão mesquinhos. Ainda não conseguia acreditar que não era filho daquela mulher. Mas isso explicava a falta de amor e carinho, também explicava o ódio que sempre sentiu quando estava com ela.

Seus pensamentos estavam tão embaralhados que parecia que tinha entrado em um furacão e não conseguia respirar. Precisava assimilar tudo para descobrir quem ele era e o que fazer de sua vida. Sabia que tinha que deixar aquela casa o mais rápido possível. Peter foi para o quarto.

John, que tinha ouvido tudo, mandou uma mensagem para Ronald: *“Venha rápido para casa. Peter precisa do senhor. A sua esposa contou tudo”*.

CAP. 44

UMA EXPLICAÇÃO

Peter, acompanhado pelas empregadas, entrou no quarto e disse apenas uma coisa.

— Arrumem todas as minhas coisas!

O rapaz, olhando pela janela, viajou em seus pensamentos. Agora as coisas começavam a fazer sentido. Agora entendia tudo: a falta de carinho, amor e qualquer sentimento bom por parte de Brigitte. Desde pequeno, ela sempre o deixara livre para fazer o que desejasse. Coisas que uma mãe nunca permitiria a um filho, aquela mulher sempre aceitou, sem nenhuma reclamação.

Brigitte sempre se dera bem com Melanie. No fundo, as duas eram iguais. Apenas depois do casamento Peter entendeu quem era sua mulher. Assim que os holofotes da fama se apagaram, sua eterna namorada procurou alguém para consolá-la e mantê-la em festas e eventos, além do *status* de ser esposa de alguém famoso.

Brigitte era exatamente igual. Fez de tudo por dinheiro, inclusive se livrar da mãe dele. Era isso que o deixava mais abismado. A frieza com que a mulher revelou seu ato era chocante. Até que ponto o seu pai conhecia a pessoa com quem estava casado? Por que continuar casado com alguém daquele tipo? Todas as peças começavam a se encaixar. Peter descobriu que toda a sua vida era uma mentira.

Em meio a suas reflexões, o jogador não percebeu que seu pai estava em casa. Ronald fez sinal para que John e as empregadas os deixassem a sós. Sentando-se na cama, o homem perguntou:

— O que ela te contou? — A voz era calma, apesar da tormenta que os envolvia. Estava envergonhado por seu filho ter descoberto a verdade dessa forma.

— Acredito que tudo! — Rindo, Peter encarou o pai. Seus olhos estavam repletos de pontos de interrogação. Ele precisava de respostas. — Quem era a minha mãe? O senhor namorou a mãe da Rachel? São tantas perguntas que nem sei por onde começar!

Ronald puxou a cadeira do filho em sua direção, passou a mão pelas pernas dele e respondeu.

— Acho que devo contar o meu lado da história. Talvez seja melhor começar pelo início, e revelar toda a verdade! — O homem respirou fundo, buscando forças para remexer no seu passado.

— Pai, eu preciso dessa verdade! — Peter afirmou, olhado nos olhos do pai.

Ronald fechou os olhos. Era como se tivesse que vasculhar as gavetas de sua memória, procurando algo que estava muito escondido.

— Leona foi um grande amor, com uma grande amizade. Eu, ela e o pai de Rachel crescemos juntos. Acima de tudo, éramos bons amigos. Leona era uma mulher encantadora, ainda é; batalhadora e com um coração inacreditavelmente bondoso. Fred e eu, apesar de amigos, brigávamos pela atenção dela; de forma diferente, mas honesta! Quando meus pais souberam que eu queria namorar Leona, trataram de arrumar modos de me impedir. Brigitte foi um deles.

Ronald se sentia triste por não ter lutado por aquela mulher. Peter ouvia tudo com muita atenção.

— E o Fred a conquistou. Acho que foi pelos magníficos olhos claros que ele tinha. Apesar de ter perdido Leona para o meu melhor amigo, continuamos a nossa amizade. Eu fui ao casamento deles, e até dancei com ela. Na dança, enquanto Fred nos assistia, sorrindo, eu lhe disse: “Eu poderia ter sido o seu marido!” Claro que ela merecia ser feliz com o meu amigo; e foi! Muito feliz!

— Quem diria? O senhor foi apaixonado pela mãe da Rachel! Agora entendo porque Leona sempre me tratou bem! Mas como casou com a mãe, quer dizer, com Brigitte? — Peter se corrigiu. Era difícil se acostumar com o fato de ela não ser sua mãe.

— Brigitte era fascinante, envolvente, sensual e determinada! Naquela época, eu achava que era determinada por me amar. Na realidade, ela só estava determinada a conseguir o meu dinheiro. Ela soube aproveitar a dor que senti ao perder a mulher que eu amava e me seduziu. Ela utilizou a tática mais comum para prender um idiota, o golpe da barriga. Como não falávamos em preservativos quando eu era jovem, a gravidez não era questionada.

Ronald sorriu ao se autodenominar “idiota”. Agora enxergava a maneira como foi envolvido por uma mulher sem escrúpulos e sem qualquer vestígio de sentimento.

— Resultado: por meio de intrigas e outras artimanhas, nós acabamos casando! E a minha vida se transformou em um verdadeiro inferno. Como Deus é bom e sabia que, daquele ventre nunca sairia coisa boa, Ele teve misericórdia de mim e ela perdeu a criança, assim como a possibilidade de voltar a ser mãe. No início eu perdoei todas as atitudes dela, acreditava que tudo era pelo sofrimento de não poder ser mãe. Anos depois, percebi que ela era mesmo má. O tempo passou e ficamos juntos até hoje.

— Por que continuou casado com ela? — Peter não entendia, já que o pai acabara de admitir que não a amava.

— É aí que entra a sua verdadeira mãe. Charlotte era uma moça fantástica e cheia de vida, que me lembrava Leona, à sua própria maneira. Ela gostava, realmente, de mim. Ela foi o porto seguro onde eu encontrava descanso longe de Brigitte e nossa convivência infernal. Charlotte era colega da mãe de Rachel, que se tornara minha confidente. — Ronald sorriu ao pensar nas duas mulheres de sua vida e Peter queria saber mais sobre a mãe. — Charlotte era uma mulher única; com ela, era como a minha vida ganhasse cor e eu motivos para viver. Antes dela, eu desejava que a morte viesse rapidamente. Quando ela surgiu, foi como sentir o sol aquecer a terra após um longo inverno gelado. Pela sua mãe eu estava disposto a largar tudo e todos, inclusive o maldito dinheiro que trouxe aquela desgraça para a minha vida. Um dia, ela me deu a melhor notícia e a certeza de que eu merecia ser feliz com ela. Você estava chegando!

A emoção invadiu o quarto e os dois homens ficaram se olhando.

— Ela entrou no escritório e me entregou um envelope. Seu rosto estava sério e o sorriso usual tinha desaparecido. O papel em minhas mãos informava que ela estava esperando você. Minha reação não foi a melhor e perante minha atitude, ela gritou: “Nem pense que eu vou tirar. Eu já amo esta criança!”

Ronald tentou imitar a voz de sua memória e, com uma lágrima escorrendo, sorriu. Sua voz estava embargada ao pensar em tudo o que viveu. Peter se emocionou ao ouvir falar, pela primeira vez, sobre a mulher que lhe

dera a vida.

— Só então eu sorri de alegria. Aquela foi a melhor notícia da minha vida. Eu tinha a certeza de que queria ficar com ela e com você, mesmo que tivesse que entregar todo o meu dinheiro a Brigitte. Decidido, eu pedi o divórcio e abandonei a casa, pronto para ser feliz. As semanas que morei com Charlotte foram as melhores da minha vida. Quando fecho os olhos, ainda ouço sua voz, sinto seu cheiro, o seu amor... Ela!

A expressão do homem era carregada e seu olhar estava opaco. A voz soava tão pesada quanto o olhar.

— Quando ela estava com sete meses, um acidente a roubou de mim e, por pouco, não perdi você! Ninguém nunca soube quem provocou o acidente... — Peter interrompeu o pai.

— Foi a Brigitte. Ela confessou que se livrou, ou pagou para se livrarem dela!

A expressão de Ronald era a de um homem que tem suas suspeitas confirmadas e tem uma faca enfiada no próprio coração. Ele respirou com força e o semblante se encheu de raiva ao ouvir as palavras do filho.

— Ela confessou friamente. Se sente orgulhosa do que fez.

Ronald levantou e andou pelo quarto como um animal enjaulado. Desejava explodir e descontar toda a raiva e frustração sobre a mulher que ainda estava em sua casa.

— Eu sempre desconfiei. Quando recebi a notícia do acidente e os médicos falaram que você lutava pela vida, ela apareceu para me “ajudar”. Eu tinha perdido um grande amor e corria o risco de perder você, eu então, voltei a acreditar naquele monstro!

Ronald esmurrou a parede com violência. Desejava que a dor invadisse o seu corpo e nublasse o sofrimento.

— Ela assumiu o papel de sua mãe. No início eu estava desconfiado de suas intenções, mas ela parecia estar encantada com você, e pensei que, de alguma forma, ela te amava. Descobri que não. Era apenas seu instinto selvagem de sobrevivência. Voltamos a viver juntos e esse foi meu maior erro.

— Por que não se separou dela? Por que manteve esse casamento de mentira?

— Peter não conseguia entender a razão do pai.

— Por sua causa. Inacreditavelmente, você gostava dela, mesmo sem te oferecer qualquer migalha de amor. Por anos eu vivi sob chantagens e ameaças de que ela contaria toda a verdade. Eu não queria que você sofresse o que está sofrendo agora. Vejo nos seus olhos e esse era meu maior medo.

Ronald se ajoelhou junto do filho.

— Você, além de ser a minha vida, é também a melhor lembrança que me restou da sua mãe. Eu a amei muito!

Pai e filho se abraçaram. O jogador conhecia um pouco da verdade e podia compreender melhor. Mas estava decidido a sair daquela casa. Sabia que, mesmo que o pai se separasse daquela mulher monstruosa, o processo seria longo e cansativo; não queria estar por perto quando o fogo cruzado tivesse início.

Depois de explicar suas intenções ao pai e mostrar sua necessidade de ficar sozinho para colocar os pensamentos em ordem, pediu que as empregadas continuassem a arrumar tudo. Decidira voltar para seu apartamento em Seattle, junto com John. Com um pouco de dificuldade, Ronald entendeu as razões do filho. Aceitou porque sabia que, a partir daquele momento, a vida se tornaria impossível entre aquelas paredes.

CAP. 45

UMA VISITA

O apartamento era uma cobertura com vista 360° em um dos edifícios mais elegantes da cidade de Seattle. Quando as luzes se acenderam Peter reviveu outro momento doloroso. Havia muitas lembranças naquele lugar. Fotos dele com Melanie ainda estavam espalhadas, exibindo a farsa do casal feliz, coisa que eles nunca foram.

Assim que ele sofreu o acidente, ela se apressou a dizer que não o amava mais e que, na verdade, já estava com um colega dele. Ronald expulsou-a de casa sem permitir que levasse nada do apartamento. Com medo do escândalo e de que isso prejudicasse seu relacionamento, Melanie

aceitou sem reclamar. Agora ela vivia em Atlanta por conta da transferência do novo marido.

O quadro da mulher sorrindo de forma sedutora recepcionava todos que entravam. Peter fechou os olhos e respirou fundo. John percebeu.

— Quer que eu tire isso daí? — O enfermeiro achou o quadro horrível, de extremo mau gosto.

— Agradeço. Peça ajuda ao porteiro para colocar isso no lixo... Junto com todas as fotos dela! — O jogador saiu da sala enquanto o serviço era feito.

Se aproximando da janela que ia do teto ao chão, ele olhou para a cidade aos seus pés. Comprara o imóvel justamente pela sensação de grandeza que a vista transmitia. Mas aquilo não fazia mais nenhum sentido.

Após o acidente o pai não permitirá que ele ficasse ali. Tinha medo que o filho tivesse alguma ideia suicida e se jogasse de alguma daquelas janelas. Peter riu porque, algumas semanas atrás, essa era uma possibilidade muito real.

Após alguns minutos, John retornava, depois de ter ajudado o porteiro a jogar no lixo o conteúdo indesejado.

— Vamos comer alguma coisa? — John falou, imaginando que não havia nada para comer ali, já que o local estava fechado há dois anos.

— John, eu só quero um banho e dormir! — Peter disse, começando a se retirar para o quarto — Preciso da sua ajuda. Este lugar não está preparado para mim.

— Fiel escudeiro às suas ordens. Já estava com saudade destas mãos deslizando no seu corpo. Mas sem ideias, Sr. Carlsson. Já disse que o senhor não faz o meu tipo! — John brincou arrancando um sorriso do jogador.

Depois do banho, o enfermeiro ajudou Peter a se deitar e fechou a porta, deixando-o sozinho. Sabia que ele precisava pensar.

O jogador não conseguiu dormir à noite toda. Ficou pensando em suas últimas descobertas. As palavras de Brigitte ecoavam na sua cabeça, assim como as do pai. Seu castigo estava sendo muito mais doloroso do que cadeira

de rodas. Peter contou os segundos, os minutos e as horas. A cama se tornou insuportável porque lhe trazia lembranças de Melanie. O mesmo acontecia com o restante das coisas.

Quando os primeiros raios de sol invadiram o quarto, o jogador levantou e foi para a sala. Pediu algumas coisas em uma padaria que costumava fazer entregas. Meia hora depois, a campainha soou. O rapaz ficou surpreso com a rapidez. Dois anos tinham sido suficientes para melhorar o tempo do serviço. Abriu a porta com o dinheiro na mão e sem olhar para o entregador.

— Quanto é mesmo? — Perguntou, separando o dinheiro para pagar.

— Bom dia, Peter! — Nervoso por reconhecer a voz, ele deixou o dinheiro cair. Ergueu os olhos, mas não queria acreditar no que via.

Rachel olhava para ele, constrangida e sem saber como se comportar. Sentia-se mal por estar ali e voltar a conversar com ele, mas depois do telefonema de Ronald e de ouvir toda a verdade, sem falar sobre sua promessa a Deus, tinha certeza de que o tempo determinado havia chegado.

— Rachel? Como soube que eu estava aqui? — Peter não queria acreditar que estava diante dela. — Meu pai, claro!

— Posso entrar? Ou vou ter que conversar aqui mesmo? — Havia uma nota de sarcasmo na pergunta.

— Claro, pode entrar! — Peter abriu espaço para ela passar.

Rachel ficou impressionada com o espaço. Há alguns anos, ela e o marido tentaram comprar aquele mesmo apartamento, e perderam o negócio para um jogador de futebol que tinha chegado primeiro. Era Peter! Começava a perceber que suas vidas sempre estiveram ligadas de alguma forma.

— Gostei do que fizeram no apartamento! — Ela observava tudo.

— Já conhecia o meu apartamento? — A observação da médica lhe surpreendeu.

— Sim! Há uns anos meu marido e eu tentamos comprá-lo. Mas um jogador de futebol havia chegado primeiro. Você! Posso sentar?

Peter indicou o sofá e sorriu, constrangido com o comentário.

— Não estou aqui como Rachel. Vim até aqui como médica e mulher temente a Deus. Seu amigo, o Pastor Justin, disse-me uma coisa e eu prometi a Deus que ia ajudá-lo. E depois que seu pai me colocou a par de toda a situação, eu vim convidá-lo para voltar à clínica e... — Peter a interrompeu.

— Como está o Thomas? — Ela não esperava por aquela pergunta naquele momento.

— Bem, dentro do possível. E com saudade de você. Pergunta o tempo todo quando você volta! — Ela não acreditava que, na atual situação, ele estava preocupado com o menino. — Seu pai me contou tudo. A história é incrível. Minha ficou tão preocupada que queria vir comigo. Imagino que não esteja sendo fácil para você. Mas, se servir de consolo, minha mãe mandou dizer que você deveria estar orgulhoso e não ser filho da Brigitte, e sim da Charlote, que era a melhor mulher do mundo.

— Sua mãe contou que ela e o meu pai...? — Rachel confirmou. — Quando meu pai contou, nem queria acreditar. Mas entendi porque sua mãe sempre foi generosa e atenciosa comigo; pela minha mãe, e por ter um carinho muito grande pelo meu pai.

— É. Eu nunca imaginei e nem desconfiei que os três eram amigos. Muito menos que a minha mãe não ficou com o seu pai por causa das armações da sua... Da Brigitte! — Ela olhou nos olhos de Peter. — E quanto ao meu convite de regressar ao tratamento na clínica. Eu posso ajudá-lo a melhorar. Estou te chamando como uma pessoa que cumpre as promessas que faz, especialmente porque prometi a Deus!

Peter respirou fundo enquanto olhava para suas pernas.

— E como Rachel? A mulher a quem eu fiz mal. Ela quer me ajudar? — Ele perguntou sem olhar para a médica.

A respiração dela ficou acelerada. Então, tomou coragem para dizer a verdade.

— Como Rachel eu não o procuraria nunca mais. Na realidade, esperava nunca mais ter de encontrá-lo na vida. Mas Deus, por alguma razão, sempre colocou você no meu caminho. Como Rachel, eu respondo: estou tentando achar alguma maneira de te perdoar! — Peter, chorando, olhou para ela e forçou um sorriso de agradecimento. — Vai voltar para a clínica?

Peter, com uma expressão fechada, respondeu com sinceridade.

— Agradeço o seu convite, mas preciso pensar!

Rachel entendeu a resposta. Pegou a bolsa, levantou e caminhou pela sala sem dizer nada ao rapaz. Abriu a porta e, antes de sair, falou:

— Uma das pessoas que vai ficar feliz com a sua volta é o Thomas!

Sem esperar uma resposta, a médica saiu e deixou Peter pensando na conversa. Ele ficou observando o espaço ao seu redor e refletindo nas palavras dela. Antes de se preocupar com sua recuperação, ele se preocupava com o menino. Queria rever o garoto, sentia muita falta dele e da paz, amor e alegria que experimentava em sua presença.

CAP. 46

UMA SURPRESA

O sol brilhava de forma incomum para aquela época. Era um dia de Outono com cara de Primavera, embora o frio denunciasse que aquela não era uma mudança de estação e sim um dia atípico.

A clínica já apresentava a movimentação habitual. No refeitório, ouvia-se o barulho de vozes; a mistura de cheiros provocava alegria e contrastava com as cadeiras de rodas, muletas, andadores e aparelhos, que denunciavam que os frequentadores daquele lugar eram especiais.

No fundo da sala estava Thomas, acomodado em uma mesa afastada. Ele olhava para a janela, debruçado sobre a mesa e com a cabeça apoiada sobre os braços. A bandeja à sua frente permanecia intocada. Os olhinhos, voltados para o jardim, procuravam algo, mas não encontravam nada. Em seus pensamentos se concentravam as lembranças de uma determinada pessoa.

Todos perceberam a diferença no comportamento do menino desde que Peter saíra da clínica. As pessoas tentavam animá-lo, sem qualquer resultado. Na escola, seu rendimento baixou e até mesmo as brincadeiras deixaram de chamar a atenção do garoto.

Thomas sentiu alguém se aproximar, mas não virou a cabeça para ver quem era. Manteve-se na mesma posição, com os olhos voltados para o jardim. Uma mão puxou bandeja para junto dele e, automaticamente, o menino voltou a afastá-lo, sem dizer uma palavra ou desviar o olhar. Era como se estivesse vendo alguma coisa muito interessante.

— Se você não comer, eu vou! — Peter sorria e puxava a bandeja para si.

Sem mexer o corpo, Thomas abriu os olhos em surpresa, não acreditava no que ouvia. Pensou que era sua imaginação pregando uma peça, como tinha acontecido nas primeiras noites, quando ele ouvia a voz do jogador junto de si. A respiração do menino ficou forte, aumentando com a emoção que invadia seu ser. Esperou ouvir novamente a voz de Peter e, ao

mesmo, tempo tinha medo de descobrir que ele não estava ali.

— Pensei que iria ganhar um abraço, mas já vi que não está com saudade de mim! — Peter falou, desviando sua cadeira.

— É você mesmo, Peter? — O menino abriu um sorriso, ainda voltado para a janela.

— Se virar vai ter a certeza! — O jogador estava feliz por reencontrar o menino.

Thomas se virou rapidamente e encarou o jogador. Sem nenhum aviso, a criança se lançou nos braços dele, transbordando de felicidade. Todos pararam para assistir a cena emocionante. Agarrado ao pescoço de Peter, o menino apertava-o com força para ter certeza que não se tratava de um sonho, e que nada e nem ninguém poderiam arrancar o amigo do seu lado. Com as lágrimas escorrendo dos olhos, Thomas falou junto ao ouvido de Peter.

— Obrigado, Deus, porque ouviste o meu pedido. Eu pensava que não ouvias o meu clamor porque ele demorou a voltar. Obrigado de coração, Deus!

As palavras do menino despertaram a emoção do jogador, que não conseguiu segurar as lágrimas brotando de seus olhos, como uma fonte que rompe a terra criando o seu percurso, abrindo seu caminho. Sem conseguir dizer nada, Peter envolveu a criança em seus braços, apertando-o contra peito. Só então percebeu o quanto sentia falta daquela criança e como o amava.

Mal podia acreditar que um menino tinha perdido tempo pedindo a Deus para trazê-lo de volta à clínica. Quando sentiu o coração pulsando de alegria, teve a certeza de que nunca mais iria se separar daquela criança e que faria tudo para cuidar dele.

— Acho que todos estão olhando para nós! — Peter sussurrou.

O menino abriu os olhos e confirmou que Peter tinha razão. A sala parou para observá-los. Funcionários e pacientes assistiram a luta de Thomas para conquistar o jogador mal-humorado; também acompanharam a tristeza do menino nos últimos dias. Então, todos estavam emocionados com o reencontro.

Peter segurou a criança no colo e falou, fazendo cara de bravo, com os

olhos molhados das lágrimas que insistiam em rolar.

— Agora vai comer? Depois tem que ir para a escolinha da clínica! — Diante da preocupação de Peter, Thomas concordou, mostrando que estava pronto para comer.

Rapidamente, sentou em sua cadeira e puxou a bandeja e, antes de dar a primeira garfada, perguntou a Peter:

— As férias foram boas? — Então, ele se concentrou na refeição e se alimentou como se não comesse há dias.

— As minhas férias? Se foram boas? — Peter sorriu pensando que não foram férias e sim uma fuga. Se fossem férias, teriam sido as piores de sua vida. — Dentro do possível...

Antes mesmo de acabar a frase o menino perguntou novamente.

— Para onde viajou? A Dra. Rachel disse que você tinha viajado e que poderia demorar a voltar. — O menino queria mais detalhes.

— A Rachel... Digo, a Dra. Rachel disse que eu tinha viajado! Sim, eu fiz uma viagem diferente. Ouvi dizer que você sentiu a minha falta. — Thomas acenou confirmando. — Quem sabe, em uma próxima viagem, você vai comigo para me fazer companhia. Você é muito mais legal que o John!

O enfermeiro riu e bateu nas costas do jogador. Ao ouvir aquilo o menino olhou para Peter, com a boca cheia de comida, e seus olhos sorriram. Era como se perguntasse se ele falava a verdade e Peter disse:

— É verdade! Nas minhas próximas férias, você vai comigo!

Do outro lado da sala, Rachel acompanhava tudo. Sentiu-se bem por ver Thomas feliz. Entendeu a importância que o jogador tinha para a criança. Percebeu que os dois se ajudavam mutuamente, eram melhores juntos. Respirou fundo e se aproximou dos três.

Tocou rapidamente no ombro de Peter, que se assustou ao perceber quem o estava chamando.

— Seja bem-vindo! Que bom que aceitou o meu convite! — O jogador acenou em agradecimento. Então, a médica se dirigiu a Thomas. — Agora vamos voltar a sorrir? Ele voltou. E você vai voltar a ser o Thomas habitual,

certo?

O menino sorriu e confirmou que tudo voltaria ao normal, depois sorriu para Peter. Seus olhos tinham recobrado o brilho habitual com que brindava a todos. Thomas, sem perceber, mudara Peter aos poucos e, apenas naquele momento, todos entendiam isso.

CAP. 47

ACREDITAR NOVAMENTE

Peter e John se reinstalaram na ala residencial da clínica. Como todas as acomodações eram idênticas, era difícil dizer se foram recolocados no mesmo apartamento. Pela primeira vez, o jogador se sentia em casa. A mansão dos Carlsson, em sua cidade natal, era muito importante, mas ele não se sentia bem lá, e agora sabia o motivo. A casa do lago era fantástica, mas também não era o seu lugar. As lembranças do apartamento eram dolorosas demais, também não podia morar lá. Ali na clínica? Era como se pertencesse ao lugar!

“Estou de volta!”, Peter pensou. Logo em seguida, John chegou ao quarto e informou:

— A Dra. Rachel pediu que, assim que estivesse instalado, fosse conversar com ela!

Peter ficou curioso. O que ela podia querer? Provavelmente pediria que não se aproximasse e mantivesse as conversas no nível do estritamente

necessário, ou seja, falariam sobre o tratamento.

Durante o percurso do apartamento até o consultório, o jogador imaginou a conversa que teria. As hipóteses foram surgindo, assim como as respostas que ele poderia dar durante o diálogo. A assistente da médica o viu entrar e sorriu.

— Bem-vindo, Sr. Carlsson. A Dra. Rachel está esperando o senhor! — Ela abriu a porta para ele entrar.

A médica estava sentada atrás de sua mesa, analisando alguns documentos. Mais tarde, o jogador saberia que eram dele. Estudava tudo metodicamente antes da conversa que teria com Peter; queria ser o mais honesta possível sobre a chance dele recuperar alguns movimentos nas pernas. Em outros pacientes o resultado fora animador.

Esperava que Peter confiasse nela para realizar aquele novo tratamento. Os resultados dos exames do jogador demonstravam altas chances de sucesso para a cirurgia, e ele estava em ótima condição física para se submeter àquele tratamento.

— Queria falar comigo, Dra. Rachel? — A formalidade foi proposital. Queria enfatizar que estava ali como paciente.

— Sim. Já ouviu falar de uma cirurgia regenerativa da medula por meio das células nervosas do nariz, chamadas de neurônios receptores olfativos? — Peter negou e a médica girou o monitor do computador para que o jogador acompanhasse o que ela via. — Este é Darek Fidyka, de 40 anos. Ele foi o primeiro transplantado com essa técnica. Outros passaram pelo mesmo processo, com resultados semelhantes. Através desse método os pacientes conseguem recuperações espantosas, como voltar a ter sensibilidade nas pernas, controle do intestino, função sexual e, com três meses, ele voltou a andar com auxílio do andador.

— Ele voltou a andar? — A técnica, desconhecida para ele, era impressionante.

— Sim, ele voltou a andar. Peter esta cirurgia é feita em duas etapas! — A médica informou mudando a imagem do computador. Aquela era a profissional, desconectada de emoções ou sentimentos do passado. Fazia o seu trabalho e vontade de Deus. — O primeiro passo é coletar as células

através de um procedimento cirúrgico rápido e sem qualquer complicação posterior. Essas células se regeneram de oito em oito semanas. Depois disso, elas serão cultivadas em laboratório.

Peter observava a médica explicando tudo detalhadamente. Seu coração disparava diante da possibilidade de voltar a andar ou ter uma vida mais normal, menos dependente. As palavras de Rachel eram como uma boia de salvação ou uma luz ao fim do túnel, e ele precisava confiar para conseguir alcançar uma mudança em sua vida.

— Depois dessa multiplicação, nós vamos injetá-las na sua medula óssea e deixar que façam seu trabalho, regenerando a lesão. Não vou dizer que vai voltar a andar, como se nada tivesse acontecido! — Rachel via a esperança nos olhos de Peter e isso mexia com ela. — Mas terá uma qualidade de vida bem superior à que tem hoje. Peter, está disposto a confiar em mim nesse tratamento?

Olhando nos olhos da médica, o jogador respondeu:

— Quer fazer isso por mim? Eu confio em você e na sua capacidade. Talvez comece a acreditar e a confiar em Deus... Mas, Rachel, você quer fazer isso por mim? Mesmo depois de tudo o que eu fiz no passado? — Ele mantinha a esperança de receber o perdão da moça.

Rachel sorriu ao ouvir que Peter estava começando a acreditar e a confiar em Deus.

— Estou fazendo o que qualquer profissional faria por qualquer paciente!

— Eu não sou qualquer paciente. Eu sou o homem que, há quinze anos, cometeu uma atitude impensável e desumana com alguém especial. Por isso, pergunto novamente. Quer fazer isso por mim? — As palavras do jogador mostravam o quanto ele estava arrependido e desejava obter o perdão dela. Era possível perceber que ele estava mudando.

— Vou ajudar você porque Deus mandou, Peter. Há quinze anos Deus, pela boca do Pastor Charles, pregou que eu presenciaria um milagre. Por anos eu acreditei que minha vida era o milagre. Minha mãe acha que o milagre que eu vou ver é com você! — O rosto de Rachel ficou sereno e seus olhos mostraram que seu coração estava ficando preparado para perdoar. — Eu estou permitindo que Deus me use na sua vida e nos planos que Ele possa ter,

mas eu não consigo dizer aquilo que você mais deseja ouvir. Desejo que minha mãe tenha razão e que tudo que aconteceu em nossa vida seja para um milagre de Deus.

— Acha que eu sou digno de um milagre de Deus? Acho que nunca fiz nada de tão extraordinário para merecer essa atenção de Deus... — Rachel interrompeu a fala de Peter.

— Se há alguns meses, ou anos, me dissessem que eu estaria na sua frente, dizendo que poderia ajudá-lo, eu riria da pessoa. Agora, nós dois estamos na mesma sala! Quanto a você ser especial para Deus, para receber um milagre, eu também não entendo. Mas aprendi a nunca discutir com os desígnios de Deus. Lá na frente vamos saber os verdadeiros propósitos de Deus na sua vida. Só pergunto uma coisa, Peter Carlsson. Vai acreditar e confiar em mim?

— Rachel sorria para ele.

— Acredito e confio, Dra. Rachel O'Neil. Assim como espero que, um dia, a senhora acredite novamente em mim! — Ele estendeu a mão para selar aquele pacto de confiança.

Ao ver a mão estendida, Rachel ficou sem saber o que fazer. Sempre que tocava nele, sentia algo. E, perante o homem que a encarava, esperando a mão dela, a médica apertou a mão do jogador. Aquele era um pacto de confiança naquele tratamento.

Quando as mãos se tocaram, sentiram como se algo estivesse se quebrando na vida de ambos. Para Peter, os muros da incredulidade no poder de Deus. Para Rachel, os muros de ódio contra homem que tanto mal lhe fizera. A obra de Deus começava na vida deles sem que pudessem entender o caminho.

CAP. 48

UMA NOVA CONVERSA

Peter voltou à rotina praticada antes de sair da clínica: exercícios e exames para a preparação da cirurgia de retirada das células específicas para submeter-se ao tratamento de que Rachel tinha falado.

Nos últimos dias a ligação entre o jogador e Thomas ficara ainda mais intensa e ele estava com uma ideia fixa. A única preocupação de Peter envolvia seu pai; desde que Brigitte revelou a verdade, a casa dos Carlsson virou um campo de guerra. Cada vez que falava com o pai, percebia tristeza e preocupação na sua voz, por mais que tentasse disfarçar.

No domingo Peter estava na quadra, lançando a bola contra a tabela e lembrando-se da última vez em que estivera ali com a médica. Quando segurou a bola e sorriu, uma voz soou atrás dele.

— Ela ainda tem medo! — Peter se voltou.

Do lado de fora, o Pastor Phillip encarava-o sorrindo. O jogador cumprimentou o presbítero, já pronto para o culto, com seu elegante terno cinza escuro, camisa branca e gravata azul. Ele trazia a Bíblia debaixo do braço. Passando a cerca de segurança, ele caminhou em direção ao cadeirante.

— Bom dia, Peter! Vou vê-lo na igreja hoje? — O Pastor sorria, sabendo que o jogador estava pensando no que tinha ouvido.

— Como sabia o que eu estava pensando? — Peter não entendia como ele podia saber sobre os seus pensamentos.

— Deus falou comigo! Peter, ela sofreu por anos e guardou um segredo que a machucou. Você procurou primeiro o perdão de um ser humano, com sentimentos. E de Deus? Já procurou? — Peter não compreendeu a pergunta.

— Como assim? O perdão de Deus? Primeiro ela tem que me perdoar! — Ele respondeu, envergonhado.

— Peter, como você pode esperar o perdão dela, se você ainda não se perdoou? Na verdade, antes de buscar perdão de alguém, você precisa se perdoar e, para isso, precisa que Deus te perdoe! — O Pastor caminhou tranquilamente para perto de Peter, que tinha medo do que poderia ouvir daquele homem. — Sabe, o Senhor Jesus veio para perdoar, e não julgar. Ele não deixou o homem como juiz de ninguém. O homem, cheio de si, carregado de erros, gosta de julgar. Cristo é diferente.

— Será que Ele não me julga? Será que eu não estou nessa cadeira para pagar pelo meu erro? — Peter queria e precisava de respostas.

— Será que, nesses anos todos, você nunca entendeu o amor de Deus? Foi preciso machucar a tua carne para entender o amor d'Ele? — O Pastor respondeu com outra pergunta. — Peter, nós sempre apresentamos a nossa verdade; nunca enxergamos a dos outros e, raramente, conseguimos ver a verdade de Deus. Apenas quando as obras na nossa vida ficam completas é que entendemos que a nossa verdade estava errada!

— Quer dizer que eu estou errado? — O jogador estava triste por não ter o apoio do homem.

— Não sei se está certo ou errado. Mas tenho certeza de uma coisa: o plano de Deus na tua vida está começando! Existe um tempo para tudo debaixo do sol; existe tempo de nascer e tempo de morrer. Na tua vida chegou o tempo para o velho homem morrer e deixar espaço para um novo Peter nascer; um Peter que precisa entender o amor de Deus! — O Pastor sorriu, bateu no ombro do jogador, e saiu pela quadra, indo embora.

Peter ficou pensando naquelas palavras. O que o Pastor disse acalmou o seu coração. Sentindo uma nova paz, Peter gritou:

— Pastor, Thomas tem algum parente? — O grito fez o Pastor parar.

Quando se virou, o Pastor Phillip sorria.

— Não! Por que a pergunta? — O pregador ficou curioso.

— Curiosidade. Thomas é um menino tão especial e... — Peter foi interrompido pelo Pastor.

— Uma criança especial, com o mesmo problema que você. E você nunca o viu reclamando, nem se lamentando, revoltado com Deus! Não, ele não tem nenhum parente. Todos nós somos a família dele! — O Pastor ainda não entendia o interesse pela criança. — Por que essa pergunta, Peter?

— Se alguém quisesse adotar o Thomas, acha que poderia existir algum entrave?

— Não, nenhum entrave. Na realidade, uma criança como Thomas sempre vai ter dificuldade em achar uma nova família. Ele já tem oito anos e é cadeirante, precisa de cuidados especiais. — O Pastor respirou fundo e passou a mão no rosto. — Lamentavelmente, não existem muitas famílias interessadas em cuidar de uma criança como ele. Sempre que ele era rejeitado na seleção de crianças, ele sorria e dizia: “Alguém, um dia, vai querer me amar e eu vou amar também”. Ele nunca se revoltou ou ficou triste. É como se esperasse por alguém ou alguma família específica.

— Apenas uma família pode adotar? — Peter queria conhecer o assunto mais a fundo.

— Não, Peter. Uma pessoa solteira também pode adotar. Sempre tendo noção dos cuidados que ele precisa. O adotante precisa ter condições para suprir as necessidades dele. Principalmente, deve estar pronto para dar muito amor e receber também! — Agora o Pastor foi mais direto. — Conhece alguém que queira receber uma criança especial como ele?

Peter sorriu, mostrando uma felicidade verdadeira. Aproximando-se do Pastor, o jogador sentia o coração pular. Estava pensando muito em Thomas. Amava aquela criança de maneira incondicional e sentia que era correspondido. Queria ajudar a dar uma vida melhor àquele menino especial, que sempre demonstrou amor.

Nos dias em que esteve ausente da clínica, pensava em como sentia falta do menino. Ao mesmo tempo em que as ideias surgiam em sua mente, tinha medo de não ser capaz de realizar tudo o que desejava. Tinha certeza de que não queria se separar do menino nunca mais; saber que ele não tinha ninguém dava mais firmeza à sua decisão.

A conversa com o Pastor Phillip foi esclarecedora e animadora. Era uma sensação maravilhosa poder fazer alguma coisa por alguém depois de

uma vida totalmente egocêntrica e egoísta. Agora, existia alguém que ele desejava que fosse feliz.

CAP. 49

A CERTEZA DE UM CHAMADO

O salão em que acontecia o culto estava lotado naquela manhã. Parentes, pacientes e funcionários da clínica estavam reunidos com um único objetivo, louvar a Deus. Pastor Phillip e Rachel conversavam no primeiro banco. Ao seu lado estavam Leona, os filhos da médica e o Senador Teddy.

Quando Peter entrou no recinto, junto com o enfermeiro, seus olhos foram atraídos para Rachel. Daquela mulher emanava uma luz diferente, algo que, desde sempre, lhe chamava a atenção. Só agora ele conseguia entender isso. O pensamento fez com que baixasse os olhos, sentindo-se mal por tudo o que fizera contra uma mulher tão especial quanto ela. Quando tristeza e culpa começaram a invadir sua alma e pensamentos, uma voz suave dissipou o sentimento ruim.

— Peter, vai sentar do meu lado? — Thomas perguntou.

O jogador ergueu o rosto e sorriu. O menino o encarava com um sorriso iluminado e verdadeiro; seus olhos brilhavam de admiração e amor por Peter e aquilo era como um bálsamo para o seu sofrimento.

— Claro! Espero que tenha guardado um lugar para mim! — Ele disse, abraçando o garoto.

— Sinto que o culto vai ser especial hoje, e que Deus vai fazer um milagre!

— Thomas ficou sério enquanto olhava para seu amigo.

— Como assim? — Sem entender o que o menino queria dizer, surpreendeu-se com suas palavras.

— Sim, Peter! Deus sempre está presente quando nos reunimos em Seu nome, mas existem dias em que Deus, pela Sua bondade, decide que deve fazer milagres na vida das pessoas. — O garoto informou de maneira firme.

— Eu nunca vi um milagre. E você? — Peter perguntou.

— Nunca viu? — A pergunta em tom de surpresa deixou o jogador constrangido. — Já deve ter visto. Acho que você não percebeu. Mas eu vi, sim! No acidente que sofri, poderia ter morrido, como os meus pais; também conheci você...

— Conhecer-me foi um milagre? — Peter interrompeu.

Antes de a criança poder responder, a voz do Pastor Phillip se fez ouvir, dando início ao culto. Rapidamente a atenção de Thomas voltou-se para frente, deixando Peter a refletir em suas palavras. Ele, com a idade que tinha, nunca vira um milagre, e aquele pequenino ao seu lado tinha a certeza de que estar vivo era um milagre de Deus em sua vida. No fundo, Peter queria enxergar sua vida com o olhar de uma criança, mas seu passado não lhe permitia tal pureza. Quando a orquestra começou a tocar e a voz de Thomas, cantando alegremente, começou a ecoar, Peter sorriu emocionado. Ele estava cada vez mais seguro de sua decisão.

As vozes juntaram-se à orquestra, cantando louvores. O som invadiu o coração de Peter, que começou a ficar arrepiado. A energia que imanava do coro, e de Thomas, entrava no seu ser. O olhar do Pastor Phillip, desde o púlpito, estava focalizado nele. Não era uma expressão de acusação e sim

amorosa. Peter tentou, mas não conseguiu segurar a emoção. De seus olhos, lágrimas brotaram e rolaram por seu rosto. John sorriu ao entender que alguma coisa estava mudando o jogador.

Ao final do louvor, o Pastor começou a falar.

— Deus é amor! Por esse amor, o plano Dele em nossa vida será cumprido. Por vezes, precisamos sofrer para entender os caminhos de Deus. Dê o primeiro passo em direção ao amor de Deus e Ele vai operar grandes coisas na tua vida... — Enquanto as palavras do Pastor ecoavam, todos estavam emocionados. — Não é a doença e não são os nossos erros que nos afastam do amor de Deus. O amor do Criador não pode ser medido ou comparado com o do homem. O plano que Ele traçou para você será cumprido nem que Ele tenha que mudar o mundo, ou os sentimentos de uma pessoa! Mas Deus vai realizar tudo o que ele decretou na tua vida!

Ao som das palavras do Pastor e vendo Peter chorar diante delas, Thomas segurou a mão de Peter e, com a delicadeza de uma criança, ergueu-a junto com a sua e gritou com todo o sentimento: “Glória a Deus!” A voz da criança fez com que Peter sorrisse e, num surpreendente ato, o rapaz gritou junto com ele, deixando todos espantados.

— Glóriaaaaaaaaaaaaaaaaa a Deus! Perdoa-me Pai...

As lágrimas de rolavam dos olhos de Peter eram uma mistura de lamento, pedido de socorro e desejo de perdão. A paz invadia a sua alma de uma forma que ele nunca tinha sentido. John, ao seu lado, estava emocionado com aquele homem que, em apenas alguns meses, mudara tanto. No lugar do ser amargurado, que maltratava todos, surgia um Peter Carlsson diferente, que todos podiam ver. Por anos tinha respeitado as atitudes de seu paciente porque, no seu coração, sabia que existia um plano de Deus para a vida dele. Finalmente, ele estava vendo o plano se realizar.

O culto continuou. O sermão o momento em que Jesus Cristo falou para um homem poderoso que ele precisava renascer. O Pastor explicava que, para se aproximar de Deus e do Senhor Jesus Cristo, o homem tinha que dar o primeiro passo, por meio do batismo. Em seu coração, Peter sentiu que aquela era uma ordem para ele. Durante todo o culto, ele chorou sem qualquer receio de que vissem um homem como ele derramando lágrimas

como uma criança. O jogador estava mudando e sentia isso. Agora ele acreditava que Deus o amava apesar de todos os seus erros.

Ao término do culto, Peter se aproximou do Pastor, que lhe sorria.

— Como eu faço para renascer? — O jogador questionou.

Quando Rachel ouviu as palavras saídas da boca de seu paciente, uma doce voz sussurrou em sua mente: “Aí está o milagre que Eu te prometi na tua juventude! Ele é o teu milagre. Foi preciso conhecer o inferno para que eu mudasse a vida dele. Tudo foi da minha vontade!”.

Prestando atenção às palavras que brotaram em sua alma, a médica entendeu a vontade de Deus. Leona segurou o braço da filha, agradecendo baixinho por ver Deus cumprindo o desejo de Ronald, que passara muitos anos orando por aquela bênção que ela contemplava.

Pastor Phillip se abaixou e respondeu ao rapaz:

— Basta dar o primeiro passo, que é passar pelas águas e enterrar todos os seus pecados! — O homem sorria.

— Quero fazer isso o mais rápido possível! — Peter reafirmou sua vontade.

O Pastor abraçou Peter, emocionado por ver Deus trabalhando na vida do jogador. As primeiras vezes que ele participara dos cultos na clínica, mantinha uma expressão fechada, mostrando que estava ali só por obrigação. Agora, o mesmo homem, já mudado, desejava dar o primeiro passo para a salvação.

Rachel observava tudo calada. As lágrimas corriam de seus olhos enquanto via o que estava acontecendo. Ainda duvidava de que poderia perdoar Peter. Deus poderia perdoá-lo, mas ela tinha medo de nunca conseguir esquecer o seu sofrimento. Entretanto, o mais importante o arrependimento de um pecador. Se ele era um milagre de Deus, e ela tinha o privilégio de presenciar isso, precisava conseguir perdoar. Se Deus mudou Peter Carlsson, Ele tinha o poder de mudá-la também!

CAP. 50

UM CARINHO MUITO GRANDE

O mordomo esperava para receber o visitante na entrada da imponente mansão O'Connor. Ronald ficou surpreso com a casa em que Leona vivia agora. Nada ali lembrava a vida simples que ela tinha no passado, a vida difícil que enfrentava quando criou uma filha sozinha. Agora, ela morava em um bairro nobre da cidade de Seattle, onde apenas as pessoas mais ricas do estado viviam.

O Senador Teddy era um dos homens mais ricos no meio político. Era com ele que Leona e a filha compartilhavam daquele mundo. Ronald admirou a propriedade bem cuidada. Os O'Connor eram pessoas muito influentes e tudo que levava o seu nome era perfeito. Aquela casa refletia a mesma ideia.

— Boa tarde, eu vim para visitar... — O mordomo interrompeu a frase.

— A dona Leona está à sua espera, senhor! — Rupert abriu a porta e indicou a entrada.

A casa suntuosa era impressionante. Ronald morava na maior casa de sua cidade, mas a mansão em que Leona vivia era superior, não que isso importasse para ele. Para o empresário, a construção não passava de várias paredes reunidas sob um teto. A Leona por quem ele era apaixonado agora morava naquele palácio, rodeada de empregados, cercada de luxo, mordomia e distante das privações enfrentadas na juventude.

O empresário se deparou com a mulher olhando pela janela. Ela continuava deslumbrante e capaz de chamar a atenção.

— Posso? — Ronald perguntou com um sorriso nos lábios, admirando a mulher.

Quando Leona virou-se e retribuiu o sorriso, caminhando em sua direção.

— Como está, Ronald? — Abraçou-o respeitosamente.

Ronald sentiu seu perfume, A delicadeza do seu toque e a doçura nas palavras. Ela era a mesma garota do seu passado.

— Obrigado por me receber! Este lugar é maravilhoso. Você está encantadora como sempre, Leona. — Ele sorria enquanto a beijava no rosto.

— Você é um galanteador. Há coisas que não mudam! — Ela indicou o sofá. Ele esperou que a mulher se acomodasse e sentou-se, encarando-a. — Por que veio me ver? Depois de tantos anos!

— Eu preciso da minha amiga e melhor conselheira! Peter me disse que a Rachel lhe apresentou novo tratamento, que tem grande chance de dar certo. Depois de toda a verdade ser revelada, eu decidi me separar de Brigitte e seguir a minha vida... — Ronald respirou fundo, falando sobre suas decisões. Olhava Leona como no passado, tentando obter uma resposta da mulher que, em outros tempos, sempre escutara seus problemas. — Decidi abandonar os negócios e cuidar de mim!

Aquilo a deixou pasma. Os negócios dos O'Connor eram o que mantinha aquele homem vivo e com vontade por lutar por alguma coisa.

— Como assim, Ronald? Abandonar os negócios? — Ela questionou.

— Leona, sou um homem muito rico. Com o fim do casamento e com meu filho aqui, nada me prende àquela cidade. Tenho profissionais que podem tomar conta do meu patrimônio! — Ronald levantou e caminhou pela sala. — O meu filho vai precisar de mim. Eu estou velho e passei a vida pensando nos outros. Agora posso começar uma vida sem segredos, fazendo aquilo que eu quero e gosto!

— E o que você quer? — Leona estava feliz por retomar seu posto de confidente.

— Depois de tantos anos cuidando dos outros, não sei o que quero e nem do que gosto, Leona! Quero ser feliz! Depois de viver um inferno com aquela mulher, acho que mereço ser feliz e descobrir como posso ser... — Ele estava emocionado e podia abrir o coração para ela.

Leona levantou e se aproximou do empresário.

— Você merece, Ronald! Agora você precisa descobrir, dentro de você, o que pode trazer essa felicidade que busca! — Ela falou tocando o peito dele e sentindo o coração batendo. — Seu coração ainda bate. É sinal de que está vivo para correr atrás dos seus sonhos.

— E se o meu sonho estiver no passado e eu não... — Leona colocou a mão sobre sua boca para calá-lo.

— Ronald, não volte a colocar sua felicidade nas mãos de ninguém. Você tem de correr atrás dela. Como sua amiga, pode contar sempre comigo! O seu filho também vai ficar feliz ao ver o pai feliz. — Ela sorriu, deixando-o tranquilo.

Um sorriso surgiu no rosto de Ronald. Inesperadamente, ele abraçou Leona, apertando o corpo feminino contra si. Apesar da idade, ele ainda era um homem atraente; seu corpo era firme, como na juventude, e ela se sentiu bem ao ser envolvida por aqueles braços.

— Aceita almoçar comigo? — Ele esperava uma resposta afirmativa.

— Um almoço entre amigos? — Leona se afastou e encarou os belos olhos do empresário, que brilhavam. Ronald fez que sim com a cabeça. — Com uma condição: sem falar do passado e das pessoas que nos magoam. Falemos apenas do futuro e da sua busca pela felicidade.

Ronald sorriu e concordou sem soltar a mulher.

— Certo! Sabe que, desde o dia em que reencontrei você, senti muita coisa ressurgindo. A nossa juventude, a paixão que eu perdi e... — Ronald pretendia continuar quando o olhar da mulher em seus braços o obrigou a parar.

— Meu querido, não coloque sua felicidade nas mãos de ninguém. Os jovens que fomos estão no passado. Hoje, somos dois velhos amigos que conhecem muito bem os segredos e sonhos não realizados um do outro. — Ela se afastou.

— Não somos velhos, somos experientes! Eu conto com você para descobrir a minha felicidade. Afinal, não conheço Seattle tão bem como você e espero que possa me ajudar! — Ele conseguia deixar Leona envergonhada.

— Ronald! Eu não sou mais uma menina... — No fundo, ela tinha um enorme carinho por aquele homem.

— Eu também não sou um menino. Cidade nova com amizade antiga é uma nova descoberta! — Ele piscou o olho e perguntou: — Aceita almoçar comigo hoje?

— Eu... — Leona tentou argumentar.

— Leona, seus netos estão na escola. Você está sozinha nessa casa enorme e eu estou sozinho nessa cidade. Só posso visitar o Peter na clínica no final do dia. Quero falar com ele sobre minhas decisões. Podíamos almoçar juntos! — Ele foi convincente e arrancou um sorriso de Leona.

— Vou buscar a minha bolsa e podemos ir.

Quando Leona saiu da sala, o homem ao seu lado parecia um jovem do passado, feliz por conseguir uma nova chance de ser feliz na vida. Ela fora a sua grande paixão do passado. Após tantos anos, surgia uma nova chance de viver algo que, por culpa de outros, tinha sido proibido. Sempre respeitara a decisão de casar com seu melhor amigo, mas agora ele poderia reconquistar a morena que era a fonte do seu desejo na juventude!

CAP. 51

VOCÊS VIERAM JUNTOS!

Peter, ainda deitado, estava contraído diante de Rachel. Era difícil relaxar com ela tocando sua pele. Apesar de não ter sensibilidade nas pernas, saber que ela tocava no seu corpo fazia com que tudo ficasse tenso, seu coração batia descompassado e a sua imaginação voava, mesmo sem ele querer. O maxilar ficava travado sempre que ela se aproximava. Queria poder dizer isso a ela, mas sabia que seus sentimentos por ele eram bem diferentes.

O que pairava sobre sua cabeça e coração era um segredo dele. Muitas vezes tinha dificuldade de olhar nos olhos da médica, com medo que eles revelassem o turbilhão de sentimentos que habitavam seu interior.

— A reabilitação e a fisioterapia estão fazendo muito bem! — A médica declarou.

— Eu também! — Ele soltou, perdido em pensamentos. Quando percebeu que havia respondido aos seus próprios devaneios, Peter ficou envergonhado e fechou os olhos.

Rachel sorriu sem entender o que ele estava pensando.

— Pode se levantar, Peter! — Ela tirou as luvas e as descartou.

O jogador, constrangido pelo que acabara de acontecer, se ergueu muito rápido e perdeu o equilíbrio enquanto tentava levantar. Rachel o segurou para que não caísse no chão e seus rostos ficaram próximos. Podia sentir o perfume dele entrando em suas narinas, a respiração quente ao seu pescoço. A mão apoiada no peito musculoso permitia sentir as batidas aceleradas do coração do rapaz.

O corpo de Rachel foi invadido por uma sensação quente e ela quis descobrir mais. Balançou a cabeça para espantar tais pensamentos, mas suas mãos deslizaram no corpo do jogador, acelerando seu próprio coração. Sua respiração acompanhou a dele. Peter tinha vontade de tocar a pele da médica, mas suas mãos estavam grudadas na maca do consultório.

Em outros tempos, ele teria agarrado a mulher, acariciado sua pele, e descoberto os prazeres de estar com ela. Peter respirou fundo e o movimento fez com que as peles se tocassem involuntariamente. Ele fechou os olhos e sentiu uma energia percorrer seu corpo. Alguma coisa aconteceu e fez com que seu corpo ganhasse vida. Assustado com a sensação, abriu os olhos. Desde o acidente seu corpo não reagia e, agora, encostado à pele de Rachel, tudo ganhou vida.

Envergonhado e corando diante das próprias reações, o rapaz puxou a cadeira e sentou-se rapidamente, para disfarçar o que lhe acontecia.

— Obrigado por me ajudar! — Ele desviou o olhar.

— Por nada, Peter. Eu sou a médica e é normal! — Ela respondeu sorrindo.

— O que é normal? — Ele tinha medo de que Rachel tivesse percebido alguma coisa.

— Desequilibrar-se... — Ela percebeu que existia algo mais na pergunta dele.

— Está tudo bem? Você se machucou?

— Não, está tudo bem! — Ele respondeu num tom seco. — E quando acha que posso passar pela cirurgia?

— Creio que em alguns dias! Os resultados estão perfeitos. Só preciso da confirmação para colher o material. Em mais alguns dias teremos uma data.

— Rachel respondeu.

O jogador continuava despertando algo que Rachel tinha medo de sentir. Estando perto dele, era mais difícil sentir o ódio que guardara por tantos anos. Falar com ele tornava-se algo natural e não forçado pela profissão. Aos poucos recomeçava a admirar aquele homem; não com a imaturidade da adolescência, agora ela o encarava de outra forma.

— Peter, meu filho pergunta sempre por você! Ele pede para visitá-lo e eu queria saber se existe algum problema? — Ela questionou sentando-se atrás de sua mesa.

— Claro que não. Acho que o Thomas também vai gostar! — A preocupação dele em relação ao menino sempre a surpreendia.

— Você se apegou muito a ele? — A médica sorria.

— Eu nunca quis ter filhos. Melanie também não, ela dizia “que filhos são uma prisão”. Eu achava que não era digno de ser um bom pai depois do que fiz! — Baixou os olhos ao lembrar-se do fato. — Nunca sonhei ou desejei ter filhos, mas o Thomas me conquistou e, depois o seu filho fez o mesmo, e surgiu essa vontade, mas...

— Acha que um cadeirante não pode ter filhos? Pode sim! Basta encontrar uma mulher que deseje ser mãe! — Ela tentava desmistificar a ideia pré-concebida.

— As mulheres poderiam desejar ser alguma coisa do Peter Carlsson do passado; o jogador, rico e famoso. Deste Peter? Não! — Ele verbalizou a opinião que tinha de si mesmo.

— Uma cadeira não diminui você como homem! Você continua sendo um homem bonito que chama a atenção. Quando quer, é simpático, atencioso e ainda desperta suspiros nas mulheres. Sempre ouço os comentários das enfermeiras! — Rachel ficou envergonhada ao mesmo tempo em que surpreendeu o rapaz.

— Você sairia comigo? — A pergunta rápida deixou a médica atônita.

Quando ia responder, alguém bateu na porta. Leona e Ronald haviam chegado. Os filhos se admiraram ao vê-los juntos. Os velhos amigos mostravam certa cumplicidade, fato que não passou despercebido. Rachel

nunca tinha visto a mãe tão sorridente e alegre, alguma coisa tinha acontecido. A mãe vir sem avisar também era estranho. E lá estava ela, junto com o pai de Peter.

— Aconteceu alguma coisa? — A filha ficou preocupada.

— Não, minha filha! Eu fui almoçar com o Ronald e decidi vir com ele à clínica! — Leona esclareceu.

— Vocês vieram juntos? — Peter e Rachel falaram em uníssono.

— Qual a surpresa? — Ronald perguntou. — Dois amigos não podem almoçar juntos? Eu teria de dar alguma justificativa à Brigitte e a ninguém mais. Sim, almoçamos juntos e viemos juntos. Agora que decidi mudar para Seattle, espero passar mais tempo com Leona.

Aquela declaração de Ronald deixou Peter e Rachel surpresos. Ao assimilar a fala do pai, o jogador perguntou:

— Você vai mudar para Seattle? E a... — Ele ia perguntar sobre Brigitte, mas o pai se adiantou.

— Agora que não há mais segredos, também não há motivos para continuar casado. Decidi ser feliz e correr atrás do tempo perdido!

Ronald olhou para Leona e surgiu um brilho em seus olhos. Peter sorriu para o pai e, olhando para Rachel, percebeu muitas perguntas em seu rosto. Leona sorriu e meneou a cabeça, como se concordasse com o empresário e seu desejo de ser feliz.

CAP. 52

TUDO PRONTO

Peter estava sentado no quarto do hospital, observando tudo a sua volta. A luz estava apagada; a TV ligada, mas sem som, e as gotas de água deslizavam pelo vidro da janela, mostrando que chovia lá fora. Com os olhos fixos no vidro, seus pensamentos se sucediam em uma velocidade assustadora. O receio de que não desse certo deixava seu coração apertado.

Alguém bateu na porta, mas não houve qualquer resposta de Peter. A porta se abriu e ele continuava focado na janela, sem perceber a presença da outra pessoa.

— Vai dar tudo certo! — Disse Rachel, encostada aos pés da cama.

A voz despertou-o dos pensamentos. Ao vê-la diante de si, Peter forçou um sorriso, com medo de que seu rosto entregasse o que ia dentro dele.

— Eu confio em você, Dra. Rachel! — Ele estava sendo formal.

— Devia confiar em Deus e não em mim. Afinal, eu faço apenas aquilo que Deus permite... — Ela foi interrompida.

— Rachel, eu começo a confiar em Deus! — Peter olhava nos olhos da médica. — Enquanto estava aqui, sozinho, tomei algumas decisões e queria a sua ajuda!

A médica se aproximou, curiosa sobre as decisões em questão. Peter se acomodou melhor na cama, sem deixar de olhar para Rachel.

— Depois da cirurgia que é de manhã, em seguida eu vou falar com o Pastor Phillip para ser batizado e... — Rachel interrompeu-o.

— Tem certeza de que vai querer levar essa decisão adiante? — A informação a deixou pasma.

— Sim, Rachel. Acho que nunca tive tanta certeza de algo na minha vida! Mas essa não é única atitude que vou tomar! — Ele sorria diante do olhar curioso.

— O que mais decidiu, Peter?

Sem que Rachel esperasse, o jogador segurou sua mão e, com delicadeza, deslizou os dedos sobre a pele suave da médica. Um arrepio

perpassou o corpo de ambos e ele perguntou.

— Depois da cirurgia, aceita jantar comigo? Como minha médica e uma pessoa que respeito muito. Quero falar com você longe da clínica, antes de obedecer e entregar minha vida a Deus. — Rachel não esperava aquele pedido.

“O que ele quer falar comigo? “, foram os pensamentos da médica, por alguns segundos, Rachel deixou a mão junto dele. Quando se deu conta, se afastou, tentando disfarçar um misto de interesse, prazer e desconforto.

— Já entendi! Desculpe pelo convite, desejava esclarecer tudo. — Ele ficou constrangido pela reação da médica.

— Eu aceito jantar com você. — Rachel forçou um sorriso. — Mas eu escolho o restaurante depois que você se recuperar. Peter, está tudo pronto para amanhã e eu espero que você também!

Ele tentou sorrir e mostrar tranquilidade, mas seu coração estava acelerado por conta da resposta positiva. Passou e repassou a cena em sua cabeça antes de ter coragem de fazer o convite e, em sua imaginação, a resposta era sempre negativa. Que mulher aceitaria sair com um cadeirante que a prejudicara tanto?

Rachel checou o prontuário e se despediu, desejando que ele tivesse uma boa noite. Assim que fechou a porta do quarto, perguntou-se como poderia aceitar um convite de Peter Carlsson. Odio-o por tanto tempo e agora aceitava o seu convite...

— Ele é Peter Carlsson!

Ela tentava ressuscitar dentro de si o rapaz que a violara dentro de um carro, mas só conseguia lembrar-se de Peter ajudando Thomas e Joseph; a forma assustada que se comportava sobre aquela cadeira; o homem que descobriu que a mulher que o criara não era sua mãe e, acima de tudo, o homem que tinha mudado quando Deus entrou em sua vida.

Peter teve certa dificuldade para adormecer. Nas primeiras horas da manhã, John e Ronald estavam ao seu lado. Os enfermeiros vieram prepará-lo. Apesar de ser uma cirurgia delicada, era um procedimento simples. Coletariam células olfativas de suas narinas, que seriam cultivadas por um

período de duas semanas para, só então, serem aplicadas na região da lesão.

A equipe médica explicou que aquele tipo de célula continuava a se multiplicar e regenerar durante toda a vida do ser humano. Todos ouviam as explicações atentamente. Rachel encarava Peter para ver suas reações e percebeu que os olhos do rapaz brilhavam à medida em que o médico detalhava o procedimento, tranquilizando a todos.

Quando uma das enfermeiras empurrou a cadeira de Peter e ele passou junto a Rachel, o jogador ergueu os olhos e a encarou. Os olhos azuis ganharam um brilho diferente; havia sinceridade em seu olhar.

— Obrigado!

As palavras dele eram tão sinceras quanto seu olhar, emocionando a médica. Ela sorriu em forma de agradecimento. Ronald também se aproximou.

— Faço minhas as palavras do meu filho. Obrigado por dar ao Peter uma chance começar uma nova vida. Obrigado por ter ajudado o meu filho a mudar! — O homem bateu de leve no braço da médica.

— Esse agradecimento não pertence a mim. Ele deve ser dividido entre seu filho e Deus! — Rachel mostrou o sorriso encantador de sempre.

Os enfermeiros levaram Peter e Ronald continuou.

— Sabe, Rachel, meu filho passou anos guardando um sofrimento que nunca revelou a ninguém. Eu esperava que Deus fizesse uma mudança na vida dele e, quando eu pensei que ele acabaria com a própria vida, essa tragédia surgiu, oferecendo uma nova chance. — Ronald respirou fundo. — Se for para ver meu filho voltar a ser o que era, espero que ele permaneça na cadeira de rodas. Se for para Deus continuar mudando a vida dele, apenas peço que o nosso Pai abençoe suas mãos.

A médica, muito emocionada, mexeu os lábios em um “Amém” sussurrado e seguiu o restante da equipe para a sala de cirurgia. Deitado na maca, Peter sorriu para ela e fechou os olhos; os olhos de Rachel foram sua última memória antes do procedimento.

Do lado de fora, Ronald pedia a Deus que abençoasse as mãos dos médicos e que, acima de tudo, fosse feita a Sua vontade. Caminhava de um

lado para o outro quando Leona surgiu para lhe fazer companhia. Ao perceber que ela lhe tocava o braço, anunciando sua presença, o homem a abraçou.

— Vai dar tudo certo! — Ela disse em um tom suave e tranquilo, que acalmou o coração daquele pai.

— Que bom ver você! Eles acabaram de entrar para o bloco... — A voz do empresário estava embargada.

— Minha filha vai cuidar dele. Deus está a cuidar de tudo. Quantos anos você esperou para receber um milagre? Pois é, Ronald. Seu filho apenas começou a caminhar na direção desse milagre! — Leona tinha um enorme sorriso no rosto.

— Como é bom ouvir essas palavras! — Ronald abraçou-a novamente, sem medo de que alguém pudesse vê-los.

Tudo correu conforme o planejado. Não houve problemas nem atrasos. Todos esperavam alguma informação. Até que as portas do bloco cirúrgico se abriram e Rachel se aproximou, retirando a touca do cabelo. Olhado para o grupo reunido, ela sorriu, confirmando que tudo estava bem com Peter e que a cirurgia fora um sucesso.

CAP. 53

UM JANTAR

Peter se recuperou rapidamente e sem complicações. Os três primeiros dias foram de repouso absoluto. Ele sabia que, em mais alguns dias, seria submetido ao procedimento principal. E sua ansiedade estava quase alcançando o teto. O jogador entendia que o procedimento poderia, ou não, reverter seu quadro atual.

Sentado em sua cadeira de rodas, lembrou-se de que Rachel aceitara seu convite para jantar. Ele pretendia conversar com ela antes de duas situações importantes em sua vida. Uma delas já estava sendo preparada pelo Pastor Phillip. A outra estava a poucos metros dele.

Peter saiu de seu quarto e percorreu os corredores da clínica. Seu coração batia da mesma forma que acontecia quando era jogador e tinha jogos decisivos para disputar. A vitória daquela partida, ele sabia, dependia apenas dele. Não teria ajuda de nenhum parceiro.

A assistente de Rachel não estava em seu lugar de costume, nenhum paciente estava esperando e o consultório estava silencioso. Tentando manter a tranquilidade, Peter bateu na porta e recebeu permissão para entrar.

A médica não esperava a visita e ficou curiosa para descobrir o motivo de sua presença. Peter sentiu todo o sangue de seu corpo subir para o rosto.

Antigamente, não costumava ter dificuldades com mulheres, ele era famoso e desejado. Mas aquela mulher, além de mexer com ele, transformava-o em um homem fraco e com medo.

— Não havia ninguém, por isso bati! — Ele se explicou. Rachel pediu que ele se aproximasse. — Eu precisava falar com você!

— Está tudo bem? — A médica se levantou para chegar mais perto.

— Sim, está tudo bem! Lembra-se do pedido que fiz na noite anterior a cirurgia, quando foi me visitar? — Rachel sentiu-se corando mediante a lembrança do convite que aceitara. Os olhos azuis de Peter mergulharam nos dela e só despertou das sensações que ele provocava quando ouviu sua voz. — Queria saber se poderia ser hoje. É que eu preciso resolver tudo com você antes de...

Rachel sentiu o chão se abrir sob seus pés. Ao mesmo tempo, seu coração disparou, insistindo que ela aceitasse sem pensar. A moça engoliu em seco. Queria poder fugir daquela situação. Então lembrou que ele queria resolver algo com ela antes de alguma atitude.

— Resolver o quê? — Ela perguntou tentando ganhar tempo.

— Tomei algumas decisões nos últimos dias. Mas uma delas só pode ser efetivada depois que eu conversar com você! — Peter manteve o suspense.

— Podemos conversar aqui mesmo. Não precisamos sair para jantar, afinal nós não... — Ela ia dizer que os dois não eram amigos, mas calou-se a tempo.

Percebendo as palavras não ditas, o jogador se preparou para sair da sala. A médica mexeu nos cabelos e perguntou:

— A que horas? — Automaticamente, ele virou a cabeça na direção da mulher. Seus olhos brilhavam.

— Oito horas. Posso buscar você em sua casa? — O coração do homem estava galopante de felicidade.

— Não prefere que eu venha buscá-lo aqui na clínica? — Peter fez cara de reprovação. — Pode ser às oito na minha casa.

O sorriso maravilhoso que fizera Rachel se apaixonar surgiu no rosto do jogado, que lhe piscou um olho e saiu sem dizer mais nada.

O sorriso passou o restante do dia preso no rosto do jogador. Ele passou a tarde fazendo preparativos para o jantar que teriam logo mais. Alugou um carro com motorista para conduzi-los; fez uma reserva em um dos melhores restaurantes da cidade e pediu que John fosse buscar um de seus ternos no apartamento. Aquela noite deveria ser totalmente diferente da outra que passaram juntos.

A lua iluminava os jardins dos O'Connor naquela noite fria. O carro luxuoso estacionou na entrada principal e o motorista ajudou Peter a se acomodar em sua cadeira. O jogador vestia um elegante terno preto, feito sob medida, da *Hugo Boss*. A vestimenta destacava seus braços e a camisa branca deixava entrever o peito recortado contra o tecido. O perfume forte e sem exageros.

Respirou fundo e se dirigiu à porta, que se abriu antes que ele pudesse tocar a campainha. O mordomo o recebeu.

— Boa noite! A doutora pediu que o senhor entre e espere na sala.

De maneira muito formal e com uma expressão carregada o mordomo indicou o caminho. Peter temeu o convite e respondeu, sorrindo:

— Vou esperar aqui!

— Como preferir! — Rupert falou e fechou a porta.

Deixado sozinho, Peter imitou a expressão e o tom do empregado ao falar “Como preferir!” Alguns minutos depois, Rachel surgiu. Estava fascinante em um vestido vermelho que revelava suas curvas exuberantes; o cabelo estava solto e usava pouca maquiagem. A mulher era linda, não precisava fazer esforço nenhum para ficar perfeita. Usava um lindo colar de pérolas com diamantes, uma joia cara que parecia pertencer à família O'Connor. O mordomo trouxe-lhe um casaco, colocando-o sobre seus ombros.

Rachel forçou um sorriso, estava nervosa com toda a situação. Assim como ela fora admirada, o jogador também foi avaliado. Apesar daquela cadeira, ele era um homem muito atraente, capaz de fazer qualquer mulher o desejar. Talvez por estar habituada a cuidar de pessoas com necessidades

especiais, o acessório não a chocava.

Peter estava encantado e nervoso como um adolescente que foi buscar a namorada para o baile de formatura. Mordeu os lábios e, aos poucos, continuava admirando a mulher ao seu lado. O nervosismo e o medo eram perceptíveis entre eles. Ambos sabiam que aquele não era um simples encontro. Eles tinham um passado doloroso em comum.

O restaurante escolhido ficava em um dos melhores hotéis da cidade, um dos mais badalados da região; a lista de espera para conseguir uma mesa era de meses. O jogador, em algumas horas, garantiria uma mesa discreta, junto à janela do último andar, com a vista mais surpreendente para a cidade.

Rachel esteve ali no dia da inauguração, acompanhada do marido. Nunca tinha voltado e, agora, estava lá com Peter. O casal foi recebido de forma especial porque o jogador era amigo do dono do Hotel.

— Espero que goste da minha escolha! — Peter tentava, mas não conseguia esconder o nervosismo.

— Faz anos que eu não venho aqui... — Rachel contou que já conhecia o lugar, mas deixou de fora que estivera ali com o marido. — Qual é o motivo deste jantar, Peter?

— Sempre direta, Dra. Rachel. Quer tomar alguma coisa? — Ele tentava ganhar tempo antes de abordar o assunto que os levava até ali.

— Qualquer coisa sem álcool. E o mesmo para você! — Ela mostrava que era responsável por ele. Também lembrava a última vez que o vira bebendo, embora ele tivesse mudado desde então.

Peter pediu duas águas e encarou Rachel. Respirou fundo. Ele sabia que tinha que falar o motivo daquele encontro então, sem esperar mais, revelou a razão do convite.

— Rachel, eu decidi dar um passo muito importante na minha vida! — Os olhos dela se abriram, com medo do que ouviria — Por anos eu vivi sem qualquer responsabilidade e cometi erros graves; os piores foram com você e comigo mesmo. Mas eu descobri que pode haver um novo caminho para mim, e para que eu possa trilhar esse caminho, preciso fazer isto...

Peter segurou a mão de Rachel e o coração dela disparou ao sentir a

pele quente tocando a sua.

— Eu decidi mudar a minha vida e entregar o resto de Peter Carlsson a Deus. Por isso eu preciso do teu perdão. Preciso pedir, olhando para você, que me perdoe e seja minha auxiliadora no meu batismo! — O pedido era sincero e a questão relacionada ao batismo deixou-a muito surpresa.

Auxiliador de conversão era alguém que se disponibilizava, juntamente com o Pastor, a ajudar a tirar todas as dúvidas de alguém que deseja entregar sua vida para servir a Deus; ajudando a entender as Escrituras, orando com a pessoa, buscando uma vida regrada e fugindo das coisas carnis. Seria alguém que, após o batismo, daria todo e qualquer apoio espiritual. E Peter estava pedindo que ela aceitasse justo essa responsabilidade.

Com delicadeza, a médica puxou a mão, sem saber o que responder.

— E? — Ele estava com medo da resposta.

— Como você pode me pedir isso? Durante anos eu odiei você. Durante anos tive pesadelos com o seu ato. Por ordem de Deus eu ajudei com seu problema. Tenho que perdoar, ou que tipo de cristã eu seria se não o fizesse? Mas ser sua auxiliadora? — Rachel bebeu um gole de água tentando ganhar forças para responder. — Eu não estou preparada!

— Eu também não, mas preciso buscar paz para minha alma. Para isso, eu preciso ficar de bem com você. Primeiramente, com o seu perdão; depois, com a sua ajuda buscando o caminho para eu também conseguir me perdoar. Pode parecer insano, mas há algumas noites sonhei com uma pregação em que o Pastor... — Peter tentou-se lembrar do nome.

— Pastor Charles! — Ela sorriu.

— Isso, Pastor Charles! Ele disse que, um dia, veríamos um milagre. Deixar a vida mesquinha e fútil que tinha, acreditar em Deus e pensar em entregar minha vida a Ele... Eu acho que é um milagre! Sem qualquer pretensão de minha parte. Antes de dizer que não, peço que pense no meu pedido, por favor! — Ele desejava receber um sim, mas entendia a posição de Rachel. — Estarei com o Pastor Phillip me preparando. Quem sabe, até o dia de aceitar a Cristo, você tenha uma resposta para mim!

Rachel sentia verdade nas palavras de Peter, mas a decisão lhe causava

muito medo. Durante o jantar, falaram sobre vários assuntos, mas não voltaram a tocar na tragédia do passado nem no pedido do presente.

CAP.54

A VERDADE

O celular de Rachel acusou o recebimento de uma nova mensagem e

ela pegou o parêntese para confirmar que se tratava da resposta de Tracy ao seu convite para o almoço. O encontro tradicional era nas quintas, mas o convite viera em uma quarta, o que alertou Tracy para a seriedade do assunto.

“SIM! Imagino o que seja. Vou ter algum detalhe sórdido? Nos vemos às 13h. Não consegui cancelar minhas consultas da manhã, mas a tarde é nossa.”

Rachel sorriu. Não havia detalhes sórdidos no assunto sobre o qual falaria com amiga. Para Tracy tudo girava em torno de sexo, prazer e novos namorados. Às vezes se perguntava como conseguia tê-la como melhor amiga. Certamente eram muito diferentes e viviam de maneira oposta, mas isso não estragava a amizade.

A manhã passou muito devagar e a médica olhava para o relógio a cada cinco segundos. Só conseguia pensar no pedido feito por Peter e no encontro com Tracy. Apesar das loucuras, sabia que podia contar com seus conselhos para organizar as ideias. Pedira a Deus que a ajudasse a encontrar um caminho em relação ao pedido do jogador, mas as dúvidas se multiplicavam dentro dela.

Antes do horário, a médica saiu para seu encontro. Era a primeira vez que chegava cedo, mas sua mesa já estava pronta. O funcionário sorridente lhe indicou o local e ela ficou esperando a amiga. Tracy entrou no restaurante apressada.

— Por que não respondeu minhas perguntas? — Ela perguntou, se jogando na cadeira em frente a Rachel. — Eu não consegui me concentrar em nada. O que aconteceu ontem? Diz que vocês transaram?

— Tracy! — Ficou indignada com a pergunta.

— Brincadeira! Sei que você não faz isso! Mas o que aconteceu para marcar este almoço em plena quarta? — Tracy estava intrigada.

— Ele me fez um pedido! — A inquietude fez um sorriso malicioso aparecer no rosto de Tracy. — Ele me pediu para ser sua “Auxiliadora Espiritual”!

O sorriso desapareceu. E Tracy assumiu uma expressão de interrogação por não entender o que havia de errado com aquele pedido.

— “Auxiliadora Espiritual”? Que raio é isso? — Ela não entendia como

alguém poderia estar preocupado com isso.

— É alguém que ajuda uma pessoa nos primeiros passos para se consagrar a Deus, ajudando a tirar dúvidas sobre a igreja e os caminhos de Deus. Também é a pessoa que serve de amparo nas provas e nos momentos difíceis da vida para que não se afaste de Deus. Auxiliador e auxiliado sempre ficam muito próximos. — A cada palavra de Rachel o semblante da amiga ficava mais alterado.

— Espera! Você está preocupada em ajudar Peter a se converter a Deus ou em ficar próxima dele? Sim, porque essa é a questão que eu não entendi. — Tracy mostrava um pouco de irritação em suas palavras e a amiga entendeu.

— Sim, porque você levou anos dizendo que eu tinha que entregar minha vida a Deus. Eu respeito a sua religiosidade, mas agora você não está querendo ajudar alguém a se aproximar de Deus? Quer explicar isso direito?

— Estamos falando do Peter! Ele quer ficar próximo de mim e eu não sei se estou preparada. A questão da saúde foi ordem de Deus e por isso eu fiz e estou fazendo por ele, mas... — Tracy impediu-a de continuar o argumento.

— Então os pesos e medidas mudam de acordo com a pessoa em questão? Rachel, você está pensando com o coração. Você está deixando de lado a parte de “fazer a vontade de Deus” para salvar uma vida por conta do seu coração, e eu acho que é sentimento aí dentro! — O olhar de Rachel era de espanto. — Esse seu medo de aceitar o convite de “Boa Cristã” é só medo de enfrentar o que sente pelo Peter. Seus olhos brilham quando fala dele, sua voz fica enrolada. O sentimento que tinha por ele está ressurgindo.

Envergonhada por se expor daquela forma, Rachel tentou argumentar.

— Você se esquece do que ele me fez? — Tentava justificar.

— Para, Rachel! — Tracy levantou a voz. — Pode parar de usar o erro do passado. Foi grave, sim. Mas se você aceitou ajudar e fala que ele está mudado... Sabemos que amor e ódio caminham juntos. Também sabemos que o sentimento está dentro de você!

— Eu não poderia fazer isso com o George! — Rachel insistiu.

— George morreu e você continua viva! Uma mulher interessante que está descobrindo que está viva e que o seu coração resgatou um sentimento da

juventude! — As palavras de Tracy refletiam o interior de Rachel e ela sabia disso, mas tinha dificuldade de admitir. — Já pensou que tudo o que está acontecendo na sua vida pode ser um desígnio de Deus? Quando você diz que Deus escreve certo por linhas tortas é somente na vida dos outros ou na sua também? Quando diz que o valor de uma alma é muito grande, é apenas das almas dos outros ou o Peter também está incluído? Rachel, acho que agora chegou o momento de você assumir o que está a acontecer com o seu coração!

As lágrimas rolaram pelo rosto de Rachel, que as secou para não chamar a atenção. Bebeu um pouco de água e desviou o olhar, encarando a rua. Sabia que Tracy estava certa. Ela não queria admitir o que sentia por Peter.

— Eu o odiei por tantos anos... Não havia um dia em que eu não pensasse nele. Quando via fotos dele com a esposa, em festas, perguntava se ele pensava em mim. O ódio me consumia por dentro. George acalmou esse ódio e a minha raiva. Eu amava o meu marido, mas nunca esqueci o Peter. Por muito tempo cultivei a imagem dele como um monstro. Quando nos reencontramos... — Rachel respirou fundo e Tracy ficou calada. Finalmente sua amiga enfrentava os fantasmas do passado. — Ele estava destruído, amargo, fragilizado e tão vulnerável. Eu sei que poderia dizer que ele sempre ficaria numa cadeira de rodas e confesso que desejei fazer isso apenas para vê-lo sofrendo um pouco do que eu sofri. Mas, aos poucos, eu vi que Peter tinha mudado.

Rachel chorava enquanto enfrentava suas verdades escondidas. Tracy sabia que ela precisava disso. Felizmente, o movimento no restaurante era tranquilo e elas podiam conversar à vontade.

— Aquela noite foi horrível. Eu amava o Peter! E me perguntava o que eu tinha feito para que ele tomasse aquela atitude; onde eu tinha errado? Passei anos me sentindo suja, mas o que me fazia sentir mal era o sentimento que eu tinha. Ao mesmo tempo em que o odiava, eu sabia que o amava... — A voz embargou. — No fundo, o George sempre soube. Deus sempre soube. E eu sempre desejei esconder. Mas quando ele me encarou com aqueles olhos, foi como o sopro que faltava para que esse sentimento ressurgisse das cinzas.

— Eu sempre soube disso, mas também sabia que você precisava admitir

para si mesma. Não estou dizendo que você se entregar a esse amor, mas que deve perdoar verdadeiramente. Como você sempre diz, esse é o mandamento que você aprendeu e ensina aos outros. — Tracy sorria para a amiga.

— Eu não sei conviver com esse sentimento. Devo esquecer o que me aconteceu? Perdoar eu já perdoei, de verdade! — O olhar de Tracy era duvidoso. — Esquecer, eu estou tentando...

— Então, o que te impede de ajudar o Peter nessa coisa de “Auxiliadora Espiritual”?

— Medo! Medo de que, ao ajudar, eu descubra o quanto amo Peter...

Tracy ficou sem palavras. No fundo, ela sabia que o real sentimento era o amor. Pela primeira vez, Rachel assumia o que sentia. Seu sofrimento a transformou em uma mulher forte e admirável. Mas o amor que ela estava assumindo por Peter poderia mudar completamente a sua vida. Seus medos eram reais e aproximavam ainda mais um do outro. Peter mudou e todos podiam ver isso. Rachel queria se manter afastada para não se entregar ao sentimento crescia dentro dela.

CAP. 55

UMA CONVERSA COM DEUS

Peter estava ansioso pela aproximação do dia em que desceria às águas. Em quatro dias, lera três livros que o Pastor Philip lhe emprestara. Havia muitas perguntas em sua cabeça para as quais desejava respostas, mas, até aquele momento, Rachel não aceitara o seu pedido. Também não a tinha visto ultimamente e, depois do jantar, não se sentia à vontade para procurá-la.

John ajudava no que podia com as questões do jogador. A realidade era que só Deus podia dar as respostas que ele queria. Thomas, em sua inocência, quando tentava lhe explicar alguma coisa, só aumentava suas dúvidas e incertezas.

Como o dia amanhecera ensolarado, o jogador aproveitou para pegar um pouco de ar puro e um banho de sol. Nenhuma criança estaria no pátio naquele horário, deveriam estar na escolinha. Ele poderia aproveitar o silêncio e tranquilidade perto da piscina. Os pássaros cantando e o som do vento proporcionavam um excelente momento de reflexão.

Relaxando, Peter fechou os olhos e passou a ouvir os sons que o rodeavam, após algum tempo, uma voz soou perto dele.

— Em tudo você encontra Deus, no som de um pássaro, como um louvor; no

vento que obedece às ordens do nosso Pai; nos nossos pensamentos, quando tocam em Deus! — A voz do Pastor Phillip era tranquila e calma. Ainda de olhos fechados Peter sorriu — Tudo louva a Deus, às vezes o homem é o único que se esquece de fazê-lo. Como está, Peter?

O sorriso do jogador revelava um pouco de suas incertezas.

— Entendi! Sabe, Peter, Deus, em toda a sua glória, conhece cada um de nós, nossas fraquezas, dúvidas, incertezas. E às vezes Ele prepara nosso caminho para nos deixar fortes para enfrentar tudo. — O Pastor sentou ao lado do jogador.

— Até os nossos fantasmas? — Perguntou Peter.

— Até isso. Ele deixa que nos atormentem para nos fortalecer. Por exemplo, quando Jesus caminhou sobre o mar e foi de encontro aos discípulos, Pedro pediu para ir ter com o mestre e foi autorizado! — Peter não entendia a relação com sua situação. — Pedro caminhou sobre as águas, mas, em um determinado momento, o medo, os fantasmas dele, foram maiores que a sua fé e a certeza que estava junto do filho de Deus. E Pedro começou a afundar. Jesus o chamou de “homem de pouca fé”, estendeu a mão e o ajudou.

— Não entendi! — Peter falou.

— Peter, por mais que pareça impossível; que as dúvidas, medos e fantasmas queiram fazer você desistir de alcançar uma benção, continue a acreditar e ter fé de que Ele tudo pode! — Tocando o braço do rapaz, o Pastor continuou: — Pedro acreditou que podia andar sobre o mar e andou, mas ele não conseguiu chegar perto do mestre e precisou ser socorrido. Você acha que não pode alcançar alguma coisa, mas, no fundo, você acredita que vai receber a graça que espera.

— Por que eu tive de acreditar em Deus assim? — Ele falava sobre estar paraplégico.

O sorriso do Pastor era como um calmante.

— Peter, você correu atrás de fama e glória. Deus precisou mostrar que Ele sempre estaria do seu lado, caminhando com as pernas, sobre uma cama ou numa cadeira. O plano de Deus na sua vida é muito especial, as pessoas precisam ver o milagre em você. Pedro era uma pessoa diferente depois que

Jesus passou por sua vida. O mesmo acontece com você. Deus já começou a fazer essa mudança! — O olhar do Pastor parecia penetrar sua alma.

Peter sentiu um arrepio, como uma corrente elétrica sensibilizando cada parte do seu corpo, até as pernas.

— Um dia, Jesus foi convidado para uma festa em que era servido vinho. O vinho acabou e a mãe de Jesus foi pedir ajuda. Ele não era o responsável, mas ela sabia que o filho podia resolver o problema, Ele tudo podia! — Peter não sabia onde o Pastor queria chegar. — Jesus respondeu à sua mãe: “Mulher, que tenho eu contigo? Ainda não é chegada a minha hora”. A mãe de Jesus saiu e disse aos empregados que fizessem tudo o que o filho mandasse. Os empregados ficaram esperando uma ordem; Jesus deu a ordem e aconteceu um milagre, transformando a água em vinho.

— Não entendi Pastor. O que isso tem a ver com as minhas questões?

— O que faltava na festa? Vinho ou água? — A pergunta deixou o rapaz ainda mais confuso.

— Vinho! — Peter respondeu.

— O que a mãe de Jesus esperava que acontecesse?

— Que aparecesse vinho! — Peter continuava sem entender.

— Os empregados sabiam que não havia vinho. Imagina as dúvidas que surgiram quando Jesus mandou que eles enchessem os reservatórios de água? Eles obedeceram, mas devem ter pensado que Jesus estava louco! — O Pastor olhou no fundo dos olhos de Peter e algo aconteceu. — Assim foi na sua vida! Seu pai pediu um milagre a Deus na tua vida e a única resposta que recebeu era que ainda não era tempo. Quando o acidente aconteceu e você quase se destruiu, era como se tudo tivesse acabado. Mas Deus repetiu que ainda não era tempo. O teu pai entregou tudo a Deus e disse: “Seja feita a Tua vontade!” Quando você entrou aqui esperando que algo acontecesse, era como aqueles empregados: cheios de dúvidas, incertezas, medo, desconfiança. E agora chegou o momento da mudança...

O homem fechou os olhos e bateu palmas que ecoaram no silêncio, fazendo Peter dar um pulo.

— Quando os vasos estavam cheios de água, era como se nada estivesse

certo. Mas obedeceram, mesmo precisando de vinho. Quando caminharam com a água, eles não entendiam, mas quando serviram vinho, e não água, viram o milagre e o poder de Deus. Você está a um passo de passar pelas águas para poder acontecer um milagre na sua vida. Você ainda está no processo de transformação, mas Deus sabe que, em breve, todos iram ver vinho em vez de água! — As palavras do Pastor pareciam colocar os pensamentos de Peter no seu devido lugar. — Peter, Deus tem um plano na tua vida. As pessoas vão dizer que era água e agora é vinho. Muitos vão beber do milagre e dizer é impossível. Esqueça o que fez quando você era água. Até Rachel vai dizer que você é vinho. Fique em paz em relação a ela. Ela ainda enxerga a água, pois não sabe que você está sendo transformado, mas você já entendeu, não é?

Peter não conseguiu segurar as lágrimas. E dessa vez não teve vergonha de chorar na frente de alguém. Sentia que estava na presença de Deus e que as palavras do Pastor eram como a voz de Deus em seus ouvidos.

— Peter, Deus escolheu você para um milagre. Ele quer transformar que era transparente, sem sabor e sem cheiro, em algo com cor, sabor e um aroma tão diferente que todos vão ficar admirados. Eu mesmo vou ficar admirado com a obra que Deus vai fazer. Ainda vou beber desse vinho! — O Pastor sorria. — Ela vai beber desse vinho. Faça tudo o que está no seu pensamento que é vontade de Deus na sua vida. Inclusive tomar conta de Thomas.

Peter se espantou, pois só ele e o advogado sabiam da vontade de adotar Thomas. Como o Pastor ficara sabendo?

— Como o senhor sabe? O meu advogado falou com o Senhor?

— Não, Peter. Deus me revelou! — O homem respirou fundo.

— Revelou? — Peter não entendia o que era isso.

— Sim, um dom que está guardado para você nessa transformação! — Pastor Phillip levantou para ir embora. Peter queria saber mais sobre essa coisa de revelação. O homem, antes de sair, colocou a mão no ombro de Peter. — Em breve você vai receber o perdão que espera. Mas pense que, também em breve, vai ter que o dar a uma alma atribulada que vai precisar dele!

Peter sorriu feliz e, imediatamente, ficou sério, pensando em quem poderia precisar do seu perdão. Ele não poderia imaginar! As dúvidas do

rapaz estavam mais organizadas e ele tinha a certeza de que tudo fazia parte do plano de Deus. Entendeu que seu desejo de cuidar de Thomas era da vontade de Deus; e que sua vida mudaria. Uma onda de felicidade invadiu seu espírito e Peter sorriu sozinho por conta das palavras que tinha recebido naquela manhã.

CAP. 56

UM NOVO HOMEM

O restante da semana passou em um piscar de olhos, da forma que acontecia quando Peter jogava. Antes que percebesse, o domingo tinha chegado. O dia que ele e o pai tinham esperado ansiosamente. Nas primeiras horas da manhã, Ronald entrou no quarto do filho, abriu as cortinas e deixou o sol invadir o ambiente.

John observava tudo. O pai do jovem estava muito feliz e ansioso. Ele esperou muito tempo por aquele momento. Peter se moveu, cobrindo os olhos com um dos braços para se esconder da claridade. Sem dizer nada o empresário retirou um belo terno azul marinho de um protetor, pertencia a uma das marcas preferidas de Peter, e vinha acompanhado de uma camisa branca e uma gravata azul celeste, com discretas linhas brancas.

— Pai, eu não vou casar! — Peter reclamou olhando para o terno.

— Casar?

Ronald pediu que John saísse do quarto, queria alguns minutos a sós com o filho. Quando o enfermeiro se retirou, sentou-se na cama do filho e começou a falar.

— Esse é momento mais importante da minha vida. Eu sempre aceitei suas decisões sem questionar. Quando você decidiu casar com aquela mulher, eu não reclamei. Quando você andava por caminhos complicados, eu nunca falei nada, porque eu sabia que, um dia, te veria caminhando para Deus.

— Como sabia pai? — Peter se acomodou melhor.

— Talvez eu não tenha sido o melhor pai. Também não fui o melhor marido. Mas Deus me conhece e sabe o que eu passei anos guardando dentro de mim!

— Peter queria entender melhor e Ronald explicou: — Peter, quando você nasceu eu recebi a promessa de que você serviria a Deus. O tempo passou e você fez escolhas diferentes, mas eu continuei esperando. E hoje, estou vendo minha promessa começar a acontecer.

— Pai! — Ele entendia o quanto o pai esperou por aquele momento. — Se eu tivesse ouvido o senhor... Acho que muita coisa seria diferente na minha vida!

— Temos que viver a nossa realidade e fazer nossa própria história. Se Deus quis que fosse assim, Ele sabe o porquê! — Ronald ajudou o filho. — Eu vim

tomar café com meu filho e viver este momento único!

— Ela também vem? — Peter perguntou.

— Quem? A sua... Brigitte? — A expressão do empresário se modificou ao falar da ex-mulher.

— Não, pai. A sua namorada! — Peter brincou e o pai deu sinais de que não entendeu. — A mãe da Rachel? Leona?

— Peter! Ainda sou seu pai e... — O homem riu e saiu do quarto, deixando o rapaz sozinho.

Peter sentou na cama e observando a rua. Em plena manhã de Outono tudo estava aquecido e o sol brilhava intensamente. Seria um sinal dos Céus? Deus aceitava sua vontade de mudar de vida e recomeçar de maneira diferente? Sorriu ao imaginar a resposta em sua mente: “Sim!”.

Quando se olhou no espelho, sentiu o coração acelerar. Estava vestindo a roupa que seu pai escolhera para aquele dia. Começava a aceitar sua nova condição física. E faltava pouco para dar um passo definitivo em sua vida, sabia que, depois de hoje, não havia como voltar atrás ou mudar de rumo. Respirou fundo e sentiu seu corpo se mexer. Ronald retornou e deu-lhe um tapinha no ombro, como se perguntasse se o rapaz estava preparado. Ele acenou positivamente.

Os três foram para o salão em que os cultos eram realizados. O local estava cheio e na parte da frente, um tanque batismal tinha surgido. O Pastor Phillip sorriu ao ver Peter entrando com o Pai e se dirigindo para a frente, pela primeira vez. O jogador cumprimentou o ministro com um sorriso encantador de uma criança.

Leona, o Senador e os netos estavam sentados no banco da frente, mas não havia sinal de Rachel. Ela não aceitara o seu pedido.

— Ela não veio!

Ronald ouviu a voz do filho e se aproximou mais.

— O que você disse?

— Nada pai! Eu não falei nada. Absolutamente nada...

Ele ficou triste e respirou fundo. Em seu coração ardia a certeza de que

aquele seria um dia especial. Todos o esperavam na frente do salão. Pastor Phillip cumprimentou-os e falou alguma coisa para Peter, que apenas acenou com a cabeça sem dar atenção à conversa do Pastor. Olhou para trás esperando vê-la no fundo da sala. Eles tomaram seus lugares e o culto especial de Batismo teve início.

No decorrer do serviço os olhares de Peter misturavam tristeza e esperança de que as portas se abrissem e ela entrasse. O Pastor falava sobre amor, perdão e esperança de vida eterna. Dizia que aquele que aceitasse Cristo como seu Salvador, teria a chance de ver mudanças em sua vida. Com o passar do tempo, o coração de Peter ficou cada vez mais envolvido com a cerimônia.

— Irmãos, estamos aqui reunidos, porque o Senhor, nosso Deus, colocou no coração do nosso irmão Peter o desejo de descer às águas no dia de hoje, obedecendo ao mandamento de salvação, aceitando Cristo como seu único Salvador! — A comunidade começou a dizer “Glória a Deus” e aquele coro mexeu com o coração do rapaz. — Irmão Peter, quem é o seu conselheiro espiritual?

O jogador ficou sem saber o que responder. Quando ia dizer que não tinha ninguém para acompanhá-lo nessa caminhada, uma voz familiar se elevou no fundo da sala.

— Eu, Pastor Phillip! Eu sou a conselheira espiritual dele! — Rachel exclamou.

Vestindo um conjunto branco, Rachel caminhava em sua direção. Quando seus olhos se encontraram, ela sorriu, transmitindo paz ao coração dele. Peter mal podia acreditar que ela tinha perdoado o seu erro.

— Obrigado! — O jogador sussurrou quando ela ficou ao seu lado.

Rachel levou-o até o Pastor e todos se ajoelharam para a oração de apresentação de Peter. O ministro e a conselheira colocaram as mãos sobre a cabeça do rapaz e o homem orou:

— Senhor, mais uma alma Te aceita como Salvador na sua vida! Hoje enterramos os erros do velho homem e, pelas águas, nascerá um novo homem. Pedimos que resgate esta alma, criando um plano na sua vida para que ele possa Te servir todos os dias da sua vida. Que da sua boca possam

surgir palavras de fé e esperança para quem o rodeia. Senhor Deus, ao receber esta alma como um filho resgatado, Te pedimos, cumpra milagres, obras, e maravilhas na vida dele! — As palavras do Pastor provocaram um arrepio no corpo no rapaz. — Que todos possam ver que Peter Carlsson foi escolhido como homem de Deus na terra. Senhor, faz dele um vaso na Tua presença e que, pelas águas, possa renascer não apenas um novo homem, mas um homem que levará o Teu nome por toda esta terra da América! Tudo Te apresentamos, em nome do Teu filho Jesus Cristo, que está junto do nosso Pai, pedindo por nós. Amém!

Os presentes selaram a oração com um “Amém”. Ronald estava emocionado com a imagem diante de seus olhos. Esperou tanto tempo por aquilo! O empresário segurou o lenço para secar as lágrimas e Leona segurou sua mão. Os dois se olharam felizes por contemplarem aquele milagre na vida de Peter.

Enquanto o coral cantava, Pastor Phillip se trocou para entrar no tanque batismal, assim como Peter, que retornou vestido em um macacão branco, sentado em uma cadeira especial para entrar nas águas. Com a ajuda de colaboradores da clínica, o rapaz entrou no tanque, ao lado do Pastor, que lhe sorria.

Colocando as mãos sobre a cabeça do jovem, o Pastor falou:

— Irmão Peter, eu te batizo em Nome do nosso Senhor Jesus Cristo. Em Nome do Pai, do filho e do Espírito Santo!

A cadeira tinha um dispositivo que permitia que o corpo de Peter fosse mergulhado na água. Quando o rapaz sentiu o seu corpo a submergir, pensou: “Deus, me perdoa e me faz um homem melhor para Te servir!” Ao ser erguido, o Pastor lhe falou ao ouvido:

— Deus ouviu o teu pedido e aceitou. Hoje começa uma obra de reconstrução na tua vida!

Os dois se abraçaram compartilhando da emoção que todos experimentavam. Apenas alguns meses atrás, Peter Carlsson dera entrada na clínica sendo mal-humorado, antipático e avesso aos serviços religiosos. Aos poucos, as coisas entraram nos eixos e, agora, ele estava ali, pronto a obedecer a vontade de Deus. Todos acompanharam seu processo de

transformação em um novo homem.

Ao final do culto os participantes vieram cumprimentar Peter. Rachel se aproximou junto com Tracy e John. O jogador piscou para a médica em forma de agradecimento.

— Parabéns! Acho que se dá os parabéns, certo? — Tracy olhou para John e Rachel, que riram da expressão dela. — Rachel se atrasou porque foi me buscar. É a primeira vez que entro em uma igreja evangélica. Me emocionei! Veja o que você fez, Peter Carlsson! Eu, Tracy, dentro de uma igreja...

— Milagre de Deus! — Rachel disse abraçando a amiga. — Anos de amizade e ela nunca veio comigo. Foi preciso você, Peter, para ajudar Deus a realizar esse milagre.

Vendo John e Tracy de mãos dadas, Peter comentou:

— Rachel, acho que o milagre não sou eu! — Indicou as mãos do casal. — Acho que, no caso da sua amiga, o milagre se chama amor!

Tracy sorriu e, rapidamente, soltou a mão de John, que voltou a segurar a mão da moça. Os quatro ficaram conversando, ocasionalmente interrompidos por alguém que queria abraçar Peter, desejando que Deus o abençoasse na nova caminhada. Nunca tinha sentido tanto amor como naquele dia, nem mesmo quando era um jogador famoso e fazia o seu time ganhar. Era um amor diferente e tão intenso!

Naquele dia fizeram um almoço especial na clínica, para que todos pudessem participar. Thomas e Joseph, em momento nenhum, deixaram Peter sozinho; grudados nele, arrancavam sorrisos do jogador. A cena chamou a atenção de Rachel e Tracy, que se entreolharam e sorriram ao ver os três juntos, como uma família.

CAP. 57

MEU PAI

Na entrada da clínica, um homem com cara de poucos amigos aguardava a liberação da sua entrada. Vestia um terno preto, com camisa branca e gravata vermelha; aparentava ter pouco mais de cinquenta anos. Impaciente, olhava para o relógio de ouro. Carl era um dos melhores advogados de Seattle. Todos os seus clientes eram grandes celebridades e seu

escritório era um dos mais prestigiados em todo o estado. Estava acostumado a que os outros esperassem por ele, nunca o contrário.

Quando Peter chegou ao saguão, sorriu ao ver seu advogado. Sabia o quanto ele detestava esperar.

— Espero que não tenha demorado muito, Carl! — Peter brincou.

Desde o acidente, Peter era um de seus melhores clientes. Fora contratado para cuidar dos interesses do jogador e de seus negócios. O último pedido que o rapaz fizera foi estranho, mas não discutia as decisões de seus clientes. Afinal, era muito bem pago para fazer com que seus desejos fossem realizados, não para questionar.

— Trouxe tudo o que eu pedi? — O jogador estava impaciente.

— Claro, Peter. Já falou com eles sobre esse assunto? — O advogado estava sério.

— Eles vão saber agora. Pedi para se reunirem no escritório da Dra. Rachel. Acha que vamos ter algum problema em conseguir essa autorização? — Peter temia a resposta.

— Impossível. Quem se atreveria a ir contra Peter Carlsson e o melhor escritório de advogados da cidade? Peter, pode contar como aceito! — O homem era confiante até os limites da arrogância e Peter gostava disso.

As recepcionistas entregaram o crachá para o advogado, que aceitou sem agradecer, e passou pela segurança sem cumprimentar o funcionário, que bateu no ombro de Peter. Em silêncio, os dois percorreram os corredores. Carl se sentia pouco à vontade naquele ambiente.

No escritório de Rachel, além dela estavam Ronald, Pastor Philip e o pequeno Thomas em sua cadeira.

Ronald estranhou a presença do advogado. Rachel já conhecia o homem e estranhou um profissional daquele porte em sua clínica. Thomas, desconfiado, olhava de Peter para o homem estranho.

— Carl, bom te ver! — Ronald cumprimentou. — Peter, o que o seu advogado faz aqui?

— Pastor Phillip e Dra. Rachel, esse é o meu advogado. Eu pedi esta reunião com vocês para informar uma decisão importante! — O silêncio na sala era

constrangedor.

— Posso ir embora? — Thomas não entendia o motivo de estar ali.

Se aproximando do garoto, Peter colocou a mão em sua perna e respondeu:

— Não. A conversa que vamos ter aqui diz respeito a você! — Thomas olhou para todos e de volta para Peter sem entender nada. — Pastor Phillip, eu sei que Thomas não tem nenhum parente responsável por ele.

O Pastor confirmou sorrindo. Os demais estavam surpresos, somente o advogado sabia do que se tratava a decisão a ser anunciada. Rachel olhava assustada e Ronald curioso.

— Thomas, você gostaria de ter uma nova família? — O menino olhou para todos mais uma vez e encolheu os ombros. Peter esperou que ele falasse.

— Bem, eu sinto que todos aqui na clínica são a minha família! Todos gostam de mim... — O menino não sabia muito bem o que responder.

— Quando eu digo família, quero dizer um avô, um pai! — Os olhos de Ronald se abriram em espanto e Rachel colocou a mão na boca para esconder a surpresa — Uma casa sua, um quarto somente seu. Uma vida diferente!

Thomas baixou os olhos e seu sorriso desapareceu. Todos aguardavam a resposta do menino. Com os olhos marejados e segurando o choro, ele falou:

— Peter, vamos ser realistas! Eu sou negro e estou preso a uma cadeira de rodas. Quem iria querer cuidar de mim? Eu vivia no Instituto do Pastor Phillip... — O menino olhou para o Pastor e voltou a olhar para Peter. — Todos os meninos e meninas iam embora, porque eram normais. Ninguém nunca olhava para mim. Eu sei que sou uma responsabilidade grande, mas quem sabe um dia!

O garoto forçou um sorriso.

— E se eu dissesse que alguém quer cuidar de você? Você aceitaria? — Peter perguntou, acariciando o cabelo do menino.

— Eu vou poder ver você? — Ele esperou a confirmação e olhou para o Pastor e para Rachel, que chorava emocionada.

— Sim, você vai poder me ver! Sempre... — Peter engoliu a emoção.

O advogado entregou uma pasta ao jogador e Peter a entregou para Thomas, que aceitou sem entender.

— Nessa pasta está o nome da pessoa que quer cuidar de você como filho! — Peter fez sinal para o menino abrir a pasta.

Ronald passou a mão no rosto, aturdido com a conversa. Ele não fazia ideia das decisões do rapaz. Estava emocionado ao ver a transformação do filho.

Quando Thomas abriu a pasta, havia muitas letras, um texto enorme e um nome que chamou a sua atenção: “Peter Carlsson”. Na sua frente estava um pedido de adoção. O jogador pretendia se tornar pai de Thomas, de acordo com a lei. O menino não tinha certeza do que estava vendo.

— Entendeu? — Peter perguntou e o garoto disse que não. — Thomas, eu quero ser seu pai. Preciso saber se você aceita.

— Meu pai? — O menino não podia acreditar.

— Thomas, eu quero cuidar de você, como o meu pai cuidou de mim! — Olhou para Ronald que, emocionado, anuiu, aceitando a decisão do filho. — Desde que eu entrei nesta clínica, você se tornou o meu melhor amigo, companheiro, parceiro e, acima de tudo, não se importa quando eu fico de mau humor. Quem faz isso por um cara como eu? Alguém especial, ou um filho. Por que não tornar isso legal? Mas eu só vou fazer isso mediante a sua resposta!

— Meu pai? — Ele repetiu e Peter confirmou.

Thomas olhou para o Pastor Phillip, que dizia “Glória a Deus!”. Rachel enxugava as lágrimas; tocada por uma das cenas mais bonitas que tinha presenciado. Ronald sorria e chorava ao mesmo tempo. O advogado mantinha a mesma cara séria. O menino olhou para Peter e saltou da sua cadeira em direção ao colo de jogador, que o segurou.

— Eu vou poder chamar você de pai? Vamos ter uma casa? Eu vou poder ter um cachorro? — Thomas tinha muitas questões.

— Essa é a ideia! — Peter sorria.

Thomas chegou perto do ouvido do jogador e sussurrou baixinho:

— A Dra. Rachel pode ser a minha mãe? Ela não tem marido!

Todos ouviram a ideia de Thomas. Os dois ficaram sem graça e se entreolharam.

— Eu vou ser seu pai e Ronald seu avô! Aceita?

Thomas sorriu e acenou com a cabeça dizendo que sim. Os dois se abraçaram. Peter estava feliz por poder manter junto aquela criança especial junto de si. O amor que sentia por aquele menino era maior do que tudo que já tinha sentido na vida. O amor sincero do menino era algo que ele jamais tinha experimentado.

Todos estavam emocionados com a situação e o sentimento foi ampliado quando Peter assinou os documentos para iniciar o processo de adoção. Agora ele tinha um motivo para viver e lutar. Peter Carlsson, o famoso jogador de futebol, era pai de uma criança muito especial.

Rachel viu como ele tinha mudado, dando lugar a uma pessoa muito melhor, capaz de surpreendê-la de maneira positiva.

CAP.58

MACABRO

O telefone tocou no apartamento de Peter, um barulho estridente no silêncio da noite. Faltavam poucos minutos para duas da manhã. Uma ligação naquele horário deveria ser urgente. Ronald pensou que poderia ser alguma coisa com Peter atendeu rapidamente. Ele ouviu gritos e demorou a entender o que se passava, sendo tomado pela aflição.

— Quem é? — Gritou ele, esperando uma resposta.

— Ele atendeu! — Alguém nervoso falou. — Sr. Ronald Carlsson? Aqui é o chefe de polícia. Estamos ligando porque aconteceu um incidente grave em sua casa. Precisamos que o senhor venha o mais rápido possível.

— Na minha casa? Desculpe, não entendi. Minha ex-mulher... — Ronald foi interrompido.

— Lamento, mas a Sra. Brigitte Carlsson não está em condições de responder. Por isso precisamos da sua presença! — Informou o policial.

— Eu estou em Seattle. Devo demorar cerca de uma hora! — Disse Ronald percebendo que o assunto era sério.

A frente da casa dos Carlsson parecia uma autêntica cena de filme de ação. Bombeiros, Policiais e a vizinhança reunida na rua admirando tudo. Em outros tempos, a casa mais imponente da região era lembrada por suas festas glamorosas. O cenário agora era outro. Uma parte da casa tinha as enormes vidraças quebradas e cortinas queimadas. As paredes externas chamuscadas anunciavam que tinha acontecido um incêndio de grandes proporções.

Quando Ronald chegou, as empregadas estavam sendo atendidas por paramédicos nas ambulâncias. Sua preocupação foi aumentando na medida em que visualizava o que havia ao seu redor. Uma das empregadas sentada com uma máscara de oxigênio. Imediatamente, ele se dirigiu para a mulher.

— Está tudo bem com você, Mary? — Ele estava muito preocupado.

— Graças a Deus, agora está, Sr. Ronald! Pensei que ia morrer lá dentro...

A mulher começou a chorar ao lembrar-se do que tinha vivido. Ronald estava espantado e não entendia o que tinha acontecido ali. Até que Mary explicou.

— D. Brigitte ficou doida. Começou a beber, quebrou algumas obras de arte, vidros. Depois que o senhor saiu a casa virou um campo de guerra. Ontem à noite ela nos trancou no quarto, colocou uma música muito alta e dizia: “Eu vou embora, mas não vou sozinha!”.

Ronald não queria acreditar no que ouvia. Por muitos anos ele conseguira controlar a fúria da mulher. A empregada continuou falando.

— Ela gritava que não aceitava ser largada pelo senhor; que ia deixar a morte dela e a nossa, na sua consciência. Começamos a sentir cheiro de fumaça e nos desesperamos. D. Brigitte colocou fogo na casa para se matar! — A pobre mulher chorava ao se lembrar dos momentos de pânico daquela noite.

O policial tocou no ombro de Ronald e percebeu que ele já sabia do ocorrido. A incredulidade estava estampada no rosto do empresário. Não aceitava o que acabara de ouvir. Tentava digerir a situação quando olhou para o policial e viu Brigitte sendo retirada da casa. Ela estava amarrada a uma maca e muito agitada, mesmo após ter sido medicada com tranquilizantes.

— Sinto muito, Sr. Carlsson! Estamos levando sua esposa para uma clínica. Tivemos que chamar uma equipe especializada. Ela tentou se matar e

assassinar as empregadas. Por sorte, a tragédia não foi maior. — O policial não se sentia confortável ao relatar o caso.

— Meu Deus! Alguma das moças que trabalhavam na casa corre algum risco? — Perguntou o empresário.

— Não. Por sorte chegamos a tempo. Mas todas deverão ser examinadas no hospital.

— E ela? — Ronald apontava para a ex-mulher, gritando em cima da maca.

— Você voltou? — Começou a rir de forma histérica. — Eu coloquei fogo no nosso ninho de amor! Pena que não estávamos juntos para ver o espetáculo das chamas consumindo tudo. Estava tudo tão lindo e você ia adorar ver o fogo dançando a minha volta. Era tão romântico. Você ia gostar! Voltou para mim? Manda eles me soltarem, Ronald. Manda... MANDAAAAAAAAAAAAAAA!

O grito era horripilante, como se sua voz estivesse alterada. Ou talvez revelasse o que sempre tinha existido dentro dela. Os olhos dela sempre estiveram carregados de ódio, raiva e sentimentos negativos, capazes de tudo. Ronald passou a mão no rosto, envergonhado por tudo aquilo. Triste por ver a casa de seus pais destruída, sob os olhares dos vizinhos.

Acompanhado pelo policial, entrou na casa. Ali o espetáculo era ainda mais deprimente: paredes pintadas de vermelho, quadros destruídos por facas, estilhaços de vidros por onde colocasse os pés, tudo destruído.

— Uma mulher sozinha fez tudo isso? — Perguntou incrédulo.

O policial afirmou que, em tantos anos de serviço, e mesmo atendendo chamados em lugares precários e problemáticos, nunca tinha visto nada naquelas proporções. Na sala tudo estava preto por conta da fumaça do incêndio. Tudo estava destruído, mas uma das paredes, pintada de vermelho, chamava a atenção dizendo pela mensagem: “Peter e Ronald, vemo-nos no inferno!”

Ronald, chocado, mal conseguia acreditar no ódio que a mulher lhes dirigia.

— Isso não é nada! — O policial disse, diante do espanto do empresário.

— Como assim? Existe alguma coisa pior? — Recebeu a confirmação.

— Sua esposa fez coisas sem explicação. Ela envenenou todos os cães da casa e tentou fazer o mesmo com as empregadas. Toda a casa está assim! Mas o mais macabro é um quarto no térreo! — Ronald estava assustado de verdade.

— O quarto de Peter? — Ele se dirigiu ao quarto do filho.

Ao abrir a porta, Ronald se deparou com uma cena realmente macabra. Sobre a cama havia um corpo feito de cera, amarrado na cintura. Enormes agulhas estavam cravadas no boneco. Galinhas mortas e sangue espalhado pelo chão, velas e outros objetos. Ronald não queria acreditar no que via. O cheiro que o lugar exalava lhe provocou ânsias e ele correu para o banheiro.

— Sinto muito, Sr. Ronald!

O policial era sincero. Ronald era um empresário respeitado e, agora, tinha sua vida exposta daquela forma brutal. Ninguém imaginaria o que acontecia na casa perfeita dos Carlsson. O homem mais rico da cidade havia casado com uma mulher maligna, cheia de ódio e rancor, capaz de atear fogo na própria casa e praticar bruxaria pesada. Há quanto tempo aquilo acontecia sob o seu teto? Ronald tinha medo daquela resposta.

Deus os guardara e protegera da fúria daquela mulher atormentada.

CAP. 59

TE PERDOO

Não conseguia acreditar em tudo que acabara de ouvir. Era uma loucura muito grande. Imaginar a mulher elegante e sofisticada colocando fogo na casa, matando animais, tentando assassinar as empregadas, praticando bruxaria. Era muita informação para Rachel conseguir processar de uma vez só. Leona contara tudo e Ronald pedira para avisar Peter sobre o fato.

Naquele horário, ele estaria na fisioterapia. Precisava contar a ele, mas como dar uma notícia daquelas? Pensando em como fazer isso, a médica saiu de seu escritório. As palavras de Leona se repetiam na cabeça de Rachel. “Como uma mulher que vai à igreja faz bruxaria para o próprio filho? Ok, Peter não é filho dela. Mas bruxaria?” Se outra pessoa tivesse lhe contado, ela não acreditaria.

Peter se exercitava em um dos aparelhos monitorado por John e pelo técnico responsável. Ela respirou fundo e abriu a porta. O jogador sorriu ao vê-la chegando. A médica cumprimentou a todos e se aproximou do rapaz.

— Paz do nosso Deus! — Ele saudou-a.

— Amém. Peter, preciso falar com você! — Ele percebeu que o assunto era sério. — Seu pai teve que viajar para resolver uma situação.

— Que situação? Por que ele não ligou avisando? — Peter não entendeu.

— Aconteceu um acidente na sua casa e ele teve que ir ajudar a sua mãe. Quero dizer, Brigitte! — A expressão do rapaz se alterou.

— Rachel, o que realmente aconteceu? — Ele estava nervoso.

A médica respirou fundo e contou o que tinha acontecido.

— A Brigitte colocou fogo na casa! — Tentou minimizar e evitar os detalhes.

— Fogo? E o meu pai foi até lá por conta de um fogo? — Peter notou que havia mais naquela história. — Rachel, o que mais aconteceu?

Com medo de contar tudo ela tentou disfarçar.

— Minha mãe que ligou contando e seu pai pediu para te avisar! — Ela não gostava de omitir nada.

Peter sentou na cadeira e John encarava os dois, também notando que existia algo mais que a médica não tinha contado.

— John, prepare o carro! Vou ver o que realmente aconteceu. — Existia muito mais coisas que o nervosismo de Rachel demonstrava, Peter tinha a certeza.

— Você não precisa ir! — Rachel falou, colocando a mão no ombro dele.

— Preciso sim, principalmente quando sei que você está escondendo alguma coisa! — Ele se movimentou em direção à saída.

Rachel fechou os olhos, respirou fundo e contou:

— A Brigitte foi internada numa clínica, ela surtou! — O coração de Rachel disparava ao revelar a verdade. — Ela tentou matar as empregadas, envenenou os cachorros, destruiu a casa toda, colocou fogo e...

Com medo da reação dele, Rachel se freou na parte da bruxaria.

— E? Rachel, que mais ela fez? — Ele estava assustado com o que ela já contara.

— Ela estava fazendo... Peter, ela está doente!

— O que mais ela fez? — Ele insistiu.

Rachel fechou os olhos, respirou fundo e soltou:

— Bruxaria para destruir você!

Ele não queria acreditar naquilo. Saiu da sala e foi para o quarto, seguido por John que também estava assustado com toda a história. Rachel correu atrás deles no corredor e gritou:

— Aonde você vai? — Ela tinha medo do que Peter pudesse fazer.

— Ajudar o meu pai! — Ele gritou de volta, sem parar.

— Eu vou com vocês!

O silêncio no carro durou toda a viagem. Perdido em pensamentos, Peter observava a estrada. Ele realmente não conhecia aquela mulher, nem sabia do que ela era capaz. Incendiar uma casa, envenenar cachorros e tentar matar as empregadas, eram coisas horríveis. Mexer com bruxaria, era algo impensável. Mesmo quando ele não tinha princípios, jamais participaria das

coisas que Brigitte, a puritana filantropa, fazia quando ninguém estava vendo. Ela devia estar muito louca para fazer coisas assim. Ou, talvez ela sempre tenha sido louca e eles nunca perceberam.

No banco de trás, Rachel observava Peter com atenção. Ronald mandara mensagem com endereço da clínica onde internaram Brigitte. John reconheceu o lugar como sendo uma instituição para pessoas com problemas mentais sérios. Quando cruzaram os portões da clínica, Peter e Rachel reconheceram o lugar e se entreolharam assustados. Apesar do frio, Ronald os esperava no estacionamento.

— Filho, não precisava ter vindo! — Ele estava com a expressão abatida.

— Pai, o que aconteceu? Como ela está? — As perguntas martelavam a cabeça do rapaz.

— Eu tive medo do que vi! Acho que ela sempre foi assim e eu nunca percebi porque estava sempre longe dela. Nunca a conheci de verdade. — Ronald se sentia culpado pelo que acontecera.

— Eu quero vê-la! — Peter surpreendeu a todos.

— Peter, é melhor não! — Rachel temia um confronto entre os dois.

— É melhor não, Peter... — Ronald também tentava demover o filho da ideia.

— Pai, eu vim para falar com ela! — Havia autoridade na voz do rapaz.

Os quatro entraram no hospital. Ronald, Rachel e John estavam aflitos pelo que poderia acontecer. Como Peter não mudaria de ideia, Ronald conversou com o médico responsável pelo caso. Vendo o rapaz acompanhado de médica e enfermeiro, além da cadeira de rodas, ele arranhou a visita, acreditando que a presença do filho acalmaria a mulher.

Eles receberam uma autorização especial para ver a paciente. Foram informados de que os calmantes não estavam fazendo efeito e que o nível de violência da mulher estava aumentando. Pararam diante de uma porta de onde escapavam gritos que eram medonhos. O médico permitiu a passagem de Peter.

Amarrada na cama, Brigitte se debatia violentamente. Ronald. Peter, Rachel e John foram acompanhados pelo médico e mais uma enfermeira. Ao ver o grupo, Brigitte parou com o espetáculo deplorável. A respiração de

estabilizou e, com certa dificuldade, ela levantou a cabeça e sorriu.

— Olá, Brigitte! — Peter encarava a mulher.

— Peter, meu filho! — Ela soltou uma gargalhada horripilante e deixou todos apreensivos. — Vieram com tanta luz para quê? Salvar?

As gargalhadas ecoavam pelo quarto e corredores do hospital. Entendendo o que acontecia, Rachel clamou a Deus. John e Ronald temeram e Peter ficou parado, encarando-a.

— Não tem medo de mim, Peter? — A pergunta era uma provocação e Peter não respondeu. — É verdade, agora você entrou no caminho que Deus queria para você! Passou a acreditar em Deus. Eu sei que perdi essa batalha, Peter Carlsson. Mas não vou desistir, não vou!

O médico não fazia ideia do que estava acontecendo. Rachel clamava a Deus por proteção; John e Ronald se juntaram a ela naquele clamor. Peter permanecia calado e encarando a mulher.

— Parem com isso! Essa luz me machuca! — Ela reclamou com a voz alterada. Encarando Peter outra vez, falou: — Eu sabia dos planos de Deus, por isso tentei destruir você. Primeiro, dando liberdade para se perder; depois, dando glória e fama, para se deslumbrar; coloquei aquela mulher fútil no seu caminho para ela ajudar a te destruir. Eu tentei acabar com a tua vida quando te obriguei a fazer mal a essa aí!

Brigitte se dirigiu a Rachel com desdém e ódio nos olhos.

— Mas nada funcionava. Bruxaria não deu certo! Nada deu certo! Quando fiz o trabalho para o acidente, era para você ter morrido! — O corpo de Brigitte saltou com muita violência, tentando se soltar das amarras. — E você sobreviveu. A bebida não te destruiu também. Até que esse enfermeiro apareceu e te colocou naquela maldita clínica. Você se arrependeu e deixou Cristo entrar no seu coração. Sei que perdi e que tudo o que estava decretado vai acontecer.

O choque diante das revelações atingiu a todos eles. Ronald sentiu ódio ao perceber que os acontecimentos na vida do filho estavam ligados a algo muito mais profundo do que ele imaginava. Era culpa sua por ter continuado casado com aquele monstro.

— Sim, eu sou um monstro, Ronald! Pior que um monstro... — Um riso

assustador saiu dela. — Eu separei você daquela maldita negra e fiz da sua vida um inferno. Matei a mãe dele na esperança dele morrer junto. Quando vi que tinha perdido, precisei fazer algo grandioso. Você não vai falar nada, Peter Carlsson. Ou prefere que eu te chame de “Servo de Deus”?

Peter se aproximou de Brigitte. Iam impedi-lo, mas Rachel fez sinal para deixá-lo fazer o que tinha vontade. O rapaz colocou a mão sobre a cabeça de Brigitte, que gritou como se uma dor dilacerante invadissem o seu corpo. Todos se arrepiaram com os gritos dela. Sorrindo com muita paz, o jogador falou:

— Eu te perdoo! — A mulher parou de gritar e arregalou os olhos. Peter sorriu, com uma expressão de paz. — Não a você espírito. Mas a essa pobre mulher atormentada, que se deixou seduzir pelo mal, sem entender que a salvação de Deus, e o bem, é o melhor caminho para a felicidade. Eu perdoo!

Em seguida, o rapaz se virou e saiu do quarto. Brigitte ficou calada, olhando para Peter. Rachel sorriu ao ver que o jogador tinha se tornado alguém muito diferente e falou alto “Glória a Deus!”. Instantaneamente, Brigitte voltou a ser possuída.

O grupo deixou a clínica em silêncio. Todos haviam presenciado a mudança em Peter e vislumbram um plano especial para a vida dele, feito por Deus.

CAP. 60

A RECUPERAÇÃO

A sala de cirurgia estava cheia de profissionais. Rachel mal acreditava que tinha finalizado outra cirurgia com aproveitamento tão bom. Agora era apenas uma questão de tempo. Todos tinham esperanças de, dentro de alguns meses, começar a ver os resultados da recuperação de Peter. Em pacientes

com históricos distintos, as melhoras eram impressionantes e a equipe esperava o mesmo para o jogador. Desenvolvimentos positivos dariam confiança e aumentaria a esperança de outros cadeirantes.

Peter ainda estava inconsciente pela anestesia. Rachel se aproximou e sussurrou: “Parabéns, campeão. Correu tudo muito bem!”. Ela sorriu e olhou bem para Peter, com admiração.

— Parabéns, Rachel. Outra cirurgia fantástica! — Disse um dos médicos de sua equipe.

— Mais uma vez, Deus guiou as nossas mãos! — Ela respondeu sorrindo.

A médica saiu da sala sendo aplaudida. Ela respirava aliviada, satisfeita com o resultado do procedimento e sentindo que havia cumprido sua missão. Na sala de espera, o grupo aguardava notícias. Ronald e Leona conversavam de mãos dadas. Tracy, de olhos fechados, estava com a cabeça apoiada no ombro de John. Rachel sorriu para eles.

— Como está o Peter? Posso vê-lo? — Ronald perguntou, nervoso, se aproximando da médica e sendo seguido pelos demais.

— Peter está bem. A cirurgia foi um sucesso. E ele ainda está na sala de recuperação! Tenham só mais um pouco de paciência e logo poderão vê-lo. Ronald, fique tranquilo. Seu filho está bem. — Disse a médica, tranquilizando a todos.

4 MESES DEPOIS

O tempo passava e as coisas começavam a se ajustar e ganhar sentido. A casa nova era perfeita para eles, não havia qualquer barreira que os impedisse de circular pelo lugar. Tudo fora pensado e preparado nos mínimos detalhes. Ronald, Peter e Thomas formaram uma verdadeira família.

A casa dos Carlsson era moderna e chamava a atenção. Localizada em um dos bairros nobres de Seattle, era ocupada há apenas 2 meses. Agora, viviam relativamente perto dos O’Connor.

Ronald e Leona retomaram o relacionamento interrompido no passado e viviam um amor maduro, tanto pela idade quando pelos sentimentos, que foram provados de várias maneiras.

Peter era um novo homem e seguia caminhos antes impensáveis para ele. O rapaz se dedicava a três coisas: sua recuperação, passar um tempo junto com o Pastor Philip e a cuidar do seu filho.

A adoção de Thomas foi rápida graças aos conhecimentos do Pastor, as amizades do Senador e, claro, a condição financeira dos Carlsson.

John continuava a cuidar de Peter. Mas havia assumido o romance com Tracy e, quase sempre, ficava no apartamento da namorada. Isso fazia com que Peter ficasse cada vez mais independente.

— Bom dia! — John cumprimentou ao entrar na cozinha.

Ronald lia o jornal. Peter colocava algumas coisas para o café da manhã sobre a mesa. E Thomas estava focado na tigela de cereais. Eram uma família feliz, tranquila e cheia de paz.

— Já? — Peter olhava para o relógio.

— Hoje você tem fisioterapia na clínica e consulta com a Rachel! — O enfermeiro piscou para o jogador.

— Sim, mas é bem mais tarde! — Conferindo o horário novamente, ele falou com Thomas. — Apresse-se que daqui a pouco o carro passa para te levar até a escola.

Sem tirar os olhos da tigela o menino emitiu um som de confirmação.

— John, precisamos da sua ajuda com a nova empregada. Ela precisa saber como funcionam as coisas numa casa com cadeirantes. Leona deu ótimas referências, mas ainda preciso de você. — Disse Ronald, dobrando o jornal.

— Sem problema, Sr. Carlsson! — O enfermeiro sentou e encarou Peter. — Já contou sua decisão para Rachel?

Todos pararam o que estavam fazendo e ficaram observando a reação de Peter. O rapaz respirou fundo, engoliu em seco e respondeu:

— Ainda não. Vou contar na consulta de hoje. Não sei se ela vai entender ou aceitar, como minha médica! — Ele tomou um gole de café e respirou. — Mas a decisão já foi tomada.

— Vai dar tudo certo, pai! Acredite que ela vai entender ou, pelo menos, aceitar. — Thomas encorajou-o, abrindo o seu enorme e cativante sorriso.

— É verdade! Meu filho e meu pai aceitaram sem reclamar! — Peter brincou,

acariciando o menino. — Anda logo, você está atrasado!

Thomas limpou a boca, abraçou Ronald e, carinhosamente, beijou Peter, deixando os três homens sozinhos na cozinha.

— Peter, sua recuperação está sendo fantástica. Como seu enfermeiro e cuidador, não acho que seja uma decisão correta porque pode atrapalhar o tratamento. Como seu amigo, acho que faz muito bem, já que é isso que deseja! — John bateu no ombro do amigo sorrindo e mostrando seu apoio.

— Obrigado, John! Vou precisar da sua ajuda para convencer a Dra. Rachel e sei que não vai ser fácil. — Estava preocupado com a reação da médica.

No horário marcado, Peter e John aguardavam, na sala de Rachel, pelo seu parecer. Em silêncio, a médica observava os relatórios da recuperação de Peter, apenas acenando com a cabeça. Mantinha um ar de satisfação, constatando que tudo estava dentro do cronograma.

— Muito bem, Peter. Os resultados estão muito bons! — A médica pediu para ele deitar, colocou as luvas e se preparou para fazer alguns exames.

John ajudou Peter a se acomodar. Os dois se entreolhavam tentando identificar o melhor momento para o jogador informar a médica sobre sua decisão.

Rachel testava o aumento da sensibilidade nas pernas do rapaz. Aos poucos, desde a cirurgia, ele tinha começado a sentir alguns estímulos e isso era muito encorajador. Quando Peter sentia alguma coisa, fazia sinal. A cada sinal, a médica soltava um sorriso de satisfação. Depois do teste com o metal, ela pegou o estimulante elétrico. Os resultados eram cada vez mais animadores.

— Parabéns, Peter! No relatório de fisioterapia, e segundo o John, você começou a ter alguns movimentos nos pés. Eu quero ver isso! — Rachel olhava nos olhos dele.

Enquanto olhava para os pés do jogador, ele se esforçava como se estivesse fazendo musculação. Era muito cansativo e exigia concentração. Em alguns minutos, ele conseguiu mexer o pé direito, arrancando um sorriso da médica.

— É isso mesmo, Peter. Entretanto, você precisava tentar fazer isso de forma

natural. Seu cérebro precisa reaprender a usar essa musculatura sem tanto esforço! — Rachel tocou nos dedos e espetou um deles e Peter reagiu imediatamente. — Isso mesmo. Essa reação mostra que seu cérebro reassumiu o controle das partes inertes do seu corpo.

— É, Rachel. Meu corpo está começando a reagir. Assim como eu estou reagindo para a vida e quero informar uma decisão minha! — John respirou fundo porque sabia que a conversa não seria fácil. Rachel olhava sem entender o que ele queria dizer. — Eu vou me ausentar Seattle por alguns meses!

Rachel só olhava para ele e o jogador continuou:

— Eu vou para Boston, estudar Teologia e fazer um curso na Igreja local! — A expressão de Rachel era de confusão. — Conversei com o Pastor Phillip e ele me ajudou a decidir. Boston tem um dos maiores centros de formação para evangélicos e eu estou indo para lá na semana que vem.

— Como assim? — Rachel estava atônita com o que tinha acabado de ouvir. — E o seu tratamento e acompanhamento médico e... Boston?

— Sim, Boston! Quanto ao tratamento, John conseguiu uma clínica e um médico para me acompanhar. Além de informá-la, eu queria agradecer.

Peter fez um sinal e John saiu da sala, deixando os dois sozinhos. Rachel ainda estava confusa pelo que tinha acabado de escutar.

— Você não pode abandonar o tratamento assim... — Ela estava espantada. Peter ia embora da sua vida.

— Eu não vou abandonar o tratamento, só vou mudar o lugar. — Ele sorria com tranquilidade.

— Agora que está começando a se recuperar e se aproximando de seu sonho de voltar a andar? — Rachel argumentava enquanto tentava assimilar a informação.

— O meu sonho? Sim, há alguns meses eu sonhava com isso. Hoje os meus sonhos caminham em outra direção. Antes eu andava pela minha vontade; hoje, percorro os desígnios de Deus! — O jogador sorria, muito seguro do que estava fazendo.

— Vai embora assim? Mesmo se eu não concordar? Suas palavras não são de quem veio pedir autorização. — O choque de Rachel era surpreendente.

— Tem razão. Estou apenas informando! Rachel, eu acho que essa é a minha missão. Não importa se vou cumpri-la sobre minhas pernas ou sobre rodas, o importante é que eu a cumpra! — Peter tocou as mãos de Rachel e sorriu. — Eu vim me despedir, agradecer e dizer que você viu o seu milagre!

Os olhos de Rachel se encheram de lágrimas. Ele, carinhosamente, limpou uma delas, que teimava e deslizar pelo rosto da médica.

— Há muito tempo, nós ouvimos que, um dia, você presenciaria um milagre. A promessa demorou mais de quinze anos para chegar. Em alguns momentos de nossas vidas, estávamos longe de imaginar como seria esse milagre! — Peter deslizou suas mãos sobre o rosto de Rachel, gesto que seria repudiado algum tempo atrás, mas que, agora, ela aceitava. — Quem diria que o rapaz arrogante, que pensava que o mundo se dobrava diante dele e cometeu a maior barbaridade com uma mulher maravilhosa, a única que o amou de verdade, seria a sua promessa de um milagre? Eu, Peter Carlsson, que não queria saber de Deus e nem acreditava que Ele existisse, mudei da água para o vinho. Ambos sabemos que isso aconteceu porque Deus desejou. Quando Ele deseja e determina, acontece; se não em meio a risos, em meio a lágrimas. Em meu choro e desespero, para que a vontade de Deus fosse cumprida, Deus colocou John, meu pai, Thomas, Pastor Phillip e, em especial, você na minha vida. Mas agora eu tenho que continuar esse caminho.

A declaração fez Rachel cair em prantos. Sabia que, no fundo, ele tinha razão. Peter Carlsson era, realmente, o milagre que ela presenciara. Ele era o milagre que Deus lhe prometera. As provações tinham guiado aquele homem à transformação. Com as lágrimas rolando, a médica meneou afirmativamente, autorizando e aceitando a decisão que ele tomara.

— Obrigado por tudo, Rachel. Por ter me perdoado e por ser a pessoa designada por Deus para ver o milagre na minha vida! Para muitos, o milagre seria eu voltar a andar. Para mim, o milagre foi Deus ter me perdoado e, mesmo assim, ter elaborado o plano para salvar a minha alma! Agora, tudo o que eu fizer para Deus ainda será pouco para agradecer o que recebi! — O semblante de Peter estava diferente; ele transmitia paz, alegria e esperança, assim como o som de sua voz.

Rachel chorava copiosamente e ele a abraçou. Os dois ficaram assim,

um nos braços do outro. Ela chorava por acreditar que ele era, realmente, sua promessa de um milagre. E porque, mais uma vez, perdia o homem que amava. O homem que nunca deixará de amar, mesmo sem querer admitir!

Peter sabia que aquele encontro colocava um ponto final entre os dois, e que precisavam seguir com suas vidas. Cada um ajudaria o próximo à sua maneira.

Milagres acontecem, diariamente, na vida das pessoas. Mas apenas alguns têm o poder de entender isso. Peter e Rachel foram o milagre um do outro.

CAP. 61

UM DESABAFO

A vida voltava ao seu ritmo normal. Clínica, hospital, família e, mesmo assim, Rachel continuava pensando em Peter. O almoço semanal das amigas era hoje. No restaurante, a médica esperava pela amiga. Assim que Tracy atravessou as portas, Rachel acenou para ela, mostrando que tinha conseguido sua mesa habitual.

Nos últimos meses Tracy andava feliz. O namoro com John estava mais forte a cada dia. Os dois faziam planos juntos e, desde que Peter partira, o enfermeiro morava com ela. O relacionamento sério dera uma certa dose de tranquilidade para a pediatra, isso era visível.

— Atrasada como sempre! — Rachel brincou olhando para o relógio.

— É umas das coisas que eu nunca conseguirei corrigir na minha vida! John vive pegando no meu pé, mas eu sou assim, e nada vai me fazer mudar. — Ela declarou e soltou uma sonora gargalhada.

— Concordo com você! Quem diria que a minha amiga Tracy iria sossegar? Deus ouviu as minhas orações... — Era a vez de Rachel rir com vontade.

Durante anos Rachel aconselhou a amiga a arrumar alguém para ficar ao seu lado. Ultimamente, Tracy passara a acompanhar John nas reuniões da igreja. Falar de Deus já não era uma coisa abstrata, especialmente quando falavam sobre como Ele pode mudar a vida de uma pessoa. Já não havia descaso ou dúvida sobre isso, pois ela havia presenciado algo do gênero.

— Ele vem para o casamento do pai! — Tracy queria ver a reação da amiga.

Rachel ficou séria. A emoção começou a aflorar. Oito meses se passaram desde que se viram pela última vez. Ainda se lembrava de cada palavra que ouvira no dia que Peter se despediu dela.

— Como ele está? — Curiosa, Rachel perguntou.

Desde que ele partira, não perguntara sobre ele para sua mãe. Sempre que alguém mencionava Peter Carlsson, ela mudava de assunto. Tracy era a única pessoa que conhecia seus sentimentos e com quem podia conversar sobre o jogador.

Mas ele não era mais um jogador. Peter se tornara um excelente palestrante. Ele passava pelas igrejas falando sobre como Deus podia mudar as vidas das pessoas. Na verdade, ele era um missionário, levando a Palavra de Deus por todo o território dos Estados Unidos da América. No meio evangélico, sua palestra “Deus: Mudando Vidas” era a mais procurada. Sua experiência pessoal era inspiradora para muitos.

— Ele está bem. John fala com ele com muita frequência! Semana passada ele estava na Califórnia. Peter Carlsson falando de Deus. Surpreendente! — Tracy sorriu pensando em tudo o que ouvira falar sobre ele e o que o rapaz

tinha passado.

— É, realmente surpreendente! Quer dizer que ele vem para o casamento do pai? — Rachel estava surpresa por Leona não ter contado.

— Sim, mas ele vai fazer uma surpresa ao pai! Se você contar, deixa de ser surpresa. E ainda me arruma problemas com o John. — Tracy fingiu ficar brava. Tocando na mão da amiga, ela perguntou: — Como se sente ao saber que seu grande amor estará aqui?

— Feliz por poder voltar a vê-lo, por saber como sua vida mudou... — Rachel começou a chorar por ter perdido a oportunidade de viver o amor ao lado de Peter.

— Se você tivesse dito o que sente quando ele foi se despedir, ele não teria partido. Mas a poderosa Rachel O'Connor não queria dar o braço a torcer e admitir que ainda amava a sua paixão da juventude. Agora fica aí chorando!

— Apesar do comentário, Tracy sabia que a amiga estava sofrendo.

— Tinha que ser assim. Como ele mesmo disse, ele era a minha promessa de um milagre, nada mais! — Rachel bebeu um gole de água para se recompor.

— Mas ele continua sozinho! — Tracy disse, observando a surpresa da amiga. — Sim, aquele homem deslumbrante continua sozinho. Mesmo naquela cadeira, ele é um pedaço de mau caminho, e a mulherada cai matando. Mas ele não está nem aí.

— Será mesmo? Peter Carlsson, sozinho? — Na memória de Rachel surgiram imagens de como ele era sedutor com todas as mulheres.

— Talvez ele esteja esperando uma famosa médica! — Um sorriso malicioso surgiu no rosto de Tracy. — Você é rica e livre? Eu, em seu lugar, já teria ido atrás dele. Mas a poderosa Rachel nunca correria atrás do seu grande amor. Ele que venha atrás dela! Sabe, você devia correr para ser feliz.

— Tracy, nossas vidas só se cruzaram por um motivo: para que Deus pudesse mudá-lo. Apenas isso! — Rachel mostrava estar conformada.

— Oito meses e você continua pensando nele! Acredito que ele também pensa em você! Acha mesmo que Deus fez tudo isso só para você vê-lo mudando de atitude e comportamento e indo embora? Desculpa, mas eu acredito que Deus é bem melhor do que esse que você acabou de descrever!

— Tracy reclamou.

— Quem diria? Minha amiga Tracy, acreditando em Deus? Isso é um dos resultados do milagre de Deus na vida do Peter. — Rachel disse e sorriu para a amiga.

— Não mude de assunto. Estamos falando de você e Peter. A pergunta que não quer calar é: você vai perder a oportunidade de dizer o que sente? De novo? — Rachel não sabia o que responder.

Por alguns segundos, as duas permaneceram em silêncio, se olhando. Mas a pergunta precisava de uma resposta.

— Deus sabe de todas as coisas. Se for desígnio Dele... — A expressão de Tracy ao ouvir aquilo era de pura frustração.

— Pare de colocar tudo nas mãos de Deus! Ele faz o impossível, mas deixa o possível para nós fazermos! Tudo Deus? Não! É você quem tem de correr atrás da sua felicidade. Deus já abriu o caminho e você tem que caminhar por ele! — Tracy gritou para a amiga.

Todos olharam para as duas mulheres. Rachel ficou espantada com a forma com que Tracy falou. Sabia que a amiga tinha razão, mas o medo de ser rejeitada, ou descobrir que ele já tinha encontrado alguém, fazia com que a médica permanecesse distante. Mas não havia um só dia em que não pensasse em Peter. Como sentia saudade de tê-lo por perto!

Dentro de poucos dias, voltaria a encontrá-lo. Na festa de casamento de seus pais, onde teriam que ficar muito perto um do outro. Quando era jovem, Rachel não escondia o que sentia por ele, mas assumir esse amor depois de tanto tempo era assustador. Ela sabia que este era um assunto que apenas os dois poderiam resolver, não adiantaria deixar nas mãos de Deus e se abster de agir!

CAP. 62

O CASAMENTO

A decoração estava singela e discreta. O ambiente foi preparado com todo o capricho e carinho para o casal. Uma enorme tenda foi colocada no jardim da casa dos O'Connor. A cerimônia seria realizada durante o dia e tudo foi pensado detalhadamente. Havia bancos de madeira pintados de branco para que os convidados pudessem assistir tudo sentados.

Arranjos de flores campestres embelezavam o jardim; um tapete dourado fora colocado no caminho em que os padrinhos e noivos passariam. O altar fora posicionado de forma que os presentes pudessem ver os noivos. Tudo estava muito simples, discreto e elegante, sem nenhum tipo de ostentação.

A tenda da recepção era diferente. Lustres de cristal emprestavam sofisticação. O espaço era demarcado por mesas redondas e cadeiras douradas. Arranjos em enormes vasos de cristal coloriam o ambiente; eram as mesmas flores do ambiente externo, mas com uma pitada de ostentação. A porcelana utilizada era decorada com elegantes desenhos dourados, contrastando com as toalhas brancas das mesas e os copos de cristal.

O *buffet* foi escolhido para surpreender os convidados. O bolo dos noivos se encaixaria lindamente em qualquer revista de casamento; Rachel contratara um confeitiro renomado para confeccionar aquela obra de arte comestível. Tudo deveria estar maravilhoso para Leona.

Quando começaram os preparativos para o casamento, a única coisa que Rachel pediu aos organizadores foi que entregassem a festa perfeita para uma mulher muito especial que se reuniria ao amor após tantos anos.

As pessoas mais importantes de Seattle foram convidadas para

prestigiar o enlace de uma das mulheres mais respeitadas da sociedade local. A mãe da nora do Senador se casaria com um empresário importante e todos queriam compartilhar desse momento especial.

Entre os convidados elegantemente vestidos uma pergunta se repetia: “E Peter Carlsson?” Será que o famoso jogador que ficara paraplégico estaria presente no casamento do pai? Alguns sabiam que Peter proferia palestras sobre como Deus mudara sua vida, e queriam ver a tal mudança com os próprios olhos.

Dentro da mansão, Leona esperava ansiosa. Sentada em uma poltrona, tentava manter o ar sereno, mas seu coração pulsava dentro do peito. Rachel ficou admirando a mãe sem que ela notasse sua presença.

— Sempre que fica nervosa, a senhora se isola. Por isso eu trouxe algo para ajudar a relaxar. — Rachel sorria para a mãe quando lhe entregou um comprimido e um copo com água.

Leona sorriu e tomou o medicamento para agradecer à filha.

— Obrigada! — As mãos trêmulas denunciavam, ainda mais, o nervosismo da mulher.

— Mãe, está tudo certo! A senhora vai se casar com alguém que ama... — Leona acariciou o rosto da filha.

— Sabe, meu amor? Eu sempre amei o Ronald. Com o tempo, amei o seu pai e guardei esse outro amor dentro de mim. A vida permitiu que eu fosse amiga do Ronald, mas eu nunca deixei de amá-lo. — Ela sorria para Rachel.

— Por que a senhora está me contando isso? — A médica não sabia onde a mãe queria chegar.

— Filha, eu esperei mais de trinta anos para viver um amor que eu guardei dentro de mim. Não quero que você cometa o mesmo erro! — Rachel foi para a janela e ficou observando o movimento no jardim. — Eu espero que o Peter venha ao nosso casamento; e que você diga a ele tudo o que sente, aquilo que guardou dentro do coração! Esqueça os erros do passado e seja feliz!

Leona abraçou a filha e, nos braços da mãe, a médica comentou:

— Eu sou feliz!

— Sim, eu sei! Uma médica respeitada, como sempre sonhou. Tem dois

filhos lindos e uma vida de princesa. Você tem tudo o que poderia desejar. Mas, e o amor que esconde dentro do coração? Vai esperar, como eu, mais de trinta anos para vivê-lo? — Colocando a mão sobre o coração da filha, Leona continuou: — Ouça o seu coração e siga o que ele mandar!

Rachel olhou para a mãe, respirou fundo e olhou para o teto do quarto.
— Eu prometi a mim mesma que não ia chorar. Pode parar com isso? Detesto não cumprir minhas promessas! — As duas riram do comentário.
— Como estou? — Perguntou Leona, dando uma volta de 360°.
— Mãe, a senhora está linda! — Rachel abraçou-a novamente.

Leona era uma noiva muito elegante. Seu vestido longo e perolado tinha certa quantidade de brilho na parte superior, na medida certa para a idade dela. O tempo transformou Leona em uma mulher sofisticada e elegante que nunca perdeu a simplicidade dos tempos de juventude.

No jardim, Ronald cumprimentava os convidados, ladeado pelo Senador. De tempos em tempos, olhava para o relógio esperando algo muito importante chegar. Thomas estava posicionado perto do altar e olhava para trás o tempo todo, ansioso para ver a chegada de Peter. Ronald fez sinal para John que foi para perto do noivo.

— Onde ele está? — Ronald estava nervoso.
— Ele mandou uma mensagem dizendo que já está chegando. Por isso... — O enfermeiro indicou o outro lado do jardim.

Peter estava chegando, muito elegante e com um sorriso que atraía olhares. As pessoas pararam para observar o rapaz. Alguns conhecidos vieram cumprimentá-lo enquanto ele se dirigia para perto do pai. Alcançando Thomas, ele abraçou o filho com carinho.

— O vô está nervoso! Como foi a viagem? — Aquele menino era tudo para Peter e todos podiam perceber isso.
— Boa! Na próxima você vai comigo. Deixe-me ir acalmar o noivo. Você está muito bonito! — Peter piscou o olho para o menino.

Peter abraçou o pai. Aquele era um dia muito especial para ele e havia uma surpresa preparada para o empresário. Ele e John conversaram um pouco com Ronald, tentando acalmar os nervos do noivo; em seguida, o Pastor

Phillip se juntou ao grupo, trocando ideias com os homens até que a música começou a tocar.

Na frente, os filhos de Rachel abriam caminho e anunciavam que a noiva estava chegando. Leona apareceu abraçada com a filha. Os olhos de Peter se fixaram na médica, que sorriu ao vê-lo.

Sem que ninguém esperasse, Peter fez um sinal e John segurou sua cadeira de rodas. O rapaz colocou as mãos sobre as pernas e, com algum esforço, colocou-se de pé e deu alguns passos em direção ao pai, colocando a mão no ombro de Ronald, que levou um susto ao ver o filho ao seu lado.

Os dois homens se abraçaram e o pai chorou de felicidade. Leona e Rachel, vendo Peter de pé, começaram a chorar também. O rapaz tinha voltado a andar! Pastor Philip deu um sonoro “Glória a Deus”.

O filho disse alguma coisa no ouvido de Ronald que, com certo atraso, voltou a olhar na direção da noiva. Rachel só conseguia olhar intensamente para o homem enorme diante dela. Quando se aproximaram do noivo, mãe e filha se abraçaram e Rachel foi colocada bem em frente a Peter.

Rachel e Peter não prestaram atenção a uma só palavra dita durante a cerimônia, pois estavam ocupados se olhando com intensidade. A médica queria saber quando ele tinha voltado a andar. Ele tinha o mesmo porte da juventude de que ela se lembrava. Peter continuava irresistível.

O rapaz tinha tantas coisas para falar para Rachel; seu coração batia descompassado, o que era normal quando ele estava diante da médica. Agora eles podiam resolver seus assuntos pendentes.

Quando a cerimônia terminou e todos foram para a tenda da recepção, os dois ficaram sentados lado a lado. Depois de receber tantos cumprimentos por ter voltado a andar, foi a vez de Rachel.

— Há quanto tempo voltou a andar? Por que não falou nada? — Ela perguntou, tocando as mãos do rapaz.

— Faz pouco tempo que voltei a andar. Um mês depois de sair daqui, os movimentos e a sensibilidade foram aumentando. Era um redescobrimento. Tive que reaprender, como se fosse uma criança! — Ele sorria. — Eu sei que foi Deus, mas os médicos em Boston diziam que era resultado da cirurgia. Cada um com a sua ideia!

— Peter Carlsson voltou a andar! As mulheres que se cuidem... — Rachel brincou e foi interrompida.

— Acho que a mulher que eu quero nunca vai me dar uma chance! — Ele a encarava sem deixar de sorrir.

Rachel desviou o olhar e bebeu um pouco do champanhe que estava na taça à sua frente. Aquele era o momento certo para abrir seu coração e dizer tudo que havia guardado por tantos anos, mas percebeu que algumas pessoas os observavam e teve medo da reação de Peter diante de todos.

A felicidade dos recém-casados era visível. Ronald e Leona tiravam fotos, dançavam ao som da banda, recebiam os parabéns e cumprimentavam os convidados.

Rachel, emocionada ao presenciar a felicidade da mãe, percebeu que estava prestes a chorar e, sem chamar a atenção, saiu da tenda.

A noite estava um pouco mais fria, mesmo com a lua e as estrelas brilhando em um céu limpo. Rachel caminhou um pouco enquanto admirava o céu sobre sua cabeça. Sentou em um balanço preso a uma das árvores do jardim e voou em pensamentos. Foi despertada quando sentiu alguém colocando um casaco sobre suas costas. Era Peter.

— Obrigada. A noite esfriou. — Ela agradeceu, vestindo o agasalho.

— A noite está deslumbrante, assim como você! Rachel... — Peter sentou-se ao lado dela, que colocou a mão sobre sua boca, impedindo-o de falar.

— Peter, é muito bom ver você e eu preciso te dizer algo! — Rachel engoliu em seco e ele sorriu, vendo-a tão de perto.

Podiam sentir o pulsar do coração um do outro. Seus olhares falavam mais alto que mil palavras. A proximidade fez com que as peles se arrepiassem. Com delicadeza e tranquilidade diminuíram a distância entre si, até que os lábios se tocaram. Sentiam o calor da respiração e a suavidade dos lábios, descobrindo um prazer nunca experimentado.

Tudo era muito intenso. Para eles, o tempo parou. Não se importavam mais se alguém os visse juntos, trocando carícias. O amor que passara anos guardado falou mais alto, na forma de um beijo apaixonado.

Os fogos de artifício iluminaram os céus, interrompendo o contato intenso dos lábios.

Peter olhou para Rachel e, sorrindo, falou:

— Meu nome é Peter Carlsson, muito prazer!

Os dois recomeçavam, recebendo a chance de se conhecerem novamente, esquecendo o passado e apagando as feridas antigas. Agora eram pessoas diferentes que enxergavam a vida de forma diferente. Eram capazes de viver intensamente, descobrindo que todos nós temos uma promessa de milagre em nossas vidas.

Acreditando em Deus todos os dias enquanto vivermos, desfrutamos do maior milagre dado ao ser humano: viver. Por isso, precisamos viver com intensidade, amando intensamente e falando do Amor.

Afinal, Deus, em Seu amor, nos deu o Seu filho, para termos a chance de desfrutar desse milagre chamado...

VIDA!